

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

# Ponto de Fuga

Tempo, Fome, Fala e Poder em 'Vidas Secas' e 'São Bernardo'

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Fortaleza  
Março, 2004

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

# Ponto de Fuga

Tempo, Fome, Fala e Poder em 'Vidas Secas' e 'São Bernardo'

**Francisco Fabiano de Freitas Mendes**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Cordeiro Barbosa.

**Fortaleza  
Março, 2004**

## Ficha Catalográfica

M491p            Mendes, Francisco Fabiano de Freitas.  
                    Ponto de Fuga: tempo, fome, fala e poder em 'Vidas Secas' e 'São Bernardo' / Francisco Fabiano de Freitas Mendes. – Fortaleza, 2004.  
                    203p.

                    Orientadora: Ivone Cordeiro Barbosa  
                    Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará

                    Ramos, Graciliano – Crítica e Interpretação; História e Literatura; 3. Nordeste; 4. Poder; I. Barbosa, Ivone Cordeiro; II. Universidade Federal do Ceará; III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

# Ponto de Fuga

Tempo, Fome, Fala e Poder em 'Vidas Secas' e 'São Bernardo'

**Francisco Fabiano de Freitas Mendes**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo orientador e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Cordeiro Barbosa - UFC  
**Orientadora**

---

Prof. Dr. Eduardo Diatahy B. de Menezes - UFC

---

Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva - USP

**Fortaleza**  
**Março, 2004**

*Para Antônio Nunes Mendes, meu pai e  
Maria Geni de Freitas Mendes, minha mãe.*

## **Agradecimentos**

À FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida e pela assiduidade em seu pagamento.

A meus colegas do curso de Mestrado e a todos aqueles que me forneceram textos, dicas, e conversaram comigo sobre este trabalho – um agradecimento especial a Napoleão (pelo retrato).

A todos da coordenação do Mestrado e demais funcionários da UFC, sobretudo, Regina Jucá, pela competência aliada a uma tranqüilidade inabalável.

A meus amigos – de mentira e – de verdade.

A meu amigo e colega Antônio Beethoven, por diálogos engrandecedores.

A meus grandes amigos Antônio Santos e Sylmara, por tantos favores desde o começo.

A meus professores-amigos de sempre: Zilda, Gerson Júnior, Olivenor, Marinina, Vera, Rameres, Lúcia Helena (com extensão a seu esposo João), por uma lista infindável de boas ações.

Aos queridos Henrique e Mirtes, por me apresentarem coisas tão novas e belas.

À minha família de verdade.

Aos Professores que participaram da minha Banca de Qualificação, Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos e Prof. Dr. Eduardo Diatahy B. de Menezes, o qual também participou da minha Banca de defesa, juntamente com o Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva, a quem também agradeço.

À minha professora e orientadora Ivone Cordeiro Barbosa, por promover o exercício da autonomia aliado a palavras corretas e sugestões preciosas; também pelo carinho, que só pode ser demonstrado por uma amiga.

À pessoa que amo e me dá forças e me agüenta o mau humor, minha companheira, colega, amiga, namorada e esposa Iza Mendes Regis, a quem procuro seguir os passos, bem de pertinho.

## Resumo

A obra de Graciliano Ramos (1892-1953) constitui um rico e variado material para a pesquisa em história, enveredando pela relação com a fonte literária. Neste trabalho, foco minhas atenções para o interior do nordeste brasileiro retratado pelo escritor alagoano, tomando dois de seus romances de ficção, *São Bernardo*(1934) e *Vidas Secas*(1938), pilares de sua obra, para analisar as questões conflitantes entre o homem Graciliano e as transformações sociais que o envolvem, o registro da ação desse homem enquanto é observada sua própria ação como literato engajado e, por fim, o poder que acompanha o saber e o contato com a produção literária, também verificado nessa arma que é a escrita. Dessa forma, o trabalho se divide em capítulos que tratam de cada uma dessas questões: tempo, fome e fala, a fim de tentar compreender o registro literário da realidade do interior nordestino dos anos 30 do século passado.

## Abstract

The books by Graciliano Ramos (1892-1953) form a rich and varied subject for researching History, heading for the relation with the literary source. In this work, I focus on the interior of the northeast of Brazil depicted by that writer, starting from two of his novels – in fact, his masterpieces – “São Bernardo” (1934) and “Barren Lives” (1938), in order to analyse questions about the conflict between Graciliano Ramos and social transformations which embrace him, the registration by him on his own action as a committed man of letters and, finally, the power which accompanies the knowledge and the contact with the literary production – this weapon, the writing. In this way, this work is divided in chapters which deal with this subjects: time, hunger and speech, trying to understand the literary register on reality of northeastern interior of Brazil in the thirties last century.



## Sumário

<b>LISTAGEM: abreviaturas obras mais trabalhadas</b> .....	08
<b>LISTAGEM: personagens dos dois romances</b> .....	08
<b>SINOPSE: <i>São Bernardo e Vidas Secas</i></b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO: o ponto de fuga</b> .....	12
<b>1. O HOMEM NA TEIA DO TEMPO</b> .....	24
1.1. <i>Graciliano Ramos: o ontem sem descanso</i> .....	31
1.2. <i>Paulo Honório: o Nordeste nascendo confuso</i> .....	45
1.3. <i>Fabiano: ... e para trás não existia família</i> .....	60
<b>2. TODAS AS FOMES DO HOMEM</b> .....	71
2.1. <i>Você tem fome de quê,</i> <i>Graciliano?</i> .....	78
<i>Paulo Honório?</i> .....	89
<i>Fabiano?</i> .....	102
2.2. <i>A fome e a vontade de comer</i> .....	115
<b>3. DA DIFÍCIL ARTE DE ENOLIR E VOMITAR PALAVRAS</b> .....	137
3.1. <i>Sopa de letras</i> .....	143
3.2. <i>O grito do alto da igreja</i> .....	161
3.3. <i>O Silêncio vosso de cada dia</i> .....	175
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	189
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA</b> .....	193

## Listagem: abreviaturas das obras mais trabalhadas

*Ct.* – *Cartas*

*Inf.* – *Infância*

*MC.* v. 1 ou v. 2 – *Memórias do Cárcere*

*SB.* – *São Bernardo*

*VS.* – *Vidas Secas*

## Listagem: personagens dos dois romances

### **São Bernardo**

Azevedo Gondim – redator e diretor do *Cruzeiro*, periódico de Viçosa; está sempre (juntamente com seu jornal) à disposição do fazendeiro Paulo Honório.

Casimiro Lopes – capanga de Paulo Honório, acompanha-o desde quando este era um vendedor de quinquilharias.

Costa Brito – jornalista da *Gazeta*, periódico de Maceió; mantém uma relação com Paulo Honório mediada pela propina; quando esta é negada, Costa Brito publica um artigo acusando Paulo Honório de mandar matar o vizinho Mendonça por questões envolvendo a terra.

D. Glória – tia de Madalena, foi quem a criou. Acompanha a sobrinha quando esta se casa com Paulo Honório e vai morar na São Bernardo. Está sempre disposta a enfrentar a autoridade do proprietário em defesa da sobrinha.

D. Marcela – filha do dr. Magalhães (juiz) e um dos primeiros nomes na lista de possíveis esposas para dar continuidade a São Bernardo.

Dr. Magalhães – juiz e proprietário de terras, que ajuda Paulo Honório, através de seu advogado, João Nogueira, resolvendo pequenos entraves com a lei.

Germana – o motivo da prisão do Paulo Honório rapaz; é uma moça que num velório flerta com ele e com outro ao mesmo tempo. O breve triângulo acaba em briga e na prisão do protagonista do romance.

João Fagundes – é a outra ponta do triângulo explicado acima e vítima da faca de Paulo Honório. No romance não é esclarecido seu destino, se morre ou fica apenas ferido.

João Nogueira – é o advogado de Paulo Honório e freqüentador assíduo da São Bernardo. Junto com Azevedo Gondim e Padre Silvestre, João Nogueira seria um dos co-autores da história que Paulo Honório tenciona escrever e cujo projeto descamba para uma empreitada solitária do fazendeiro pelo mundo da narrativa.

Luís Padilha – Filho de Salustiano Padilha, herda a propriedade que dá nome ao romance. Desajeitado com os negócios e farrista, acaba por entregar, quase de graça, a fazenda para Paulo Honório, que o permite ficar como professor da escola exigida pelo governador após importante visita deste último. Padilha é uma espécie de baliza que Paulo Honório usa para medir as ações e intenções

de Madalena, visto que Padilha traz, mesmo atrapalhadamente, tendências socialistas.

Madalena – esposa de Paulo Honório, a ex-professora traz uma conduta fraternal ao mesmo tempo que ‘moderna’ para os padrões exigidos pelo marido (hiato entre épocas). Madalena tenta promover mudanças na São Bernardo, melhorando o relacionamento entre Paulo Honório e seus trabalhadores. Cansada e vencida pelo sentimento de posse do marido, suicida-se na capela erguida no pátio da fazenda. Sua morte é o motivo da escrita-depoimento de Paulo Honório que, aos poucos, toma consciência das suas ações.

Marciano – um dos empregados mais castigados da fazenda, ele é um dos motivos das várias brigas entre Paulo Honório e Madalena.

Mendonça – o proprietário da fazenda Bom Sucesso, fronteira a São Bernardo; é um ‘comedor de cerca’ e obstáculo perigoso à ascensão do protagonista do romance. Mendonça é eliminado logo no início da trama por Casimiro Lopes a mando de Paulo Honório. Suas terras, após o episódio, aos poucos vão sendo invadidas pelas cercas do mandante de seu assassinio.

Padre Silvestre – o pároco de Viçosa; tem ambições políticas e traz em suas idéias apoio ao movimento revolucionário de 1930, apesar de cultivar verdadeiro horror aos comunistas.

Paulo Honório – protagonista e narrador do romance, tem ele sua trajetória marcada pela efetivação, a qualquer custo, dos seus objetivos. É o retrato gracilânico do coronel que não vive mais à sombra do império e tem de se adaptar às novas estruturas.

Pereira – líder político local que, no entanto, não tem liderança econômica. Sua ruína coincide com as crises do final dos anos de 1920.

Rosa – é a esposa de Marciano e serve aos desejos sexuais de Paulo Honório até que este tem a idéia de se casar.

Salustiano Padilha – primeiro proprietário da fazenda São Bernardo e primeiro patrão de Paulo Honório.

Seu Ribeiro – escriturário contratado por Paulo Honório numa viagem à capital, seu Ribeiro é o contraponto temporal da trama, visto que está sempre comentando as glórias de um passado regido pela monarquia e lamentando os novos tempos que dá ao homem uma liberdade inútil.

Tubarão – cão que acompanha Paulo Honório desde a aquisição da fazenda.

Velha Margarida – mulher que fazia doces e mandava o órfão Paulo Honório vender, mora ela na fazenda, numa casinha separada, sendo uma espécie de prova da ascensão do fazendeiro, que também fora guia de cego.

### ***Vidas Secas***

Baleia – a cadela que acompanha a família é tida por todos como um membro dela, o próprio autor frisa essa equivalência. Humanizada, ela serve como

denúncia do estado de animalização em que vive o homem preso numa realidade onde tudo é seco.

Fabiano – protagonista do romance, não possui sobrenome e, de seu passado, é apenas destacado o fato de pertencer a uma linhagem de vaqueiros servis. Analfabeto, ele traz uma vontade às vezes duramente repelida: saber falar direito e se relacionar com os outros homens, sobretudo os da cidade. Vive com a família no isolamento de uma fazenda de gado, onde ensina aos filhos seu ofício e teme a chegada de mais uma estiagem. Seus pensamentos – utilizados por Graciliano Ramos através do discurso indireto livre – bem como os dos outros membros da família constituem a maior parte da obra.

Fiscal da prefeitura – representa o peso da burocracia, ao tentar cobrar o imposto de um porco abatido que Fabiano tentava vender na cidade.

Menino mais novo – o autor não se ocupou em lhe dar um nome, assim como faz com o outro menino. Na trama, ele é o elo temporal seguinte ao de Fabiano na continuação da linhagem servil, pois o capítulo dedicado a ele trata do aprendizado das lições do vaquejar.

Menino mais velho – Graciliano o põe mais próximo do entendimento das palavras sem, no entanto, apontar-lhe qualquer esperança.

Papagaio – morto logo no começo da trama para servir de alimento à família, o papagaio não sabia falar pois apenas imitava o que ouvia.

Patrão de Fabiano – o “*amo*” que permite a Fabiano e aos seus ficarem na fazenda e cuidar do gado. Através do acordo da quarteada (para cada quatro bezerros nascidos um é do vaqueiro), o patrão lucra sobre o esforço de Fabiano e sobre seu lucro, pois cobra juros dos adiantamentos que lhe dá para comprar a feira.

Seu Inácio – é o dono da venda que rouba Fabiano, vendendo-lhe querosene misturado com água.

Seu Tomás da bolandeira – é a imagem da felicidade passada e lembrada diante das desgraças do presente. Homem de letras, seu Tomás é tido por Fabiano como um homem bom que sabia lhe dar valor. Enquanto o vaqueiro o recorda como um modelo a ser seguido quando em contato com os homens da cidade, sinha Vitória o tem como modelo de uma vida minimamente confortável.

Sinha Terta – curandeira que vaga entre a caatinga e a cidade, ela é também uma espécie de alvo da inveja de Fabiano, pois sabe falar e lidar com as pessoas.

Sinha Vitória – esposa de Fabiano, ela não difere muito da tipificação do marido, sendo que o autor dá destaque a desejos mais elaborados e melhor entendimento com as palavras e os números. Sinha Vitória é uma espécie de guia para Fabiano, o qual a tem como uma criatura de idéias iluminadas.

Soldado Amarelo – principal inimigo de Fabiano e ponto que concentra toda a humilhação que o vaqueiro sofre durante a trama. O amarelo o prende por um

desentendimento num jogo de baralho na cidade e com a ajuda de outros soldados lhe dá uma sova. Durante o romance, Fabiano remói um sentimento de vingança que não se desdobra em ação, mesmo havendo uma oportunidade propícia para isso num encontro inesperado no meio da caatinga. Próximo alguns palmos do vaqueiro, o soldado é salvo pela imagem distante e, ao mesmo tempo, presente do governo.

### **Sinopses: *São Bernardo e Vidas Secas***

#### *São Bernardo:*

O romance nasce de um conto, *A carta*, que estava guardado numa gaveta. É nesse conto que está a figura de Paulo Honório, protagonista do romance de 1934, narrado em primeira pessoa. A trama de *São Bernardo*, homônimo da fazenda onde Paulo Honório trabalha quando jovem e que mais tarde seria sua propriedade, a teia é marcada pela relação reificada com as pessoas que freqüentam e habitam a fazenda. Paulo Honório, segundo Antonio Candido, “*é modalidade de uma força que o transcende e em função da qual vive: o sentimento de propriedade*”. E assim é em todo o romance: da maquiavélica aquisição da São Bernardo junto ao proprietário falido, Padilha, à mesquinha relação que tem com a esposa Madalena, ex-professora que traz em si as benesses do saber e da solidariedade, atributos que Paulo Honório teima em taxar de sintomas de comunismo. Os ciúmes do proprietário acabam por provocar o suicídio de Madalena. Todos os sentimentos e ações revisitados formam a história contada por um homem solitário em sua fazenda, encravada no município de Viçosa-Al, pelos idos de 1930.

#### *Vidas Secas:*

O romance ou novela, como preferem alguns, é a história da estada de retirantes de uma seca sem data numa fazenda abandonada e encravada em um lugar sem nome. A Família de retirantes – Fabiano, sinha Vitória, o Menino mais velho, o Menino mais novo, a cadela Baleia – ficam todos no lugar até chegarem as primeiras chuvas. Nesse mesmo local, permanecem mais tempo com o consentimento do dono da terra que, trazendo seu gado de volta, permite que Fabiano seja seu vaqueiro. A confusa e traumática relação com a cidade, a exploração sofrida junto ao patrão, ao comerciante, ao soldado amarelo, ao fiscal da prefeitura, são esses os conflitos por que passa a gente narrada por Graciliano. No seu meio, o campo, o conflito é com o próprio meio, sempre os obrigando arribar. E é assim que termina essa saga sem fim nem começo, escrita entre 1937-38, na qual impera não somente a ação dolorosa do meio sobre o homem, e sim, a impotência do homem pobre, analfabeto, esmagado por uma forte tradição de relações, diante de outros homens ditos fortes, sabidos, poderosos.

## Introdução

### O Ponto de Fuga

“É necessário que eu não endoideça...”,<sup>1</sup> apesar de todas as cadeias pelas quais passei e passarei. E espero que este texto que ora se inicia não seja mais uma, daquelas sérias, construídas por nós mesmos. Por outro lado, não posso – ou não devo – enxergar nestas páginas a liberdade. Sensação de cadeia e liberdade em mistura é a que sinto enquanto escrevo estas “linhas tortas”, agora, neste momento, em profusão. Sei que mais um parágrafo ou dois serão suficientes para que, alertas, as sensibilidades dos *meus leitores* comecem: é história, ou literatura de quinta, ou algo cuja promessa, qualquer que seja, desembocará num pedido de desculpas “amarelo”?

A ousadia que me permiti acima, é demonstração do maior desafio que devo enfrentar na feitura desta dissertação: encontrar a distância ideal entre o meu objeto<sup>2</sup> – o pedido de desculpas por chamar o “Velho” de objeto é inevitável – e eu. Daí, a necessidade de desencorajar qualquer interpretação equivocada sobre o “ponto de fuga”<sup>3</sup> do título desta introdução ser alguma alusão à suposta identificação entre Graciliano Ramos e eu. O real sentido do título será esclarecido nas próximas páginas.

Nesse caso, o necessário exercício da distância passa primeiramente pela negação dos efeitos da *empatia* e da *identificação* até chegar ao *assombro*.<sup>4</sup> Tópico difícil de resolver, sobretudo quando se tem o mesmo nome do protagonista de um dos romances que utilizo como fonte, e mais, quando trago na minha curta lista de livros lidos, pelo menos quatro títulos do autor cuja leitura fora realizada antes de pretensões acadêmicas mais sérias, ou seja,

---

<sup>1</sup> Ct., p. 197. “Carta 101 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 11 abr 1937”.

<sup>2</sup> Aliás, a academia já deveria ter criado um outro termo que substituísse este. As pessoas com as quais lidamos – e em história não se lida com outra coisa – estão sempre vivas. São constantemente recrutadas para “falar”. Nosso ofício, se comparado ao do campo da medicina, nunca nos autorizaria fazer autópsias, sempre e somente biopses.

<sup>3</sup> Ponto de fuga é um termo usado na geometria para demonstrar o ponto de convergência das linhas paralelas numa perspectiva cônica.

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. “O Que é Teatro Épico? Um Estudo Sobre Brecht.”. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 78-90. Conceitos abolidos por Walter Benjamin em oposição ao de distanciamento ou assombro, tão admirados por ele no teatro épico de Brecht: “O assombro, que devemos incluir na teoria aristotélica dos efeitos da tragédia, deve ser visto como uma capacidade que pode ser aprendida”.

quando era puramente por prazer e literalmente como fuga ... Abrindo o jogo: quero ao menos ter o direito de, ao invés do seco e formal “Ramos”, utilizar “Graciliano” quando eu estiver me referindo ao escritor. Se o exercício da distância será realizado ou não, paciência para ver.

\* \* \*

Esse estudo da obra de Graciliano Ramos, produzida na década de trinta do século XX,<sup>5</sup> passa por sua relação intrínseca com a construção de Nordeste e as transformações nacionais que fervilham no período. Claro está que tanto a “construção de uma Região”, como a desconstrução de uma idéia de nação que movimenta os anos 1930, ambas se dão em várias frentes – política, administrativa, midiática, artística – sendo a última destas, mais especificamente a sua vertente literária, a que nos deterá o olhar. No entanto, é preciso ainda esclarecer que este olhar sobre a obra do autor alagoano se faz a partir do foco nas relações de poder nela apresentadas, e mais, a partir das ações e reações de suas personagens diante de questões cruciais de sua realidade: controle e manutenção da tradição, manutenção e aproveitamento das dificuldades em relação ao meio, controle do saber.

Desse modo, Graciliano Ramos pinta um valioso quadro sobre a realidade do sertão nordestino de sua época, sem, contudo, isolá-lo do cenário nacional, possibilitando-nos esse remexer nas gavetas da sua produção literária, tomando-a não como elemento externo, simples refletor de uma realidade, mas ação importante na dinâmica social de uma época.

---

<sup>5</sup> As fonte principal deste trabalho são os romances *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. Acompanhando de muito perto esses dois romances, numa tentativa mesmo de aproximar obra e contexto, biografia ficcionalizada(romanceada) e ficção documental (realista) estão seus livros: *Infância* (1945), no qual narra os episódios de sua infância em Quebrangulo-AL, Buique-PE e Viçosa-AL, até os 12 anos; *Relatórios* (1928-30), composto dos relatórios do então prefeito de Palmeira dos Índios, o autor de *Angústia*; *Memórias do Cárcere* (1953), no qual Graciliano narra a dolorosa experiência como preso político às vésperas do Estado Novo, em 1936; e *Cartas* (1962), compilação de suas correspondências feita por Heloisa Ramos, sua segunda esposa. Trabalhar com esses dois grupos de fontes visa a obter o mais complexo quadro sobre a obra graciliânica, seu olhar, seus projetos, suas filiações e seus combates. Por se tratar de um estudo de história, portanto, não dado a trabalhar a obra pela obra, o máximo de cruzamentos entre as linhas que cada um desses livros apresenta será útil para que se veja a produção geral e o autor no cenário social de sua época. Por isso, e até pelas possibilidades e facilidades que seus escritos oferecem, o contato com análises historiográficas e sociológicas sobre as relações sociais, bem como o diálogo com a fortuna crítica sobre Graciliano Ramos, tudo isso será exaustivamente buscado e ajudará nessa empreitada que não é fácil.

Assim, quando o historiador abraça a literatura não somente como fonte, mas também como objeto, é mister que seu procedimento cumpra cuidados com suas peculiaridades.

A primeira a destacar refere-se aos sujeitos da história: não podemos tomar as personagens da obra literária como sujeitos históricos, pois há um sujeito criador, esse sim, da história por trás delas – a não ser os romances históricos, nos quais o autor literário detém sua atenção para um fato específico com personagens históricos.<sup>6</sup> Desse modo, as personagens da obra literária são representações (ou tipificações) de sujeitos da história, observados atentamente pelo criador literário na sua realidade histórica, o qual lhes confere uma vida representacional. A segunda vai na rota da primeira, porque a própria literatura não pode ser a realidade, mas a obra, seu conteúdo enquanto discurso e ação, sim – a obra interfere na realidade, pois é a arma empunhada pelo sujeito da ação, o ser social escritor. Como não ser real o rifle de Lampião, a caravela de Cabral, um volume de Camões, uma tela de Pedro Américo, 76 edições de *Vidas Secas*, ou 64 de *São Bernardo*? Uma outra peculiaridade seria a da própria linguagem, do “regime de escrita” da literatura, que exige mais um cuidado metodológico, visto que toda linguagem tem seu regime e ‘obriga’ seu interlocutor a ter ao menos um conhecimento instrumental sobre ele. Assim, se entre literatura e história há o mesmo objetivo, que é dar conta de uma realidade, existem entre ambas diferenças objetivas que vão da metodologia de apreensão dessa realidade – em caso, por exemplo, de romances flagrantemente históricos – à forma narrativa das demonstrações de resultados obtidos – em caso extremo, a poesia.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Mesmo assim, os *romances históricos*, que são arquitetados sobre a poeira dos arquivos, mesmo aqueles, não podem levar a etiqueta de produção histórica, por conta do rigor com que o historiador trabalha suas fontes, rigor esse que o literato não atinge por questões que vão de exigência formal da escrita até o trato, o diálogo com os documentos que, decerto, será diferenciado.

<sup>7</sup> Debate um tanto saturado, mas que sempre se faz necessário sobre a relação história-literatura, ver: BURKE, Peter. “A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa”. In *A Escrita da História*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 327-348; PESAVENTO, Sandra J. “Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura. In *XX Simpósio Nacional da Associação Nacional de História – História: fronteiras*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP:ANPUH, 1999, p. 819- 831; CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Op. Cit. p. 83-111 e 161-186; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *E as Palavras Têm Segredos – Imagens de criança na Literatura Brasileira (1970-1980)*. USP, São Paulo, 1997. Tese de Doutorado, p. 257-271; DE DECCA, E. S. “Narrativa e História”. In SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. (orgs.). *História e História da Educação*. Campinas: Autores Associados, 1998, p. 17-24. Entre tantos outros.



Mas recai sobre as obras de ficção e sua relação com a história um certo estigma, que resiste desde o advento da história como ciência: *“a historiografia se encara a si própria como ciência, surgindo, sob sua auto-imagem, a face escarminha, debochada, inescrupulosa da arte. Aí, submersa, recalçada, ela [a arte] como que se vinga, fazendo-se perversa.”*<sup>8</sup>

O fato é que a literatura, sob muitos ângulos, avançou suas linhas no campo da história, não sem sua permissão. Afinal:

“...não é só a História que se pratica que se reconhece bem diversa de sua antepassada, são as questões com que ela se indaga por sua razão de ser e pelo interesse que desperta que mostram terem sido abalados os próprios fundamentos da historiografia moderna”...<sup>9</sup>

e para começar, isso basta.

A reviravolta lingüística nos mais diversos campos de produção do conhecimento a partir dos anos de 1960 contribuiu para que o discurso literário pudesse ser visto como componente da realidade, e não algo alheio ou menos importante – campo do imaginário e lugar de uma inteligência de importância secundária à sociedade. Como nos mostra Sevcenko: *“...a palavra organizada em discurso incorpora em si (...) toda sorte de hierarquias e enquadramentos de valor intrínsecos (sic) às estruturas sociais de que emanam (sic)”*.<sup>10</sup>

Assim, as produções literárias e científicas, precisam ser vistas como instrumentos limitados dos (e por) seus *“lugares de sua produção”*.

“Por um lugar, entendo o conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas em que circunscrevem a quem e como lhes é possível quando abordam a cultura entre si. Por mais científica que seja, uma análise permanece uma prática localizada e produz somente um discurso particularizado. Ela alcança a sociedade, portanto, na medida em que explicita seus limites, ao articular seu campo próprio com outros absolutamente opostos.”<sup>11</sup>

<sup>8</sup> LIMA, Luiz C. *O Controle do Imaginário*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 123 e 129. Embora referindo-se especificamente ao período da cisão entre ciência e literatura, Costa Lima ainda dirá que não faltaram críticos, já no século XIX e início do XX, do modelo cientificista, bem como da própria razão moderna, condutora da epistemologia dominante. Dentre os críticos citados pelo autor: Dilthey, Lukács, Jakobson e Benjamin.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 19.

<sup>11</sup> CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas-SP: Papyrus, 1995, p. 222. O lugar da produção do conhecimento, uma das preocupações centrais em Minhel de Certeau, é ainda

Logicamente, Certeau fala para historiadores. Mas acredito a citação ser pertinente para o campo da literatura, sobretudo pelo fato de o escritor em questão trazer em suas obras (conjunto) uma forte preocupação sobre os papéis que a literatura e a linguagem literária exercem na sociedade.

Em Graciliano, fica clara sua posição em relação à própria linguagem que praticava. A literatura era para o autor uma questão social que se revelava no controle da produção de saber. Tinha ele conhecimento de que ela fazia parte do jogo de manutenção de poder conduzido pelo capitalismo que combatia: “...como será possível reverter o instrumento literário, evitando que cumpra a sua função de sempre?”<sup>12</sup> Questão que irá perseguir toda a obra graciliânica, é ela demonstrada sempre a partir da dificuldade de se conseguir escrever e de como o saber é mecanismo fundamental para a manutenção do poder e da prática da exploração – assunto para o terceiro capítulo deste trabalho.

Mas a consciência não se converteu plenamente em ação – não, ao menos, no campo da escrita. Graciliano não rompe com o mais forte modelo reflexivo anterior à sua geração e que de algum modo já trazia contradições explícitas, revelando que o projeto científico que o século XX herdara do XIX, já não era absoluto. Mas o modelo euclidiano, na primeira metade do século XX, não encontrou substitutos dentro da esfera científica e sua estratégia narrativa literalista o transformou num condutor da permanência do olhar evolucionista sobre a sociedade sertaneja, olhar que muitas vezes encontrou horizontes mesmo em pensadores de diversas orientações teóricas, ainda na segunda metade do último século. Vejamos, *caro leitor*, o que Graciliano, mais de 40 anos após *Os Sertões*, dirá do sertanejo:

Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e da injustiça humana.<sup>13</sup>

---

encontrada em: “A Operação Historiográfica”. In *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-77.

<sup>12</sup> BASTOS, H. José. “A atualidade da obra de Graciliano Ramos” – In *Cult.* nº 42. São Paulo: Lemos, jan. 2001, p. 53-55.

<sup>13</sup> Depoimento do autor concedido a Fco. de Assis Barbosa em 1943. In CASTRO, Dácio Antônio de. *Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 31.

Movido por outros interesses e se utilizando de outras armas, o projeto de Brasil, para o comunista Graciliano Ramos, passava pela auscultação do ser rude do sertão. É uma permanência do estigma de vítima do meio, determinismo esse também encontrado num Djacir de Menezes e sua tese de que no sertão nordestino a agricultura de subsistência nada sustenta e que um meio desses só produz um ser violento ou místico – um bronco – em face à sociedade:<sup>14</sup> males a serem abolidos pela civilização, tal como se pensava na campanha de Canudos, em 1896-97. Pode-se dizer que, de algum modo, vestígios mais discretos desse pensamento orientarão um Rui Facó<sup>15</sup> e a teoria dos “rebeldes primitivos”<sup>16</sup> – primitivos se comparados aos rebeldes organizados, os proletários operários dos grandes centros que, no Brasil, nos anos de 1950-60, por exemplo, podem ser lidos como Sul, ou seja, o Norte, nas figuras de Zé Lourenço, Conselheiro, Lampião, o Norte só produziria rebeldes primitivos, rústicos, quase selvagens, quase animais para usar uma expressão tipicamente graciliânica.<sup>17</sup>

Portanto, pode-se dizer, *grosso modo*, que a porta da galeria histórica por onde adentrou o sertanejo nordestino é estreita e baixa, obrigou-o encurvar-se, para depois de atravessá-la, encontrar no alto o olhar do arquiteto

---

<sup>14</sup> MENEZES, Djacir. *O Outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1995, p. 75-85.

<sup>15</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Civiliz. Brasileira, 1976.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, Eric. J. *Rebeldes Primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>17</sup> Dou um salto para trás no tempo e cito Voltaire, num questionamento a respeito da taxada inferioridade dos habitantes do novo-mundo, acusados de selvagens mais por aspectos sócio-culturais do que mesmo por questões raciológicas: “*Entendeis por selvagens certos aldeões que vivem em cabanas com suas mulheres e alguns animais, incessantemente expostos à inclemência das estações; que não conhecem além da terra que os nutre, e o mercado aonde às vezes vão vender seus produtos e comprar alguma roupa rústica; que falam um linguajar que nas cidades não se entende; que tem poucas idéias e, por conseguinte, poucos instrumentos para expressá-las; que são sujeitos, sem que saibam porquê, a quem levam todos os anos a metade do que ganharam com o suor do rosto; que se reúnem certos dias numa espécie de celeiro para celebrar cerimônias de que não entendem nada, ouvindo um homem vestido diferente deles e a quem não compreendem; que de vez em quando deixam suas cabanas ao rufar do tambor para serem mortos numa terra estrangeira e matar seus semelhantes pela quarta parte do que poderiam ganhar ficando a trabalhar na sua casa?*” VOLTAIRE. *Ensaís sur les moeurs*, apud GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 31. Descontadas particularidades de realidades separadas por séculos e muitas léguas, pode-se muito bem visualizar nesse questionamento de Voltaire aos de sua época, uma refutação à idéia de ver o outro pela lente do preconceito e do rebaixamento. Como que perguntando a homens como ele – das letras e do saber – de dois séculos depois o que os faz chamar seus semelhantes de selvagens, o pensador francês está atentando para qual lugar esses personagens ocupam na história que se faz, se registra.

da porta. Esse olhar pode ser de amparo, de compaixão, de exploração, de inquietação, de aprovação, de perpetuação... mas é um olhar de cima para baixo. O ser que habita o interior do *Norte*, se quisermos alargar o campo de visão, ganhou dos centros de pensamento do país, com o passar das décadas vindas desde o século XIX, a alcunha de ser a síntese das *deficiências* do povo brasileiro, pelo alto grau de mestiçagem, num primeiro momento, e depois por estar numa região miserável cujas relações sociais só poderiam se dar através do mandonismo, do servilismo, da violência, da brutalidade, o que nem assim o fez deixar de ser, sobretudo a partir de 1930, um símbolo da nação, de um jeito ou de outro, mas um símbolo necessitado de aperfeiçoamento, seja no primeiro momento através do branqueamento resultante do cadinho-das-três-raças em constante fervura, seja na otimização das técnicas de convivência em sociedade impulsionada pelo trabalho e as regras da modernidade.<sup>18</sup>

No caso de Canudos e da matriz de pensamento euclidiana, tem-se na descrição do homem sertanejo, mais atentamente na figura de Antônio Vicente Mendes Maciel, “resumo da existência sertaneja”, o homem sendo escondido pelo jagunço.<sup>19</sup> Euclides ignora as prédicas e os discursos de Antônio Conselheiro, organizados em um volume, no qual o líder de Canudos anotava suas idéias. Deixa passar apenas o lado “bizarro” da figura de um “*gnóstico bronco*”...<sup>20</sup> É bom lembrar, a porta é estreita e também promove silêncios e esquecimentos. Desfazer a crosta pregada ao sujeito do sertão nordestino é tarefa que não suporta o esquecimento dentro da obra.<sup>21</sup> Mas é fácil ver a

<sup>18</sup> Ver mais sobre as teorias raciológicas e culturalistas em: ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 13-44 e SANTOS, Mariza Veloso Motta e MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 59-88 e 135-161. É bom lembrar que Gilberto Freyre desafina um pouco desse coro, no entanto, como lembra Renato Ortiz, ele atende a uma “*demanda social*”. E nessa contenção de ânimos, num momento delicado da história brasileira, consegue promover a “*continuidade do pensamento tradicional*” na descontinuidade que marca os anos de 1930 ou como ele mesmo definia, conseguiu ser um modernista tradicional e vice-versa.

<sup>19</sup> A expressão jagunço, que foi associada aos seguidores de Conselheiro, está muito próxima à figura do capanga remunerado ou agregado a um fazendeiro. No entanto, o sentido que a história concedeu aos conselheiristas não impediu que o sentido pejorativo – termo designador de violência – figurasse até em nossos dicionários.

<sup>20</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000, p. 129.

<sup>21</sup> CERTEAU, Michel de. op. cit., p. 73. “...para além dos métodos e dos conteúdos, para além do que ela diz, uma obra julga-se por aquilo que cala. Ora, é preciso reconhecer, os estudos científicos – e, sem dúvida, também as obras que eles privilegiam – comportam estranhas e vastas regiões de silêncio. Esses brancos desenhavam uma geografia do esquecido. Eles

mesma idéia – sobre o ‘rebelde’ canudense – respirar nos escritos de Graciliano, em 1942, num pequeno ensaio sobre a história da República:

“Apareceu no sertão da Bahia no fim do século passado, com um surrão às costas, vestido num camisa azul, barbudo, rezando, pedindo esmolas e dizendo coisas desconexas. Louco e meio analfabeto, facilmente reuniu uma considerável multidão de sujeitos menos loucos e mais analfabetos que ele, a pior canalha da roça.”<sup>22</sup>

E talvez o “Velho Graça” não soubesse latim, algo que o Conselheiro sabia! Mesmo não tendo a diretriz do estigma da raça que habitou o pensamento do século XIX, a orientação pelo quadro social, na geração de 30, mais especificamente o que nele impera de injustiça e subdesenvolvimento,<sup>23</sup> em Graciliano, esse subdesenvolvimento é percebido pela sequidão dos homens análoga à do meio. Os homens secos poderosos e detentores de saber e poder dominam os homens secos ingênuos e resignados, por estes trazerem uma série de “superstições” que os ancoram ao meio em que vivem, nele explorados e esfolados pela terra e por outros homens: Fabiano e tudo seco ao redor x Paulo Honório e sua vida *agreste*. De algum modo, a roda da fortuna gira, mas não muda muito, elementos são incorporados, mas persiste um certo pessimismo que só lhe permite observar o Nordeste pela sua negação. É como se houvesse um duelo entre o escritor e o cidadão: o escritor Graciliano Ramos não mostrava brechas ou saídas para que se promovessem mudanças que o cidadão Graciliano Ramos tanto almejava. Nos romances, mostra-nos ele uma face mais complexa do sertanejo; nos ensaios, a urdidura de idéias é orquestrada pelo fantasma da ciência e do rigor científico que

---

*traçam em negativo a silhueta das problemáticas expostas em preto e branco nos livros eruditos.”*

<sup>22</sup> RAMOS, Graciliano. “Pequena História da República”. In *Alexandre e Outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 161-162. Mesmo sendo levado por uma outra corrente de pensamento, essa citação, de certo modo, alinha a reflexão de Graciliano à de um Nina Rodrigues, por exemplo. Senão vejamos: “A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estágio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. (...) Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.” RODRIGUES, Nina. “As Coletividades Anormais”. In MENESES, Djacir (org.). *O Brasil no Pensamento Brasileiro*. Brasília: Senado Federal, 1998, p. 237. Mas claro, não se está querendo aqui falar de uma semelhança ou imbricação entre os dois argumentos, só demonstrar a força que um discurso encrostado tem, atravessando o pensamento de autores que se postos frente-a- frente, decerto teriam muitos pontos para discordar.

<sup>23</sup> SANTOS, Mariza Veloso Motta e MADEIRA, Maria Angélica. op. cit., p.46-48.

recaem duplamente sobre seus ombros: um misto de ideal socialista (Zola, Camus), moralismo (Dostoiévski, Tolstói) e burocracia stalinista.

Desse modo, poder-se-ia dizer que Graciliano oscila entre esquecimentos e denúncias, o que não seria uma descoberta bombástica, visto que é risco comum – e arriscaria inescapável – de quem na vida se propôs escrever uma única linha sequer, como faço agora.

No entanto – e aqui chego ao “ponto de fuga” – sua obra traz uma característica que, se explorada pelos críticos literários, vem sendo, no entanto, pouco aproveitada pelos historiados que sobre o autor se detiveram. Se Graciliano é pessimista e praticamente transforma a realidade numa roda que sempre volta para o mesmo ponto – e a roda nunca pode ser a mesma, pois o tempo que ela leva para dar uma volta sobre seu próprio eixo é sempre singular – chega a essa conclusão não sem nos mostrar conflitos das mais variadas ordens: a própria história. Deles, o escritor permite fazer saltar um sertanejo que os historiadores teimamos durante muito tempo em não ver. Um ser calculista, inteligente, dominador, ativo, “menos selvagem”, mais ambicioso, que soube romper, mesmo com dificuldades e meios nem sempre honrados, o campo de força que se acredita intransponível e que separava o homem do sertão e o exercício da palavra e do poder. É a figura de Paulo Honório que denuncia o maior esquecimento que tanto a literatura como as ciências sociais promoveram: o sertanejo é humano e no sertão as relações de poder se dão entre sertanejos. A eterna tentativa de ver nesse homem o “sedimento básico da nação” e, ao mesmo tempo, o sertão como o lugar por excelência da ingenuidade, da permanência, da salvação do passado e do isolamento, isso tudo levou ao equivocado olhar sempre lançado sobre o litoral, buscando enxergar eternos “colonizadores e bandeirantes” – fatores externos – por trás dos males do torrão nordestino. No Nordeste, no Norte, no sertão, no agreste, pintou-se à exaustão um lugar onde só fabianos sobreviviam, como espécie exclusiva para aquele ecossistema. E se todos quisermos, e quero, dentro da própria saga de Fabiano encontram-se elementos que mostram um sertão que se movimenta. E quando a ela se junta a saga de Paulo Honório e lembramos que a Viçosa mostrada por Graciliano não é um bairro de Paris ou de São Paulo, e sim uma cidadezinha do agreste alagoano, é que se apercebe que o sertão-agreste, o interior do Brasil é um lugar complexo com relações sociais

múltiplas compostas por gente complexa. Esqueço e vejo esquecer às vezes que muitos de nós, *passadas firmes* ou *engatinhados* do mundo da academia, temos todos uma origem sertaneja. Esquecemos que o próprio Graciliano Ramos teve uma origem e uma vivência sertaneja. O fato que nos estranha é de no sertão haver letras. Acostumamo-nos a ver apenas garranchos esturricados, mugidos de vacas, pio de corujas. Graciliano, a seu modo, mostrou que o sertanejo sabe escrever, e mais, sabe pensar. O fato é que, sem promover uma iconoclastia quanto a orientação-fonte-forma de seu pensamento e escrita, Graciliano desregionalizou o Nordeste ao falar deste de modo universal.

É somente pensando assim que posso trazer *Vidas Secas*, Graciliano Ramos e *São Bernardo* para este trabalho de história, com o fim de tentar discutir a complexidade da visão e da narrativa sobre a gente do sertão nordestino a partir de particularidades de um discurso que os disse, funcionando como um ponto de fuga, o qual unificou no conjunto de sua obra paralelas aparentemente separadas até o infinito. Equação difícil de resolver, *Vidas Secas* e *São Bernardo*, Fabiano e Paulo Honório, são livros e personagens que se complementam dentro do conjunto da obra graciliânica, daí o interesse direto pelas duas e pelos dois. Compreendo os dois romances como os pilares de toda a literatura de Graciliano Ramos, o qual buscava enxergar sua terra e seu tempo dos mais variados ângulos, mesmo que a sensação deixada tenha sido muitas vezes a de simples dicotomização. O fato é que uma imagem de sertão vem dominando as outras, tornando-se usual, corriqueira, oficial; e durante décadas, os mais variados discursos – clássicos ou *emergentes* – são convocados, cooptados para compor a manutenção de um discurso *dominante*, que atua em várias frentes, sempre tentando manter o que nele há de *residual* e dominar o que há de residual enquanto resistência.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-137. Estes conceitos elaborados por Williams revelam as forças que constituem a dinâmica social e que estão em constante processo de manutenção de dominação e de resistência. Assim, *grosso modo*, o conceito de *residual* corresponde à permanência de discursos, costumes, idéias do passado no tempo presente. Diferentemente de arcaico – congelado e sabidamente do passado – o *residual* pode ser elemento de resistência ao *dominante*. Porém, através da tradição, que é seletiva, geralmente o residual é incorporado e adaptado para que a *cultura dominante* tenha sentido nas mais diversas áreas. Porém, “*nenhuma cultura dominante, nunca, na realidade, inclui ou esgota toda prática humana, toda a energia humana e toda a intenção humana*”, o que abre o espaço para surgirem novas forças, novos pensamentos, novas resistências: o *emergente*.

\* \* \*

A divisão proposta para este trabalho, parte das questões intrínsecas às obras de Graciliano. Tais questões, *controle e manutenção da tradição, manutenção das dificuldades em relação ao meio, controle do saber*, tais questões ganharam os respectivos cognomes de *tempo, fome e fala*, e estão a 'serviço' da questão maior: a *análise das relações de poder no sertão nordestino, através da 'apresentação literária'* – com toda a força no tecido social que esta expressão pode trazer – *feita por Graciliano Ramos em suas obras Vidas Secas e São Bernardo*.

Desse modo, no *primeiro capítulo* a discussão sobre a relação das personagens com a questão do tempo, das práticas tradicionais e da possibilidade de mudança em relação ao seu tempo de ação nos romances, relacionando tudo isso ao contexto da época da feitura das obras, ou seja, os arredores e a década de 30 do século XX, tal discussão faz-se logo de início não só necessária, como de importância crucial para todo o trabalho. A produção historiográfica depende de duas matérias-primas essenciais: a ação do homem e o tempo. A ação de Graciliano Ramos em seu tempo não será vista em separado da ação de suas personagens. O *tempo* na obra em relação ao *tempo* da obra possibilita essa estratégia que não só evita a enfadonha e escorregadia tarefa de separar questões intrínsecas e extrínsecas à obra, como nos facilita, em muito, a argumentação de que a obra literária tem penetração social enquanto ação do seu autor. Sua ação, no entanto, não é isolada e não deixa de provocar reações reais que reverberam na obra, ela também componente da realidade. Daí, as filiações a projetos literários e políticos e a história que as cercam são de fundamental importância para a compreensão das questões expostas nos romances: ação em forma de discurso.

No *segundo capítulo* teremos a caracterização do sertanejo. Que personagem é essa que Graciliano nos mostra e qual papel ocupa o meio onde atua na formação dessa caracterização? A personagem do sertanejo exige um estudo mais vertical que passa por veredas ao mesmo tempo fundamentais e espinhosas: a construção de uma máscara associada ao espaço da fome, e tendo, portanto, como resultado, um homem faminto que, na óptica graciliânica, está na verdade faminto de tudo. Desse modo, não somente a fome mas a



religião, a felicidade, a salvação, o respeito, o poder são elementos perseguidos pelo desejo. Portanto, a caracterização do homem que vive o sertão dos 1930 não se dá pelo que é, e sim pelo que ele, sertanejo, quer.

No *terceiro capítulo*, a relação autor-personagem se fará mais íntima, pois estaremos tratando da questão do saber, do silêncio e da solidão como formas de seu controle. Autor e personagens sentem na pele a dificuldade de lidar com a produção do saber, com a opressão do saber e com o poder que do saber emana. Nesse caso, a própria literatura não escaparia do olhar do escritor, que a vê como uma das ferramentas da manutenção da ordem, sendo necessária mudá-la a partir de seu próprio combustível: a linguagem. O ato de criar, a ação de pensar e o poder da palavra são capturados pelo autor na tentativa de diagnosticar seu tempo.

Para finalizar, chamo a atenção para a estratégia narrativa por mim adotada: o uso das notas de rodapé, que servem como complemento do corpo do texto, para num diálogo constante mostrar a ambiência das obras e o contexto por onde trafega o autor, bem como as decisões por mim tomadas e suas respectivas justificativas. Elas servem ainda como espaço onde outras questões são expostas ou minimamente apontadas e a historiografia conversa com meus parágrafos. Ou seja, elas funcionam quase como um texto à parte, sendo, na verdade, uma forma de tentar enriquecer o trabalho sem truncar sua leitura. Compreendendo as notas como “auxílio luxuoso” para que a fluidez do texto não fosse prejudicada, abusei desse recurso, procurando fazer da leitura deste trabalho um sacrifício dos pequenos.

## Capítulo 1

### O Homem na Teia do Tempo

1892-1953. Esta medida de tempo é a prisão convencional da existência de Graciliano Ramos. Uma série de números que nos indica, através de uma linguagem uniformizante, um período específico que compreende um começo e um fim. Fórmula dura e fácil para a análise de uma vida em sociedade, recrutando datas que se sobrepõem, tem ela sua função reduzida quando o que interessa aqui não é a construção puramente biográfica de um autor, cuja importância para o cenário da literatura nacional é indiscutível. E mesmo que não fosse, mesmo que o autor em questão tivesse sido um marginal, um corpo estranho e rejeitável dentro desse campo complexo chamado literatura, ainda assim, a fórmula das datas não seria razoável.

No entanto, sem as datas não se consegue fazer História. Com elas nos acostumamos à cara localização no tempo. Portanto, as datas não serão problemas; serão elas, sim, auxiliares para o entendimento da trajetória nem sempre – aliás, nunca – reta do escritor alagoano. Longe de serem balizas fixas, as datas nos ajudarão a entender o tempo de Graciliano Ramos, Paulo Honório e Fabiano, ou seja, o mesmo tempo, a década de 1930 e seus arredores, período no qual o escritor compõe todas os seus romances de ficção.

Mas, como posto acima – *as balizas do tempo não serão rígidas* – não me furto a lançar mão de suas obras autobiográficas, escritas entre as décadas de 1940 e 1950, a fim de melhor entender esse ser social que escreve livros num momento tão crucial de nossa história – quais sejam: *Infância* (1945), livro de memórias no qual o autor narra episódios de sua infância e *Memórias do Cárcere* (1953), volume também de memórias sobre sua prisão em Maceió, pela Polícia Política do governo de Getúlio Vargas e sua estada de nove meses em vários presídios do Rio de Janeiro. Tais registros, no dizer de Antonio Candido,

“...satisfazem esse desejo com referência a Graciliano (...) E servem mais do que podem parecer, pois não apenas revelam certas características pessoais transpostas ao romance, como esclarecem o

modo de ser do escritor, permitindo interpretar melhor a sua própria atitude literária.”<sup>25</sup>

A atitude literária de Graciliano Ramos é, segundo ele, sua única ferramenta para diagnosticar o seu tempo. E que tempo é esse? O resultado a que chega sua literatura é uma razão pessimista, na qual não sobra espaço para idealizações saudosistas de passado, nem para futurismo ufanista. O Brasil e, mais precisamente, o Nordeste que Graciliano vê nascer, não comportam idealismos de nenhuma ordem – sejam literários ou políticos. O chão que o autor de *Insônia* ouviu cantado através de uma harmonia em uníssono, com senhores e escravos apresentando uma “dicotomia sadia”, embalada pelo cheiro forte e doce da cana-de-açúcar, o chão que Graciliano ouviu dá lugar em suas páginas ao chão que ele viu: o do sertão nordestino; e a personagens que marcam esse chão: os sertanejo nordestinos. Nele e deles o líquido que escorre é outro, mais viscoso, mais amargo, vermelho.

O Nordeste – expressão propulsora do repensar do antigo regionalismo composto de Norte e Sul, a qual nasce subnutrida na “ressaca” da seca de 1877-79 e que aos poucos ganha espaço e força em diversas frentes discursivas<sup>26</sup> – o Nordeste é para Graciliano mais bem apresentado pela imagem da negação, contraposta ao da fartura do litoral, pintada tanto por Gilberto Freyre como por José Lins do Rêgo. Como esclarece Durval Muniz, o Nordeste que Graciliano quer fazer o Brasil conhecer é “...o Nordeste do parco, do pouco, da falta, do menos, do minguado, que ele quer ver reconhecido e ferindo a consciência de todos no país.”<sup>27</sup>

Imagem que num olhar apressado pode ser confundida com a mesma utilizada pelas elites do Norte de ontem e nordestinas de hoje, a fim de angariar junto ao Sul de sempre recursos que “se perdem” no tortuoso e obscuro itinerário da burocracia, a visão graciliânica de seu tempo, de sua gente, das práticas da sua terra, passa ao largo de uma mão estendida que pede. Porque para ele, a maior sequidão do Nordeste – compreendido do sertão mais recôndito à cidade facilmente localizada – não é privilégio só do sertão, só da

<sup>25</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 49-50.

<sup>26</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 39-62.

<sup>27</sup> *Ib. Ibidem*, p. 230.

cidade, só do Nordeste: a maior sequeidão está no homem e nas relações de poder entre os homens.

Falar do homem do espaço sertanejo é falar da sua experiência. Avesso à idealização que era, jamais buscaria entender seu tempo e seu espaço sem tirar deles a verdade que procura: “*minhas personagens não são seres idealizados e sim homens que eu conheci.*”<sup>28</sup> Mas para isso, lança mão de elementos universais: ambição, submissão, revolta, solidão, grito, silêncio, memória, esquecimento. As secas, os mandacarus, os gibões, o sol forte, a fala nasal são apenas elementos de uma realidade que poderia ser outra – de outro espaço e tempo. O que interessa a Graciliano Ramos é o homem. Esse homem que impõe ou é imposto em qualquer lugar, em qualquer tempo, tanto na realidade como na ficção.

Daí, especialistas em Graciliano, como Wander Melo Miranda e Antonio Candido, chegarem a sugerir uma reversibilidade constante entre o autobiográfico e o ficcional. Nessa reversibilidade, o escritor se desdobra em muitos dos personagens dos seus romances de ficção, quando lhes confere experiências ou recordações que na verdade são suas, ou quando se narra em seus livros autobiográficos – citados acima – de um modo distante, quase terceirizado.<sup>29</sup> Busca a verdade. E ao falar de si, Graciliano o faz como que observado por outro que o descreve e analisa. Um outro que está em diferente espaço e tempo, mas que não consegue ser como José Lins do Rêgo, escrevendo com a “*pura imaginação*”. Precisa do acontecimento, da experiência... No entanto, filtrados, purificados do excesso de recordações e detalhes. Suas autobiografias são relatórios asseados, nos quais os acontecimentos – mergulhados durante anos em soluções desoxidantes – são expostos com toda a verdade que procura após a batalha entre conteúdo e forma. Percebe-se isso em *Memórias do Cárcere*, quando o autor comenta o porquê de não trabalhar com anotações feitas no calor dos acontecimentos:

---

<sup>28</sup> RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 161.

<sup>29</sup> MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p. 44. Para o crítico mineiro: “*a confessa multiplicidade de papéis assumidos pelo autor na cena ficcional seria correlata à diversidade do sujeito empírico que não se crê uno e inteiro*”. Daí a falibilidade de datas duras no trato da obra literária. Em CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 58, se a dureza das datas é realmente descartada, o mesmo não pode ser dito dos acontecimentos: “*Para Graciliano a experiência é condição da escrita; e em José Lins do Rêgo admira a capacidade de escrever com a pura imaginação*”.

“Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam as árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco.”<sup>30</sup>

Estaciono um pouco nessa parte da longa citação que prosseguirá. Até aqui, o escritor expõe o método de construção de suas memórias atrelado às circunstâncias que o envolve. A longa lista de exemplos do que acarretaria o uso dos apontamentos é composta de uma insistente série de adjetivações utilizando as cores – numa flagrante crítica ao romantismo de Alencar, a quem atribui uma prosa fofa, cheia de floreios: *sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam as árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz,...* Mas, o que mais interessa nesse rol de sarcástica recusa está um pouco antes na mesma citação: *a hora exata de uma partida*. A verdade buscada pelo escritor não compreende a rigidez das informações precisas. A própria verdade para ele não é um artefato rígido, embora sempre seja artefato. Continuo a citação:

“Outras, porém, conservaram-se, crescerem, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. Em conversa ouvida na rua, a ausência de algumas sílabas me levou a conclusão falsa – e involuntariamente criei um boato. Estarei mentindo? Julgo que não. Enquanto não se reconstituírem as sílabas perdidas, o meu boato, se não for absurdo, permanece, e é possível que esses sons tenham sido eliminados por brigarem com o resto do discurso. Quem sabe se eles aí não se encaixaram com o intuito de logro? Nesse caso havia conveniência em suprimi-los, distinguir além deles uma verdade superior a outra convencional e aparente, uma verdade expressa de relance nas fisionomias. Um sentido recusou a percepção de outro, substituiu-a. Onde estará o erro? Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, complementam-se e me dão hoje a impressão de realidade.”<sup>31</sup>

<sup>30</sup> MC. v. 1, p. 36.

<sup>31</sup> Idem.

O que vem ser importante para constituição dessa verdade considerada “superior” não passa pelo crivo da datação precisa: “No começo de 1936, funcionário na Instrução Pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço.” (grifo meu)<sup>32</sup> E no caso específico de *Memórias do Cárcere*, nem pelo crivo das análises internas que o Partido Comunista – ao qual era filiado e atuante (assunto para o terceiro capítulo) – impunha aos seus artistas. A verdade para Graciliano só é possível quando os tempos se resolverem. O que de modo algum isenta o conflito e ainda assim deixe de ser o resultado, artefato. Vejamos em *Infância*:

“Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagorosamente. Acordei, reuni pedaços de pessoas e de coisas, pedaços de mim mesmo que boiavam no passado confuso, articulei tudo. Criei o meu pequeno mundo incongruente. Às vezes as peças se deslocavam – e surgiam estranhas mudanças. Os objetos se tornavam irreconhecíveis, e a humanidade, feita de indivíduos que me atormentavam e indivíduos que não me atormentavam, perdia os característicos.

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.(...)”<sup>33</sup>

A verdade oferecida em *Infância* nos dá aquela “impressão de realidade” que Graciliano afirma ter encontrado em *Memórias do Cárcere*. Mas essa verdade – sobretudo em *Infância* – não se afirma apenas porque é o que está lá no passado, o que qualifica a informação que o escritor faz questão que tenhamos, afinal, como elucida Bosi: “a memória vive do tempo que passou e, dialeticamente, o supera”.<sup>34</sup> Explico melhor. Em seus dois livros autobiográficos – sendo que para *Memórias do Cárcere* o termo “de depoimento” talvez seja o mais adequado – foram escritos depois da prisão de Graciliano em 1936. Porém, do primeiro – *Infância* – as lembranças envolvendo autoritarismo, repressão, castigo e desigualdade que o compõem já serviram à escrita de *São Bernardo*(1934) e *Vidas Secas*(1938) (reversibilidade entre autobiografia e ficção) – inclusive na construção de alguns personagens. E do segundo – *Memórias do Cárcere* – as lembranças que o compõem já ajudaram

<sup>32</sup> Id. Ibidem. p. 38.

<sup>33</sup> *Inf.* p. 17.

<sup>34</sup> BOSI, Alfredo. “O Tempo e os Tempos”. In NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 27.

na elaboração da atmosfera sufocante de *Vidas Secas*, sobretudo no que o romance tem de impossibilidade do exercício da fala. Portanto, o que também qualifica a verdade de suas recordações e o que as faz necessárias para serem expostas é o que acontece nos “agoras” que compõem cada romance ficcional e onde está inserido cada autobiográfico. Porque o escritor, ao utilizar suas lembranças juntamente com o que vê e sabe que existe e ainda sente, pode ele, “*sem intuito de logro*”, dizer de seu tempo, como nos lembra Benjamin:

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. Cada momento vivido transforma numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final.”<sup>35</sup>

E mais, pode-se dizer: essa é a verdade que prevalece e domina meu tempo; e ela não é boa. Já a experimentei antes, quando nem sabia o que era bem e mal, e muitos a experimentaram. Ela ainda teima em ser hoje e teimará em ser amanhã, juntamente com outros Paulos Honórios (bichos que se tornaram homens porque mandam em bichos), com outros Fabianos (homens que se tornaram bichos por serem mandados por outros homens) e com outros Gracilianos (homens que são bichos e homens ao mesmo tempo, com plena e triste consciência disso).

Se para Benjamin, “*o conhecimento histórico é conhecimento do atual que, em uma fantástica abreviação de experiências esparsas do passado, estabelece relações entre fragmentos somente inteligíveis à luz do presente*”,<sup>36</sup> não posso – ou não devo – inferir que a produção graciliânica é análoga a uma produção historiográfica, mas posso – e devo – dizer que a propulsão criadora do autor literário não difere daquela do historiador. Se Graciliano buscou essa “*abreviação de experiências*” para compor sua visão do social no seu presente de escritor, compreendido como o presente que de certo modo vem lhe acompanhando desde a infância, o trabalho deste historiador, que parte das

<sup>35</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História”. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 223.

<sup>36</sup> MATOS, Olgária Chaim Féres. “A Rosa de Paracelso”. In NOVAES, Aduino (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 244.

inquietações surgidas em seu presente e encontra na fonte graciliânica campo fértil para debatê-las não parte de fórmula diversa. Se o passado está pretensamente explicado, “capturado” numa contextualização da obra e do autor – o que nem de longe é verdade – todo esse processo que se dá à luz do presente não se explica por si mesmo. É porque o estranhamento<sup>37</sup> – ou a ignorância saudável – é um expediente que depende mais do passado como combustível do que qualquer outra “substância” temporal, já que o futuro – como diria o filósofo francês Levinás – é uma substância para a qual ainda não possuímos conceito.<sup>38</sup>

O hoje, sempre mais importante, deve ser o referencial. E a história, deve ser sempre a história para o hoje. Na *Pequena História da República*, ensaio cáustico – na expressão de Osman Lins – sobre os grandes acontecimentos da República Brasileira, Graciliano inicia descrevendo o cenário que antecede o 15 de novembro de 1889 assim:

“Os homens maduros de hoje eram meninos. O sr. Getúlio Vargas, no sul, montava em cabos de vassoura; o sr. Ministro da Guerra comandava soldados de chumbo; o sr. Ministro da Educação vivia longe da escola, pois ainda não existia.”<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 29-35.

<sup>38</sup> Essa questão do tempo dividido, demarcado duramente pelo calendário ou pelo relógio tem o seu reverso que é o tempo social, também utilizador de balizas; no entanto, como explica Norbert Elias, “as linhas de demarcação entre passado, presente e futuro modificam-se constantemente, porque os próprios sujeitos para quem um dado acontecimento é passado, presente ou futuro se transformam, ou são substituídos por outros.” E continua: “Nas sociedades humanas, a experiência vivida de sua estrutura evolutiva pode contribuir para modelar o desenrolar dos próprios processos sociais. Por isso é que a experiência vivida das seqüências de acontecimentos é parte integrante, na ordem social, do próprio desenrolar dessas seqüências. Mas isso não acontece com relação ao que chamamos de ‘natureza’, isto é, à dimensão física do universo”, que pode ser observada tanto a partir de fenômenos como as estações (*continuum evolutivo natural*) ou traduzidas em equipamentos evoluídos surgidos dessas observações como relógios e calendários (*continuum evolutivo pradonizado*). ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 61-69. Graciliano usa, como se verificará adiante, essas balizas móveis e interpretáveis do tempo social em diálogo, sempre conflituoso, tanto com as rígidas marcações de tempo cronológico (*São Bernardo*) como com as do tempo físico sentido a partir dos fenômenos naturais (*Vidas Secas*). Impera, na estratégia narrativa do autor, para utilizar mais um termo de Norbert Elias, o tempo *sociocêntrico*.

<sup>39</sup> Em 1940, inspirado num concurso literário promovido pela revista *Diretrizes*, Graciliano escreve *Pequena História da República* – obviamente não concorre ao prêmio e o texto só vem a lume na década de 1960. Numa linguagem despojada e sarcástica, destinada ao público jovem, o escritor, em pleno Estaco Novo, dá sua explicação para os fatos marcantes nos quais estrearam os grandes vultos da nação desde 1888 até 1930. RAMOS, Graciliano. “Pequena História da República”. In *Alexandre e Outros Heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 135.



E se é esse o papel do passado, que não deve ser isentado – o movimento, a preparação – não está ele livre de descontinuidades, de rupturas, no caso do escritor alagoano, apaixonadamente desejadas. E a história lhe ensinou isso: *“Sem a história, creio, estaríamos num espaço inútil a qualquer meditação”*.<sup>40</sup>

Mas o ontem é nele, em Paulo Honório e em Fabiano, tão suficientemente a ferida que está mais fundo. Movimentar-se, promover descontinuidades, evitar que o chicote do tempo bata várias vezes na mesma ferida, fazendo com que o ontem, o hoje e a perspectiva de amanhã não sejam uma grande “ferida” que marca a pele do homem, seria isso a tarefa de todos. Alguns conseguem, ou pensam que conseguem, outros não conseguiram, outros acham que vão conseguir, e outros se multiplicam na tentativa de burlar o chicote do tempo enquanto o explica.

### **1.1. Graciliano Ramos: o ontem sem descanso.**

*O Romancista só pode escrever bem  
o seu tempo e o seu meio. Eu só sinto o mandacaru.*

**Graciliano Ramos**

Poderia começar esse tópico trançando, ou melhor, copiando uma fácil listagem de fatos, nomes e datas que compõem o tempo de Graciliano Ramos e que traria aquela impressão de biografia que sugere credibilidade. Ora, biografias excelentes já foram feitas sobre o “Velho” e me contento com elas. Para o meu propósito aqui, prefiro começar assim: *“falo somente o que falo: com as mesmas vinte palavras girando ao redor do sol que as limpa do que*

---

<sup>40</sup> RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. op. cit., p. 160. Em conversa com o amigo Paulo Mercadante e alguns jovens – amigos de Ricardo, filho de Graciliano, todos membros ou simpatizantes do Partido Comunista – o escritor alagoano fala da ruptura comportamental promovida pelos cristãos como fundamental à queda do Império Romano: *“Graça fala sobre os césores com o calor de quem com eles conviveu. (...) ‘No quadro da decadência peninsular, um cristão só aceitava as leis e os costumes de modo indiferente. Pouco se importava com os interesses imperiais.(...)’ Graça nos lembrou a recusa do serviço militar e outras tantas circunstâncias, inclusive a repulsa à vida mundana, preferindo o cristão uma visão espiritual de tudo, até do próprio casamento. O império estava condenado e o cristianismo, ainda que o cristão não fosse um revolucionário, constituía uma espécie de verme que destruía as instituições”*. Traduzindo e parafraseando Benjamin, uma “citação para a ordem do dia”.

*não é faca.*”<sup>41</sup> As palavras do escritor são poucas e afiadas. As letras têm o gume das lâminas impiedosas e nos sopram um hálito sinceramente pessimista – apesar de seu dono negar, às vezes. Como descreve Otto Maria Carpeaux, “...é muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa.”<sup>42</sup>

Já se tornou lugar comum classificar a prosa graciliânica de seca, econômica, faminta, pessimista, mas são características que não podem simplesmente ser esquecidas porque foram exaustivamente especuladas. Compreender o tempo graciliânico através de suas obras é observar o debater de conteúdo-forma com a sua época. A obra luta não só para dizer que seu mundo é assim, a maior luta da obra é entrar, estar no mundo, e nele sobreviver.<sup>43</sup> Quando em *Memórias do Cárcere* Graciliano relata o encontro com seus dois primeiros romances – *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934) – que estão sendo lidos pelo russo Sérgio, seu colega de cela, o fá-lo assim:

“...Com um estremecimento de repugnância, vi Sérgio embrenhado na leitura do meu primeiro romance.

– Pelo amor de Deus não leia isso. É uma porcaria.

Ingênuo tentei explicar-lhe em grande embaraço. A publicação daquilo fora consequência de uma leviandade.”

(...)

Uma vez encontrei-o agarrado ao meu segundo romance.

Virou a folha, avizinhei-me, entrei a rever pedaços da minha terra. Ia chegando ao fim da página esquerda e o moço voltou a folha de novo.

– Não é possível que você tenha lido essas duas páginas, afirmei.

– Porquê?

– O autor dessas drogas sou eu, e apenas li uma vez.”<sup>44</sup>

Grosseira mentira sempre sustentada em público. Graciliano estava constantemente em combate com sua própria obra e o remexer constante no texto revelava a busca de uma perfeição. Mas não podia ele ser um militante da vaidade artística. No íntimo, em cartas a Heloísa – sua segunda esposa – a

<sup>41</sup> Trecho do poema “Graciliano Ramos”, de João Cabral de Melo Neto.

<sup>42</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Visão de Graciliano Ramos”. In RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d., p. 193.

<sup>43</sup> BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita / Novos Ensaios Críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 05. “Há cem anos que toda escrita é assim um exercício de domesticação ou de repulsa em face dessa Forma-Objeto que o escritor fatalmente encontra em seu caminho, que ele tem de olhar, enfrentar, e que jamais pode destruir sem destruir a si mesmo como escritor.”

<sup>44</sup> MC. v. 1, p. 225 e 229.

conversa era outra: “O S. Bernardo *está muito transformado, Ló. Seu Paulo Honório, magnífico, você vai ver.*”<sup>45</sup>

O mesmo pode ser dito em relação a *Vidas Secas*. Em texto publicado em 1943 – numa espécie de resumo de sua trajetória – o comentário que faz sobre a saga de Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos e a cadela Baleia é este: “*Mudei-me para o Rio, ou antes, mudaram-me para o Rio, onde existo, agora. Aqui fiz o meu último livro, história mesquinha – um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos.*”<sup>46</sup> Novamente é em carta, de 1937, também a Heloísa, que a oposição entre a opinião em público e a privada e a diferença entre a auto-crítica no calor da hora e a esfriada pelo passar dos anos se estabelece:

“Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê: procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás.”<sup>47</sup>

De história mesquinha, *Vidas Secas* passa a ser o olhar sobre o desejo dos homens, inclusive do autor que vê em suas convicções políticas uma fonte para a realização na terra, em vida, daquilo que padre Zé Leite só espera que venha depois da morte – sei que a temporalidade está invertida, mas a questão é: não importava a máscara que o escritor usasse para confrontar-se com seus escritos, eles são seu maior manifesto. E mais, Baleia é a figura da renúncia, da eterna espera que caracteriza os homens que não fazem o seu caminho, que enxergam “preás” gordos somente em sonhos, só com a morte, é a metáfora que alerta a utopia. Anos depois, a crítica apontaria Baleia como um dos personagens mais humanos da literatura graciliânica. Aliás, no caso do escritor alagoano, a crítica foi uma das responsáveis por sua incursão na literatura. É que Graciliano, antes de todos esses romances até agora citados, ficara famoso como literato sem ter lançado um livro sequer. O estranho cartão de visitas para o mundo da literatura fora uma coletânea dos relatórios do

<sup>45</sup> Ct. p. 138. “Carta 70 – a Heloísa de Medeiros Ramos – nov. 1932”

<sup>46</sup> Ct. p. 169. “Texto publicado em ‘Leitura’”, Rio de Janeiro, 1943.

<sup>47</sup> Ct. p. 200. “Carta 103 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 07 mai. 1937”

prefeito de Palmeira dos Índios-AL, Graciliano Ramos, ao então governador Álvaro Paes, entre 1928 e 1930.

Chamo *Os Relatórios* de estranho cartão de visitas, porque a crítica, os jornais, os intelectuais em geral enxergaram neles verdadeiras peças literárias camufladas na burocracia de relatos administrativos e cifras de réis.<sup>48</sup> O que mais me interessa, no entanto, é o painel político e a estrutura social que *Os Relatórios* apresentam. Neles, o olhar severo, e ao mesmo tempo cuidadoso, escrutinador, que lança à sociedade, mostra um prefeito diferente, que os jornais da época alcunham de “revolucionário” – claro, com os ardeios que o termo exigia na época:

“O Sr. Graciliano Ramos tem se revelado na administração de seu município um verdadeiro revolucionário, mas um revolucionário na independência de ação em benefício de sua terra.

O relatório de seus primeiros atos ao assumir o cargo de Prefeito de Palmeiras dos Índios, vazado em moldes humorísticos, demonstra o vigor de sua atuação. O afastamento de funcionários sem idéia do bem público e falhos no cumprimento de seus deveres foi o seu primeiro ato. Depois vieram os outros: construção de estradas de rodagem, limpeza de cidade, higiene, uma grande série de serviços, enfim, que o recomenda à gratidão de seus munícipes.”<sup>49</sup>

Mas é a partir das palavras do próprio prefeito que elenco alguns pontos para a discussão em torno do processo de elaboração de *São Bernardo* e *Vidas Secas* – enquanto isso, elas servem também como pretexto para pitadas essenciais de biografia e contextualização.

Dentre elas, citemos umas que mostram a prática do patrimonialismo:

“Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do

<sup>48</sup> REBELO, Marques. “Encontro com Graciliano – Gazeta de Alagoas, 12-04-1953”. In RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Organizados por: Mário Hélio Gomes de Lima. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994, p. 97. Marques Rebelo ao ver com espanto os relatórios, em 1930, no Café Gaúcho, no Rio, declara: “Depois de Manoel Antônio de Almeida e Machado de Assis, nada encontrara até então em prosa do Brasil que tanto me satisfizesse.” E escolhe esta passagem: “Pensei em construir um novo cemitério, pois o que temos dentro em pouca será insuficiente, mas os trabalhos a que me aventurei, necessários aos vivos, não me permitiram a execução de uma obra, embora útil, prorrogável. Os mortos esperarão mais algum tempo. São os munícipes que não reclamam.” Daí em diante, as cartas que tanto Marque Rebelo como Rômulo de Castro enviavam para Alagoas pediam que Graciliano enviasse algum escrito a fim de ser publicado. *Caetés*, que estava na gaveta, tem sua publicação constantemente adiada e só sairá em 1933.

<sup>49</sup> “Prefeitos Laboriosos – Correio da Pedra, Alagoas, 15-09-1929” In RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. op. cit., p. 89.

município tinha sua administração particular, com Prefeitos coronéis e Prefeitos inspetores de quarteirões. Os fiscais, esses, resolviam questões de polícia e advogavam.

Para que semelhante anomalia desaparecesse, lutei com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela – dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bÍlis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos do Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro.”<sup>50</sup>

E levou, ou melhor, atiraram, mas o tiro não atingiu o alvo. No carro, em Palmeira dos Índios, passando por estradas que cortavam propriedades rurais, na volta de um passeio, estavam Graciliano, HeloÍsa – grávida do primeiro filho – e o motorista do carro. Dois homens os emboscaram, atiraram. O motorista sacou da arma e respondeu ao ataque. Graciliano correu atrás de um deles, conseguindo pegá-lo. O outro fugiu. O atirador não confessava quem dera a ordem para matar o prefeito. E Graciliano, após alguns dias acompanhando o interrogatório movido a safanões, mandou-o embora:

“Mas antes avisei:  
 – Escuta aqui. Você é de Pernambuco?  
 – Não sou de lugar nenhum.  
 – Está bem. Mas, se for, não volte. Não cruze a fronteira. Se voltar é um homem morto. Entendeu?”<sup>51</sup>

Mas Graciliano não era um líder local. Aliás, não tinha nem a índole de político, apesar de ainda vir ser candidato a Deputado Federal pelo Partido Comunista, no período de sua legalidade entre 1945-47, e participar de campanhas pró-Assembléia Constituinte livremente eleita. Mas a carta que manda para seus conterrâneos a fim de pedir-lhes votos é por demais curiosa e revela uma certa ausência de iniciativa, de tato para a vida política. Na carta as linhas falam: sou candidato a deputado, mas deixem-me como escritor.<sup>52</sup>

<sup>50</sup> RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. op. cit., p. 37.

<sup>51</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit., p. 37-38.

<sup>52</sup> Id. *Ibidem.*, p. 137-138. Aqui transcrevo a carta mandada para “os raros amigos” de Alagoas. Resolveu mandar a carta e não ir pessoalmente, por achar que “tendo saído em porão de navio muito vagabundo, não achou conveniente regressar de aeroplano”. Eis a carta: “Meus raros amigos de Alagoas. Não é que resolveram fazer de mim candidato a deputado? Vejam só. Pois nesse caráter dirijo-me a vocês – duas dúzias de pessoas, se tanto, o público de que disponho na terra dos marechais e dos generais. Entreguei-me de corpo e alma a um partido, o único, estou certo, capaz de livrar-nos da miséria em que vivemos, e este partido apresenta-se às urnas. Sou forçada a solicitar a vocês, para os nossos candidatos (os outros: insisto declarar-me isento de pretensões), os 24 votos que estão dispostos a conceder-me”. Não disponho da carta por completo, mas outro trecho dela ainda foi selecionado por Ricardo Ramos e reforça a especulação que fiz acima: “entre ser literato medíocre ou deputado insignificante, prefiro continuar na literatura e na mediocridade.”

Mas voltemos ao atentado que Graciliano sofre, à insatisfação gerada por sua “revolucionária” administração e, agora, à construção de *São Bernardo*.

Essa relação nada amistosa que tivera com os coronéis que queriam ser prefeitos ou mesmo com fazendeiros que não queriam ser “perturbados” pela administração ajudara Graciliano a compor – dois anos após sua renúncia do cargo de prefeito, ou seja, 1932 – o universo de *São Bernardo* e as relações que Paulo Honório, protagonista do romance, mantinha.<sup>53</sup> Na imprensa local, em Viçosa-AL, era o Azevedo Gondim redator e revisor da revista local *Cruzeiro*. Gondim era amigo próximo a Paulo Honório e muitas vezes punha a *Cruzeiro* a serviço do latifundiário. Já com a imprensa da Capital, a relação ficou arranhada quando o Costa Brito, editor da *Gazeta*, publicara notícia insinuando que Paulo Honório havia matado seu vizinho e rival em questão de terras, o Mendonça. A notícia foi a público porque Paulo Honório não mandara a quantia que o Costa Brito tentara lhe extorquir. Com o governo local – Pereira – a relação era de troca de favores, apoio político nas eleições com votos de cabresto; já com o governo Estadual a relação dava-se também por garantia de curral eleitoral, empréstimos e benfeitorias públicas que o fazendeiro deveria fazer, associando sua iniciativa ao nome do governador. Com a lei – o juiz, Dr. Magalhães – a relação era de favores envolvendo questões de terra e vistas grossas, não enxergando “pequenos” delitos, “pequenas violências”. Nesses casos, aparecia a figura eficiente do advogado – João Nogueira. Todos esses personagens que compõem a trama de *São Bernardo* são figuras que fazem parte dos jogos políticos e das relações sociais no período da nebulosa fronteira que separa a Velha da Nova República. O romance e, mais precisamente, Paulo Honório são frutos do olhar que

---

Outro auto-confronto, outra contra-propaganda. Dessa vez não só em relação ao seu papel como acadêmico, mas também como cidadão. Se eu fosse da área de psicologia, a pergunta à cata de resposta seria esta: do que Graciliano fugia?

<sup>53</sup> RAMOS, Graciliano. “Alguns tipos sem importância – agosto de 1939” In *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 195. Graciliano fala da composição de suas personagens sempre associando a um momento de dificuldade por que passa, diminuindo a importância de sua literatura. Fala de uns “contos ordinários” que falavam de criminosos. Os contos se desenvolveram e se transformaram em romances. “Nesses oito anos deram-se graves desarranjos na minha vida: mudanças, viagens, doenças, ocupações novas, uma trapalhada medonha. Outra vez assaltado por idéias negras, lembrei-me dos criminosos dos contos. Um deles entrou a perseguir-me, cresceu demasiadamente, um que batizei com o nome de Paulo Honório e reproduzia alguns coronéis assassinos e ladrões meus conhecidos.”

Graciliano lança à sua época e terra, percebendo as contradições por que passa o país e como o Nordeste está nascendo nesse meio (,) confuso.<sup>54</sup>

Como dito antes, Graciliano não era líder local – sua renúncia no início de 1930, por questões tanto pessoais como pelo quadro político que se desenhava, tal fato revela que sua intenção não era a de um carreirista. Não operava através do mandonismo clássico ou acordos com a coronelada. Nas suas próprias palavras, a campanha que sofrera fora da prefeitura, estava carregada de bÍlis.

Aparentemente, Graciliano descontentava porque não fazia o jogo de favores envolvendo o poder local e o poder privado dos fazendeiros. E completa em outro momento de seus relatórios, num tom de desabafo, o fardo que é administrar uma cidade encravada em vÍcios seculares:

“Há quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anônimas, e adoença, e se morda por não ver a infalível maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que dela se servem como assunto invariável, há quem não compreenda que um ato administrativo seja isento de lucro pessoal; há até quem pretenda embaraçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras do caminho.

Perdi vários amigos, ou indivíduos que possa ter semelhante nome.

Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos.

O esforço empregado para dar ao Município o necessário é vivamente combatido por alguns pregoeiros de métodos administrativos originais. Em conformidade com eles, deveríamos proceder sempre com a máxima condescendência, não onerar os camaradas, ser rigorosos apenas com os pobres diabos sem proteção, diminuir a receita, reduzir a despesa aos vencimentos dos funcionários, que ninguém vive sem comer, deixar esse luxo de

---

<sup>54</sup> Ver o perfil das relações sociais e político-partidárias a partir da figura do coronel em LEAL, Víctor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa –Omega, 1975, p. 21-57. “Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal, o elemento principal desse tipo de liderança é o ‘coronel’, que comanda discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto. A força eleitoral empresta-lhe prestÍgio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Dentro da esfera própria de influência, o ‘coronel’ como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam.(p. 23)” É sobre esse tipo de relação com a coisa pública, e mais, relações sociais que não necessariamente atravessam o corpo das instituições e que por sinal não se extinguem com a República Nova – aliás, nem com a Nova República, pós-1964-85 – que aprofundaremos mais no próximo tÓpico deste capítulo.

obras públicas à Federação, ao Estado ou em falta destes, à Divina Providência.”<sup>55</sup>

Do relatório, podemos extrair ainda a passagem que fala sobre a agricultura e a relação de pequenos e grandes proprietários rurais.

“Favoreci a agricultura, livrando-as dos bichos criados à toa; ataquei as patifarias dos pequeninos senhores feudais; exploradores da canalha; suprimi, nas questões rurais, a presença de certos intermediários, que estragavam tudo; facilitei o transporte; estimulei as relações entre o produtor e o consumidor.

Se eu deixasse em paz o proprietário que abre as cercas de um desgraçado agricultor e lhe transforma em pasto a lavoura, devia enforcar-me.

Sei bem que antigamente os agentes municipais eram zarolhos. Quando um infeliz se cansava de mendigar o que lhe pertencia, tomava uma solução heróica: encomendava-se a Deus e ia à capital. E os Prefeitos achavam razoável que os contraventores fossem punidos pelo Sr. Secretário do Interior, por intermédio da polícia.”<sup>56</sup>

Nesse caso, a saga de Fabiano e sua família,<sup>57</sup> retirantes que vagam pelo sertão pulando de uma seca a outra, o que de fato quer dizer, de uma fazenda a outra, de um patrão a outro, bem como a saga de Paulo Honório na tentativa de trazer os seus sob suas rédeas e sugar-lhes, ambas sagas já eram, de certo modo, apontadas nos relatórios. O contato que o autor alagoano tivera com essas gentes possibilitaram a feitura de suas personagens:

“Todos os meus tipos foram constituídos por observações apanhadas aqui e ali, durante muitos anos. É o que eu penso, mas talvez me engane. É possível que eles não sejam, senão, pedaços de mim mesmo e que o vagabundo, o coronel assassino, o funcionário e a cadela não existam.”<sup>58</sup>

As experiências com as diversas faces do poder autorizam Graciliano a falar do seu meio e do seu tempo de forma que o escritor sempre pôde escrever – aos moldes do Zaratrusta de Nietzsche – com o próprio sangue. E é a partir de *Infância e Memória do Cárcere* – mais do primeiro do que do segundo, creio – que podemos ver esse sangue escorrer nas páginas do

<sup>55</sup> RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. op. cit., p. 45-46; 57-58.

<sup>56</sup> Id. *Ibidem.*, p. 56-57.

<sup>57</sup> A relação de Fabiano e Sinhá Vitória com o seu tempo é apresentada em *Vidas Secas* através da mudança climática. Não há tempo cronológico e o passado, bem, ou nunca existiu, ou lhes foi tirado. No dizer de Fabiano, para trás não havia família. Essa questão será aprofundada no terceiro tópico deste capítulo.

<sup>58</sup> RAMOS, Graciliano. “Alguns tipos sem importância – agosto de 1939” In *Linhas Tortas*. op. cit., p. 196.



escritor, as quais oprimem não só as letras que a elas se prendem de modo ajustado, rígido (forma), mas a sua mensagem que não fala de outra coisa que não seja o embate entre homens que querem prender e homens que precisam, e nem sempre conseguem, fugir (conteúdo).

O autor alagoano tem sua vida e sua obra marcadas pelo controle, pela disciplina e pela punição. Sua infância está repleta de episódios que traduzem várias situações que mais tarde irá pôr em suas obras de ficção. Os castigos para aprender a ler e a punição sumária sofrida por delitos não cometidos, bem como a seqüidão dos pais ou a ausência de comunicação entre os membros da família, esses acontecimentos irão formar o conceito de justiça que estará a conviver com ele durante toda sua vida.

Em *Infância*, são esses os episódios escolhidos para compor a maioria do corpo da obra, é o que escolhe o autor, é o que ele quer mostrar, deixar registrado. Em *Memórias do Cárcere*, aquele conceito de justiça que abraça os homens de seu tempo está presente em toda obra. Graciliano, de certo modo, volta até sua infância e revê a dificuldade do homem em transitar no seu meio. Nessas memórias, o cárcere toma a forma metafórica da fazenda e o carcereiro é a figura – cercada de todos os símbolos – do pai.

Mas se nos atermos a *Infância*, e acho que é suficiente, veremos o autor tentando resolver – não suprimir – as lembranças do seu passado. *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas*, todas essas obras haviam sido formas de se entender com as lembranças de seu passado mais remoto, num exercício de *reversibilidade* entre mundo vivido e o mundo do presente, pois o escritor sabia da impossibilidade de contar e de lembrar o passado tal qual foi.<sup>59</sup> Quando lança seu primeiro romance dito autobiográfico, Graciliano o faz sobre a base já arquitetada nos seus romances de ficção que, de algum modo, já continha o caráter autobiográfico. Em contrapartida, o presente, como também quer Benjamin, deve ser o fator principal da lembrança. Esse passado sem descanso a serviço do presente é o combate no hoje de mesmas batalhas

---

<sup>59</sup> BENJAMIN, Walter. “A Imagem de Proust”. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. op. cit., p. 36-49. Em análise de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust, Walter Benjamin diz: “Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela foi, mas uma vida tal como aquele que a viveu se lembra dela”. E na esteira dessa afirmação, conclui: “Pois aqui, para o autor que se lembra, o papel principal não é representado, de modo algum, pelo que ele viveu, mas pelo tecer de sua lembrança, o trabalho de Penélope da rememoração.”

injustamente perdidas por ele, tanto no passado como ainda no presente, e também por aqueles que ele vê sofrer ou sabe que sofre. Desse modo temos uma criança triste às voltas com a incompreensão do mundo:<sup>60</sup>

“As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.”<sup>61</sup>

O trecho acima é do caso do cinturão do pai que estava perdido e cuja culpa recai sobre o menino Graciliano que repousava atrás dos caixões de mantimentos – seu costume. O narrador conta que fora arrancado do esconderijo após o pai acordar, enfurecido, à cata do cinturão. Não havia ninguém por perto e a ira é toda canalizada no menino:

“Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.”<sup>62</sup>

Utilizando o vocabulário graciliânico, vemos outros pares de “brutos” se reproduzindo em combates injustos. Essa dupla se repete em *São Bernardo*, quando Paulo Honório demonstra seu poder a Marciano, empregado da fazenda. O estopim para a fúria – assim como fora o sumiço do cinturão de seu Sebastião Ramos –, um detalhe: cochos vazios do gado que, segundo Paulo Honório, também o narrador, aquele que recorda movido pelo presente, geraram ofensa, desrespeito:

“ – Já para as suas obrigações, safado.  
 – Acabei o serviço, seu Paulo, gaguejou Marciano perfilando-se.  
 – Acabou nada.  
 – Acabei, senhor sim. Juro por esta luz que nos alumia.

<sup>60</sup> BENJAMIN, Walter. “Franz Kafka – a propósito do décimo aniversário de sua morte”. In *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. op. cit., p. 137-159. Outra criança triste é Kafka. O homem que se tornou mostrou para o homem de seu tempo a confusão da sociedade, os obscuros caminhos por que passa a humanidade sem a lembrança de si e do outro. Kafka mostra a desilusão do mundo. Graciliano, segundo Paulo Mercadante, lera Kafka em Palmeira dos Índios no início dos anos de 1930.

<sup>61</sup> *Inf.* p. 29.

<sup>62</sup> *Inf.* p. 30. Graciliano não se esforça por traçar um quadro otimista de sua família que se reverbera para a análise que faz da sua sociedade. Como na expressão repisada de Capistrano de Abreu, sua família é composta de pai soturno, mãe submissa e filhos aterrados.

– Mentiroso. Os animais estão morrendo de fome, roendo a madeira.

Marciano teve um rompante:

– Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém agüenta mais viver nesta terra. Não se descansa.

Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.

– Você está se fazendo de besta, seu corno?

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozno, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue.”<sup>63</sup>

Batia porque podia bater, e isto era natural. O menino frente ao pai: devendo-lhe a vida, a comida, o vestir, um teto... O empregado frente ao patrão: temendo-lhe a retirada da vida, da comida, do vestir, do teto... O poder que Graciliano pinta nas relações de seu tempo é um poder total, com sendas milimétricas que rumam confusas e sem garantias para a liberdade. Por exemplo, no caso específico de Paulo Honório, quando num rompante de ira, ofendido, chama a Marciano de “corno”, usa a expressão não somente como insulto. Está-lhe dizendo a verdade. Anuncia sua condição de mandado em todos os sentido possíveis, pois a Rosa, esposa de Marciano, há muito, desde que Paulo Honório adquirira a São Bernardo, vinha-lhe servindo além das obrigações de doméstica e a situação era, aparentemente, sabida por todos. Em comentário que faz sobre Marciano, páginas antes do incidente, o elogia assim: *“Todos esses malucos dormem demais, falam à toa. / Marciano, coitado, nem por isso. Cuida bem do gado, é marido da Rosa.”*<sup>64</sup>

Outro par de “brutos”: Fabiano e o soldado amarelo. Na cidade, na venda de seu Inácio, bebendo cachaça, o primeiro entra num jogo de trinta-e-um a convite do segundo. Fabiano começa a perder o dinheiro que era para a compra do querosene e sai apressado, sem se despedir de ninguém. O policial, que também vinha perdendo, se sente ofendido e vai atrás. Debaixo do Jatobá da praça, o encontro. Bem menor que Fabiano, o franzino soldado o encara reclamando respeito. (Façamos uma pausa. Há aqui uma inversão no que se refere ao porte físico, pois enquanto a relação Davi-Golias se estabelece entre

<sup>63</sup> SB. p. 107-108.

<sup>64</sup> SB. p. 60.

o menino Graciliano e seu Sebastião Ramos e entre Marciano e Paulo Honório, no caso de Fabiano com o soldado amarelo, essa relação ao mesmo tempo se inverte e se transforma numa metáfora que confirma o caso bíblico. Se o soldado amarelo é como o pequeno Davi e Fabiano como o gigante Golias, Deus – leia-se governo – está do lado do primeiro, confere-lhe a autoridade, guia os movimentos de sua funda, aliás, dispensa-lhe o uso de funda. No lugar desta lhe dá uma farda e um apito.) Fabiano diz que o soldado só quer confusão, que, assim como ele, também estava perdendo e não tinha culpa disso. O soldado pisa-lhe com força o pé:

“– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

Toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. [Onde estava o cinturão]

Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano.

Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnando:

Hum! hum!”<sup>65</sup>

Fabiano fica lá, confuso, pensando no que acontecera e por que acontecera. Não encontra resposta. Não sabe por que os outros *homens* faziam isso com ele, que tinha tão pouco e era tão pouca coisa.

Cercado de portas e janelas fechadas e um teto enegrecido, o menino Graciliano é conduzido ao meio da sala por uma mão peluda que logo em seguida manobra uma folha de couro que lhe fustiga as costas. Assim como fora para Fabiano e Marciano, “*uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro.*”<sup>66</sup>

Mais tarde, em 1936, Graciliano iria ser menino de novo nos porões do *Manaus* – navio que levou presos da polícia política de Getúlio Vargas – saindo de Maceió rumo à prisão no Rio de Janeiro.

A relação de Graciliano Ramos com suas personagens já foi interpretada de várias maneiras. Para alguns críticos, o autor é uma espécie de

<sup>65</sup> VS. p. 29-30.

<sup>66</sup> Inf. p. 31.

sádico que maltrata suas personagens, não lhes tem carinho e não os poupa dos infortúnios da vida.<sup>67</sup> Para outros – bebendo em Lukács – o escritor soube observar os seus redores e as suas dores, a fim de compor romances de análise social a partir de ‘personagens-problemas’ ou ‘heróis problemáticos’.<sup>68</sup> A lista de diagnósticos se estenderia demasiado e seria bastante diversa. Abarcaria um Wilson Martins, um Alfredo Bosi, um Helmut Feldman, uma Flora Süssukind, um Wander Mello Miranda, um Antonio Candido, dentre outros. Todos eles se puseram a analisar a importância da obra de Graciliano. Se não figuraram mais fortemente neste momento do trabalho, é porque eu não queria alongar-me demais, pois já que suas análises serão úteis em pontos mais específicos que virão a seguir. Mas o ponto a que se pode chegar nessa relação de Graciliano com suas personagens é o da espera (ou esperança) de um futuro que se resolva a partir da ruína, da tristeza que foi o passado.<sup>69</sup> O presente, como sempre, se dissolve entre as duas polaridades da vida. É, no máximo, o momento da triste reflexão com base nas lembranças e marcas daquilo que era bom, ou se achava bom, e passou, e do que não era bom e continuou. A sensação de futuro a se construir, a se desejar, a se esperar, a se enfrentar, deixada nas últimas páginas de *São Bernardo* e *Vidas Secas*, tal sentimento denuncia essa insatisfação com o passado distante e com o passado recente que desembocaram em presentes medíocres. Se assim não fosse, o futuro não precisaria ser lembrado. Graciliano usa a ficção para preencher as lacunas que seus relatórios de prefeito ou seus livros autobiográficos não conseguiriam ou não poderiam preencher, porque neles há

<sup>67</sup> LINS, Álvaro. “Valores e Misérias das Vidas Secas”. In RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. op. cit., p. 131 e 137. “Esta preocupação de fixar e exibir o caráter humano poderia significar que o Sr. Graciliano Ramos estima os seus semelhantes e está interessado pela sua sorte. Mas, não. Verifica-se o contrário; o seu julgamento dos homens é o mais pessimista e frio que se possa imaginar, o seu sentimento em face deles é de ódio ou desprezo.” E conclui: “Os seres deste mundo de ficção em quatro romances – (...) – são em geral desgraçados, criaturas em desencontro com o destino, humilhadas e destroçadas.”

<sup>68</sup> LAFETÁ, João Luiz. “O Mundo à Revelia”. In RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. op. cit., p. 212-217; e COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 166. “Seus personagens são tipos autênticos precisamente na medida em que expressam em suas ações o máximo de possibilidades contidas nas classes sociais a que pertencem. A obra de Graciliano em sua totalidade apresenta-nos um painel destes diferentes ‘heróis problemáticos’, ou seja, uma representação literária das atitudes típicas das classes sociais brasileiras em face do ‘mundo alienado’”.

<sup>69</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste*. op. cit., p. 233; CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 52-53.

a aura da observação precisa, cerca-os a atmosfera de documentação, apruma-lhes a conduta a sensação de compromisso com a verdade, impera a mecânica da comprovação. Neles, Graciliano não pode desejar; nos outros o faz discretamente – é o espaço mais fecundo para seu realismo – mas o faz.

Para concluir este tópico, mostro o diagnóstico que Graciliano, em um discurso de homenagem ao seu quinquagésimo aniversário, faz de sua própria obra:

“É preciso descobrirmos um motivo para esta reunião. Penso, meus senhores e amigos, que a devemos à existência de algumas figuras responsáveis pelos meus livros – Paulo Honório, Luiz da Silva, Fabiano. Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos, porque não sou Paulo Honório, não sou Luiz da Silva, não sou Fabiano. Apenas fiz o que pude para exibí-los, sem deformá-los, narrando, talvez com excessivos pormenores, a desgraça irremediável que os açoita. É possível que eu tenha semelhança com eles e que haja, utilizando os recursos duma arte capenga adquirida em Palmeira dos Índios, conseguido animá-los. Admitamos que artistas mais hábeis não pudessem apresentar direito essas personagens, que, estacionando em degraus vários da sociedade, têm de comum o sofrimento. Neste caso, aqui me reduzo à condição de aparelho registrador – e nisso não há mérito. Acertei? Se acertei, todo o constrangimento desaparecerá. Associe-me aos senhores numa demonstração de solidariedade a todos os infelizes que povoam a terra.”<sup>70</sup>

O estilo sempre “pessimista”, sobretudo quando o assunto é ele mesmo, não muda. O seu passado, exaustivamente solicitado, aqui também não tem descanso. E as personagens que habitaram sua vida (ficcional?) também são chamadas. Graciliano no seu hoje olha mais uma vez para trás, mas não precisa apurar muito a vista. Seu passado está pertinho, não passou, não descansou e mais uma vez ao associar seu nome ao de Paulo Honório, Fabiano e Luiz da Silva, o escritor transforma-se em personagem de sua própria obra e transforma suas personagens em seres de sua própria vida. Ficção e realidade não se confundem, apenas se irmanam na tentativa de compreender o tempo e mostrar o homem necessitado de mudança, de melhora.

---

<sup>70</sup> RAMOS, Graciliano. “Discurso de Graciliano Ramos – homenagem ao seu quinquagésimo aniversário” In *Relatórios*. op. cit., p. 139-140.

## 1.2. Paulo Honório: o Nordeste nascendo confuso

*Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
Talvez fosse feliz*

“Tabacaria” - **Álvaro de Campos**

Paulo Honório se senta para escrever um livro, o livro de sua vida: herança de suas lembranças deixada para ninguém... Talvez para o filho-órfão-de-mãe-suicida que dorme no quarto próximo à sala onde o ‘coronel’ insone lamenta o tempo perdido, enquanto rabisca as últimas passagens de sua tragédia: “*Se ao menos a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade ao meu filho. Que miséria!*”<sup>71</sup> Romance que desemboca numa solidão arrebatadora, *São Bernardo*<sup>72</sup> é o testemunho de um homem vivendo num hiato de tempo e, simultaneamente, o resultado do olhar de um escritor às voltas com crises econômicas mundiais, com revoluções, com promessas de mudanças, com medo das permanências.

O destino de Paulo Honório, de seu filho, de seus amigos, que Graciliano Ramos finda por não traçar, é uma das indicações do forte caráter realista do romance. O Nordeste nascendo vê, confuso, um novo Brasil nascer.<sup>73</sup> A dúvida, a esperança, a mudança, novos caminhos, velhas

<sup>71</sup> SB. p. 191.

<sup>72</sup> Escrito sob forte clima emocional, a partir de 1932, após Graciliano ter deixado a diretoria da Imprensa Oficial em Maceió e voltado, sem emprego, para Palmeiras dos Índios, nasce *São Bernardo* de um conto, *A Carta*, escrito em 1924 e resgatado de uma gaveta de papéis velhos. Acompanha-o a solidão e a dúvida. A família havia ficado em Maceió e não havia garantias de publicação desse último livro, já que o primeiro, *Caetés* (1933), ainda não havia saído do prelo.

<sup>73</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p.155: “A revolução de Outubro não fora produto de nenhuma mudança na estrutura social e econômica e sim de uma evolução; como evolução, guardava no seio, coexistentes, tendências mais novas entremeadas de velhas tendências sobreviventes da colônia.” SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos e Novos Coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife: PIMES/UFPE, 1974, p. 30-32: “A crise mundial desencadeada em 1929 teve repercussões na economia brasileira, fornecedora de matéria-prima para o mercado externo, conduzindo a um processo de crescimento nacional relativamente autônomo. (...) É justamente na década de 30, com o governo de Vargas, e especialmente de 37 a 45, com o Estado Novo, que se verificam no país modificações no crescimento econômico a partir dos incentivos às indústrias e a conseqüente intensificação da urbanização, bem como transformações na modalidade de poder político com a centralização deste e ampliação da burocracia governamental.” FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*. Vols. II. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000, p. 313: “A óptica dos homens que ocupam o Catete, a 3 de novembro de 1930, será adversa ao esquema da política dos governadores, mas se compreende dentro de suas coordenadas mentais. Vencedora a revolução, empreendidas as reformas políticas e só políticas, com o voto secreto e a supervisão judicial, outra vez São Paulo, com outros homens talvez, e Minas Gerais, com os mesmos líderes, comandariam a República

passadas, tudo está no ar e a especulação é risco. Assim como Graciliano não sabe do destino, Paulo Honório também não, apesar de este último apontar dificuldades para o futuro, mas acompanhadas de esperanças. Ambos escrevem o *São Bernardo*, enquanto descrevem a São Bernardo – metáfora espacial e social da realidade nordestina. Um, com a autoridade de quem nela viveu durante a infância e conviveu com seu poder na esfera política; o outro, com autoridade de quem nela habitou a vida quase toda, nela trabalhou, conquistou-a, melhorou-a e nela se transformou. Ambos tentam, através dela, em cada hoje, olhar para trás e nela encontrar respostas, aplacar inquietações, tentar dormir. Assim, o tempo da obra é o tempo na obra, visto que a escrita é feita num duplo presente que lembra um duplo passado. Desta forma, Graciliano dirige seu olhar para a realidade através dos olhos do proprietário de terras que ele tão bem conhece, e ao narrar dessa maneira, oferece-nos um outro ângulo, um outro caminho para observar a realidade naquele espaço e tempo em que o tempo social transita com igual ou maior importância que o tempo cronológico.

Tanto o *São Bernardo* de Paulo Honório, quanto o de Graciliano, são escritos nos arredores de 1930, com uma pequena diferença de dois anos entre eles. Paulo Honório escreve a história de sua vida durante o ano de 1930/31, no calor da hora do golpe e nas primeiras duras conseqüências da crise econômica de 1929:

“Um dia o Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, o nordeste revoltado” (...) Entrei nesse ano com o pé esquerdo. Vários fregueses que sempre tinham procedido bem quebraram de repente. Houve fugas, suicídios, o *Diário Oficial* se empenhou com falências e concordatas. Tive de aceitar liquidações péssimas.”<sup>74</sup>

Graciliano escreve a história da escrita da história de Paulo Honório em 1932, durante a Revolução Constitucionalista:

“Continuo a consertar as cercas do São Bernardo. Creio que está ficando uma propriedade muito bonita. E se Deus não mandar o

---

*renovada.* NEVES, Frederico de Casto. “Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas”. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, nº 40, 2001. “Curiosamente, mas nem tanto, as perspectivas racionalizadoras do regime ‘revolucionário’ de 30 articulavam-se aos padrões ditos ‘oligárquicos’, mais uma vez, dando a esse momento a característica de complexidade pela qual é conhecido e estudado”. A lista ainda poderia se estender por muitas e valiosas análises.

<sup>74</sup> *SB*. p. 175 e 181.



contrário, qualquer dia terei de apresentá-la ao respeitável público. O último capítulo, com algumas emendas que fiz, parece que está bom.

Não temos aqui nenhuma notícia certa da revolução. O rádio desapareceu, os jornais não dizem nada, até os boatos são escassos. De sorte que estamos como presos, ignorando tudo o que se passa além dos montes que nos cercam.”<sup>75</sup>

Graciliano ainda põe na história de *São Bernardo*, uma expectativa quanto a São Paulo e sua revolta diante do governo dos tenentes. É nas palavras de Azevedo Gondim, que vem a esperança na retomada da “ordem” através dos liberais paulistas: “*São Paulo havia de se erguer, intrépido; em São Paulo ardia o fogo sagrado; de São Paulo, terra de bandeirantes para a conquista da liberdade postergada.*”<sup>76</sup>

É interessante ver a expectativa de Graciliano por informações sobre a revolução liberal dos paulistas. Necessitava ele de elementos para compor o final do romance, enquadrar melhor o seu “anti-herói” num painel que se adequasse a um futuro recente que o aguardaria. Nesse jogo com as temporalidades, Graciliano, tal como fez para nos apresentar Paulo Honório – como veremos adiante – nos deixa uma imprecisão no ar quanto à formação e o destino das coisas. Ao contrário da precisão naturalista e de um certo descomprometimento que ainda habitavam em *Caetés* (escrito entre 1925-1928), no realismo as coisas não cabem numa única data, as pessoas não se enquadram num único adjetivo, os começos e os fins não podem ser precisos, a própria vida não o é.<sup>77</sup>

É esse o grande problema de Paulo Honório: quem ele é de fato? a qual tempo pertence? qual o seu lugar na sociedade? é burguês? é senhor, aos moldes feudais? é um empreendedor com fins conservadores? é uma caricatura de liberal? é um coronel remanescente do Império? ... Principia ele a falar de sua trajetória assim:

“Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro. A idade, o peso, as sobrancelhas cerradas e grisalhas, este rosto

<sup>75</sup> Ct. p. 123. “Carta 58 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 01 set. 1932”

<sup>76</sup> SB. p. 179.

<sup>77</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. op. cit., p. 172-173. “Entre *Caetés* e *São Bernardo*, situa-se a Revolução de 1930: apesar de suas notórias limitações, de seu caráter de transformação ‘pelo alto’, ela permitiu perceber com mais precisão as forças sociais em choque na realidade brasileira, revelando o quanto era aparente e superficial a solidez daquela sociedade estagnada e mesquinha e indicando as tendências renovadoras latentes e encobertas.”

vermelho e cabeludo têm-me rendido muita consideração. Quando me faltavam estas qualidades, a consideração era menor.”<sup>78</sup>

Perfeitamente localizado no seu hoje (1930), o narrador ainda informa dados específicos sobre o corpo de um homem grande (89 quilos) que lhe rende consideração. Já seu passado traz um mistério: Paulo Honório não sabe de onde vem, não sabe quem foram seus pais, e ao contrário da exatidão do peso, não informa com precisão sua data de nascimento (lá pelo São Pedro – 29 de junho):

“Para falar com franqueza, o número de anos assim positivo e a data de São Pedro são convencionais: adoto-os porque estão no livro de assentamentos de batizados da freguesia. Possuo a certidão que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivo para não desejarem ser conhecidos. Não posso, portanto, festejar com exatidão o meu aniversário. Em todo caso, se houver diferença, não deve ser grande: mês a mais ou mês a menos. Isto não vale nada: acontecimentos importantes estão nas mesmas condições.”<sup>79</sup>

Ao mesmo tempo que esse fato lhe causa alguma dor, também lhe provoca um certo orgulho e alívio. Não ter família, ser o marco-zero é, aliás, sinal de autonomia, um rompimento com algum passado desgraçado, um forte traço de individualismo, uma característica liberal.

“Sou pois o iniciador de uma família, o que, se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinário escorregam com uma sem-vegonheza da peste na intimidade dos que vão trepando.”<sup>80</sup>

Paulo Honório não quer ninguém a aproveitar-lhe o vácuo. Como trabalhou desde pequeno, orgulha-se do sucesso que ele à unha arrancou da vida dura que teve. E prossegue, numa linguagem quase oficial de relatório, mais precisamente, um balancete contábil – no qual o *ativo financeiro* ao final de sua jornada de investimentos fecha em positivo, e o *passivo emocional* ao final de sua tragédia sentimental é inversamente proporcional, fechando em negativo<sup>81</sup> –, na listagem das ocupações que tivera desde menino até a

<sup>78</sup> SB, p. 10.

<sup>79</sup> SB, p. 10-11.

<sup>80</sup> SB, p. 11.

<sup>81</sup> É claro que estes termos não se aplicam a uma contabilidade formal, oficial. Essa simples, e talvez pretenciosa, ilustração que aqui foi feita, usando estes supostos termos contábeis, está, na verdade, a serviço da demonstração do conflito que há entre Paulo Honório e Madalena. Por ter adquirido tudo o que quis e transformado todo adquirido em propriedade,

conquista do seu pódio: a propriedade São Bernardo. Quando moleque, Paulo Honório foi guia de um cego que lhe *“puxava as orelhas”*; *“vendia doces”* que a velha Margarida fazia e ajudava limpar o tacho; trabalhou na enxada nas terras da São Bernardo para o Salustiano Padilha até os dezoito anos *“ganhando cinco tostões por doze horas de serviço”* – nessa época, passa *“três anos, nove meses e quinze dias na cadeia”* por conta de uma *“sentinela que acabou em furdunço”*, envolvendo Paulo Honório, a *“cabritinha sarará danadamente assanhada”* Germana e o João Fagundes, que findou esfaqueado; aprendeu a ler na cadeia com o João Sapateiro *“que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes”* e quando saiu, já não pensava na Germana, *“pensava em ganhar dinheiro”*. A partir daí começa a fase dos negócios: primeiro tira o título de eleitor; depois, pede empréstimo a seu Pereira, *“agiota e chefe político”* – que mais tarde, por conta de fracassos nas eleições se verá em posição inversa diante de Paulo Honório, o qual estuda *“aritmética para não ser roubado além da conveniência”* e mete-se no sertão vendendo de tudo: *“redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas”* – numa delas, envolvendo uma boiada, efetua a transação de *“armas engatinhadas”*. Nessa época traz um capanga para se proteger: Casimiro Lopes. E cansado daquela vida, Paulo Honório retorna a Viçosa – aqui se completa sua perfeita localização: 1930 (período da escrita do seu livro), município de Viçosa-AL – onde resolve ser dono da São Bernardo, que estava, à época, nas mãos do Luís Padilha, filho do velho Salustiano, já finado. Após comprar a fazenda de um Luís Padilha desorientado, bêbado e confuso, o protagonista começa a

---

o protagonista encontrará na sua esposa, a quem também quer inserir na sua lista de *bens-patrimônio*, uma antagonista que, por conta da impossibilidade de se resolver com o ciúme do seu esposo – o que significa ao mesmo tempo, sair da rede de poder que é São Bernardo – resolve se matar. Paulo Honório então contabiliza essa perda como o fator que o impulsionará a contar sua própria história, ou seja, um balancete de sua vida até aquele momento. O mesmo acontece com o Luís da Silva, protagonista de *Angústia*(1936) que, por ciúme de Marina, mata Julião Tavares. Desse modo, não vemos o escritor se ocupar de mostrar o sentimento de posse e “mesquinhez” apenas no sertão. *Angústia* se passa na cidade e Luís da Silva é um funcionário público que, numa atmosfera kafkiana, perde a referência de si mesmo num mundo cujos valores não reconhece mais. Seu mundo está num emaranhado de modernidade e relações superficiais e uma série de lembranças do seu passado e de histórias que ouviu. O desfecho dostoiévskyano de *Angústia* também é uma outra evidência da confusão de valores num mundo que não permite mais ter a visão clara das coisas como antigamente e onde a justiça não só é cega, como cega o homem. Não se sabe o que é a justiça ou como efetua-la, não se sabe mais o que é certo ou errado, o que é verdadeiro ou falso.

organizar a estrutura física da propriedade, rumo ao progresso, e a estrutura político-administrativa do município, para não só manter a fazenda bem como para, a partir dela, cavar seu lugar de destaque no poder local. Sempre ao lado do capanga Casimiro Lopes, que lhe tem “*fidelidade de cão*”, Paulo Honório ainda contratará o seu Ribeiro – um velho, ex-militar que na época do Império gozava de prestígio em sua localidade – para cuidar da contabilidade; o João Nogueira, advogado; construirá laços de mútua dependência com o Azevedo Gondim, redator do periódico local, *Cruzeiro*; contratará o Luís Padilha para ser o professor da escola que o governador havia exigido, em importantíssima visita à São Bernardo, numa “*data que ficou célebre*”; e terá Madalena, sua própria esposa, como secretária.<sup>82</sup>

A trajetória de Paulo Honório revela o poder de transformação que há nas relações sociais e econômicas via capitalismo liberal, no qual o indivíduo depende de sua própria iniciativa: “*Eu Não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes*”.<sup>83</sup> Ele não é a figura do coronel tradicionalmente puro, ou seja, não possui uma “linhagem”, não conta com símbolos ou brasões de família nobre, não traz nas costas herança de terras ou de títulos enferrujados que datam do Império. No entanto, a organização política e econômica que compreende a “lactente” República permite-lhe desenvoltura análoga à dos velhos coronéis no desfile de uma sociedade que com ele vive em liame e parece estar sempre à soleira da porta.

Na ascensão social de Paulo Honório, Graciliano vem, conforme Carlos Nelson Coutinho, captar “*os traços essenciais do capitalismo nascente: o crescimento da mobilidade social, o rompimento com as barreiras coaguladas do pré-capitalismo*”.<sup>84</sup> Mas rompimento é um termo muito forte para se explicar as diferentes “fases” que viveu o Brasil desde a chegada de D. João VI até os dias de hoje. Se há uma possibilidade de maior mobilidade social, o que é

---

<sup>82</sup> SB. p. 11-14; 34-37; 42-43. Está claro que essa trajetória de Paulo Honório exposta aqui é por demais superficial. É que para alguns pontos, como por exemplo a compra da fazenda ou a relação possessiva com Madalena, está reservada mais aguda observação nos demais capítulos deste trabalho, sobretudo o capítulo II – *Todas as Fomes do Homem*. Os demais traços serão chamados ainda neste tópico para compor este olhar que lanço, a partir do mote *coronelismo* – ou *poder local* – sobre a obra graciliânica, a fim de compreender como o escritor localiza e constrói o homem poderoso do sertão nordestino.

<sup>83</sup> SB. p. 39.

<sup>84</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. op. cit., p. 174-175.

notório, os meios usados para que essa mobilidade se realize não ganharam modificações bruscas nesses últimos séculos.<sup>85</sup>

Graciliano, decerto, percebeu a mudança dos tempos que se dava, no entanto, mais por uma corrente de discurso – cujos elos se encaixavam com uma certa harmonia, mas não isentos de conflitos – do que mesmo pela verificação na prática das esferas política e econômica.

O alcance que o coronel ainda tinha, principalmente nas decisões locais, revelava a acomodação aprendida no lidar com uma série de fatores, como a Política dos Governadores, por exemplo: uma bizarra estrutura – nova apenas se confrontada com o discurso modernizante – na qual o poder público se relacionava com o privado de modo tal que fazia da República um aleijão, uma distorção no tempo. Na análise de Sérgio Buarque de Holanda, temos a visão preocupada de quem vê uma permanência parasitária corroendo a fachada de uma mudança que, no fundo, se não era fantasiosa, se processava com lentidão e não sem recuos:

“O trágico da situação está justamente em que o quadro formado pela Monarquia ainda guarda um prestígio, tendo perdido sua razão, e trata de manter-se como pode, não sem grande artifício. O estado brasileiro preserva como relíquias respeitáveis algumas das formas exteriores do sistema tradicional, depois de desaparecida a base que o sustentava: uma periferia sem centro. A maturidade precoce, o estranho requinte do nosso aparelho de Estado, é uma das conseqüências de tal situação.”<sup>86</sup>

Foi assim que as elites nordestinas sustentaram uma prática herdada desde o Império, ratificando uma relação interdependente que, se outrora evidenciava um *“fortalecimento do poder público centralizador e uma*

---

<sup>85</sup> Segundo Nelson Werneck Sodré, desde o Brasil-Colônia, com a mineração, rompe-se o *“equilíbrio em que se processava o desenvolvimento colonial”*, permitindo o *“aparecimento de uma camada intermediária entre a classe dos senhores e a classe dos escravos, isto é o aparecimento de uma pequena burguesia”*. SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. São Paulo: Difel, 1986. Se acrescentarmos a isso os fenômenos políticos que se desenrolaram até a implantação da República e seus primeiros anos, até chegar à Primeira Grande Guerra, as ‘reformas’ no ensino, as transformações sociais atreladas ao crescimento das cidades que exigiam novas estruturas, as mudanças na economia que iam, com o passar dos anos e das crises, desgastando o poder da terra como a principal posse, ainda que permanecendo como tal, sem um processo de ruptura, apenas de adequação das elites às exigências de diferentes conjunturas, tudo isso foi o que possibilitou a ascensão de figuras como o coronel intermediário, o comerciante poderoso, o advogado influente e rico, em fim, figuras que, se dinamizavam as relações sociais por um lado, estavam, na sua quase totalidade, atreladas às forças tradicionais.

<sup>86</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 176.

*subordinação paulatina do poder privado a este*<sup>87</sup>, na recente República, além de não deixar de trazer tal caráter, essa relação ainda evidenciava o fortalecimento de uma prática que, a princípio, deveria ser erradicada do processo de renovação política pelo qual, teoricamente, haveria de ter passado o país.

Pode-se dizer que esse conflito entre discurso e prática gera uma situação a princípio anacrônica – se tomarmos por base os projetos de progresso que deveriam atingir todas as esferas da vida do país, varrendo todo o modo de viver “pré-capitalista” – situação que se alimenta e alimenta proprietários de terra como Paulo Honório. Mesmo após o Golpe de 1930 e uma visível reformulação da estrutura político-administrativa do país, vinda do topo, verifica-se que o *rio principal* não seria perene se não o fossem seus *afluentes*, ou seja, foram municípios como os de Viçosa, pequenos *córregos* de uma *rede fluvial* de poder baseada na produção agrícola – maior fonte de renda do país e na qual estava a maioria da população ativa, portanto, a maioria do eleitorado – e na convivência com mandonismos locais, foram tais municípios que possibilitaram aos *rios maiores* – os Estados – a manutenção de um *curso* relativamente calmo rumo ao grande *rio federal*.<sup>88</sup>

É este quadro que mostra Graciliano, quando da visita do governador do Estado a São Bernardo. Paulo Honório ciceroneia o visitante pela propriedade, numa demonstração da chegada da modernidade ao campo, transformando a “antiga” fazenda numa empresa mais complexa, diversificada

<sup>87</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 1988, p. 43.

<sup>88</sup> Cf. SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos e Novos Coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. op. cit., p. 28-29: “O sistema coronelista tem assegurado o seu poder justamente porque a atividade produtiva agrária é a atividade básica para o país. Em virtude deste fato, as esferas estaduais colocam-se politicamente em função dos interesses do grupo agrário, concedendo-lhe autonomia local. A 1ª República assiste o (sic) apogeu do sistema coronelista. Até então, o setor rural dominante estaria sob o controle político dos coronéis, bem como o setor urbano que se formava em torno dos comerciantes. A ‘vida política’ do país (esfera federal) seria, dessa forma, expressão do poder de grupos oligárquicos rurais (esfera estadual) mantidos pelo coronéis (esfera municipal).” Ver ainda SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 25-26: “A estrutura social e as formas políticas do Brasil não sofreram mudanças da noite para o dia [isso após o golpe de 1930]. O país permanecia esmagadoramente agrícola (mais de 70 por cento dos trabalhadores estavam na agricultura, em 1920).(comentário meu)”. E ainda em LEAL, Víctor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. op. cit., p. 20: “Não é possível compreender o fenômeno [coronelismo] sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil.”

e estruturada: “(...) *E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida.*”<sup>89</sup> Mas os tempos não eram exatamente os mesmos. Algumas exigências acabam pegando Paulo Honório de assalto:

“O governador gostou do pomar, das galinhas Orpington, do algodão e da mamona, achou conveniente o gado limosino, pediu-me fotografias e perguntou onde ficava a escola. Respondi que não focava em parte nenhuma. (...)”

Escola! Que me importava que os outros soubessem ler ou fossem analfabetos?

– Esses homens do governo têm um parafuso frouxo. Metam pessoal letrado na apanha da mamona. Hão de ver a colheita.

(...) De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar.

– Pois sim senhor. Quando V. excia. vier aqui outra vez, encontrará essa gente aprendendo cartilha.”<sup>90</sup>

A efetivação do novo – construir e bancar a escola – estava a serviço do velho – certos favores a solicitar – porque o privado estava exercendo função do público. Mas isso não se restringia aos limites da propriedade. A relação com o poder público local extrapola os limites da fazenda e ganha uma visibilidade municipal. Reparem como, numa única página, Graciliano condensa as características do patrimonialismo e aponta os tentáculos do coronel em ação, nesse misto de sociedade em mudança e de sociedade em permanência – talvez a própria história –, no qual as coisas ora se resolvem por meios jurídicos – não necessariamente idôneos – ou via imprensa – não necessariamente ética – ou pela violência mesmo, que era, segundo Victor Nunes Leal, a última das alternativas, mas nunca aquela a ser descartada.

“Efetuei transações arriscadas, endividei-me, importei mecanismos e não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas. Iniciei a pomicultura e a avicultura. Para levar os meus produtos ao mercado, comecei uma estrada de rodagem. Azevedo Gondim compôs sobre ela dois artigos, chamou-me patriota, citou Ford e Delmiro Gouveia. Costa Brito também publicou uma nota na *Gazeta*, elogiando-me e elogiando o chefe político local. Em conseqüência mordeu-me cem mil-réis.

Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram. Enquanto estive esburacando S. Bernardo, tudo andou bem; mas quando vareei quatro ou cinco propriedades, caiu-me em cima uma

<sup>89</sup> *SB*, p. 42.

<sup>90</sup> *SB*, p. 42-43.

nuvem de maribondos. Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada. Ferimento leve, tenho a cicatriz no ombro. Exasperado, mandei mais cem mil-réis ao Costa Brito e procurei João Nogueira e Gondim:

– Desorientem essas cavalgadas. Olhem que eu estou fazendo obra pública e não cobro imposto. É uma vergonha. O município devia auxiliar-me. Fale com o prefeito, dr. Nogueira. Vê se ele me arranja umas barricas de cimento para os mata-burros.”<sup>91</sup>

As melhorias que o proprietário faz são de um empreendedor conectado às exigências do mercado, à política do aumento da produção e até às relações de trabalho:

“Devagarinho, foram clareando as lâmpadas da iluminação elétrica. Luzes também nas casas dos moradores. Se aqueles desgraçados lá embaixo, ao pé das cercas de Bom-Sucesso, tinham pensado em alumiar-se com eletricidade! Luz até meia-noite. Conforto! E eu pretendia instalar telefones.”<sup>92</sup>

Paulo Honório se gaba da sua condição de provedor do conforto para aqueles “desgraçados” que são hoje o que ele foi ontem. Essa condição tem uma dupla importância. Trazer essas “benfeitorias” aos trabalhadores da São Bernardo ao mesmo tempo que evidencia ser o seu proprietário um homem de visão, de “planos volumosos”, projetos arrojados e modernos, rumo ao futuro, realça também a diferença que havia entre Paulo Honório e eles. O primeiro mudou, rompeu a placenta de chumbo que separa os homens que têm dos homens que não têm, ou que só têm quando lhes dão: *Se aqueles desgraçados lá embaixo tinham pensado em alumiar-se com eletricidade! Conforto!* [Dou-lhes o que eu não tive quando era eles. Agora tenho e tenho para ‘dar’. A ‘falha’ na placenta provavelmente só tinha espaço para a passagem de um, eu.] O caráter burguês, individualista, que habita o senhor de São Bernardo revela o mesmo

<sup>91</sup> SB. p. 40. Ver também LEAL, Víctor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. op. cit., p. 42-50; FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder. Vol.II*. op. cit. p. 252-253. Uma síntese do coronel do sertão e do agreste pode também ser encontrada em *Coronel, Coronéis*, obra de 1965. Em interessante passagem, os autores fazem um comparativo entre esses coronéis e os do engenho, no que tange à adequação dos novos tempos e das novas exigências, tanto econômicas quanto sociais: “(...) *inteligentes e perspicazes, anteciparam-se às mudanças e inovações que ameaçaram seus mundos: apropriando-se delas, liderando-as. Tornaram-se, assim, os veículos de transformações que terminaram por destruir as próprias bases de sua sustentação. Nisto, eles diferem dos coronéis do açúcar, mais conservadores e reativos, talvez porque mais conscientes do que poderiam significar, para eles, o desenvolvimento e a modernidade.*” VILAÇA, Marcos Vinícios e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcante de. *Coronel, Coronéis*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>92</sup> SB. p. 47.



caráter da burguesia ascendente do século XIX, na Europa e Estados Unidos.<sup>93</sup> Se comparada àquela burguesia, poderíamos dizer que a burguesia agrária do Brasil nos 1930 evidenciava um capitalismo retardatário, tardio. Creio que era (ou ainda é) apenas o nosso capitalismo, com as peculiaridades que a “arte de explorar” encontrou nas terras e na gente daqui – assim como não preciso da fórmula dura das datas, também não necessito da fórmula das formas.

O coronel de Graciliano é esse novo-velho coronel que encontrou habitat favorável para desenvolvimento de suas raízes atrofiadas e que logo conheceram a robustez permitida por um regime novo que trazia muito do velho. No entanto, não estamos falando aqui de uma obra como *Coronelismo, Enxada e Voto*, na qual os fatores objetivos – econômicos e políticos – são os únicos a serem levados em conta. A obra literária permite um arrolamento mais diversificado dos motivos que compõem a decadência da São Bernardo e do seu senhor, o burguês agrário Paulo Honório.<sup>94</sup> A instrução e o humanismo de Madalena, por exemplo, revelam algumas das fraquezas de Paulo Honório, voltado apenas para o “*sentimento de propriedade*”,<sup>95</sup> sentimento este que se alimenta do controle – ou da ilusão de controle – sobre aqueles que lhe cruzaram o caminho, guiado por um estranho senso de justiça<sup>96</sup> e da incompreensão no trato com o outro, o estranho, principalmente se não reza na sua cartilha. O resultado é uma desconfiança que lança mão de todas as violências possíveis para manter o ‘bicho’-proprietário vivo. Não são raras as

<sup>93</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 256-258.

<sup>94</sup> Evidentemente, Paulo Honório não foi um sujeito histórico de carne e osso, e não é assim que pretendo enxergá-lo. Mas é sempre bom lembrar que este trabalho envolve história e literatura numa perspectiva que não pode ser confundida com a da história da literatura ou a da crítica literária, pois o que mais importa aqui é a ação do autor literário, observada através de seus escritos em confronto com o contexto. Acredito que um historiador que se lança nessa perspectiva, mesmo que timidamente, deve estar atento para aquilo que o impulsiona a ir por este ou aquele caminho. Trabalhar com literatura é, a meu ver, buscar minúcias de determinadas situações e períodos que a historiografia tradicional ignorou, ou não tocou profundamente. Não é tomar a fonte literária por fonte cartorial. É, no entanto, dar crédito àquele que olha e registra seu tempo, mesmo através da ficção, atentando para a orientação do seu olhar e as escolhas que o autor fez.

<sup>95</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 24.

<sup>96</sup> SB. p. 11 e 39. No início do romance, por exemplo, quando fala da velha Margarida, aquela que o acolheu e o iniciou na arte de vender coisas, e que traz como símbolo de sua vitória, o faz assim: “*A velha Margarida mora aqui em S. Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil-réis por semana, quantia suficiente para compensar o que me deu.*” Tudo é contabilidade, e no final, ativo e passivo tem de fechar, num equilíbrio de contas que satisfaça a vida e justifique os atos: “*A verdade é que nunca soube quais foram meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que me deram lucro.*”

passagens em que Paulo Honório vê Madalena como uma 'comunista' – a trair-lhe os pilares sagrados de sua conquista: a trajetória solitária do nada ao tudo, da enxada ao alpendre de São Bernardo – ou como uma mulher infiel – a trair sua condição de propriedade.<sup>97</sup> O fato é que Paulo Honório misturava as duas coisas e trabalhava essas idéias como que agarrado ao último tronco fixo no meio de uma enxurrada. A ruína no casamento significava a ruptura da sua evolução. O própria idéia do casamento havia surgido como que para dar continuidade à sua jornada. Precisava de um herdeiro e queria ser lembrado como a raiz de uma árvore vitoriosa. Se não soube de onde veio e venceu, haveria de ser lembrado como aquele de onde outros vencedores vieram, a luta não poderia ter sido em vão:

“Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que eu sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de S. Bernardo.”<sup>98</sup>

Depois de nascido o herdeiro, já em meio a confusão doentia de ter ciúme de tudo, o pai vê na criança, ou seja, no seu futuro, no futuro do seu nome, um triste prognóstico: “*aquela mãe desnaturada e que não merecia confiança*” gerara-lhe a ruína, a feiúra, o abandono. A “pureza” de São Bernardo estava comprometida para sempre e o futuro – que em sua óptica estaria encharcado de tradicionalismo – não se realizaria. O presente, uma desgraça:

---

<sup>97</sup> SB. p. 132-133 e 136: “Comunista e Materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. ‘palestras amenas e variadas.’ Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo. / (...)Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para o Nogueira, num vão de janela. / Confio em mim. Mas enxerguei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobranceiras espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes.” E continua: “Até com o Padilha! Como diabo tinha ela coragem de se chegar a uma lezeira como o Padilha? A questão social. / – Está aqui para a questão social. / Depois a colaboração no jornal do Gondim. Continuava a colaborar. Pouco, mas continuava. O Gondim e ela tinham sido unha com carne. Lembram-se da tarde em que ele me deu parabéns, estupidamente? Familiaridade. E discutiam as pernas e os peitos dela! / Eu tinha razão para confiar em semelhante mulher? Mulher intelectual.”

<sup>98</sup> SB. p. 57.

“E o pequeno continuava a arrastar-se, caindo, chorando, feio como os pecados. As perninhas e os bracinhos eram finos que faziam dó. Gritava dia e noite, gritava como um condenado e a ama vivia meio doida de sono. Às vezes ficava roxo de berrar, e receei que estivesse morrendo quando padre Silvestre lhe molhou a cabeça. Com a dentição encheu-se de tumores, cobriram-no de esparadrapos: direitinho uma rês casteada. Ninguém se interessava por ele. D. Glória [tia de Madalena] lia. Madalena andava pelos cantos, com as pálpebras vermelhas e suspirando. Eu dizia comigo:

– Se ela não quer bem ao filho!

E o filho chorava, chorava continuamente. Casimiro Lopes era a única pessoa que lhe tinha amizade. Levava-o para o alpendre e lá se punha a papaguear com ele, dizendo histórias de onças, cantando para o embalar as cantigas do sertão. O menino trepava-lhe às pernas, puxava-lhe a barba, e ele continuava:

*Eu nasci de sete meses,  
Fui ciado sem mamar.  
Bebi leite de cem vacas  
Na porteira do curral.*<sup>99</sup>

Quando Madalena morre, escapando mais entre os dedos de Paulo Honório do que da própria vida, o proprietário da São Bernardo percebe que não pode ser o transformador da vida de todos que estão sob o que julga ser sua guarda. Percebe que de fato nunca havia transformado a si mesmo. E percebe que nunca se transformará. O fracasso da sociedade capitalista em formação no Brasil é diagnosticado por Graciliano em *São Bernardo*, a partir de várias passagens que denunciam o *sentimento de propriedade* e a incapacidade de humanismo, de solidariedade, de gratidão, de felicidade que governa o homem de posses:

“...estou certo de que a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária, que forneceram a essência da minha instrução, não me tornaram melhor do que eu era quando arrastava a peroba.

(...)

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

(...)

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.”<sup>100</sup>

<sup>99</sup> *SB.* p. 137-138. Essa cantiga de Casimiro Lopes para o filho de Paulo Honório é a mesma que o vaqueiro José Baia cantava para o menino Graciliano quando a família Ramos estava morando em Buíque, Pernambuco; o pai havia comprado uma fazenda e José Baia era um dos homens da lida. Ver em *Inf.* p. 09-10.

<sup>100</sup> *SB.* p. 186-190.

Quando Paulo Honório então resolve escrever o livro de sua vida, é porque a história não poderia seguir mais adiante. E seguiria, só que o futuro não lhe pertenceria mais. Restaria contar o passado, caminhar pela dor de revê-lo, desejá-lo e nele se encontrar, promover um novo traçado, no qual os erros não se repetiriam. Graciliano aponta Paulo Honório como o “*emblema contraditório do capitalismo nascente em nosso país*”,<sup>101</sup> olhando para a frente e ao mesmo tempo vivendo do para trás, inseguro em relação ao controle do seu próprio tempo.<sup>102</sup> Então o desfile de recordações, e mais, o desejo de mudança sobre um passado que não pode ser mais mudado se inicia. Além disso, toda uma carga de um passado não necessariamente vivido, mas ouvido e, de certo modo, sentido – como é o caso das histórias que ouvira de seu Ribeiro – toda uma dose de passado ajuda Paulo Honório a compor um tempo que Graciliano flagra naqueles arredores de 1930, tomando a São Bernardo como emblema para a realidade nordestina: O “tempo imaginário” entra em conflito com o “tempo identitário” e o calendário passa a ser um problema.<sup>103</sup> Esse imaginário social que se arrasta desde o Brasil-Colônia e ainda habita a identidade de Paulo Honório – e quem sabe a dos *coronéis-médicos, coronéis-advogados, coronéis-padres* que “orientam” a vida política e social das células do país nos dias de hoje e que surgiram ainda nesse período da Primeira República, quando do próprio arranjo exigido diante das movimentações/acomodações da história, como o letramento e a especialização, a gradual perda da condição da terra como elemento principal e, às vezes, único da economia.<sup>104</sup>

Paulo Honório vai terminando seu livro, espremendo cada gota do “se”, ao mesmo tempo amarga e nutritiva.

“Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e à noite na esteira, depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na Graça de Deus.

<sup>101</sup> LAFETÁ, João Luiz. “O Mundo à Revelia”. op. cit., p.205.

<sup>102</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. op. cit., p. 234.

<sup>103</sup> “Tempo identitário” e “tempo imaginário” são termos tomados de empréstimo a CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 246-252.

<sup>104</sup> FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder. Vol. II*. op. cit., p. 252; SIQUEIRA, Antônio Jorge. “Identidade e Poder: uma leitura de S. Bernardo”. In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996, p.48.

Se não tivesse ferido o João Fagundes, se tivesse casado com a Germana, possuiria meia dúzias de cavalos, um pequeno cercado de capim, encerados cangalhas, seria um bom almocreve.

Penso no povoado onde seu Ribeiro morou, há meio século. Seu Ribeiro acumulava, sem dúvida, mas não acumulava para ele. Tinha uma casa grande, sempre cheia, o jerimum caboclo apodrecia na roça – e por aquelas beiradas ninguém tinha fome. Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. Para me exprimir recorro a muita paráfrase e muita gesticulação. Tenho, como todo mundo, uma candeia de azeite, que não serve para nada, porque à noite a gente dorme. Podem rebentar centenas de revoluções. Não receberei notícias delas. Provavelmente sou um sujeito feliz.”<sup>105</sup>

À medida que recorda as possibilidades que cada ‘fase’ no seu passado teria de um futuro melhor que seu presente, Paulo Honório traz um distanciamento de si mesmo. De rezas africanas na convivência com uma velha doceira a festas ao pé de um provedor menos acumulador, como o major Ribeiro, Graciliano expõe Paulo Honório não como o retrato do presente que não presta, e não faz das recordações do seu ‘herói’ uma apologia a um passado que mesmo injusto ainda era melhor do que o presente. Não vejo assim. Paulo Honório é o ser duplo que coaduna o pior do passado com o pior do presente, este último, trazendo elementos mais eficazes de explorar, manusear e corromper, unidos a práticas e símbolos (não menos práticos) experimentados do passado, conjugando uma realidade mais cruel.

A solidão de Paulo Honório, fantasma que vaga pela sede da fazenda, é revelada pela fuga dos outros da São Bernardo – aqui Graciliano aponta a possibilidade de fuga – e pela distância irreconciliável que se estabeleceu entre Paulo Honório e os empregados da fazenda – numa flagrante alusão à separação e à luta entre classes. Madalena suicidou-se; D. Glória, após a morte da sobrinha, não tem motivos para ficar ali; seu Ribeiro vai para a capital; e, com relação aos moradores da fazenda, as próprias palavras de Paulo Honório resumem aquilo que Graciliano quer mostrar neste romance social de um escritor que *“deseja a morte do capitalismo”*. Declara Paulo Honório: *“Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso mas não vou*

---

<sup>105</sup> SB. p. 186-188.

*além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou*".<sup>106</sup>

### **1.3. Fabiano: ...e para trás não existia família**

*De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens do meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do se-ir do viver.*

“A Terceira Margem do Rio” – **João Guimarães Rosa**

O ano é 1937. Um ex-prisioneiro político, a cabeça ainda raspada, hospeda-se numa pensão do Rio de Janeiro. É um escritor. Espera a chegada da esposa e dos filhos que haviam ficado em Alagoas durante os mais de trezentos dias em que esteve preso. Três meses se passam e o quarto se apequena. Apequena-se também o dinheiro. O pagamento da pensão é semanal e a senhoria precisa de qualquer quantia para alimentar seu vício: a roleta do cassino da Urca. O escritor que meses atrás havia feito um conto narrando a morte de uma cadela vê-se obrigado a começar, em ritmo urgente, um livro – que será esquartejado. Os capítulos-contos são vendidos separadamente, às vezes com nomes diferentes e para mais de um comprador.

É nesse cenário que nasce *Vidas Secas*, gerado de modo irregular, fragmentado, descontínuo, num quarto de pensão, espremido por uma família silenciosa e de valores rígidos e tradicionais.

Ao contrário do pintor holandês Vermeer (século XVII), que retirava do seu cotidiano desestruturado e amargo, repleto de contas a pagar, uma tranqüilidade inabalável, aparentemente inalcançável e a punha em seus quadros, Graciliano, em semelhante cenário, vai buscar nos momentos de angústia e repressão infantil, na sua trajetória pelas cidades do Nordeste, terra por ele classificada como desgraçada e áspera, no silêncio adicional que a prisão o obrigara a adotar e em tantos outros momentos do passado remoto e recente, elementos para a construção de *Vidas Secas*: uma obra que traz a quase total ausência de tudo que lembre paz, descanso, felicidade, amor, mas acima de tudo, ausência de referência, de localização no tempo. Nas palavras

---

<sup>106</sup> SB. p. 190.

do autor, o romance partiu de uma espécie de reminiscência de episódios de sua infância, recordação essa que acabou por se transformar num conto. O depoimento, até certo ponto carregado de compaixão, continua com o resumo de uma vida precária em vários sentidos:

“No começo de 1937, utilizei num conto a lembrança de um cachorro sacrificado na Maniçoba, interior de Pernambuco, há muitos anos. Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de sinhá Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois menino. Publicada a história, não comprei o jornal e fiquei dois dias em casa, esperando que os meus amigos esquecessem ‘Baleia’. O conto me parecia infame e surpreendeu-me falarem dele. A princípio, julguei que as referências fossem esculhambação, mas acabei aceitando como razoáveis o bicho, o matuto, a mulher, os garotos. Habituei-me tanto a eles que resolvi aproveitá-los de novo. Escrevi a ‘Sinhá Vitória’. Depois apareceu ‘Cadeia’. Aí me veio a idéia de juntar os cinco personagens numa novela miúda – um casal, duas crianças e uma cachorra, todos brutos (...) Fiz o livrinho sem paisagens, sem diálogos. E sem amor. Nisso, pelo menos ele deve ter alguma originalidade. Ausência de tabaréus bem falantes, queimadas, cheias, poentes vermelhos, namoros de caboclos. A minha gente, quase muda, vive numa casa de fazenda; as personagens adultas, preocupadas com o estômago, não têm tempo de abraçar-se. Até a cachorra é uma criatura decente, porque na vizinhança não existem galãs caninos.”<sup>107</sup>

Mas, quando se fala em localização no tempo, não se quer dizer aqui que não há o reconhecimento da temporalidade. Mas, ao contrário de *São Bernardo*, que traz os conflitos entre uma temporalidade recente – constituída de esperança ou descrença e acontecimentos que clamavam o novo ou choravam o velho – e temporalidade mais remota – que de certo modo sobrevivia e atravessava esses acontecimentos – o que não é outra coisa senão o processo histórico: o convívio conflituoso entre mudanças e permanências, em *Vidas Secas* o processo histórico tal como conhecemos não existe; e se existe, não pode ser compreendido a partir dos mesmos elementos e mecanismos. Claro que há os *dias*, as *tardes*, as *noites*: divisões do dia geralmente ligadas às tarefas cotidianas; há as *semanas*, os *meses*, que são o contar os dias.<sup>108</sup> Graciliano põe esses divisores temporais logo no início do

<sup>107</sup> Depoimento para os “Arquivos Implacáveis”, de João Condé, Cruzeiro, 1944. Apud MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1933-1960) vol. VII*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977-78, p. 111-112.

<sup>108</sup> WHITROW, G.J. *O Tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 28-31.

livro, e fazendo uso deles durante toda obra: *“Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como não haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra.”*<sup>109</sup> Também não deixam de existir os *acontecimentos* marcantes: a chegada a uma fazenda, a aceitação da permanência da família pelo proprietário da fazenda abandonada, a prisão, a festa, a chegada de outra seca que provoca a arribada. A questão não é essa, pois desse ponto de vista a saga de um Fabiano e sua família traz elementos de uma história “historicizável” tão legítima quanto a de Napoleão, a minha ou a sua. A questão está em qual relação se estabelece com as temporalidades. O que se faz com elas? Qual o papel do passado? O que se espera do futuro?

As personagens de *Vidas Secas* parecem estar numa bolha temporal, na qual as paredes internas, se seguidas, darão no mesmo ponto onde começou, aliás, em momento algum deixa de ser ela mesma. Graciliano, utilizando-se dos pensamentos de Fabiano, não lhe aponta rupturas nem ranhuras, nem desvios. Sonhos são levados em conta, perspectivas são creditadas, mas, no todo a sensação da permanência de um abalizado e curto modo de vida é a que permeia. Desse modo, no passado *“tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para traz não existia família.”* E para a frente, seria *“indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar secas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus.”*<sup>110</sup>

Esse tempo quase congelado, no qual os acontecimentos existem, mas não a serviço de uma mudança, ou de uma mudança perceptível, está associado à dificuldade da chegada de notícias, à interiorização num território cujos acessos são penosos. Então, o novo, se lançado ao sertão, quando

<sup>109</sup> VS. p. 09.

<sup>110</sup> VS. p. 96 e 24. Certamente, permanece em *Vidas Secas* a perspectiva da “ancestralidade” do vaqueiro, que poderia levá-lo até uma origem de brasilidade representada por um tipo heróico, como aconteceu com parte da literatura do XIX. Ver em BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum. O Sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza-CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2000, p. 101. No entanto, essa perspectiva da descendência é utilizada por Graciliano para outro fim: o da denúncia da continuidade de um atrelamento e subserviência que a figura do vaqueiro representou na manutenção de uma ordem secular no sertão nordestino.



chegasse lá, decerto estaria velho se comparado ao que acontecia no ponto de sua partida; e lá ainda encontraria a ‘resistência’ da linguagem, das tradições, da força das permanências, associada a uma particularidade climática e geográfica que viria coroar esse monumento à cristalização do tempo que seria o sertão. Graciliano não fugiu a isso, talvez nem pudesse ou mesmo não quisesse. Utilizou-se dessa visão com o propósito da denúncia, como o fizera Euclides da Cunha antes dele, e ainda fará Rui Facó depois. Mas ao fazer denúncias, esses autores – de um certo modo, a partir de orientações teóricas diferentes – não só deram ao sertanejo a incapacidade de compreender o novo, como também de produzir o novo a partir da sua realidade e naquele espaço – o que é mais sério.<sup>111</sup>

É o *velho e amaciado* conceito de insulamento, do qual também não posso fugir agora. A saga daquela família de sertanejos mostra que, se ela (a família) não ignorava a passagem do tempo – e não ignorava mesmo, pois Graciliano a faz utilizar da história do seu tempo presente e do seu passado

---

<sup>111</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000, p. 96. Euclides não concorda com a teoria do embranquecimento de Silvio Romero, segundo a qual dos mestiços deveriam aos poucos ser retiradas suas porções índias e negras que só o enfraquecem; prefere a teoria do insulamento daquelas gentes que trazem todo um cruzamento inferior. Sua porção branca pouco lhe vale no meio em que vive: o meio que o congelou em espiral secular e deixou-o em abandono. No entanto, “o abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados”. Aquelas gentes isoladas, no entanto, produziram organizações estereis, com versões distorcidas até do próprio catolicismo, que para o autor já estaria na contra-mão da civilização. Para SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.145: “descontadas as superstições, o autor via nelas um modelo para o perfeito consórcio entre o homem e a terra no Brasil, que o livrasse das falácias do cosmopolitismo”. Mas se as “superstições fanáticas” ou as “taras hereditárias” – termo que mais tarde alimentará um Gustavo Barroso – perseguem o sertanejo, uma “tara civilizadora” persegue os pensadores do Brasil. Se a cidade é o antro do cosmopolitismo, que produz uma nação apenas virtual, serão seus pensadores que irão salvar o “bom selvagem” do interior, pois nele encontra-se um tesouro que é por ele mesmo desconhecido, o saber. Numa análise que chega ao mesmo ponto, mas propõe um movimentação inversa entre os habitantes dos sertões nordestinos e os grandes centros, Rui Facó apontará as emigrações como um fator positivo no tocante ao contato com economias mais desenvolvidas que a do Nordeste, visto que, a partir de iniciativas próprias, daquela realidade, daquele espaço, só poderiam despontar movimentos como o do cangaço ou do messianismo, que, mesmo sendo manifestações legítimas de revolta e ameaça aos grandes latifundiários, eram ineficientes no tocante a mudanças estruturais. Daí esse autor apontar a aproximação dos “*mais distantes rincões do Nordeste aos grandes centros urbanos*” e tudo o que essa aproximação implica, como impossibilitadores do ressurgimento dos ‘Lampiões’ e ‘Conselheiros’ do passado. Aponta as ligas camponesas e associações de trabalhadores – à moda dos sindicatos dos proletários urbanos – como meios, esses sim, de promover a mudança efetiva. FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 25; 35-36; 63-65; 214-215.

sem, no entanto, fazer uso de datas e fatos –, atravessa o tempo sem saber o que ele é, se comparado a datas, calendários, relógios. Os mecanismos para se medir o tempo são as situações climáticas associadas a momentos de bonança ou privação. Assim, a seca é o tempo ruim: “*O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo.*”; o inverno o tempo bom: “*Olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se , a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover.(...)O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria.*”; e a cheia, um misto de tempo ruim com tempo bom: “*Sinhá Vitória andava amedrontada. Seria possível que a água topasse os juazeiros? Se isto acontecesse, a casa seria invadida, os moradores teriam de subir o morro, viver uns dias no morro, como preás.*”<sup>112</sup>

O tempo passa através do quadro ao fundo, sem calendários, sem “fatos históricos”, sem marcos ou fronteiras temporais; e, seja em passos cujas solas das alparcatas se encurvam sobre a esturricada e retorcida vegetação da caatinga, seja ao som da cantiga dos sapos num sertão que de repente se vê brejado, os homens apresentados são os mesmos, fazem as mesmas coisas, nada muda. Paradoxalmente – debaixo do sol ou da chuva – tudo está congelado. Existe passado, presente e futuro, mas todos pensados a partir de elementos já dispostos e perfeitamente compreensíveis, porque parece que serão sempre os mesmos:

“Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins.”<sup>113</sup>

E *Vidas Secas* é, aparentemente, esse “entregar-os-pontos” do autor, deixando poucas possibilidades de se pensar a descontinuidade a partir do

---

<sup>112</sup> VS. p. 108;15; 67; 65.

<sup>113</sup> VS. p. 23. Aqui, como em *São Bernardo*, sendo que em *Vidas Secas* à exaustão, o tempo social é utilizado pelo escritor para melhor descrever a realidade da sociedade que quer retratar. Dois motivos, acredito, devam ser levados em conta para tal aplicação: primeiro, o próprio ritmo do vida sertaneja, cujo relógio ou calendário encontram substitutos para exercer tarefa análoga; segundo, a necessidade ou estratégia de não grifar – temporalmente falando – um tema cujos problemas agregados varam os séculos. Desse modo, a denúncia permaneceria e o romance não estaria apegado ou explicitamente ligado a uma estigagem específica, como o são *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, ou *A Fome*, de Rodolfo Theophilo.

próprio sertão, do próprio sertanejo. Fabiano e Sinhá Vitória quando só cogitam e até desejam o novo, é a partir da saída dali, a partir da negação do que se é, onde se está. Rumo ao Sul, à cidade grande, estaria a única possibilidade de felicidade, de autonomia, de saber, que não pôde pertencer ao sertanejo enquanto morava no sertão: “(...)E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoa fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.”<sup>114</sup>

Mas vamos com calma. As muitas interpretações feitas por grandes críticos literários e estudiosos de várias searas apontam *Vidas Secas* como o livro mais otimista, senão o único, dos livros do autor alagoano.<sup>115</sup> É preciso, no entanto, relativizar o otimismo desses analistas diante do pessimismo graciliânico – aparentemente schopenhaueriano, visto que o mundo é percebido como movido pelo ‘uno primordial’ do sofrimento, ou seja, o mundo é mau, hostil. É preciso também relativizar o meu próprio pessimismo para que ele não seja maior que o do autor.

Se comparado a *São Bernardo*, cujo final – aliás, o fato de existir o livro que é a autobiografia de Paulo Honório já revela sua decadência –<sup>116</sup> desenha uma linha em descendente da falência social desse sertanejo que rompeu a não-tão-intransponível-assim barreira que separa os homens que têm daqueles que não têm – e esse dado importantíssimo é geralmente esquecido – *Vidas Secas* traça uma linha final em ascendente, com os retirantes rumo à mata (zona da mata, litoral, civilização, progresso, indústrias, leis trabalhistas, sindicatos), construindo mentalmente sobre o alicerce da esperança uma vida mais sólida e mais feliz. Ora, tanto *Vidas Secas* como *São Bernardo*, assim como as obras de todos os autores dos 1930 e até obras de autores pré-revolução de 1917, como Lima Barreto, todas elas serão chamadas para os debates que aquecem a esquerda brasileira desde os anos de 1940 até os 70, no tocante a qual modelo de revolução melhor se aplica para a realidade do

<sup>114</sup> VS. p.126.

<sup>115</sup> Ver em LINS, Álvaro. “Valores e Misérias das Vidas Secas”. op. cit., p.151-154; LUCAS, Fábio. “Particularidades estilísticas de *Vidas Secas*”. In SEGATTI, José Antônio e BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 110; COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. op. cit., p. 201-205; FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967, p. 207-211.

<sup>116</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 30-31.

país.<sup>117</sup> E mesmo a motivação não sendo ‘o modelo da revolução’, como acontece com algumas análises nos anos de 1980, a maioria aponta *Vidas Secas* como esse lugar da formação da consciência, do despontar de uma vida melhor, nova, mais digna... Talvez porque permita uma fresta de futuro, o final de *Vidas Secas* desperta, em nós leitores, uma compaixão, uma torcida, uma possibilidade de projetos, uma mudança.

No entanto Graciliano não vai tão longe. Averso ao realismo socialista de Zhdanov, que na década de 1940 é a orientação para os artistas membros dos Partidos Comunistas de todo o mundo, já na década de 1930 suas obras protestam contra um realismo idealizado – não ideologizado, claro.<sup>118</sup> E a partir dessa fidelidade ao realismo, Graciliano não se sente capaz de traçar um futuro para suas personagens. Se nas últimas linhas de *Vidas Secas* ele afirma que o sertão continuará a mandar gente para o sul, é porque essa é uma realidade que ele verifica desde muito. Mas só consegue *registrar* a esperança real que habita os olhos de quem parte, sem lhes traçar caminhos, apontar possibilidades. Porém, neutro ele não é: o quadro daquela realidade da fuga – ou da mudança – não pode ser esquecido. Graciliano não enxota a esperança, mas não se agarra a ela. Eis uma diferença marcante entre *Vidas Secas* e *O Quinze*. Descontadas todas as aproximações positivas – representadas na figura de Conceição – que a família do sertanejo Chico Bento encontrou na

---

<sup>117</sup> Por exemplo: “Naturalmente, a longo prazo, esta integração no capitalismo seria a fonte de novos problemas, que Fabiano ainda não pode perceber. Contudo, dentro do universo do romance, isto é, em face do valor buscado – a vida, pura e simplesmente –, esta perspectiva representa uma possibilidade concreta de superação dos problemas essenciais que são aí aflorados (ainda que os substitua por outros), já que pode criar as condições que permitam a Fabiano e aos seus descendentes manterem uma vida minimamente digna. Deve-se frisar que esta perspectiva não é justa apenas do ponto de vista da estrutura formal de *Vidas Secas*, da coerência interna da obra; ela representa o próprio movimento essencial da realidade brasileira, na medida em que o desenvolvimento capitalista pode – o que não significa necessariamente que o fará – elevar o nível de vida dos trabalhadores rurais, levando-os a uma condição mínima de dignidade de que eles hoje não desfrutam. A forma, em Graciliano, é uma maneira justa de representar artisticamente o movimento e a estrutura da realidade.” COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil*. op. cit., p. 201. A crítica marxista de Nelson Coutinho coaduna-se com a teoria estruturalista da análise literária, que procura encontrar uma “homologia” entre a estrutura da obra e a estrutura da realidade, ou seja, nela, o ‘ponto de fuga’ é o fator econômico. Junte-se a isso a militância intelectual da época (1965) e teremos na obra um otimismo “abraçado” por ideais revolucionários também datados. MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 07-12.

<sup>118</sup> A discussão em torno do Realismo Socialista(Zhdanov) X Realismo Crítico(Graciliano Ramos) será melhor apresentada no 3º capítulo deste trabalho, mais especificamente no tópico “Sopa de Letras”, no qual, a questão do discurso literário e suas filiações será olhada mais de perto.

cidade grande, o desfecho de *O Quinze* traz ainda elementos que flagram um otimismo sem timidez por parte da autora:

“Subitamente, Conceição teve uma idéia:

– Porque vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda parte, clima sadio... Podem até enriquecer...

– O vaqueiro levantou os olhos, e concordou, pausadamente:

– É... Pode ser... Boto tudo nas suas mãos, minha comadre.

(...)

Um dia ou dois, e nunca mais veria aquela gente que vivia e formigava ao seu redor, chocalhando os ossos descobertos, arrastando em exclamações a voz lamentosa.

(...)

Chico Bento fitava o navio, escuro e enorme, com sua bandeira verde de bom agouro, tremulando ao vento do Nordeste, o eterno sopro da seca.

(...)

Lá de cima, a moça os ficou vendo ir, novamente agarrados, sempre fitando o mar, com os mesmos olhos de ansiedade e de assombro.

Iam para o desconhecido, para um barracão de emigrantes, para uma escravidão de colonos...

Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas do Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno...”<sup>119</sup>

Chico Bento tem na ajuda de Conceição um condutor dos seus sonhos e a cidade acabou por ser o lugar que lhe promoveu a fuga. Em *Vidas Secas*, toda a cidade, tudo o que ela representa lembra para a família de agregados o não-lugar, o lugar do outro, uma prisão que parece pior que a da fazenda. Para eles, é de lá que vem a exploração mais cruel. Na fuga de Fabiano e sinhá Vitória e os dois meninos, o homem, os outros não têm lugar nas suas elucubrações. Estão sozinhos e vão sozinhos.

E mesmo quando Rachel de Queiroz denuncia “*um barracão de emigrantes*”, “*uma escravidão de colonos*”, a condução da narrativa sugere um otimismo que se irmana com o da própria Conceição: a bandeira verde do navio em contraste com o sopro eterno da seca e a certeza da existência de uma terra onde sempre há farinha e inverno são atenuantes de uma situação que pode ser tão difícil quanto fora a retirada e a vida nos campos de concentração do Ceará.

<sup>119</sup> QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 107-114.

Graciliano não nutre os sonhos, e o futuro, à revelia, depende de detalhes tão simples e tão reais que só no pensamento daqueles viajantes é que pode ser registrado. E apesar de o homem ser o personagem central desse romance, o primeiro obstáculo a ser transposto é encontrar água. Diante da incerteza do que será o futuro, tão distante, tão variável, tão associado a alguma coisa verde – um sítio – a primeira incerteza é quanto a existência de um bebedouro à frente: um futuro imediato, uma promessa que necessitava de tanta fantasia para sustentá-la quanto o sucesso num mundo desconhecido. A caminhada dá uma trégua, os retirantes param e comem carne seca.

“Instintivamente procurou no descampado indício de fonte. Um friozinho agudo arrepiou-o. Mostrou os dentes sujos num riso infantil. Como podia ter frio com semelhante calor? Ficou um instante assim besta, olhando os filhos, a mulher e a bagagem pesada. O menino mais velho esbrugava um osso com apetite. Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia [que já estava morta], outro arrepio correu-lhe a espinha, o riso besta esmoreceu.

Se achasse água ali por perto, beberiam muito, sairiam cheios, arrastando os pés. Fabiano comunicou isto a Sinhá Vitória e indicou uma depressão do terreno. Era um bebedouro, não era? Sinhá Vitória estirou o beço, indecisa, e Fabiano afirmou o que havia perguntado. Então ele não conhecia aquelas paragens? Estava a falar variedades? Se a mulher tivesse concordado, Fabiano arrefeceria, pois lhe faltava convicção; como sinhá Vitória tinha dúvidas, Fabiano exaltava-se, procurava incutir-lhe coragem. Inventava o bebedouro, descrevia-o mentia sem saber que estava mentindo. E sinhá Vitória excitava-se, transmitia-lhe esperanças. (...)

Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinhá Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam sossegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se.

(...)

Chegariam lá antes da noite, beberiam, descansariam, continuariam a viagem com o luar. Tudo isso era duvidoso, mas adquiria consistência. E a conversa recomeçou, enquanto o sol descambava.”<sup>120</sup>

Como não levar em conta que a cidade pode nunca chegar, se o futuro para eles dois e os meninos dependia primeiramente de um bebedouro, que poderia ser tão fantasioso quanto os projetos para a vida na cidade? E tudo pode voltar ao começo, agora sem o papagaio e sem Baleia. No meio do caminho uma outra fazenda pode abrigar restos de gente esfomeada e sedenta, e um outro patrão que mora numa outra cidade pode permitir-lhes ali

<sup>120</sup> VS. p.123-125.

ficar e de tudo que o vaqueiro conseguir ressuscitar, três quartos será dele, com o direito que o patrão tem na “quarteada”. Especulação pouco feita nas décadas anteriores (60-70-80), por conta de uma orientação teórica rígida, essa possibilidade aqui exposta não é nada mais do que um dos caminhos a ser seguido a partir da própria estratégia narrativa do autor, dos seus depoimentos em cartas e reportagens que muitas das vezes o descolam de sua convicção e filiação políticas e do pessimismo que lhe é inerente.<sup>121</sup> Sua estratégia narrativa é a da circularidade, ou da rosácea, como define Antonio Candido:

“Benjamim Crémieux falou de romance em rosácea a propósito do *Temps Perdu*. Parece-me que *Vidas Secas* pode, noutro sentido e com maior propriedade, classificar-se de igual modo, contanto que imaginemos uma rosácea simples e nítida em que as cenas se disponham com ordenada simplicidade. Políptico ou rosácea – qualquer coisa de nítido e primitivo, cuja cena final venha encontrar a do princípio: Fabiano, retirando pela caatinga, abandona a fazenda que animou por algum tempo.”<sup>122</sup>

Com essa narrativa voltando para o começo, a qual em *São Bernardo* se opera pela rememoração movida pelo arrependimento e a ruína e o desejo do retorno para construir um novo presente e em *Angústia* está na própria condução da leitura que obriga o leitor a reler os dois primeiros capítulos para tentar encontrar o real começo da trama, em *Vidas Secas*, a partir do exercício feito nos dois romances anteriores, há o apuramento dessa aparente brincadeira com o tempo que, na verdade, é o olhar preocupado de um homem que vê, mesmo com algumas alterações, as coisas se repetirem, girarem sobre seu próprio eixo e voltarem para o mesmo lugar. Daí o autor não citar uma única data sequer, e nem o nome de alguma localidade, talvez para não direcionar a

<sup>121</sup> A possibilidade de se tornar um operário da construção civil ou funcionário de uma fábrica, ou lixeiro, profissões que rendam ao retirante um aprendizado político junto a um sindicato, enfim, um ambiente que, diante de uma exploração que pode não somente ser sentida, como era no mato, mas refletida e conscientizada numa convivência operária que promova um movimento contrário, como quer Carlos Nelson Coutinho, um ambiente que acabe, a médio ou longo prazo, por promover a revolução. Mas outras possibilidades do destino de Fabiano devem ser levadas em conta: “*de retirante a favelado; de favelado a subempregado (ou desempregado), miserável ou criminoso*” ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 369. O escritor não se dá o direito de definir algo tão indefinível. Aliás, o futuro de Fabiano e sua família pode ser facilmente prognosticado negativamente. Ao deixar solto esse destino nas últimas páginas do livro, *Graciliano*, de fato, está sendo o mais otimista possível dentro da sua convicção crítico-realista, não deixando que o pensamento teórico-político do qual se aproxima não guie sua narrativa até as últimas vias.

<sup>122</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 46.

leitura para uma seca em específico. Não é por acaso que os nomes do primeiro e último capítulos (*Mudança e Fuga*, respectivamente) podem simplesmente ser trocados sem em nada lhes alterar a harmonia: *muda-se* para *fugir* de uma situação; *foge-se* para promover uma *mudança*:

“Vidas Secas começa por uma fuga e acaba com outra. Decorre entre duas situações idênticas, de tal modo que o fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo. Como os animais atrelados ao moinho, Fabiano voltará sempre sobre os passos, sufocado pelo meio.”<sup>123</sup>

Nessa leitura, um tanto excessivamente apoiada n’*Os Sertões*, Antonio Candido nos mostra, contudo, uma figura que o próprio Graciliano já havia mostrado no pensamento de Fabiano. Uma imagem cristalina que dispensa argumentos para defendê-la: “*Seu Tomás fugira também, com a seca, a bolandeira estava parada. E ele, Fabiano, era como a bolandeira. Não sabia por quê, mas era.*”<sup>124</sup> Fabiano girava a roda que o girava. É o tempo, é a história compreendida sem datas, fazendo e sendo feitas por homens. E Graciliano mais uma vez descortina a rigidez das categorias temporais, embaralhando presente, futuro e passado numa pequena e última passagem: “*E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.*”<sup>125</sup> Os sertanejos fortes de Euclides, no presente, mirando o futuro.

---

<sup>123</sup> Id. *Ibidem*. p. 48.

<sup>124</sup> VS. p.15.

<sup>125</sup> VS. p.126.



## Capítulo 2

### Todas as Fomes do Homem

Segundo Josué de Castro, “nenhum povo do mundo, à exceção do chinês, se mostra tão enraizado a uma terra que periodicamente se mostre tão ingrata, como o sertanejo ao Nordeste”; para Gilberto Freyre, “a região natural se sobrepôs região social”; para Euclides da Cunha, o que explica a volta do sertanejo depois do flagelo da seca é sua incapacidade “orgânica para se afeiçoar a situação mais alta”.<sup>126</sup>

Todas essas visões sobre a região Nordeste, caracterizada desde o século XIX como a parte do Norte do Brasil sujeita a estiagens, encontram na literatura de ficção um lugar ideal para explorar diversos temas – verdadeiros planetas – que orbitam em torno da seca – um inclemente sol.

Porém, Graciliano Ramos indica, a partir do conjunto de sua obra e mais especificamente *Vidas Secas*, que a seca é geral, afinal, “*tudo era seco*”: o padrão, as pessoas da cidade, a terra, as vidas. Para ele, inverno e verão não eram mais do que cenários que contribuía para a trama da vida, mas não poderiam ser a própria trama. Se críticos consagrados como Antonio Candido apontam para essa direção, a da quase determinação do meio, a historiografia vem defendendo que o problema da região é sua própria genealogia, na qual traz na certidão de nascimento a *filiação* do pai “Amparo-Imediatismo-da-Fome” e da mãe “Estiagem-Miséria-dos-Povos”. As *testemunhas*: décadas de letras oficiais ou não, imagens de várias mídias, ações governamentais e marginais, saques, siglas cujo sufixo teimam em findar com OCS (obras contra as secas), siglas de partidos, coronéis, capitalistas de todas as formas, fomes de todos os tipos, homens de todas as fomes.<sup>127</sup>

<sup>126</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1963 p. 313; FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: IJNPS, 1976, p.56; CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000, p. 117.

<sup>127</sup> As referências em relação ao tema da construção da região ocupariam várias folhas. Portanto, algumas das principais, olhadas mais detidamente merecem ser apresentadas. Sobre a trajetória do órgão oficial responsável pelos socorros e manutenção do caos em momentos de seca temos: BATISTA NETO, José. *Como Uma Luneta Invertida: intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico da IOCS/IFOCs – 1909/1934*. Dissertação de Mestrado – UFPE, 1986. (mimeo). Sobre a complexidade das relações sociais no sertão cearense do século XIX – obviamente limites de terra com que a escrita graciliânica não se ocupou, mas torrão que não negou Fabianos nem Honórios acima de Juazeiro do Norte e abaixo de Fortaleza – através do olhar dos literatos

Os retratos que o observador alagoano faz de Fabiano e Paulo Honório trazem no primeiro uma explícita alusão ao clima e à terra: “a caatinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos”,<sup>128</sup> deixando transbordar aquilo que Antônio Cândido chamaria de “romance telúrico”, no qual há um entroncamento entre “decorrência da paisagem” e “geografia humana” ;<sup>129</sup> no segundo, essa indicação da relação com a terra se dá por outras vias, sem, no entanto, destoar da opinião que tenho sobre Paulo Honório ser também um sertanejo, algo muitas vezes esquecido. A terra com seu clima, que no caso de Fabiano pode se mostrar oponente ou aliada inexorável – como nas sociedades antigas<sup>130</sup> – tem, no caso de Paulo Honório, um papel que poderia ser chamado de secundário. Na saga do protagonista, que é a saga da “construção de um burguês”, como quer Carlos Nelson Coutinho,<sup>131</sup> a terra com suas variações climáticas é reduzida à propriedade a ser conquistada e mantida, esquadrinhada e trabalhada, defendida e deflorada, passando paradoxalmente de célula-matriz, de onde se

---

cearenses, temos: BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum. O Sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza-CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2000. Sobre as visibilidades e dizibilidades do Nordeste ver: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. São Paulo: UNICAMP, 1988. Dissertação de Mestrado; ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. “As Malvezas da Identidade”. In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996; ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. E sobre o papel da seca na manutenção do poder oficial, bem como as manifestações populares como saques, ver: NEVES, Frederico de Castro. “Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas”. In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 21, nº 40, 2001; NEVES, Frederico de Castro. “Imagens do Nordeste”. In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996; NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

<sup>128</sup> VS. p. 09-10.

<sup>129</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 47.

<sup>130</sup> LÉVY, Ann-Déborah. “Istar”. In BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 505-510. A deusa babilônica Istar é a figura da Terra-Mãe que acolhe, alimenta, mas também castiga seus filhos. Também associada à paixão, suas aventuras amorosas com outros deuses ou maldições sofridas, fazem-na mudar de atitude com relação ao clima, atingindo, sobretudo, a vegetação.

<sup>131</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 175. Esta mesma relação com a propriedade enxergada a partir do incremento do capitalista rural no sertão nordestino aparece em CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., 29-30 e em LAFETÁ, João Luiz. “O Mundo à Revelia”. In Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 195-200.

ramifica o homem, para extensão desse homem que descobriu seus segredos e, desde então, só age sobre ela de modo violento. Violência em vários sentidos: arrancar da terra e dos homens que ainda são ramificações da mesma seus tesouros – da primeira, nutrientes e água para alimentar sementes e bichos conduzidos pela mão do homem; dos homens, sugar-lhes o suor, nutriente indispensável para irrigar e ver crescer a fortuna frondosa de outro homem, que ultrapassa, em muito, a explícita esfera do enriquecimento, pois se trata mais de uma condição de poder a ser vivida e mantida.<sup>132</sup>

Daí se tem, a partir desses dois homens, diferentes visões de mundo, diferentes vazões de desejos, diferentes maneiras de pisar o chão... Mas eles estão próximos como irmãos diferentes. Não são estranhos um ao outro. Comem no mesmo prato, um de cada lado. Brigam pelo mesmo prato. Se o sertão é “incomum”, o sertanejo graciliânico é uma teia e não uma linha. E o sertão para esses homens também não é um só: dele são retirados inúmeros significados. Se muda o sertão, muda o olhar do homem; e se muda o desejo que conduz a ação do homem, muda o sertão.

Fabiano chega a odiar o sertão e tudo o que aquele sertão representa: as aves de arribação, o patrão que o depenara nas contas, o bebedouro que secava e aos poucos mataria o gado, o soldado amarelo que o humilhara, as gentes da cidadezinha:

“Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do

---

<sup>132</sup> O princípio da modernidade – conceito teórico-científico que encontra parceria no capitalismo em desenvolvimento, a partir do século XVI – consiste tal princípio na dominação dos caprichos da natureza para o bem-estar e progresso do detentor de uma força racional: o homem. Quando Francis Bacon (1561-1626) desenvolve, a partir de 1603 a *Magna Instauration* – Grande Reconstrução – visa a uma reviravolta no pensamento ocidental ao adotar a *prática* e não a *teoria* como condutora da nova filosofia: “*não é uma opinião a ser adotada... mas sim um trabalho a ser feito; e eu (...) estou trabalhando para lançar as fundações não de qualquer seita ou doutrina, mas da utilidade e do poder*”. BACON, Francis apud DURANT, Will. *História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 129. Não por acaso, temos no campo do pensamento político herdeiros diretos de Bacon se debruçando sobre o problema da condução do Estado em relação à propriedade privada: Thomas Hobbes (1588-1679) e John Locke (1632-1704) que, mesmo utilizando lentes diferentes – *absolutismo sem teologia* e *liberalismo*, respectivamente – olham para uma mesma direção: a manutenção do poder nas mãos da elite. Daí, em seus tratados filosóficos sempre haver muitas linhas dedicadas ao merecimento, à vocação e à legitimação da posição a qual chegou a elite. Aqui no Brasil, desde o Império, uma mescla dessas duas vertentes resultou numa República democrática personalizada que aliou vícios de um liberalismo exacerbado com práticas despóticas. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 179-180.

soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo.”<sup>133</sup>

Essa passagem é do capítulo “O Mundo Coberto de Penas”, no qual a chegada de mais uma estiagem é anunciada pela presença de aves de arribação. Fabiano assusta-se com os bichos e vê que a retirada é inevitável. Não ficaria nada vivo. Os pensamentos que surgem, uns empurrando os outros dentro da sua cabeça, exprimem a revolta que o vaqueiro tem em relação ao seu chão que está assim. Mas esse *assim* não é só a secura do solo, é mais a segura daquela vida. No último parágrafo do capítulo, Graciliano reforça: *“Ultimamente vivia esmorecido, mofo, porque as desgraças eram muitas. (...) Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.”*<sup>134</sup> Que lugares eram esses? A fazenda? O contato com aquela cidadezinha? Aquela caatinga onde toparia com a seca que iria deixar tudo amarelo e morto? O pátio onde Baleia estava sendo comida pelos urubus? O sertão todo? Não havia sido assim também antes, antes de chegarem àquela fazenda? Graciliano não utiliza a seca como uma “personagem” de ação isolada; quando lembrada, é constantemente associada à ação dos que detêm algum poder, e isso faz engrossar o veneno da cascavel que se enrosca no seu próprio ódio, o *desejo de vingança*:

“Algum tempo antes acontecera aquela desgraça: o soldado amarelo provocara-o na feira, dera-lhe uma surra de facão e metera-o na cadeia. Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na caatinga torrada. Se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor, e o delegado. Estivera uns dias assim, murcho, pensando na seca e roendo a humilhação.”<sup>135</sup>

Essa passagem do capítulo “Inverno” reforça-se com aquela do “O Mundo Coberto de Penas” e vice-versa. Graciliano usa o caráter cíclico do clima sertanejo e da sua própria narrativa para não diferenciar tanto a condição do vaqueiro Fabiano em diferentes climas. O temor da chegada da seca que a primeira passagem aponta é acompanhada de um sentimento de revolta diante da lembrança das humilhações vividas. Durante o inverno, Fabiano também

---

<sup>133</sup> VS. p. 110-111.

<sup>134</sup> VS. p. 114-115.

<sup>135</sup> VS. p. 66-67.

lembra-se da seca, temendo sua chegada e, junto com a lembrança, a revolta e o desejo de vingança. É como se com a seca nunca viesse somente a fome, sendo retirada de Fabiano qualquer liberdade. Provavelmente a liberdade de ter um patrão próximo, protetor, como fora seu Tomás da bolandeira. Solto por conta própria, o vaqueiro não era nada. A liberdade de vaquejar, galopar de gibão pela caatinga necessitava de uma proteção, de um outro, de um alguém para justificar a corrida. O herói-vaqueiro corria pelo outro. E nesse caso, Graciliano desmonta qualquer caráter heróico dado ao vaqueiro na tradição literária nordestina desde o XIX,<sup>136</sup> rompendo com uma estrutura de sentimento que a alimentava.<sup>137</sup> O sertão pastoril é para ele como qualquer outro e o sertanejo-vaqueiro-pobre não tem melhor sorte que o sertanejo-agricultor-pobre. Fabiano não tem melhor sorte que Marciano ou qualquer outro empregado do eito da fazenda São Bernardo, propriedade basicamente agrícola.

O mesmo pode ser dito sobre a saga do fazendeiro de *São Bernardo*, pois com menor esforço, já minimamente apontado acima, a terra, o clima, o meio não são condutores isolados da ação das personagens, principalmente do sujeito-prático Paulo Honório. Lente trocada para ver outro mundo, outro Nordeste, Graciliano raramente fala do meio. Conta-nos Paulo Honório: *“Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas.”*<sup>138</sup> Mas no final do romance, tomado pela consciência do fracasso que fora sua vida, Paulo

<sup>136</sup> BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum*. op. cit. p. 115: Sobre a literatura cearense do século XIX, a autora define a construção da imagem do vaqueiro-herói pela sensação de liberdade: *“toda a construção do sertão pastoril se dá em cima de uma idéia de harmonia, da construção da liberdade como um valor ético e moral, que é enaltecido e preservado. A construção simbólica do sertão da criação do gado se faz na construção de sensibilidades em relação à natureza e às suas transfigurações quando da chegada do inverno e do verão (...); da ritualização dos costumes e das formas de pensar o trabalho e o ócio, o fruir e o usufruir da vida; e de uma aparente diluição das noções de classe.”*

<sup>137</sup> Intimamente ligadas ao que poderia ser resumido como *“visão de mundo”*, as *“estruturas de sentimento”* seriam *“a consciência prática de um tipo presente, numa continuidade viva e inter-relacionada”*. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 134-135. Portanto, tomar Graciliano por um desvio de uma estrutura de sentimento que, na literatura regional, iguala o vaqueiro à figura do herói é dizer que ele toma direção diversa de uma tradição literária dominante. Desse modo, funciona ele, em relação a essa tradição, como discurso emergente que, por outro lado, está filiado a outra estrutura de sentimento, a do pensamento socialista. Vale lembrar, por fim, que a manutenção de uma tradição literária, seja qual for sua orientação política, não se dá sem conflitos. Desse modo, o escritor alagoano não se encaixa perfeitamente nos quadros de uma literatura socialista, sendo, assim, uma variante dentro de uma tradição.

<sup>138</sup> *SB*. p. 12-13.

Honório se define como um ser agreste: “*Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste*”.<sup>139</sup> Alma agreste no agreste, vidas secas no sertão.<sup>140</sup> Graciliano, num romance visto como flagrantemente regionalista – *Vidas Secas*, como quer a maioria da crítica literária – e noutro enquadrado de psicológico – *São Bernardo*, com generosas pitadas de estética marxista – promove a inserção entre homem e meio, entre ação e desejo, sem separar as coisas. Almas secas no agreste e vidas agrestes no sertão, seco ou molhado, céu seco e azul, campos úmidos e esverdeados, caatinga estorricada e amarela, unidos no branco do papel que o artista borrou de negro. Graciliano fez do nordeste uma metonímia do Brasil e das relações entre os homens. E se o sertão é inferno, purgatório, paraíso, é tudo isso ao mesmo tempo.<sup>141</sup> São muitos os olhos que o vêem, são muitas as bocas que o dizem, muitas temporalidades e realidades e símbolos que o compõem. Aqui, reivindico uma pequena parte neste assentamento de significados: o desejo humano, que não é nada mais do que fome.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> *SB*. p. 100.

<sup>140</sup> Para Márcio Lacerda de Melo, em estudo feito para a SUDENE, o agreste é uma área de “*caráter climático intermediário, entre as tropicais úmidas da estreita faixa oriental atlântica e as tropicais semi-áridas dos mais amplos espaços sertanejos, que se estendem para os lados do poente*.” MELO, Márcio Lacerda de. *Os Agrestes: estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso de recursos*. Recife: SUDENE, 1980, p. 32. Por não se tratar de um trabalho de geografia e pelo fato de o estado de Alagoas não ser homogêneo nem trazer um mesmo clima perene, chamo às vezes sertão, às vezes agreste, o que é no fundo espaço rural. É essa a espacialidade que me interessa, com ou sem chuva, com ou sem seca.

<sup>141</sup> CRISTÓVÃO, Fernando. “A Transfiguração da Realidade Sertaneja e a sua Passagem a Mito”. In *REVISTA USP – Dossiê Canudos*. São Paulo: Edusp. Nº 20, dez.-jan.-fev./1993-1994, p. 43-53. Nesse artigo, Fernando Cristóvão analisa a produção literária através da construção de imagens mitológicas que associam o sertão ao inferno, ao purgatório e ao paraíso. Logo no início, ele aponta que o tema sertão na literatura brasileira nasce de três vetores: “*o das descrições da terra brasílica versus terra lusitana, o do mundo rural versus mundo urbano, e o tempo passado versus tempo presente*.” De certo modo, o sertão da obra graciliânica abrange esses três vetores, sobretudo os dois últimos, mas nesse trabalho eles não nos serão os guias imediatos da análise. Pegam-nos pela mão as construções feitas sobre os homens que habitam essas plagas. Mas trabalhos como o de Cristóvão enriquecem o nosso olhar, dão mais robustez ao historiador que, franzino, também sente dificuldades em aplacar suas fomes.

<sup>142</sup> Explorando a origem da palavra desejo, Marilena Chaui diz que ela deriva do verbo *desidero*, que deriva do substantivo *sidus*, mais usado no plural, *sidera*: constelação. Daí o desejo estar associado, primeiramente, a uma teologia astral ou astrologia, o que indicaria uma influência dos astros no destino daquele que olha o céu. De *sidera*, derivam ainda *considerare* – examinar com cuidado – e *desiderare* – cessar de olhar. Desse modo, *desiderare* gera *desiderium*, que é a decisão de “*tomar nosso destino em nossas próprias mãos, e o desejo chama-se, então, vontade consciente nascida da deliberação*”. “Deixando

Junte-se a isso a importância que o jogo dos nomes do tempo ocupa na vida de todos os homens e tomo um desses nomes para ser guia das próximas páginas: o futuro. Pois quero falar de desejos, quererem que, se satisfazem o presente, este olha para traz sorrindo e mirando um passado que um dia foi sonhado como futuro. E se a satisfação não se encontra no presente, este é sempre um vazio lutando por preenchimento; não olha para traz porque, movido pelo desejo faminto, tal presente é uma espécie de passado andando. Lembrem-se de nossa barriga com fome. O projeto de uma futura refeição é um momento de esperança e prazer. A fome que aumenta ignora que tempos atrás a sensação estava travestida de projeto. A cada presente, a barriga dói e coadunam-se desejo e desespero. O presente que não se transforma no futuro projetado pelo passado que sente fome é uma barriga que grita muito e traz nos seus uivos acordes de dor.

Mas não é tão simples assim esse encontro do tempo com o desejo. Segundo Norbert Elias, o grau de civilização que a humanidade atingiu reelaborou – num processo que não pode ser visto como uniforme – a relação entre as necessidades primárias ou imediatas: comer, beber, dormir – cujo projeto de futuro deve ter uma curta espera e sua negação ou fracasso virem acompanhados de veloz agonia – e as projeções mais elaboradas para um futuro não-necessariamente imediato. Nesse último caso, a autodisciplina e uma porção de sacrifício, que muitas vezes pede a negação de algumas necessidades imediatas como o descanso ou o lazer, autodisciplina e

---

*de ver os astros, porém, desiderium significa uma perda, privação do saber sobre o destino, queda na roda da fortuna incerta". Assim, 'desejo' pode ser, ao mesmo tempo, decisão e carência. Em português essa "oscilação dos significados aparece na diferença sutil de duas palavras: desejante e desejoso." CHAUI, Marilena. "Laços do Desejo". In NOVAES, Adauto (org.). *O Desejo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 22-23. Trazendo mais para junto dessa dissertação, arisco afirmar – deliberando, sob um destino incerto – que na tríade formada por Graciliano Ramos e suas personagens Paulo Honório e Fabiano, os dois primeiros são desejantes (partícula 'ante': designa agência) e desejosos (partícula 'oso': designa abundância), enquanto que o terceiro, se não é apenas desejoso, traz uma urgência imediata de desejos primários maior que a dos outros. No entanto, a imagem construída do sertanejo que vive em condição subumana serve, não só como denúncia da miséria, mas também como mostragem da porção desejante que, se tolhida no encontro doloroso com outra mais forte, torna-se parte de um processo violento. É esse processo violento que move toda a escrita graciliânica, que tem, ao meu ver, em *São Bernardo e Vidas Secas*, seus pilares temáticos.*

abnegação são facilmente verificadas.<sup>143</sup> Desse modo, toda a ação humana tem na satisfação do desejo – imediato ou projetado – sua razão, seu sentido.

E sendo o mundo uma estrutura imperfeita, o sertão nordestino alimenta essa imperfeição com perfeita competência. Além de ser inferno, purgatório e paraíso, é ele também um *emaranhado* de temporalidades e desejos por serem mortos e ressuscitados e mortos. Daí, ser um *molho* de diferentes homens, um para cada porta. E atrás de cada porta, além do caminho que leva ao túmulo do desejo, geralmente outro caminho o atravessa, e nesse caminho outro homem com outro desejo. O nome disso? *História*.

## **2.1. Você tem fome de quê, ...Graciliano?**

*Deseja a morte do capitalismo*

“Auto Retrato aos 56 Anos” - **Graciliano Ramos**

Graciliano Ramos quer a melhora do homem, do mundo. Enquanto *chave*, ele escolheu abrir a porta que dá no caminho tortuoso da literatura, a qual Graciliano quer como arma na elaboração do assassinio do capitalismo –

---

<sup>143</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.115-119. “*O que se modifica de facto, ao longo de um processo de civilização, não é simplesmente a qualidade dos indivíduos, mas a estrutura de sua personalidade. Trata-se, para nos limitarmos a dois desses aspectos, de um equilíbrio entre, de um lado, as pulsões naturais, elementares, que habitam uma pessoa, e de outro, os modos de controle e regulação dessas pulsões que lhe foram ensinados. (...) Mas o tipo de coerção, o conjunto da matriz social que imprime sua marca nas normas que regem a sensibilidade e o comportamento individuais, pode diferir muito, em função dos diversos estágios de desenvolvimento da sociedade.*” E conclui: “... a auto-regulação ‘temporal’ com que deparamos em quase todas as sociedades avançadas não é um dado biológico, ligado à natureza humana, nem tampouco um dado metafísico, ligado a algum a priori imaginário, porém um dado social, um aspecto da evolução social da estrutura de personalidade, que, como tal, torna-se parte integrante da individualidade de cada um.” Se tomarmos a terminologia de Elias, teremos no mesmo sertão nordestino uma variedade de “*graus de civilização*”. As realidades de sertanejos como Fabiano e Paulo Honório, diferentes a partir de um ramo, de um rumo seguido desde muito – no caso do primeiro – ou alterado por uma determinada conjuntura ou sucessão de fatos – no caso do segundo, por exemplo, quando da sua prisão, da qual extraiu a leitura e o tino para os negócios – tais realidades se verificam pela diferença no tratar o tempo e o outro. Assim, esse sertão oferece ao escritor elementos para a construção de um estudo sobre suas gentes e suas ações. Esse estudo oferece, por sua vez, ao historiador elementos para verificar a construção do sentido de sertão dado pela literatura do escritor. Atravessam esses múltiplos olhares o tempo social, o desejo, a ação, e o saber dos homens – pilares temáticos desta narrativa em construção.



e preferência, com *requintes de crueldade*, visto que embutido nos motivos há o ódio à burguesia. Vide auto-retrato:

**Auto-retrato aos 56 anos**<sup>144</sup>

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas  
 Casado duas vezes, tem sete filhos  
 Altura 1,75.  
 Sapato nº 41.  
 Colarinho nº 39  
 Prefere não andar  
 Não gosta de vizinhos  
 Detesta rádio, telefone e campainhas  
 Tem horror às pessoas que falam alto  
 Usa óculos. Meio calvo  
 Não tem preferências por nenhuma comida  
 Não gosta de frutas nem de doces  
 Indiferente à música  
 Sua leitura predileta: a Bíblia  
 Escreveu “Caetés” com 34 anos de idade  
 Não dá preferência a nenhum de seus livros publicados  
 Gosta de beber aguardente  
 É ateu. Indiferente à Academia  
 Odeia a burguesia. Adora crianças  
 Romancistas brasileiros que mais lhe agradam:  
 Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis,  
 Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz  
 Gosta de palavrões escritos e falados  
 Deseja a morte do capitalismo  
 Escreveu seus livros pela manhã  
 Fuma cigarros “Selma” (três maços por dia)  
 É inspetor de ensino, trabalha no “Correio da Manhã”  
 Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo  
 Só tem cinco ternos de roupa, estragados  
 Refaz seus romances várias vezes  
 Esteve preso duas vezes  
 É-lhe indiferente estar preso ou solto  
 Escreve à mão  
 Seus maiores amigos: Capitão Lobo\*, Cubano\*\*  
 José Lins do Rego e José Olympio  
 Tem poucas dívidas

<sup>144</sup> O “Auto-Retrato aos 56 Anos” é publicado pela primeira vez em “Letras e Artes” – suplemento de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 01/08/1948. Fatalmente, partes desta citação ainda serão recrutadas neste e em outros tópicos, mas preferi registrá-la por inteiro nesse momento, para dar noção do todo. Aliás, é bom esclarecer, citações igualmente longas ainda aparecerão, como já surgiram no 1º cap. Elas são necessárias para que a voz do sujeito social apareça não só através da minha. Num trabalho que enveredasse pela metodologia da História Oral, essas explicações seriam supérfluas, mas aqui, acredito serem úteis e esclarecedoras.

\* Capitão Lobo – oficial comandante do quartel em que Graciliano Ramos esteve preso, em Recife, em 1936: “*A linguagem clara, modos francos, às vezes estabanados, a exceder os limites da polidez comum, diziam-me que ali se achava um homem digno.*” MC. v. 1, p. 74.

\*\* Cubano – ladrão que o escritor conheceu na prisão: “*Achei (...) que me ia tornar amigo daquele negro vagabundo, e não me iludi: a amizade até hoje resistiu. Era uma criatura esquisita, empenhada constantemente em nos prestar algum serviço, obrigando-nos às vezes a aceitá-lo a força. Nunca vi ninguém assim.*” MC. v. 2, p. 103.

Quando prefeito de uma cidade do interior,  
soltava os presos para construírem estradas  
Espera morrer com 57 anos.

O caminho da literatura, no entanto, é para Graciliano quase sempre doloroso e traz poucos resultados: um misto de vaidade e vício, necessidade pessoal e dívida para com o dom, além de a comunidade literária girar em torno de si mesma, promovendo segregações internas:

“Somos uns animais diferentes dos outros, provavelmente inferiores aos outros, duma sensibilidade excessiva, duma vaidade imensa que nos afasta dos que não são doentes como nós. Mesmo os que são doentes, os degenerados que escrevem história fiada, nem sempre nos inspiram simpatia: é necessário que a doença que nos ataca atinja outros com igual intensidade para que vejamos nele um irmão e lhe mostremos as nossas chagas, isto é, os nossos manuscritos, as nossas misérias, que publicamos cauterizadas, alteradas em conformidade com a técnica.”<sup>145</sup>

Não à toa o escritor sempre ignorou a Academia Brasileira de Letras e, reconhecemos, com esses pensamentos ignoraria qualquer uma, inclusive a nossa.

Graciliano também reconhece seus limites, ou mais, os limites da sua arma. Em *Memórias do Cárcere* denuncia-se, enquanto literato, como inútil e inerte. Desta vez não é sobre uma obra sua que derrama fel, é sim, sobre sua própria condição de escritor engajado que encontra pelo caminho um caminho de outro mais forte:

“Se todos os sujeitos perseguidos fizessem como eu, não teria havido uma só revolução no mundo. Revolucionário chinfrim. Desculpava-me a idéia de não pertencer a nenhuma organização, de ser inteiramente incapaz de realizar tarefas práticas. Impossível trabalhar em conjunto. As minhas armas, fracas e de papel, só podiam ser manejadas no isolamento. No íntimo havia talvez o incerto desejo de provocar a nova justiça inquisitorial, perturbar acusadores, exhibir em tudo aquilo embustes e patifarias. Essa vaidade tola devia basear-se na suposição de que enxergariam em mim um indivíduo, com certo número de direitos.”<sup>146</sup>

O trecho acima refere-se ao episódio da sua prisão, em Alagoas, março de 1936. O escritor que passaria a ser perseguido e preso é um dos muitos personagens que compõem o plano *getuliano* de continuar à frente do

<sup>145</sup> Ct. p. 147. “Carta 77 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 03 abr. 1935”. Veremos mais sobre Graciliano e a literatura em 3.1 – *Sopa de Letras*, ainda neste trabalho.

<sup>146</sup> MC. v. 1, p. 51-52.

Catete. Sem saber realmente por que fora preso – havia a acusação de ligação com a ANL e o levante comunista de 1935, acusação que nunca se formalizou, ficando o escritor detido por quase dez meses e saindo da cadeia sem uma acusação ou processo formalizados – Graciliano é retirado da sua função de Diretor da Instrução Pública, posto que assumira em 1933, no governo das Alagoas, que estava sob a interventoria do capitão Afonso de Carvalho.<sup>147</sup> No Rio de Janeiro, após a prisão, ele residiria até a morte, jamais voltando a Alagoas – torrão pelo qual nutriu estranhos sentimentos agrestes. Esse “ódio” que Graciliano sente por sua terra é sempre associado à mágoa por sua prisão e também a um sentimento de vergonha: *“Hoje eu só iria a Alagoas se pudesse oferecer a isso um terremoto que acabasse tudo”*<sup>148</sup> – como se esse episódio fosse uma seca datada que o obrigara arribar para sempre. Mas, de um certo modo, como afirma Carlos Alberto dos Santos Abel, *“as raízes eram mais profundas”*, a seca era crônica, pois arribara antes, em 1914, para o Rio, onde trabalhara como copidesque (revisor da edição) – à época chamado de *foca* –, profissão que voltaria a exercer após a prisão e que o acompanharia até a morte. Nesse tempo, o teor das cartas que manda para a

<sup>147</sup> Todo o período que vai de 1935 a 1937, quando é dado o golpe estadonovista, é marcado por um jogo de auto-preservação e ascensão de Getúlio Vargas como o único capaz de controlar um país que se dizia entregue a radicalismos. Nesse jogo, o Catete ora reprimia a Ação Integralista Brasileira (AIB), ora a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em 1935, é proposta e aprovada pelo Congresso a Lei de Segurança Nacional, que definia os crimes contra a ordem pública, tais como: greve de funcionários públicos, animosidades nas classes armadas, a incitação de ódio entre as classes sociais, organização de partidos ou associações que viessem a subverter a ordem política ou social (essas três últimas francamente dirigidas aos comunistas). Com o levante comunista de 1935, todo o ano de 1936 é marcado por uma onda de combate ao comunismo, com a criação de uma Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo e um tribunal de exceção – Tribunal de Segurança Nacional. Foram esses órgãos oficiais – que atravessaram todo o Estado novo – os responsáveis pela prisão de políticos dentro do Congresso Nacional, de intelectuais e militares por todo o Brasil, incluindo Graciliano Ramos. BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República – de 1930 a 1960*. 4ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975-76, p. 66-101. FAUSTO, Boris. *História Concisa da República*. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial-SP, 2002, p. 189-200. SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Trad.: Ismênia Tunes Dantas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 32-54.

<sup>148</sup> Ct. p. 198. “Carta 101 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 11 abr. 1937”. Uma certa vontade de destruir Alagoas, riscá-lo do mapa, também pode ser observada, sem esforço, no debate travado com sergipano Joel Silveira, na José Olympio, sobre a necessidade de o Brasil possuir um golfo. Num dado momento Graciliano sentencia: *“O Brasil tem que providenciar um golfo, ter um golfo, o que não é difícil. Veja o caso de nossas terras, Alagoas e Sergipe. Para que servem Alagoas e Sergipe? Para nada. Então, por que não se cavar Sergipe e Alagoas, substituindo os dois estados chinfrins por um belo e extenso golfo?”* LIMA, Mário Hélio Gomes de Lima (org.) *Graciliano Ramos: Relatórios*. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação Cultural da Cidade de Recife, 1994, p. 15-16.

mãe quando o assunto é a sua terra não difere das que escreveria à esposa mais de vinte anos depois: *"Têm-me dito que a colônia alagoana aqui é a pior de todas. E eu creio que é mesmo"*.<sup>149</sup> Quando, a partir de 1937, Graciliano se vê em dúvida sobre trazer a família para morar com ele na pensão do Rio ou voltar a Palmeira dos Índios, a resposta define a impossibilidade de unir 'estar em Alagoas' e 'ser escritor':

"... Mas a resolução de nos juntarmos agora desorienta-me. Não há recursos para vivermos aqui. Mas você tem razão, e proponho-lhe o seguinte. Posso abandonar tudo isso e voltar para Alagoas. Será um desastre completo e chegarei aí morto de vergonha. Mas se você achar conveniente, irei dentro duma semana. Abandonarei todos estes sonhos, sairei daqui sem me despedir de ninguém, passarei em Maceió algumas horas, escondido, e seguiremos todos para o sertão onde criaremos raízes, não falaremos em literatura nem consentiremos que os meninos peguem em livros. Irei sem nenhum desgosto, sinha Ló, será a repetição do que eu fiz uma vez, embora hoje as condições sejam outras."<sup>150</sup>

Nessa quase chantagem, Graciliano revela não poder ser o que é em Alagoas. Teria de, enquanto escritor, regredir, se *fabianizar*. Não à toa chama Heloísa Ramos de sinha Ló: a carta é de 07 de maio, e três dias antes havia escrito o primeiro capítulo-conto – *Baleia*, no qual já aparece a figura da esposa de Fabiano, sinha Vitória – do que mais tarde iria ser *Vidas Secas*. Por sinal, a comparação a Fabiano, se o assunto é sua terra, é sempre feita, como na carta endereçada a Antonio Candido, quando diz: *"O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem conhece."*<sup>151</sup> Mas é necessário que voltemos à carta 77, de abril de 1935, aquela que fala dos literatos, para entendermos que a birra com sua terra não depende única e exclusivamente do episódio da prisão. Desenvolvo essa teoria:

"Alagoas tem um milhão e duzentos mil habitantes, mas na minha estatística há apenas uns três indivíduos, uns três e meio, quatro no máximo. Os que fazem política, os que vendem ou

<sup>149</sup> Ct. p. 40. "Carta 15 – a Maria Amélia Ferro Ramos – 20 out. 1914". Os jornais nos quais o foga Graciliano trabalhou também como cronista, em 1914 são: *Correio da Manhã*, *A Tarde*, *O Século*, *Paraíba do Sul* e para o *Jornal de Alagoas*, assinando "R.O." (Ramos de Oliveira). A compilação destes textos compõe sua obra póstuma *Linhas Tortas* (1962).

<sup>150</sup> Ibidem, "Carta 103 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 07 mai. 1937", p. 200.

<sup>151</sup> RAMOS, Graciliano. "Carta a Antônio Candido, 12 nov. 1945" In CANDIDO, Antonio. op. cit., p. 8.

compram fazendas, os que plantam algodão e os que fabricam açúcar são de espécie diferente da minha.”<sup>152</sup>

Mais uma vez o autor considera-se um estranho num ninho de políticos e capitalistas, salvo três, três e meio, quatro indivíduos – possivelmente colegas literatos. Insatisfeito com a terra, mesmo antes da prisão, depois desta Graciliano nunca mais porá os pés em Alagoas, mas nunca deixará de descrevê-la. Ricardo Ramos narra uma conversa que teve com o pai, enquanto caminhavam pelas ruas do Rio de Janeiro. Como o assunto rondou o fato de Graciliano não mais voltar a Alagoas, pergunta-lhe então onde gostaria de ter nascido. O *Velho* responde: no Brasil. Ricardo afunila: no Brasil onde? “Alagoas. Em Quebrangulo, Palmeira dos Índios, Viçosa. Eu recomeria tudo.”<sup>153</sup> Alagoas era, ao mesmo tempo, o outro que o fez agonizar em tantos momentos e o outro que lhe estendia a mão. A que o maltratou, Graciliano deixou-a fisicamente para trás, mas sem esquecer-la; a que lhe pede ajuda, o autor de “Vidas Secas” trouxe consigo e por ela luta através da literatura.

Mas ele o faz, como define João Luiz Lafetá, sempre partindo da negativa, utilizando da subjetividade para se contrapor ao “*mundo hostil*” que está lá fora.<sup>154</sup> Desse modo, Graciliano utiliza, no isolamento, suas armas fracas e de papel. E de um certo modo, seus personagens fazem o mesmo: Paulo Honório passa pelo processo doloroso de conscientização de seu fracasso através da escrita, ou seja, é um homem olhando outro, distante; Luís da Silva faz o mesmo e Fabiano age mais em pensamentos do que em atos –

<sup>152</sup> Ct. p. 146. “Carta 77 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 03 abr. 1935”.

<sup>153</sup> RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 52.

<sup>154</sup> LAFETÁ, João Luiz. Édipo Guarda-livros: leituras de Caetés”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001, p. 93-94. Baseado em conceitos da teoria do Romance de Lukács e analisando mais de perto *Caetés*, Lafetá aposta na ironia e subjetividade graciliânicas como enfrentamento do mundo hostil: “...o movimento incessante da subjetividade que se projeta sobre o mundo hostil tentando impregná-lo, se reconhece como subjetividade e se abole, admitindo a superioridade do mundo, para depois recomençar tudo de novo. Ironia e demonismo, visíveis também mais tarde em São Bernardo, Angústia, nos raros momentos de sonho de Fabiano, nos tateios do menino de Infância, mesmo na objetividade madura do narrador de Memórias do Cárcere”, ou seja, em toda sua obra romanesca, que está associada a episódios de sua própria vida como nascer em Alagoas e recomençar tudo. Através da linguagem, precisa destruir o mundo hostil, destruindo o homem que há – produto dele – e que domina o homem que vem a ser, sem permitir-lhe a mostragem da voz e da mão. O próprio Graciliano pode ser o homem aparente que esconde um outro, menos submisso que a média, pois contaminou o homem hostil trazendo um escritor enfrentador. Caso não fosse, este historiador não estava aqui, gastando folhas, às voltas com linhas da teia graciliânica. Ou, na pior – e pior mesmo – das hipóteses, estou retilineamente enganado, o que é desesperador.

homens atados que, segundo Fernando Pessoa, antes de levantar-se conquistam mais mundos do que Napoleão o fez. Mas esse exercício de subjetivação e ironia diante do “*mundo hostil*” já existe desde *Caetés*, quando João Valério (Graciliano?) refugia-se na feitura de um romance sobre os silvícolas que “jantaram” D. Pero Sardinha, em 1559, e acaba por relacionar personagens de seu pequenino romance histórico com a pequenez da sua vida e da vida na cidadezinha; mais ainda, desde as crônicas que escreve para *O Índio*, periódico local de Palmeira dos Índios, em 1921, Graciliano já apresenta essa subjetivação através de uma ironia exagerada, beirando o fantástico:

“Vende-se em segunda mão, e por preço modico, uma consciencia quasi nova, em perfeito estado de conservação. Por um excesso de escrupulo, declaramos que ella já foi usada, mas devemos accrescentar que o primitivo dono se serviu della poucas vezes, podendo assim ser utilizado sem receio por qualquer cidadão.”<sup>155</sup>

Esse Anastácio Anacleto – pseudônimo do jornalista Graciliano – quer que a consciência de alguém seja usada. A ironia de uma venda de consciência – seminova – apresenta duas características: primeira, que ali, o cidadão usava pouco do intelecto para conhecer a situação do mundo hostil ao seu redor, o que impedia a compreensão e, portanto, a solução, a mudança; segunda, o cidadão que pôs a consciência à venda, teve a consciência de que não a estava usando e dela desfez-se. É, de certo modo, o recurso que o autor utilizará em toda sua obra. Há sempre um sofrimento irônico no ar, como no final de *Vidas Secas*, por exemplo, quando Fabiano reconhece que sofreu, que vai sofrer e que pode enfrentar: “*Tenho comido toicinho com mais cabelo*”.<sup>156</sup> É isso que torna o homem graciliânico, desgraçado e perdido, uma possibilidade de melhora: a consciência de ser um desgraçado e perdido.<sup>157</sup> Porém, esse contato com o homem, dá-se de forma indireta. Não sente amor por ele, amor caridoso, aliás, desconfia da caridade e da ajuda imediata e acaba por não

<sup>155</sup> Trecho extraído da coluna “Factos e Fitas”, Jornal *O Índio*, Palmeira dos Índios, s/d. Graciliano Ramos colaborou nos primeiros quatorze números do jornal semanal que circulou na cidade entre 30 jan. 1921 e 15 jan. 1922. Usava os pseudônimos J. Calisto, Lambda e Anastácio Anacleto – este último assina a citação acima.

<sup>156</sup> VS. p. 125.

<sup>157</sup> “*Felizes, nem os deuses se bastam – porque criam. Infeliz, o homem ainda se quer maior que um molusco: ao pensar seu mal. O homem é bicho que, porque falante, tende cedo a transcender-se. A palavra o veicula, leva-o além, ao outro.*” HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p. 37.

apostar todas as suas fichas em nada: nem no homem, no partido, na literatura, nele mesmo. A sua entrada para o Partido Comunista, em 1945, é vista por alguns críticos de sua obra e estudiosos de sua personalidade como a forma de participar na melhoria do homem, sem precisar tocá-lo, vê-lo realmente.<sup>158</sup> E quanto a seu próprio ideal como artista, perspectiva de futuro e desejos, confessa a Portinari:

“Dizem que somos pessimistas pois exibimos deformações, contudo as deformações e a miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram (...) Desejaremos que elas realmente desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos quanto os outros, quando expomos desgraças? (...) numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranqüila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que teríamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza. Felizmente a dor existirá sempre, a nossa velha amiga, nada a suprimirá. E seríamos ingratos se desejássemos a supressão dela, não lhe parece?”<sup>159</sup>

Na primeira parte da carta há a discussão sobre a dúbia face da arte realista: denunciadora da miséria ao mesmo tempo que alimentada por ela. Como define Carlos Nelson Coutinho, o realismo em Graciliano é humanista,<sup>160</sup> não se alimentou somente de sobras das latas de lixo ou somente de caviar. Como queria o total, não limitando seu realismo aos gestos e a situações cotidianas, pintou o seu homem com cores “reais”, totais, sem enfeites e sem cerimônia e engoliu ou regurgitou todos os personagens, para cansado olhar-se no espelho. As boas ações não são somente boas, as más ações são compreendidas e analisadas, dispensando o arremate moralista que, às vezes, deixa para o próprio personagem, num exercício doloroso do processo de tomada de consciência que pode ou não surtir efeitos positivos. Graciliano não arrisca diagnósticos, mas nunca se furtou a mostrar os problemas de modo complexo.

Seu primeiro produto literário – cercado de exclamações, como ele mesmo denuncia – é um híbrido de sentimento de pena e denúncia do

<sup>158</sup> Ver em CANDIDO, Atonio. op. cit., p. 68-69 e CARPEAUX, Otto Maria. “Amigo Graciliano” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1953) In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001, p.147. Em conversa íntima, Graciliano confessa a Carpeaux: “A luta pelo socialismo é uma beleza, mas a vitória do socialismo – uh!”

<sup>159</sup> ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984, p. 41.

<sup>160</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos – Coleção Fortuna Crítica*, nº 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 117.

sentimento de pena, aliás, dilema que de certo modo percorre toda a produção do chamado romance social de 30.<sup>161</sup> “O Pequeno Pedinte”, nome do seu primeiro conto(?), escrito aos doze anos, já traz um Graciliano descortinando a hipocrisia do mundo hostil e entrando em contato com as gentes que o acompanhará em suas linhas até o final. Faz-se necessário transcrevê-lo na íntegra:

“Tinha oito anos!

A pobrezinha da creança sem pai nem mãe, que vagava pelas ruas da cidade pedindo esmolas aos transeuntes caridosos, tinha oito anos.

Oh! Não ter um seio de mãe para afagar o pranto que existe no seu coração!

Pobre pequeno mendigo!

Quantas noites não passára dormindo pelas calçadas expostas ao frio e á chuva, sem o abrigo de tecto!

Quantas vergonhas não passára, quando, ao estender a pequenina mão, só recebia a indiferença e o matejo!

Oh! Encontram-se muitos corações brutos e insensíveis!

É domingo.

O pequeno está á porta da igreja, pedindo, com o coração amargurado, que lhe dêem uma esmola pelo amor de Deus.

Diversos indivíduos demoram-se para depositar uma pequena moeda na mão que se lhes está estendida.

Terminada a missa, volta quasi alegre, porque sabe que naquelle dia não passará fome. Depois veem os dias, os meses, os annos, cresce e passa vida, emfim, sem tragar outro pão a não ser o negro pão amassado com o fel da caridade fingida.”<sup>162</sup>

O pequeno pedinte, quase alegre, não passará fome durante aquele dia. Mas por que somente quase alegre? Esse primeiro personagem graciliânico se desdobrará com o passar dos anos em tantos outros que terão fomes, como ele, e não encontrarão num único pão, saboreado momentaneamente, a felicidade ou a salvação. O menino Graciliano é como o poeta de Bachelard que olha e sonha através da janela e descobre no próprio vidro uma irregularidade que irá propagar a irregularidade do universo.<sup>163</sup> Desse modo, Fabiano, Paulo Honório, Luís da Silva, João Valério, Sinha Vitória, Baleia, Graciliano Ramos, o pequeno pedinte são miniaturas, maquetes

<sup>161</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. São Paulo: UNICAMP, 1988. Dissertação de Mestrado, p. 39-40.

<sup>162</sup> RAMOS, Graciliano. “O pequeno Pedinte”. In *O Dilúculo*, Viçosa-AI, 24 jun. 1904. O autor do conto – dedicado a Mário Venâncio, seu mentor intelectual – aos doze anos era um dos responsáveis diretos pela edição do jornal.

<sup>163</sup> BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 165.



dos homens com suas fomes e capacidades para saciá-la. O que ajustaria esse encontro de vontades não seria a salvação metafísica ou o imediatismo da caridade. A carta a Portinari, já citada, mostra essa insaciabilidade que não suporta um ponto final, definitivo: destruída a miséria, os anjinhos cor-de-rosa o horrorizariam. Desse modo, Graciliano refuta qualquer promessa de salvação total, que tem “J. Cristo” como seu principal representante:

“...penso em J. Cristo, sem nenhuma simpatia, está visto. Foi o pior dos revolucionários, muito mais prejudicial do que o Juarez Távora. (...) A [revolução] do J. Cristo foi a encrenca mais desastrosa que a humanidade já agüentou. Há dois mil anos que rebentou o fuzuê, e nunca mais as coisas voltaram aos eixos. Estou aqui pensando no que seria o mundo se o J. Cristo, em vez de se entregar aquela mania que todo judeu tem de consertar o que está certo, tivesse ficado em casa, fabricando camas e mesas, como o marido da mãe dele. O mundo seria hoje menos feio, menos triste, menos besta, menos safado, menos ruim. (...) *‘Para que sejam dignos das promessas de Cristo. Amém.’* Quem é que é digno das promessas do J. Cristo?”<sup>164</sup>

Segundo observações feitas por Fernando Cristóvão, Graciliano dá pistas, aos 23 anos, que lera Nietzsche,<sup>165</sup> e certas passagens da carta lembram, em muito, trechos do *Anticristo* e da *Genealogia da Moral*. E assim como Nietzsche, Graciliano quer ver o homem do mundo resolvendo ou sofrendo as coisas do mundo. Não nos quer como a cadela Baleia, de *Vidas Secas*, encontrando os preás gordos só em sonhos e *na hora de nossa morte*.

<sup>164</sup> RAMOS, Graciliano. “Carta 80 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 1935”. op. cit., p. 149-150. Só um adendo: Graciliano certamente esquecera que Karl Marx era judeu e também usava barbas longas.

<sup>165</sup> CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977, p. 219. O trecho da carta de 1915, usado por Cristóvão para ilustrar o ateísmo do jovem Graciliano, coaduna-se com o da carta de 1935, sendo que é um mensagem mais direta e agressiva, ao contrário da outra, mais madura e sarcástica. Eis o trecho: “*Eu não me pareço ateu, como está em sua carta. Sempre o fui, graças a Deus, como dizia o sábio.\* Mas o simples fato de um animal ser ateu não prova que ele não possa ser santo. Eu penso sempre que entre os milhares de sujeitos que a igreja canonizou devia haver muito ateu, muito ímpio esperto que preferia o céu ao inferno apenas por uma simples questão de bem estar cá na terra. (...) É verdade que ela hoje não tem a força de outrora. O deus está morto, coitado! Ainda insepulto, mas morto a valer, como os infernais hereges da atualidade afirmam.*” RAMOS, Graciliano. “Carta 26 – a Sebastião Ramos de Oliveira – 24 mai. 1915”. op. cit., p. 56-57.

\* Obs.: Fernando Cristóvão não dispunha do volume *Cartas*, organizado por Heloísa de Medeiros Ramos e publicado em 1981. Esta informação é importante para frisar minha escolha pela palavra *sábio* (de onde se origina esta observação) como utilizou Cristóvão que, provavelmente, teve acesso à própria carta, ao invés de *saloio* (camponês das cercanias de Lisboa; indivíduo rústico, grosseiro), como está na edição de que disponho e que não oferece sentido algum.

A literatura é sua principal arma para que isso, de algum modo, não se realize.<sup>166</sup>

Desse modo, os caminhos do desejo do autor Graciliano Ramos e do ator social Graciliano Ramos – para utilizar expressão de Rolando Morel Pinto – nem sempre são claros ou homólogos. Seus escritos foram atraídos por uma força centrípeta que se fechou nele mesmo.<sup>167</sup> E após ler quatro romances de ficção e dois livros de testemunhos pessoais, percebo que os personagens de Graciliano eram ele mesmo e que, quando seus protagonistas tinham seus caminhos cruzados por outros caminhos, eram, na verdade, outros caminhos a cruzar os do autor. Graciliano sentia fomes semelhantes às de João Valério, Luís da Silva, Fabiano e até Paulo Honório, que eram de certo modo semelhantes entre si, porque cada um deles não era só cada um deles e Graciliano não era só Graciliano. A sua literatura não elimina conflitos, ao contrário, aposta neles, mas percebe que os homens são largos demais para caberem em duas únicas categorias: bem e mal.

Passo a falar dos caminhos tortuosos e cheios de encruzilhadas do proprietário rural Paulo Honório e pergunto: você tem fome de quê,

---

<sup>166</sup> O modo de chegar a essa conclusão – novamente, não sem riscos – é seguindo, além das palavras do próprio autor, entrevistas, cartas, os passos da sua literatura, buscando perceber aquilo que Nicolau Sevcenko chama de “*dimensão intangível*”, na qual os desejos estão ocultos sob o véu das “*metáforas*”, a malha da “*sugestividade das imagens*” e a vidraça dos “*rituais simbólicos*”. Ou seja, não podemos tocá-las ou manuseá-las como se fossem ratos de laboratório, mas podemos vê-las em ação dentro da obra e escorrendo para além dela, extrapolando a “*própria especificidade da situação circunstancial dos intelectuais, ganhando espaços, agrupamentos e temporalidades inusitadas e se realizando plenamente enquanto uma cerimônia de catarse coletiva, cumprindo-se como arte enfim.*” SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 247.

<sup>167</sup> CANDIDO, Atonio. op. cit., p. 68-69 e ALBUQUERQUE Jr., “Os Nomes do Pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades”. In RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002, p. 121.

## ...Paulo Honório?

*O meu fito na vida foi apossar-me das terras de S. Bernardo...*

“São Bernardo” – desejo de Paulo Honório – **Graciliano Ramos**

Ele quer. O verbo querer é transitivo – eu sei – mas nesse caso, o que começou com o *querer* as terras da São Bernardo terminou por ser tão-somente o complexo ato de querer. Portanto, antes de ver o proprietário do Nordeste, das Alagoas, como aquele que quer alguma coisa, Graciliano Ramos o vê como aquele que quer, ou seja, na própria definição de Paulo Honório: um “*explorador feroz*”, insaciável.<sup>168</sup>

No entanto, para se tornar esse desejante feroz, era preciso que se estabelecesse uma distância entre explorador e explorado, visto que o fazendeiro já fora o segundo e passou a ser o primeiro. Como dito no capítulo anterior, Paulo Honório não dava continuidade a uma linhagem de ricos fazendeiros – nem sabia quem eram seus pais. Era o produto de uma “nova era” que se formava nos campos do Brasil: uma *burguesia agrária* que, na literatura graciliânica, com sua busca pela fotografia da época, protagoniza a substituição do ciclo *coronelesco* e naturalista pela série realista, ou seja, a mostragem de Paulo Honório está em acordo com as mudanças do contexto político, econômico, social e estético. Como Graciliano vinha de uma família burguesa (proprietários de terra e comerciantes) não nutria aquilo que Flora Süssekind chama de “*simpatia pelo coronelismo*” (diferentemente de um José

---

<sup>168</sup> Novamente chamo Marilena Chaui para falar sobre desejo. Segundo a filósofa, o pensamento político moderno, a partir de Hobbes e sobretudo neste, relacionará o desejo a *Appetitus*, que não pode ser dissociado de *oréxis* – ação de tender para algo ou alguém, ação, porém, mais voltada para a harmonia – e *hormé* – assalto, ataque, elã instintivo, impulso rumo a um fim, nos animais, ímpeto violento, ação mais voltada para o enfrentamento. Dessa forma, Hobbes definirá dois tipos de movimentos nos animais: os involuntários (respiração, pulsação, circulação sanguínea) e os voluntários (falar, andar, manusear objetos). Nesses últimos, há também uma porção de involuntariedade, porém, quando se caracterizam como esforço (*conatus*), ou seja, vão na direção de algo que o causa, chama-se *apetite ou desejo*. Toda essa representação mecânica que rodeia tal premissa de certo modo alimentará todo o pensamento moderno até nossos dias. A necessidade de um pensamento para a política e a ação dos homens, traduzindo, ética, nasce do vínculo entre o desejo e a ação. Regras de sociabilidade estabelecidas no decorrer dos séculos servem para que o desejo de um homem, sua “*essência atual*” conviva com o de outro. “*É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados*”. O que não pode ser compreendido sem envolver a noção de movimento, o que se chamará de progresso. CHAUI, Marilena. op. cit., p. 27-46.

Lins do Rego).<sup>169</sup> É desse modo que Paulo Honório pode dizer: “*coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante.*”<sup>170</sup> Ou seja, ele reconhece seu passado de almocreve, não por humildade, mas para estabelecer a diferença entre seu ontem e seu hoje, outorgando-se a si mesmo estatuto de vencedor.

Mas é melhor prosseguir com calma, pois Graciliano não constrói a figura de Paulo Honório como um burguês despregado das práticas dos antigos coronéis. Lembremos, o contexto não o permite.<sup>171</sup> Por vezes, o vemos recorrer a métodos que evocam a figura de um “pequeno senhor feudal”,<sup>172</sup> seja na sua

---

<sup>169</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance? – uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 169-172. Segundo Sússekink, José Lins do Rego e Jorge Amado, promoveram uma certa dicotomização entre o coronel, responsável por “conquistas feudais” e “épicas” e o exportador, sendo que prevalece pelo primeiro uma espécie de “simpatia”. E é isso o que, para a autora, torna difícil a substituição do ciclo – quatro, cinco livros para narrar a saga de uma família presa à terra, da ascensão à decadência – pela série – episódios reduzidos – o que não acontece com Graciliano e seu *São Bernardo*: “*Todo um ciclo para que a economia ocupasse o lugar das ciências naturais na ficção naturalista; a terra, a grande propriedade substituiu os ‘interiores’ de uma casa patriarcal; as relações sociais tivessem mais ênfase do que hereditariedade e heranças familiares. E o ‘burguês’ ocupasse o lugar do senhor de engenho e dos seus herdeiros.*”

<sup>170</sup> *SB*, p. 186.

<sup>171</sup> SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos e Novos Coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife: PIMES/UFPE, 1974, p. 30-32. “*É verdade que o período de 1930-45 assistiu a inclusão de novos elementos na estrutura global do país, sem contudo acarretar modificações em sua essência. Verifica-se que houve acomodação do governo às regras políticas dos coronéis, mesmo em fins do período do Estado Novo. O governo federal aceitou a continuação da autonomia local dos coronéis, uma vez que as atividades agrárias ainda representavam o suporte básico da economia nacional. Os coronéis continuam a se manter através das relações de compromisso, já não somente com o governo federal, mas também com o novo grupo de interesses econômicos, o industrial. (...) O país assume, portanto, seu antigo processo, embora readaptado aos novos elementos que ameaçam o mandonismo rural local.*”

<sup>172</sup> Graciliano, em seus relatórios como prefeito de Palmeira dos Índios, compara os coronéis locais a “*pequenos senhores feudais*”. Em *Vidas Secas* essa comparação também é feita, de maneira bem mais discreta, quando em certas passagens o autor se refere ao patrão de Fabiano como “*amo*”. Está bastante claro para mim que o autor faz essas comparações para exaltar o seu estranhamento diante de práticas que a princípio são tanto anacrônicas como o termo empregado para designá-las. De certo, o Graciliano leitor d’*O Capital* (K. Marx) e da *História Universal* (J. Oncken) condensou o que há de mais característico e generalizante no estudo de feudalismo para chegar a tal comparação. Para encerrar, algumas passagens d’*A Sociedade Feudal* (M. Bloch) serviriam para ilustrar esse efeito comparativo, porém alongaríamos demais. Ficam as referências. BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 185, 285. Mas, por outro lado, não se deve descartar a aplicação de termos e linhas de pensamentos associadas às correntes desenvolvimentistas do Partido Comunista do Brasil que, através do pensamento etapista, via na questão agrária (berço de relações “semi-feudais”) um ponto chave para que aos poucos se promovesse o desenvolvimento necessário para a contínua revolução brasileira. Assim, utilizando-me de duas definições de Werneck Sodré, uma de 1985 e outra de 1945, creio poder resumir superficialmente os anseios dessa corrente da qual Graciliano possa ter utilizado conceitos “*à medida em que avança a industrialização e a urbanização a define, as relações de classe aparecem com clareza, o trabalho assalariado ocupa espaço*”, e assim gera-se “*processo nacional de desenvolvimento que altera toda a vida do País e repercute*

relação com o “pequeno feudo” vizinho – Bom-Sucesso, a fazenda do Mendonça – seja na relação com seus “servos”.

No primeiro caso Paulo Honório tem de pôr à prova os seus desejos, pois o Mendonça, igualmente ganancioso, vinha desde a época em que a São Bernardo pertencia a Salustiano Padilha – antigo patrão do protagonista – “comendo as cercas” da propriedade, ou seja, aumentando seu terreno e diminuindo o da fazenda vizinha. O primeiro encontro dos dois “senhores” se dá na fronteira de suas posses: *“O Senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca.”* Paulo Honório argumenta com a maioria do antigo proprietário que podia fazer da fazenda o que bem quisesse. Mendonça contra-argumenta, dizendo que a terra está sob questão, os limites são provisórios e que *“não vale a pena consertar a cerca. Eu vou derrubá-la para acertarmos onde deve ficar.”* O clima de hostilidade se condensa, mas, acompanhados os coronéis de seus respectivos capangas, prevalece a cerca de pé e ali: *“contei rapidamente os caboclos que iam com ele, contei os meus e asseverei que a cerca não se derrubava. Explicações, com bons modos, sim; gritos não.(...) O que eu não queria era baixar a crista no primeiro encontro.”* A conversa prossegue em tom amistoso, porém, com desconfiança, e os dois agora falavam de seus planos e preferências. Paulo Honório sabe que Mendonça é poderoso e ele, só começando, é presa fácil: *“Eu tinha o coração aos baques e avaliava a conseqüências daquela falsidade toda”*.<sup>173</sup>

Depois de passar mais de um ano vivendo a tensão de levar um tiro a qualquer momento, Paulo Honório deixa a defensiva de lado e age. Após uma noite em que capangas do Mendonça rodearam a sede da fazenda e chegaram perto demais, Paulo Honório na manhã seguinte lhe faz uma visita e, como se nada tivesse acontecido, dana-se a falar sobre votos. Era uma sexta-feira, haveria eleição no domingo. A situação armada pelo protagonista-narrador para dar cabo ao Mendonça nos revela duas questões importantes: primeiro, ele está disposto a tudo para não perder sequer mais um centímetro quadrado

---

*em todos os setores e se propaga a todas as manifestações”*. Ver em SODRÉ, Nelson Werneck. *História e Materialismo Histórico no Brasil*. São Paulo: Global, 1987, p. 107 e *O Que se Deve Ler para Conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 207.

<sup>173</sup> SB. p. 25-26.

da sua terra; segundo, gaba-se disso através da sua narrativa, pois não diz abertamente o que fez, nem como fez, mas deixa transparecer seu plano que se resumia ao álibi de estar conversando com o padre Silvestre sobre a construção de uma igreja na sua fazenda, enquanto a cidade se envolve na eleição<sup>174</sup> e Casimiro Lopes, seu braço direito, executava o rival.

No final da visita na sexta:

“– Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um... (la dizer um boi. Moderei-me: todo mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores) um carneiro. Um carneiro é bastante, não? Está direito. Até domingo.”

No caminho de volta, ouve os tiros de dinamite na pedreira e fica pensando nisso. À noite, o *“cabra mal encarado”* do Mendonça ronda novamente a casa: *“Deitei-me pensando em mestre Caetano e na pedreira. Marretas, alavancas, aço para broca, pólvora, estopim”*. Ou seja, tudo aquilo que é usado para derrubar um bloco de pedra serviria para abater um homem.

No sábado e domingo:

“No outro dia, sábado, matei um carneiro para os eleitores. Domingo à tarde, de volta da eleição, Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom-Sucesso.

Na hora do crime eu estava na cidade, conversando a respeito da igreja que pretendia levantar em S. Bernardo. Para o futuro, se os negócios corressem bem.

– Que horror! Exclamou padre Silvestre quando chegou a notícia. Ele tinha inimigos?

– Se tinha! Ora se tinha! Inimigos como carrapato. Vamos ao resto, padre Silvestre. Quanto custa um sino?”<sup>175</sup>

O segundo caso, que está dentro do primeiro, pois remete também a um problema com o Mendonça, demonstra o controle total que Paulo Honório tem sobre seus empregados: *“um moleque de S. Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça, e Mendonça, em conseqüência, metera o*

<sup>174</sup> Paulo Honório se aproveita do período da eleição, quando há um clima de hostilidade no ar, para eliminar seu inimigo e, assim, diluir entre muitos o peso da acusação que em outras circunstâncias recairiam somente sobre ele. Graciliano elabora tal situação para tocar, sutilmente, numa característica que acompanha o patrimonialismo quando há um processo eletivo: usar dos meios mais ilegítimos (como comprar votos através de pequenos banquetes, matar adversários políticos etc.) para se chegar à vitória dentro de um processo que é, a princípio, legítimo. Ver em LEAL, Víctor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa –Omega, 1975, p. 38-42.

<sup>175</sup> SB. p. 30-33.

*alicate no arame; mas eu havia consertado a cerca e arranjado o casamento do moleque com a cabrochinha.*”<sup>176</sup>

Cada fala dessa longa passagem nos lembra as linhas de *Coronelismo, Enxada e Voto* ou de *Os Donos do Poder*, clássicos da análise do patrimonialismo que já foram trabalhados no primeiro capítulo. Para não me reter demais nessas duas obras e acabar por repisar questões já trabalhadas, apenas quero ressaltar o caráter protetor traspassado pelo sentimento de posse que habita em Paulo Honório, podendo facilmente ser verificado nas duas situações. Tanto o *moleque* quanto os hectares da propriedade são seus e facilmente manipulados. Do mesmo modo que ele avança as cercas rumo a Bom-Sucesso, pode definir a vida do *moleque* e da *cabrochinha* arranjando-lhes o casamento. Esse sentimento de posse, que evidencia um desejo exacerbado, junta-se a um projeto que surge desde quando sai da cadeia e culmina com a compra da São Bernardo: “*Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo plantei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões.*”<sup>177</sup>

Mais uma vez vemos o protagonista construindo as pistas documentais para que sua história possa ser acompanhada através do caráter ascensional e, sobretudo, da realização de suas vontades: “*plantei adquirir*”. No projeto “arquitetônico” de seu futuro, *adquirir* é a palavra-chave para abrir todas as portas. Movido pelos fins, Paulo Honório ignorará o valor dos meios e cortará sem maiores remorsos os caminhos alheios. O outro é sempre um outro a ser vencido, um animal a ser domado, um obstáculo a ser saltado ou uma força a ser trazida para junto de si. Na primeira parte do romance, Graciliano mostra Paulo Honório como esse câncer desenfreado que mina com apetite voraz as células e tecidos que o rodeiam. Sua primeira vítima é Luís Padilha, um farrista que, segundo Paulo Honório, estava dando continuidade à má administração do pai: um “paxote” que jogava baralho bêbado e era roubado descaradamente. O predador não vacila, aproxima-se como quem não quer nada, empresta-lhe dinheiro, aconselha-o a investir na fazenda, melhorar a estrutura, comprar máquinas, plantar de novo. Tudo isso sabendo que o

---

<sup>176</sup> SB. p. 31.

<sup>177</sup> SB. p. 14.

dinheiro iria ser gasto com jogo e mulheres. Alimentou-o financeiramente durante uns tempos até ele hipotecar-lhe a fazenda. Faltava o golpe final para gangrenar o *tecido* chamado Luís Padilha: tomar-lhe S. Bernardo:

“A última letra se venceu num dia de inverno. Chovia que era um deus-nos-acuda. De manhã cedo mandei Casimiro Lopes selar o cavalo, vesti o capote e parti. Duas léguas em quatro horas. O caminho era um atoleiro sem fim. Avistei as chaminés do engenho do Mendonça e a faixa de terra que sempre foi motivo de questão entre ele e Salustiano Padilha. Agora as cercas de Bom-Sucesso iam comendo as de S. Bernardo.”

Paulo Honório chega, senta num banco, apresenta as letras e cobra. Padilha desconversa e o primeiro sentencia:

– Vamos liquidar.(...) Olhe que as letras se venceram.  
 – Mas se não tenho! Hei de furta? Não posso, está acabado  
 – Acabado o quê, meu sem vergonha! Agora é que vai começar. Tomo-lhe tudo, seu cachorro, deixo-o de camisa e ceroula.

Acuado, Padilha já passa a ser tratado como vencido. A partir desse momento Paulo Honório já o considera seu. Tempos depois, como dono da fazenda, ele confessará: *“Quanto ao Padilha eu sentia prazer em humilhá-lo mostrando-lhe os melhoramentos que introduzi na propriedade.”*<sup>178</sup>

– Espere uns dias. A dívida só é ruim para quem deve.  
 – Não espero nem uma hora. Estou falando sério, e você com tolices! Despropósito não! Quer resolver o caso amigavelmente? Faça preço na propriedade.

E começa a luta de números e cifras, o toma lá, dá cá: Oitenta contos. Trinta contos. Setenta. Trinta e dois. Sessenta e cinco: última palavra. Trinta e quatro. Sessenta: e por camaradagem. Trinta e quatro: insistência. Cinqüenta e cinco. Trinta e cinco: demonstrando generosidade. Cinqüenta e cinco... cinqüenta: após Paulo Honório ameaçar com as mãos. Quarenta: finca pé seguido de chantagem: Mendonça, oficial de justiça, avaliação, custas... Quarenta e oito... quarenta e cinco. Quarenta: e descontando o que devia, o resto seria pago em letras. Não. Então dinheiro e uma casa na cidade: total, dez contos. Sete contos na casa e quarenta e três em são Bernardo. Quarenta e dois pela propriedade e oito na casa. Findou-se o ajuste.

“Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na

---

<sup>178</sup> SB. p. 60.



ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinqüenta mil-réis. Não tive remorsos.”<sup>179</sup>

Em dez páginas, Paulo Honório narra sua primeira vitória. A aritmética que havia estudado logo que saiu da cadeia, na época em que contraiu os primeiros empréstimos, tal aritmética serviu para o jogo com o Padilha. Assim, verifica-se em Paulo Honório um projeto que foi tomando força e se tornando o melhoramento dele mesmo. Após o episódio com o Mendonça, definitivamente resolvido, o “câncer” se alastra. Começa pelas filhas do rival que vêem agora as cercas de S. Bernardo comerem as de Bom-Sucesso. Aos poucos, a propriedade vai ficando maior do que a que foi comprada e Paulo Honório também vai ficando maior. Seu limite é a lei, ou seja, o dr. Magalhães, juiz. Nesse caso, a lei não é inimiga, e sim uma aliada que não precisa ser incomodada. Com ela deveria prevalecer a troca de favores:

“Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações.

– Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá a justiça.

Como a justiça era cara, não foram à justiça. E eu, o caminho aplainado, invadi a terra do Fidélis, paralítico de um braço, e dos Gama, que pandegavam no Recife, estudando direito. Respeitei o engenho do dr. Magalhães, juiz.

Violências miúdas passaram despercebidas. As questões mais sérias foram ganhas no foro, graças às chicanas de João Nogueira.”<sup>180</sup>

O “naturalmente” – modo de lidar com a realidade isento de justificativa – usado pelo proprietário no começo da citação, revela que, para ele, era essa a única prática que se poderia esperar de qualquer um que estivesse naquela situação de ascendência. Desse modo: roubar terras alheias, eliminar adversários, chantagear, barganhar favores e fazer pactos com o poder judiciário seriam práticas naturais para aquele que tem um fito na vida e se lança nessa empreita. No caso: apossar-se das terras de S. Bernardo: “... *como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerarei legítimas as ações que me levaram a obtê-la.*”<sup>181</sup>

<sup>179</sup> SB. p. 14-24.

<sup>180</sup> SB. p.39-40.

<sup>181</sup> SB. p. 39.

Graciliano vai tracejando o perfil do proprietário rural nordestino, atentando para suas ações de senhor absoluto, como se aquele fosse um príncipe leitor de Maquiavel.<sup>182</sup> Esse perfil maquiavélico é explicitamente denotado, quando num dos raros momentos, senão o único, em que Paulo Honório parece estar escrevendo diretamente para seus leitores, o dono de São Bernardo tem uma receita de sucesso a dar: “*Se eles entram nos trilhos [os negócios] rodam que é uma beleza. Se não entram, cruzem os braços. Mas se virem que estão com sorte, metam o pau: as tolices que praticarem viram sabedoria.*”<sup>183</sup> Assim, como aquele que com prudência e afincos venceu na vida e legitimou-se como rei e senhor de tudo aquilo que habita as “muralhas” da fazenda São Bernardo, incluindo os braços, os pensamentos, as idéias e a fala dos homens, Paulo Honório passa a se preocupar em controlar, em manter o que conseguiu, o que implica evitar a revolta e as idéias perigosas. Por exemplo: Luís Padilha fora contratado para ser o professor da escola exigida pelo governador. Um dia, discursando para Marciano e Casimiro Lopes, Padilha desata críticas ao capitalismo, e é surpreendido pelo patrão:

“– Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo. (...) – O que há é que morremos trabalhando para enriquecer os outros.

Saí da sacristia e estourei:

– Trabalhando em quê? Em que é que você trabalha, parasita, preguiçoso, lambaio?

– Não é nada não, seu Paulo, defendeu-se Padilha, trêmulo. Estava aqui desenvolvendo umas teorias aos rapazes.

<sup>182</sup> Porque o príncipe deve ser mais temido que amado. Como ser temido sem, no entanto, ser odiado? Como lidar com a sorte? Essas são algumas das questões que o oficial florentino trata no seu livro destinado a Lourenço de Médicis, escrito em 1513. Ver em MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Porto Alegre: L&PM, 1998, p. 94-98; 126-131; 142-146. Vemo-las reproduzirem-se nas páginas de *São Bernardo* com uma “coincidência” no mínimo intrigante. Novamente não posso afirmar que Graciliano Ramos tenha lido Maquiavel para compor a saga do anti-herói Paulo Honório. Ainda assim, parece-me aproveitável explorar um pouco essa questão, ainda mais quando se sabe que *São Bernardo* é seu livro mais marxista, portanto, aquele que mais traz a análise do social a partir de uma óptica que visa à compreensão total, ou melhor, histórica dos elementos postos na trama. Se Paulo Honório é um burguês em construção, é de se esperar que as teorias burguesas sejam trazidas para dentro do romance; e se lembrarmos que Maquiavel, mesmo escrevendo para um nobre, é o pai da filosofia política moderna, e se lembrarmos ainda de como no Brasil a pendular relação entre liberalismo exacerbado e despotismo estatal nunca encontrou sua extinção, então, sinto-me tentado a ver o autor alagoano pintando o rosto de Paulo Honório ao mesmo tempo a óleo e a têmpera, ou seja, um moderno arcaico ou arcaico moderno, coexistindo na mesma tela.

<sup>183</sup> *SB*. p. 39.

Atirei uma porção de desaforos aos dois, mandei que arrumassem a trouxa, fossem para a casa do diabo. (...)

À noite reuni Marciano e Padilha na sala de jantar, berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles. Mas atrapalhei-me e contentei-me com injuriá-los:

– Mal-agraçados, estúpidos. (...) – Por esta vez passa. Mas se me constar que vocês andam com saltos de pulga, chamo o delegado de polícia, que isto aqui não é a Rússia, estão ouvindo? E sumam-se.”<sup>184</sup>

Logicamente, os filósofos que demonstram os roubos do patrão e a concentração da renda na mão de um único homem são Karl Marx e Friedrich Engels, daí o patrão lembrar aos seus empregados que eles não estão na Rússia. A Rússia seria o outro mais explícito para Paulo Honório, o argumento mais fácil para expurgar qualquer crítica quanto à sua conduta dentro dos limites da fazenda, o símbolo mais direto da ameaça, tão próxima, que às vezes ele vê em Madalena uma auréola vermelha, um fluido corrosivo que se infiltrou no campo de força da São Bernardo. E mais, Graciliano faz referências, se não à perseguição, mas ao cuidado das autoridades em impedir a circulação das idéias subversivas, já que Paulo Honório informaria ao delegado a existência, ali, em sua propriedade, de um ninho de idéias vermelhas. O país até aquele momento havia passado pelas revoltas tenentistas de 1922 e 1924 e coluna Prestes, entre 1925-1926, enquanto nos grandes centros estouravam greves, incrementava-se a imprensa operária, fundava-se, em 1922, o Partido Comunista Brasileiro. Então Paulo Honório está a par do que se passa no país e no mundo. E esse dado, ao mesmo tempo que implica o não-isolamento do fazendeiro, ressaltando a sua face moderna, desemboca na reação diante das coisas que estão para além dos limites da propriedade. Ou seja, mais uma vez se verifica a convivência do velho com o novo em prol da manutenção do desejo daquele que enxerga o mundo através do ter: a propriedade.<sup>185</sup>

A conquista, a consolidação da propriedade e sua manutenção e o engrandecimento do possuído são a base para a persistência de um imaginário patriarcal, patrimonial e oligárquico que se dá através dessa posse e uso da

<sup>184</sup> SB. p. 58-60.

<sup>185</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999, p. 31-32.

propriedade, a qual é atravessada pela violência desde a ocupação colonial.<sup>186</sup> Não é estranho Paulo Honório ter como seu primeiro grande ato digno de registro uma ação violenta: *“Até os dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço. Aí pratiquei meu primeiro ato digno de referência.”*<sup>187</sup> Já se sabe da facada que aplica em João Fagundes, por conta do “jogo-duplo” da Germana durante uma sentinela e da prisão que se seguiu à confusão. Pois bem, este é o primeiro grande ato de Paulo Honório porque é o começo da sua saga. Até então, trabalhar no eito não era digno de referência mais detalhada. A prisão deu a Paulo Honório condições para a elaboração de seus projetos que, para realizá-los, tendo ele começado a partir de um ato de violência, não se furtaria ao uso dela outra vez, caso precisasse. O episódio do Costa Brito, minimamente narrado no primeiro capítulo deste trabalho, é um bom exemplo para ver até onde chega a violência de Paulo Honório e até onde alcança o braço do coronel, quando este precisava manter sua imagem limpa. Após Paulo Honório se negar a pagar propina ao Costa Brito, a *Gazeta* lança artigos chamando o proprietário da São Bernardo de assassino. Furioso, Paulo Honório arma-se com um pequeno chicote e vai à Maceió. Chegando à *Gazeta*, o Brito não estava, mas voltaria logo de uma viagem a Pajuçara. Paulo Honório o aguarda na frente da estação dos bondes, perto do relógio oficial, no meio da praça. *“Afinal, surgiu o focinho de rato do Brito”*. No meio da praça, o fazendeiro puxa o jornalista para junto do relógio: *“Então, seu filho de uma égua, esses artigos... / – Aquilo é matéria paga, explicou o Brito. Sessão livre, não viu logo? Vamos à redação lá nos entendemos melhor.”* A resposta de Paulo Honório é *“um bando de chicotadas”* no jornalista, ali, no meio da rua. Com custo, o Brito consegue escapular e se camuflar no meio do comércio. Paulo Honório ainda seria intimado a comparecer na delegacia, pagaria trezentos mil-réis a um advogado e voltaria para casa no dia seguinte. No trem, lendo os jornais, não vê uma linha sobre o caso do dia anterior, sente-se como

---

<sup>186</sup> SIQUEIRA, Antônio Jorge. “Identidade e Poder: uma leitura de S. Bernardo”. In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996, p. 48-54.

<sup>187</sup> *SB*. p. 11.

que “reconciliado com o Brito”, confessando a si mesmo que o jornalista tinha bom coração e que “provavelmente não reincidiria”.<sup>188</sup>

Paulo Honório antes de viajar até Maceió havia passado antes em Viçosa e pedido conselhos a Azevedo Gondim, que sugeriu uma resposta via imprensa; João Nogueira sugeriu a via da justiça, um processo. Ou seja, contra-ofensivas ditas “civilizadas”, modernas, democráticas. Paulo Honório prefere o caminho curto, o argumento do chicote, o contato direto entre o grande e o pequeno, a intimidação, a ameaça à integridade física do outro. Se teve de enfrentar os aborrecimentos da lei após o episódio, era por não ser um “coronel” dos maiores.<sup>189</sup> Porém, munido de um “bacharel” que resolveu a questão rapidamente, o fazendeiro resolve em um único dia a questão que poderia se arrastar e desgastar sua imagem no município.

Mas do desgaste político Paulo Honório não se livra. No mundo fora de São Bernardo, uma agitação sacode o país numa inédita investida tipicamente burguesa, da qual respinga o discurso inflamado da mudança na ordem político-administrativa, bem como o da necessidade de modernizar o país em todas as suas esferas. Paulo Honório não deixa de participar nos combates contra o movimento “revolucionário”. Como parte de uma rede de poder, é conclamado a participar da contra-ofensiva cumprindo o seu papel de coronel: “À noite o chefe político escreveu-me pedindo armas e caboeiras. De madrugada enviei-lhe um caminhão com rifles e homens.”<sup>190</sup> Toda a implantação da modernidade na fazenda São Bernardo: as máquinas, a eletricidade, a policultura, tudo isso se revela uma miragem que se desfaz no ar diante da necessidade extrema da defesa de interesses que significam a

---

<sup>188</sup> SB. p. 72-73.

<sup>189</sup> FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*. Vol. II. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000, p. 252-255. Já sabemos que, nessa época, o maior coronel é o governador do Estado, a “*espinha dorsal*” do sistema. Aquele não tem de necessariamente ser o maior proprietário de terras, assim como o chefe político local que, no caso de *São Bernardo*, é o Pereira, agiota que emprestou o capital-inicial a Paulo Honório e, com o passar dos anos, foi falindo até ser devedor junto ao protagonista do romance. Ao deter-se à história desse coronel mediano que é Paulo Honório, Graciliano transita por uma faixa social que revela certa mobilidade; ao mesmo tempo que, afunilando e “fotografando” suas ações e pensamentos, descobre-se a sobrevivência de práticas e idéias voltadas para o ontem. O desejo em Paulo Honório não se apresenta como maleável diante das regras do mundo. Se elas são mais fortes, o mundo se resume à fazenda e surge um mundo dentro de outro. Nesse mundo menor, Paulo Honório é senhor e fabrica suas próprias leis.

<sup>190</sup> SB. p. 176.

permanência do estilo de vida patriarcal e patrimonialista, podendo ser observado, sem retoques, o gene do coronel, seja ele pequeno, médio ou grande. O recado que Paulo Honório recebe do chefe político, evidencia a atenção que Graciliano dá à hierarquia coronelesca funcionando na tentativa de conter o que naquele contexto representava o terrível novo. Como veremos em *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó, essa hierarquia vai do coronel que enfrenta à bala os “revolucionários”, passando por advogados, deputados, senadores, até chegar ao presidente.<sup>191</sup>

Após o acompanhamento da trajetória do fazendeiro Paulo Honório, posso dizer que *São Bernardo* é mais que a saga de um único homem. Graciliano Ramos tenta radiografar os desejos de uma “classe” – mesmo sabendo dos perigos de tal conceito, não consigo chamar outro nome – que se desdobra sobre a ação da história, tentando reelaborar os processos de mudança para conservar permanências. Quando Paulo Honório já cômico de seu fracasso admite ter-se tornado um explorador feroz, vê que dessa fome desenfreada os resultados já não o satisfazem: *“Quanto às vantagens restantes – casas, terras, móveis, semoventes, consideração de políticos, etc. – é preciso convir em que tudo está fora de mim.”*<sup>192</sup> Ou seja, antes da chegada de Madalena, qualquer narrativa que demonstrasse mais uma vitória do proprietário, trazendo para junto do seu “corpo” em expansão mais posses, mais terras, mais almocreves, mais poder, era isso tudo a demonstração de sua sagacidade, valentia e valor, suas palavras eram de triunfo e nelas nunca se percebia uma autocrítica ou arrependimento, sempre um ar de autopromoção e orgulho. Já no final de sua história, a fazenda, que fora sua extensão, é vista como o motivo maior da desgraça que se abatera sobre ele: a

---

<sup>191</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 190-191. Colhendo informações a partir de uma reportagem do jornal *A Tarde*, de 14-10-1930, Facó narra a participação dos coronéis na tentativa de resistir ao golpe de 1930, a partir de um contato direto com o governo central: *“Os coronéis, como que haviam pressentido a tendência acentuadamente burguesa do movimento de 30, a luta da burguesia brasileira por uma maior parcela no poder. (...) Escrevia, dias depois de irromper o movimento armado no sul, um jornal de Salvador: ‘... Os coronéis Franklin Albuquerque e Horácio de Matos, que há anos com tanta eficiência acossaram na zona sertaneja as tropas rebeldes de Luiz Carlos Prestes, já organizaram, cada qual, três batalhões com efetivos de 500 homens cada. Do coronel Franklin, o Presidente da República recebeu um telegrama nestes termos: Obedecendo à orientação do senador Pedro Lago, deputado Simões Filho e do Dr. Geraldo Rocha, organizei um batalhão para a defesa da Legalidade e do respeito aos poderes constituídos. Neste posto V. Exa. me encontrará como de costume’.* “

<sup>192</sup> SB. p. 186.

solidão. Após a morte de Madalena, fastioso, Paulo Honório não quer “comer” mais: “*O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estrupício. E o outro, o grande, era uma balbúrdia, uma confusão dos demônios, estrupício muito maior.*”<sup>193</sup> Como um prato que esfria diante de seus olhos, a fazenda vai morrendo junto com as suas convicções, ou seja, como não consegue modificar-se, ela continua a ser sua extensão:

“Sol, chuva, noites de insônia, cálculos, combinações, violências, perigos – e nem sequer me resta a ilusão de ter realizado obra proveitosa. O jardim, a horta, o pomar – abandonados; os marrecos-de-pequim – mortos; o algodão, a mamona – secando. E as cercas dos vizinhos, inimigos ferozes, avançam.”<sup>194</sup>

A metáfora da São Bernardo morrendo, mesmo após a implantação de certas “modernidades”, pode ser vista como a expressão do desejo do autor Graciliano Ramos que, no entanto, não cobre delouros o *novo* por acreditar estar matando o *velho*:<sup>1º</sup>) como o próprio Paulo Honório afirma, se houvesse uma chance de ele recomeçar, “*aconteceria exatamente como aconteceu*”, ele não conseguiria se modificar; <sup>2º</sup>) o que Graciliano faz no final do romance não é isentar a figura de Paulo Honório que, cheio de arrependimento e voltando-se para um passado mais ligado à coronelada que gozava do prestígio do poder moderador de um Brasil-Império, tal figura poderia passar a impressão de uma saudade graciliânica dos tempos áureos; assim não vejo, percebendo que o autor quer evidenciar o caráter explorador de um homem sobre outro: o explorador por profissão. Fazendeiros existem desde os tempos da Colônia, continuaram existindo no Império, ganhando feição nova, durante a República se rearranjaram, tornando-se a evidência do desarranjo entre teoria e prática, e não deixaram de existir após os episódios de 1930; portanto, o *close* dado em Paulo Honório, esse espécime com características híbridas – tradição e modernidade – quanto à captura de outras espécimes, tal *close* é, a meu ver, não um suspiro de saudade, e sim um libelo contra a dominação e a transformação do homem em coisa, seja ele o desejante ou o desejado, o dominador ou o dominado, e é também um alerta do observador Graciliano Ramos para o aperfeiçoamento da arte de explorar e dominar que, desde a

---

<sup>193</sup> *SB.* p. 177.

<sup>194</sup> *SB.* p. 184-185.

origem, precisa que a fome de um homem sempre esbarre na de outro e a vença.

Neste sub-tópico, vimos a fome de Paulo Honório ser saciada e promover a sua destruição e a de tantos outros; no próximo, veremos fomes ditas miúdas que exigem resoluções rápidas. Aparentemente banais, elas são capazes de descaracterizar o homem como ser que busca a liberdade. É a partir do olhar de Graciliano sobre aquele que sente essas fomes que pergunto: e você, tem fome de quê,

### ...Fabiano?

*Se pudesse atacaria os soldados amarelos  
que espancam as criaturas inofensivas.*

“Vidas Secas” – desejo de Fabiano – **Graciliano Ramos**

Em *Vidas Secas* a maior necessidade dos protagonistas é permanecerem vivos. Talvez por isso, logo no início da narrativa, o autor os iguale aos animais que os acompanhavam na retirada – o papagaio e a cachorra – classificando a todos como “*viventes*”. Reparem que eu não falei em desejo, e sim, em necessidade. Pois bem, *Vidas Secas* é esse lugar na obra graciliânica onde impera a necessidade sobre o desejo, onde a primeira vai se tornando o segundo, ao contrário de *São Bernardo* ou *Angústia*, onde o segundo vai se tornando a primeira. Assim, o quarto romance de Graciliano Ramos poderia ser caracterizado como aquele que fala da fome sem metáfora, aquele que olha o ser humano a partir do que ele tem de mais animalesco: suas necessidades básicas – comer, beber, dormir... sobreviver. Mas será apenas isso? A Fome pela fome? Um desejo completamente desambicioso? O homem do seco sertão nordestino vivendo como os antílopes das savanas africanas? Tentativas de respostas mais para adiante.

Por hora, comecemos por trabalhar um aspecto que teima em aparecer na maioria das análises que li sobre *Vidas Secas*: a relação da paisagem com a ação, portanto, com as personagens – seja a partir de um olhar mais voltado para o aspecto psicológico – Antonio Candido – seja numa análise materialista, na qual se diagnostica a incapacidade instrumental do homem do campo ao



enfrentar a seca – Carlos Nelson Coutinho.<sup>195</sup> No entanto, vemos uma boa definição dessa relação em artigo de 1938, ano em que o romance do autor alagoano vem a lume, artigo no qual Rubem Braga escreve sobre o poder da paisagem:

“Começa que a paisagem, para um sertanejo como esse Fabiano, não tem apenas uma influência transcendental ou um sentido decorativo. Tem uma importância imediata. A paisagem é uma questão de vida ou de morte. O inverno e a seca. Para o sr. Rubem Braga, de Cachoeira do Itapemirim, a paisagem é um quadro, e fornece apenas indicações miúdas. A influência da terra sobre ele é fraca, distante, lenta. Para Fabiano a paisagem dá ordens. Ele depende estritamente dela.”<sup>196</sup>

Realmente, não posso negar o poder do meio sobre os homens. Porém, o que se esquece, às vezes, é que Graciliano não separa homem e meio – ao menos não os separa brusca e nitidamente. A questão de a natureza dá ordens não deve, a meu ver, ser a condutora do olhar que se lance sobre a trama que envolve a família de retirantes desprovida de sobrenome. Que Fabiano, sinha Vitória, os meninos, Baleia sofram com o humor sádico do clima do semi-árido nordestino, isso está claro. A mídia enche jornais e telas de TV a cada estiagem, seja localizada ou mais abrangente, e vemos fabianos e vitórias numa tristeza desolada, cadelas e meninos mirrados, ossudos, os olhos grandes... Graciliano não descobriu nem definiu a face da seca. Mas voltando ao ponto, ele não desassocia o homem do meio. Se aquele arriba, não é pura e simplesmente porque a seca o manda embora. O desejo de ficar é maior que a necessidade de partir. Mas no confronto de um com o outro, a segunda vence o primeiro e ele arriba, levando nas costas os mantimentos e, sobretudo, a vontade dos outros homens, que pesaram mais que as suas. Mas ficou assim: *ao meio é dado um destaque especial quando se olha para Vidas Secas*. Ele

<sup>195</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão*. op. cit., p. 87: “Em lugar de contentar-se com o estudo do homem, Graciliano Ramos o relaciona aqui intimamente ao da paisagem, estabelecendo entre ambos um vínculo poderoso, que é a própria lei da vida naquela região”. COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000, p. 196. Um dos pontos em que o crítico toca é o da baixa tecnologia de que dispõe o campo para enfrentar as estiagens. É esse, para o autor, umas das mais fortes denúncias em *Vidas Secas* – a decadência da estrutura agrária: “Daí o papel preponderante da seca, o seu caráter de fatalidade trágica: os homens concretos que formam a realidade econômica estão socialmente desaparelhados para enfrentá-la”.

<sup>196</sup> BRAGA, Rubem. “Vidas Secas”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14.08.1938), p. 127.

pode ser associado como aquela parte do nosso corpo que a gente só lembra que existe quando ela dói. No caso do romance, quando ela maltrata o homem. O clima e o sertão nordestinos seriam o estômago do Brasil com fome. Tudo isto está posto na obra, intencionalmente ou não; e já foi lido por todos os grandes críticos literários do Brasil, direcionadamente ou não. O que me preocupa é, neste trabalho de história, o historiador se ater a esse aspecto a ponto de não ver na obra literária o homem, ou vê-lo apenas através dos gravetos estorricados da caatinga. Portanto, uma tentativa aqui é não valorizar por demais o meio.<sup>197</sup> O meio é o campo de ação do homem, além de ser também agente sobre ele. É quando falamos, isso sim, de uma situação na qual o homem não se desliga completamente do meio, ou seja, mantém uma relação que seria taxada por nós – modernos e urbanos – de arcaica em relação à natureza. A partir dessa óptica, temos Graciliano contando o homem do sertão em sua totalidade: “*Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se.*”<sup>198</sup> Ou seja, a paisagem entra no homem, é ele também. E o homem é também a paisagem, aprendeu a viver nela. Nela, alterou-se-lhe alguma coisa, o homem deu-lhe enfeites: construiu casas, fez pequenos açudes, rasgou o chão com enxadas, quebrou galhos ao passar com o gibão e a perneira de couro quando a galope corria atrás da rês, construiu cercas para prender bichos. Nele, a paisagem também deixou marcas: os pés que racham como o chão dos rios sedentos que lhes bebeu toda a água; as rugas ao redor dos olhos postas pelo sol, que os obriga a quase se fechar para que, contraditoriamente, possam enxergar; as unhas enegrecidas, da cor da lama, documentos de invernos passados, lama que secou e se afixou nas unhas. Enquanto houver gente num espaço, haverá a história dessa gente nesse espaço.<sup>199</sup> Como ele mesmo – Graciliano – contesta, não se pode pôr limites a

---

<sup>197</sup> O meio é pouquíssimo lembrado em *São Bernardo*, menos em *Angústia* e um pouco mais em *Caetés*. Seria então suficiente dizer que ao vermos o quanto Paulo Honório é parecido com sua fazenda, ele poderia ser reduzido às vontades do meio? Ou olharmos Luiz da Silva e nele enxergamos apenas seu quartinho de pensão ou seu ambiente de trabalho? Creio que não. No entanto, não quero apagar esse aspecto importante que o próprio autor trabalhou mais na obra 1938 do que nas demais. Acredito que a relação dos personagens de *Vidas Secas* com seu meio possa ser vista mais através de uma complementaridade do que no combate entre o homem e o meio, sobretudo, quando se toma este último como fator unicamente externo.

<sup>198</sup> VS. p. 09.

<sup>199</sup> Embora trabalhando com personagens de uma obra literária e não com experiências sociais de homens concretos, creio que essa passagem de Michel de Certeau, a seguir, ajuda-me na compreensão da relação entre homem e espaço. Questão essa cara para Graciliano em

essas coisas: “Octávio de Faria me dissera, em artigo enorme, que o sertão, esgotado, já não dava romance. E eu havia pensado: – Santo Deus! Como se pode estabelecer limitações para essas coisas?”<sup>200</sup> Parafraseio-o: em história, não podemos estabelecer limitações ou fronteiras para o homem, seja ele um honorável proprietário de largas terras ou um fabiano vaqueiro que nada possui, além de seu próprio corpo e suas fomes. E se é isso o que tenho como ponto de partida para olhar essa simples gente complexa que habitou a retina e o convívio do escritor e que agora se estende em minha frente codificada em letras, então que seja isso. Mas que, em *meio* a tudo, prevaleça o *homem*.

Fabiano e sinha Vitória não possuem mais do que suas próprias vidas. Não habitam, abrigam-se. Não se desfazem das pequenas coisas, deixam-nas para trás. Não guardam, consomem. Da equação fome(desejo)/posse pode-se dizer que realizam os cálculos mais diretos. No entanto, há fomes que não se convertem em posse e esse desejo algemado se torna uma espécie de guia que, inconsciente ou não, leva-os adiante. Os projetos de Fabiano e sinha Vitória, tanto para si como para os meninos, resumem-se ao mais complexo e completo desejo de qualquer homem, por serem os mais simples e os mais distantes – aqueles que no correr das gerações aprendemos a esquecer: querem ser felizes com saúde, querem o mínimo que lhes garanta o sustento e o máximo de liberdade que a vida possa permitir... só (ou tudo) isso:

“Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de

---

todas as suas obras. “O espaço é um lugar praticado”, afirma Michel de Certeau sobre a efetiva presença do homem na construção e vivência em seu meio. E completa: “... a oposição entre ‘lugar’ e ‘espaço’ há de remeter (...) a duas espécies de determinações: uma, por objetos que seriam no fim das contas reduzíveis ao estar-aí de um morto, lei de um ‘lugar’ (da pedra ao cadáver, um corpo inerte parece sempre, com Ocidente, fundar um lugar e dele fazer a figura de um túmulo); a outra, por operações que, atribuídas a uma pedra, a uma árvore ou a um ser humano, especificam ‘espaços’ pelas ações de sujeitos históricos (parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa a uma história).” CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994, p. 202-203. Uma outra definição que pode ajudar na compreensão desse *viver o espaço* está em Marc Bloch, quando fala da “antropogeografia” e a associação que pode ser feita à história, ou outros saberes, como visão complementar: “‘A antropogeografia’ estuda as sociedades em suas relações com o meio físico: trocas de sentidos duplos, isso é claro, em que o homem age incessantemente sobre as coisas ao mesmo tempo que estas sobre ele. Aqui, portanto, nada mais nada menos que uma perspectiva, que outras perspectivas deverão completar. Este é, com efeito, em qualquer ordem de investigação, o papel de uma análise.” BLOCH, Marc. *Apologia da História – ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 131.

<sup>200</sup> Carta a João Condé. Rio de Janeiro, 1944. Acervo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

terra. Mudar-se-iam depois para a cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e à coronha da espingarda de pederneira.”<sup>201</sup>

Esse trecho está no capítulo final do romance quando, diante de mais uma seca e da total *falta de estrutura social* – provocada por vícios seculares na relação patrão-empregado – *que impossibilita a sobrevivência naquele espaço sob aquelas circunstâncias*, os retirantes traçam planos para o futuro. No fundo, sonham com uma posse, algo de seu. É nesse momento, no qual se percebem como totais despossuidores, que suas “ambições” se projetam para um futuro a ser construído. Se olharmos para um trecho do capítulo *Inverno*, no qual se sobressai uma certa sensação de alegria, de saciedade, de invencibilidade, veremos que os planos são mais para o imediato, e neles não se menciona uma posse:

“Fabiano estava de bom humor. (...) Dentro em pouco o despotismo de água ia acabar, mas Fabiano não pensava no futuro. Por enquanto a inundação crescia, matava bichos, ocupava grotas e várzeas. Tudo muito bem. E Fabiano esfregava as mãos. Não havia perigo de seca imediata, que aterrorizara a família durante meses. (...) Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia.”<sup>202</sup>

A junção das duas passagens evidencia uma certa quebra na unidade da imagem do sertanejo pobre, construída ao longo de décadas, qual seja: aquela do flagelado, do homem que se contenta com um punhado de farinha, do desprovido de qualquer ambição, plano ou sonho. Por outro lado, essa mesma junção quebra também com aquela imagem do homem que, ao se revoltar, só consegue expressar essa revolta através do cangaço ou do messianismo. Graciliano, como veremos mais detidamente no próximo tópico, não envereda por uma ou outra trilha, prefere o seu entendimento da realidade, no qual as coisas não se fixam, não estão limitadas ou rotuladas. Já havia, por exemplo, mostrado com Paulo Honório uma vertente desse homem sertanejo que desrespeita a imagem tradicional. No entanto, poderíamos dizer que Paulo Honório é aquele que “passou para o lado dos ricos”, ou que seria um sertanejo que deixou de ser sertanejo ou nunca o foi, pois nunca tivera

---

<sup>201</sup> VS. p. 125-126.

<sup>202</sup> VS. p. 66-67.

“alma de anjo” ou fora um “bom selvagem”... essas purezas que teimamos em ver nos ditos “fracos” para que sejam dignos de nossa cara comisseração. Pois bem, Fabiano, sinhá Vitória, os meninos, Baleia, todos têm planos – estranha novidade: todos têm suas ambições que são, se não posses concretas, desejos concretos. *Todos querem e esperam seus “preás”, como qualquer um de nós.*

Baleia pode ser vista como a personagem catalisadora de todos os desejos contidos nas demais personagens do romance e, ao mesmo tempo, aquela que mais se entrega à negação do desejo, ou ao menos, à espera, à passividade:

“Baleia detestava expansões violentas: estirou as pernas, fechou os olhos e bocejou. Para ela os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-no de surpresa, uma extremidade de alparcata batia-lhe no traseiro – saia latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas. Incapaz de realizar o desejo, aquietava-se.”<sup>203</sup>

Em relação à família, estava ela no final de uma hierarquia composta por Fabiano, sinhá Vitória, o menino mais velho, o mais novo e ela, pois era quem ficava com as sobras e os ossos nessa vivência patriarcal. Assim, se a fazenda São Bernardo pode ser vista como metáfora da estrutura de poder da sociedade Nordestina que passa pelo processo transformações/permanências, essa família sem sobrenome pode também ser vista como a metáfora das relações sociais dum Nordeste ainda não tocado – ou não com tanta força – pelos ventos dos “*novos tempos*”. Mas não pensemos que Graciliano atém-se somente ao Nordeste quando faz *Vidas Secas*. Desejos bem maiores do que ossos boiando numa panela estão sendo mostrados e discutidos pelo autor. No capítulo *Baleia*, no qual a morte da cadela é o foco central, Graciliano escancara um libelo contra a rendição dos desejos, contra a resignação, a desistência e o entreguismo religioso, num exercício de análise não somente do homem nordestino, mas do homem em geral.

A cachorra Baleia estava para morrer e Fabiano, temendo a hidrofobia, resolve decidir o seu destino: era necessário sacrificá-la. O tiro reforçado, para evitar maior dor, sai da espingarda de pederneira e atinge uma coxa da cadela, que entre gemidos e pulos de dor tenta entender o que lhe está acontecendo.

---

<sup>203</sup> VS. p. 60.

Enquanto sentia um nevoeiro na vista, voltava o *desejo de latir e morder* Fabiano, agora convertido, confusamente, em inimigo seu. Mas “*não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.*” Em meio a esses sentimentos e dúvidas, Baleia ainda exercita sua submissão, quando, delirando, houve os “*chocalhos das cabras tilintarem para os lados do rio*”. Estranhou os animais estarem soltos à noite e não entendia aquela escuridão, mas sabia que sua “*obrigação (...) era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. (...) Precisava vigiar as cabras. (...) nem percebia que estava livre de responsabilidades*”. Durante todo o delírio, acompanha-lhe o cheiro dos preás, objetivos que deram sentido a sua existência e que no seu final são a imagem da recompensa de uma vida após a vida, análoga a vida vivida: “*Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.*” Tudo era grande e a fartura imperava porque aquilo era o paraíso: o original da cópia mal feita que é a vida. Desse modo, o autor não pinta um *post-mortem* redentor, pois o paraíso seria, no máximo, a melhora daquilo que era a Terra. O universo cognitivo de Baleia, como o de qualquer um, constrói um paraíso com os elementos que dispõe. Graciliano se aproveita desse universo pouco sortido do animal, para apresentar-nos esse paraíso que é a Terra, novamente. Desse modo, tenta eliminar qualquer via religiosa por onde os rebanhos encontrariam, enfim, sua redenção. O paraíso de Baleia não difere do que fora sua vida: haveria um Fabiano-Deus para ter de lamper as mãos, um pátio para brincar com as crianças e preás para caçar: coisas que já fazia enquanto viva; e, se enquanto viva não encontrara meio de quebrar aquela hierarquia e morder as canelas de Fabiano, depois que acordasse não seria diferente. Penso Graciliano estar falando de gerações, não de reencarnações.<sup>204</sup> Por isso, se eu operasse uma troca e pusesse Fabiano numa situação de delírio pré-morte semelhante à de Baleia, a oração, diante da proposta que julgo ser a de Graciliano, seria: *Fabiano acordaria num mundo cheio de brabos enormes*

---

<sup>204</sup> VS. p. 85-91.

*para amansar, feridas enormes para curar com rezas e cercas enormes, pertencentes a um patrão enorme, para consertar. Além disso, temeria um soldado amarelo enorme e sentiria um ódio enorme de tudo por não saber falar ou se defender.* O autor quer as coisas sendo resolvidas no hoje; e se não no hoje, aqui.

Para não sair dessa aura da religiosidade, continuo a ver Fabiano como um “deus”: o centro, a referência, o chefe dessa família patriarcalizada. É a partir da sua figura que quero falar sobre os desejos dos dois meninos.<sup>205</sup>

O papel dos dois meninos na trama, creio, é o da *continuidade* que se desenrolará a partir da figura do pai, tomada como referência. O menino mais velho está ligado ao pai pela palavra: pouca, rala, confusa, mas depende dela para crescer e aprender. O menino mais novo quer imitar o pai nos mínimos detalhes: postura, profissão, quer ser Fabiano de novo, amanhã. Entre os dois há uma espécie de choque: um quer mostrar ao outro, através da figura do pai, como melhor compreender e atuar no mundo. Num dia, o menino mais novo vê o pai amansando uma égua: um espetáculo que o ilumina. Após a luta: *“Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão. As perneiras, o gibão, o guarda-peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilham-no.”*<sup>206</sup> Os “mantos sagrados” de Fabiano, usados para “comandar” o mundo, enchiam de ânimo o discípulo que queria ter a primeira experiência, a revelação, rumo ao pai (o caminho, a verdade, a vida): iria montar, ser vaqueiro. E Fabiano mesmo tinha consciência de que era preciso doutriná-los:

“(…) era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil – bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. (...) Viveria muitos anos, viveria um século.

---

<sup>205</sup> A estratégia narrativa por mim adotada, passando por questões como religião, devoção, resignação, tem sua explicação a partir da necessidade que encontrei de unir os desejos dos vários membros da família naquilo que os vinculava. Desse modo, não abandonei minha intenção primeira, anunciada logo no início desse sub-tópico, pois trabalhar os desejos das personagens por esse viés é, ao mesmo tempo, tentar ver esses sertanejos traduzidos pelo autor, menos pela sua porção animal do que pela sua porção social, ou seja, abalzar esses desejos através de um aspecto religioso que permeia o universo dessas pessoas – e talvez seja o discurso social que mais lhes atinja – é fazer esse exercício de como o autor trabalhou essas questões e como está implícito em seu discurso o combate ao discurso e à prática religiosa, muito embora sua devoção a um discurso e projeto stalinista tenha beirado, ou até atingido, patamares de religiosidade – talvez assunto mais para adiante.

<sup>206</sup> VS. p. 48.

Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos.”<sup>207</sup>

O garoto então resolve montar num bode sem consultar o irmão mais velho, que “*iria rir-se, mangar dele, avisar sinha Vitória*”. Andando “*banzeiro*”, chega a ribanceira e espera a chegada do bode ao bebedouro para pular sobre ele e domar a fera. Exigiria respeito do irmão mais velho e de Baleia, mostrar-se-ia capaz de ser igualzinho a Fabiano: “*la mostrar aos dois uma proeza, voltariam para casa espantados*.” Mas o plano não se converteu em sucesso. Após pular no lombo do bicho, o menino sacudido para frente e para trás, terminou por encontrar o chão e a decepção. E sem maiores estragos físicos, ficou a doer-lhe mais o humilhante resultado da experiência:

“Olhou com raiva o irmão e a cachorra. Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas.”<sup>208</sup>

Ficou também a sensação de que, mesmo com esse fracasso, estava no caminho certo: só precisava crescer, tornar-se mais forte, imitar melhor o pai em cada aspecto, trazer todos os seus equipamentos, coragem, hábitos. Quando crescesse e tornasse homem igualzinho a Fabiano, “*o menino mais velho e Baleia ficariam admirados*”. Esse é o desejo do menino mais novo: ser igual o pai, e com isso, superar o menino mais velho, que passaria a respeitá-lo e vê-lo com admiração.

Realmente o menino mais velho não tem por fito acompanhar com exatidão o caminho de Fabiano. Começa por reivindicar o significado das palavras que não sabe – no caso a palavra inferno – ou seja, afasta-se dos conselhos do pai, que os quer aprendendo o ofício de vaquejar. Quando o menino lhe pergunta o significado da palavra nova, Fabiano ignora a interrogação e manda que ponha o pezinho sobre uma folha de sola: “*Bota o pé aqui*.” A ordem de pôr o pé num lugar determinado, acrescentada dos limites impostos por riscos à frente dos dedos e atrás do calcanhar para a medida da alparcata, tal ordem pode ser lida como a imposição dos limites para o próprio menino, quais sejam: estar ciente de que não precisa aprender coisas

---

<sup>207</sup> VS. p. 21-24.

<sup>208</sup> VS. p. 51-52.



complicadas e estar ciente do seu lugar, da sua função nesse mundo que é movimentar-se no campo de força demonstrado e vivido pelo pai.

Como eu havia dito antes, preferi enveredar por essa trilha da religiosidade presente na obra, mas não por acaso. Uma das informações que me autorizam a fazer tais especulações vem de Ricardo Ramos, filho do escritor. Em *Retrato Fragmentado*, ele conta de seu espanto quando o *Velho* lhe disse que o papel dos meninos na trama é “fazer um paralelismo com a discussão entre católicos e protestantes, as suas divergências no modo de encarar a divindade.”<sup>209</sup> Ricardo Ramos não aponta nenhuma passagem que sintetize essa discussão que o pai trouxe para a obra, mas eu arriscaria citando uma, na qual os desejos dos meninos também são expostos e sua disputa também se evidencia. É no capítulo *Inverno*, quando estão todos reunidos ao redor de uma fogueira no interior da casa, na fazenda, abrigando-se de uma forte chuva e tentando não sofrer com o frio. Fabiano principia a contar uma história já várias vezes reprisada, uma façanha sua, porém, esta trazia passagens novas, devido à euforia de Fabiano pelo “tempo bom” de chuva. O que chamo de “evangelho novo”, contado por Fabiano desperta diferentes reações dos meninos. O mais novo (protestantismo) fica satisfeito; o mais velho (catolicismo) se aborrece:

“O menino mais novo bateu palmas, olhou as mãos de Fabiano, que se agitavam por cima das labaredas, escuras e vermelhas.

(...)

O menino mais velho estava descontente. Não podendo perceber as feições do pai, cerrava os olhos para entendê-lo bem. Mas surgira uma dúvida. Fabiano modificara a história – e isto reduzia-lhe a verossimilhança. Um desencanto. Estirou-se e bocejou. Teria sido melhor a repetição das palavras. Altercaria com o irmão procurando interpretá-las. Brigaria por causa das palavras – e a sua convicção encorparia. Fabiano devia tê-las repetido. Não. Aparecera uma variante, o herói tinha-se tornado humano e contraditório.”<sup>210</sup>

O combate entre protestantismo e catolicismo na obra não é, a meu ver, apenas um exercício que envolve o trabalho de temas dentro de outros. Exemplos como esse e o que virá a seguir evidenciam a complexidade de um romance tratado, muitas vezes, como sendo apenas um apelo à solidariedade

<sup>209</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit. p.106-107.

<sup>210</sup> VS. p. 68.

ou uma demonstração de carinho do autor à gente do sertão.<sup>211</sup> *Vidas Secas* está longe de ser uma obra simples, recheada de questões simples, porque está falando de gente humilde – gente tomada por simplória, desprovida de latitude, rasa e sem mistérios. O romance evidencia também a atenção do autor no quadro mundial, o que me leva a concordar com Otto Maria Carpeaux, que traça um perfil desregionalizador para Graciliano: “*esse romancista tipicamente nordestino tem pouca coisa em comum com o romance tipicamente nordestino do seu tempo*”.<sup>212</sup> Ou seja, Graciliano teria conseguido, escrevendo sobre o Nordeste – as suas várias faces – mostrar e discutir o mundo. Vejamos no exemplo prometido, o desejo de sinha Vitória, essa carga de complexidade do romance, e o quanto seu ator estava preocupado com a conjuntura internacional.

O maior desejo de sinha Vitória é possuir uma cama de lastro de couro que substituísse a torturante cama de varas: “*Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas*.”<sup>213</sup> A problemática cama, além de ser desconfortável por si mesma, ainda possuía um nó, um “*calombo*” no meio da madeira que dificultava o sono e os impossibilitava de se estirarem no meio dela. Diante da “*prosperidade*” que estavam gozando – comiam, engordavam, o patrão confiava neles – eram, assim como o “*pequeno pedinte*” após a missa de domingo e a esmola dada com indiferença, “*quase felizes*” e a existência daquela cama e, sobretudo, daquele nó não se justificava. Ao mesmo tempo que tentava resolver o problema da cama que tinha, enquanto ouvia os roncos de Fabiano, sinha Vitória apelava para a confortante lembrança da cama perfeita, a de seu Tomás da bolandeira: “*Seu Tomas tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos.*”<sup>214</sup> O desejo de

<sup>211</sup> FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967, p. 187-190. LINS, Álvaro. “Valores e Misérias das *Vidas Secas*”. In RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro Record, 1998, p. 151-152.

<sup>212</sup> CARPEAUX, Otto Maria. “Amigo Graciliano” In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1953) p. 146.

<sup>213</sup> VS. p. 40.

<sup>214</sup> VS. p. 45.

sinhá Vitória de possuir uma cama de couro, além de ser uma presentificação imaginária que acompanha a ela e ao marido durante todo o romance, serve de mote para o autor trabalhar conflitos entre as personagens da obra. Explico: a imagem tradicional que se faz do sertanejo é, geralmente, desprovida de maiores defeitos. É o ser rude que tem sua coragem aliada à uma pureza infantil e sua simplicidade como a condutora de uma vida sem ambições. Graciliano mais uma vez questiona essa ordenação simples das coisas e das relações, trazendo uma questão que passou despercebida pela maioria dos leitores de *Vidas Secas* – incluo-me nessa maioria. É mais uma vez Ricardo Ramos quem mostra a “intenção” do pai ao colocar sinha Vitória como adúltera:

”Já não fica tão fácil, de um prisma histórico, localizar a mulata sinha Vitória e o alourado Fabiano em plena ascensão do fascismo, com o mito da superioridade racial ariana, ela cafusa e inteligente a dirigir o marido branco e bruto. Mais que isso, o que poucos percebem, capaz de enganá-lo. (Como é que ia saber da cama de couro de seu Tomás da bolandeira?) (...) Confesso: se não tivesse ouvido do próprio Graciliano, dificilmente chegaria a tal aproximação.”<sup>215</sup>

Como visto, havia uma hierarquia com conflitos internos entre os membros da família, e essa configuração foi geralmente pouco apercebida pelos críticos literários.<sup>216</sup> O próprio autor dificulta tal percepção ao se utilizar, em inúmeras passagens, do animismo e da zoomorfização para demonstrar o caráter de precariedade que vivia a gente do sertão nordestino, dando-nos a impressão de uma massa uniforme: todos gente-bicho ou bicho-gente. No entanto, ao colocar Fabiano como epicentro das relações familiares, perseguindo a discussão do patriarcalismo, Graciliano mostra os desejos de

<sup>215</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit. p.106-107. A sutil discussão, em *Vidas Secas*, envolvendo elementos do nazi-fascismo tem, em carta de 1935, uma antecessora mais explícita. Observando o cenário mundial e o nacional, Graciliano Ramos descreve um quadro de horror para os anos seguintes: aponta a falência das instituições, o advento de uma nova guerra mundial e, azedamente irônico, reserva um espaço para a literatura como testemunha e registro do que está por vir: “*O Estado está pegando fogo, o Brasil se esculhamba, o mundo vai para uma guerra dos mil diabos, muito pior que a de 1914 – e eu só penso nos romances que poderão sair dessa fornalha em que vamos entrar. Em 1914-1918 morreram uns dez ou doze milhões de pessoas. Agora morrerá muito mais gente. Mas pode ser que a mortandade dê assunto para uns dois ou três romances – e tudo estará muito bem.*” Ct. p. 146. “Carta 77 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 03 abr. 1935”.

<sup>216</sup> Das leituras que fiz da fortuna crítica de Graciliano Ramos, encontrei apenas em Fábio Lucas uma preocupação em desenvolver essa idéia da hierarquia dentro da família de retirantes: “*o perfil dessa enumeração hierárquica é homóloga à da organização social da região, patriarcal e latifundiária, que lhe serve de inspiração.*” LUCAS, Fábio. “Particularidades Estilísticas de *Vidas Secas*”. In SEGATTO, José Antônio e BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999, p. 111.

cada membro da família em conflito com a figura do pai-esposo. Querer aprender palavras novas para melhor entender o mundo (menino mais velho); querer ser vaqueiro e configurar-se como herói do sertão – figura que merece respeito pela coragem e destreza (menino mais novo); querer o conforto de uma cama de couro – que evidenciaria uma melhora da condição de vida, pois a cama seria também uma espécie de âncora, um móvel grande que os descaracterizariam como nômades (sinha Vitória); todos esses desejos de certo modo esbarram na figura de Fabiano. E ao voltar para Fabiano, não cabe aqui a imagem do círculo e sim a da espiral, pois o vaqueiro ganha os contornos da figura catalisadora de todos esses desejos – que no interior da família é representada pela cadela Baleia – quando se relaciona com a sociedade: “*Na caatinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se.*”<sup>217</sup> Desse modo, Fabiano é o *traço* que percorre os desejos de cada membro da sua família, juntando-os ao seus, formando a imagem de um círculo que não se fecha em si mesmo, pois está em expansão, e encontra num cenário diferente daquele onde é ele, Fabiano, o “dominador” a cidade e seus poderes, a barreira que o impede de prosseguir na captura dos seus desejos e dos desejos dos seus. Esse outro, morador da cidade que não concorda com a realização de seus desejos, é como um ‘Fabiano-deus’ diante de um ‘Fabiano-Baleia’, tentando de todos os modos dominá-lo e/ou explorá-lo, castrar-lhe o maior de todos os desejos, experimentado por ele apenas quando voa no lombo do cavalo a correr pela caatinga: a liberdade. O soldado amarelo é cercado da simbologia do poder oficial, o elemento máximo dessa castração e o principal alvo da revolta do vaqueiro.

E é no campo de batalha da privação da liberdade onde temos o combate entre a *fome* e a *vontade de comer*. Duas imagens que à primeira vista parecem análogas, porque de certo modo uma é complemento da outra, mas que aqui serão trabalhadas como forças antagônicas, justamente porque se completam numa relação atritosa. Madalena x Paulo Honório, Fabiano x “mundo civilizado e opressor”, Graciliano x “poder instituído”, todos são elementos antagônicos e imbricados de uma disputa não necessariamente clara, na qual o golpe desferido pode voltar para quem o desferiu. Assim, esses

---

<sup>217</sup> VS. p. 29.

pares, cujos dois primeiros são desdobramentos do terceiro, estão eles, nesse trabalho, a serviço do meu olhar sobre as relações de poder tanto no interior das obras (resultado do olhar do autor) como no contexto onde a obra está inserida (o olhar do autor e o olhar do outro sobre ele). Enfim, é o confronto doloroso dos *nossos* três “protagonistas” com o “mundo-fora”.

## 2.2. A Fome e a Vontade de Comer

*Ó meu lindo soldadinho  
Não me batas sem motivo.*

“Crime e Castigo” – **Dostoiévsky**

– *Ai, vovó, que orelhas grandes que você tem!*  
– *É para te ouvir melhor.*  
– *Ai, vovó, que olhos grandes que você tem!*  
– *É para te enxergar melhor.*  
– *Ai, vovó, que mãos grandes que você tem!*  
– *É para te agarrar melhor.*  
– *Ai, vovó, que bocarra enorme que você tem!*  
– *É para te comer melhor.*

“Chapeuzinho Vermelho” –  
**Jakobe und Wilhelm Grimm**

O caminho de Paulo Honório cruzou com o de Madalena, mas em momento algum os dois caminhos se tornaram um só e o casal pôde seguir sob o mesmo passo. Enquanto Paulo Honório representava o pensamento da exploração e do progresso, aliado ao pensamento do patriarcalismo e patrimonialismo, resumidos na figura do egoísta, Madalena representava o pensamento fraternal, que acolhe a busca de um sentido verdadeiro para a vida, ultrapassando a visão egoísta do esposo. Em momentos decisivos na caracterização das personagens e no estabelecimento do conflito, como o jantar de comemoração dos dois anos de casamento, Madalena chega a apontar para uma saída via revolução, quando numa discussão sobre a situação política. É o ponto crítico que transforma em ciúme doentio o que na verdade é o reconhecimento do outro enquanto ameaça. Padre Silvestre começa:

“– ...A facção dominante está caindo de podre. O país naufraga, seu doutor. É o que eu digo: o país naufraga.  
Passei-lhe uma garrafa e informei-me:

– Que foi que lhe aconteceu para o senhor ter essas idéias? Desgostos? Cá no meu fraco entender, a gente só fala assim quando a receita não cobre a despesa. Suponho que os seus negócios vão bem.

– Não se trata de mim. São as finanças do estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver uma revolução!

– Era o que faltava. Escangalhava-se esta gangorra.

– Por quê? perguntou Madalena.

– Você também é revolucionária? exclamei com mau modo.

– Estou apenas perguntando por quê.

– Ora por quê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem falar na atrapalhação política.

– Seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo.

– Com certeza, apoiou Luís Padilha.

(...)

– Esperem por isso, atalhou Azevedo Gondim. Os senhores estão preparando uma fogueira e vão assar-se nela.

– Literatura! resmungou Padilha.

– Literatura não, gritou Azevedo Gondim. Se rebentar a encrenca, há de sair boa coisa, hem, Nogueira?

– O fascismo.

– Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.

D. Glória benzeu-se e seu Ribeiro opinou:

– Tem medo, seu Ribeiro? perguntou Madalena sorrindo.

– Já vi muitas transformações, excelentíssima, e todas ruins.<sup>218</sup>

Dessa longa citação posso começar extraindo, entre outras questões, a preocupação do autor em apontar as diferentes perspectivas quanto à revolução iminente. Padre Silvestre, por exemplo, deseja a revolução por apostar na reorganização político-administrativa do país. Seus interesses apontam para a substituição de uma ordem por outra que não necessariamente provoque a ruptura. Mais tarde, em outra passagem, fica clara a intenção do padre, quando busca assumir a função de líder político ocupada pelo falido Pereira. Graciliano, utilizando-se da figura de Padre Silvestre, mostra a intenção dos líderes da revolução: descobrir um santo para cobrir outro, já que o sacerdote abole, peremptoriamente, qualquer participação ou menção comunista nos interstícios do movimento desejado, ou seja, seu interesse não passa por mudanças sociais radicais. E para atacar os “vermelhos”, Padre Silvestre desce um rosário de “bizarrices” que teriam cometido os bolcheviques após 1917: *“Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós.*

<sup>218</sup> SB. p. 128-129.

*O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome.*” E continua: *“Uma nação sem Deus! (...) Fuzilaram os padres, não escapou um. E os soldados, bêbedos, espatifavam os santos e dançavam em cima dos altares.”*<sup>219</sup> Noutra posição temos seu Ribeiro. Fiel ao passado, elenão acredita em mudanças: sua baliza para medir o mundo – assim como o faz Paulo Honório – é a propriedade que possuía e nela reinava como senhor absoluto. Nela, Ribeiro era a lei, a ordem, os olhos, os ouvidos e a palavra. E diante do quadro de incertezas que se delineava nas vésperas de 1930, o velho major saltava para trás desprezando o seu agora e ignorando o seu depois, ao invocar Dom Pedro II e seu tempo áureo numa melancólica lembrança de coisas pequenas:

“No tempo de d. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis era rico. Mas havia fartura, a abóbora apodrecia na roça. Mamona, Caroço de algodão não tinham valor. Com a proclamação da república ficaram custando os olhos da cara. Por isso eu digo que essas mudanças só servem para atrapalhar a vida. A estrada de ferro...”<sup>220</sup>

E o argumento se esvai... Mas é interessante observar as culturas citadas por seu Ribeiro para simbolizar a fartura: abóbora, mamona, algodão – recorro que as duas últimas são destacadas em várias passagens pelo proprietário de S. Bernardo. Ao traçar esse paralelo, seu Ribeiro parece estar chamando Paulo Honório para junto de si e para esse passado glorioso que o atual fazendeiro não viveu mas que traz, em seu redor, condições para preservar um oásis temporal e, de certo modo, a própria vida. Ao lado de Paulo Honório, mas sem a pureza de seu Ribeiro, Azevedo Gondim e João Nogueira são o outro peso do mesmo lado da balança: resistem à revolução mais pela preservação do presente e das facilidades que suas condições de jornalista pelego e advogado de pequenas causas lhes trazem do que por qualquer defesa ideológica. O fato

---

<sup>219</sup> SB. p. 130. O quadro que está sendo trabalhado acima, no qual há opiniões diversas a respeito da revolução, pode ser ele sintetizado nessa passagem dum texto de 1940: *“No campo dos revolucionários grassavam idéias muito diversas, ordinariamente simples, um otimismo baboso e afirmações categóricas. Manifestavam toda a certeza de que isto ia se transformar do pé para a mão. Graves sintomas de tolice coletiva fervilhavam nos espíritos: ofereciam-se moedas de prata e cordões de ouro para acabar a dívida externa, e indivíduos interessantes, mistura de idealista e malandro, recebiam essas dádivas com entusiasmo. De ordinário não tinham ódio ao vencido: votavam-lhe desprezo e alguma piedade.”* RAMOS, Graciliano. “Pequena História da República”. In *Alexandre e Outros Heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 184.

<sup>220</sup> Idem.

é que Azevedo Gondim e João Nogueira assumiriam a posição que conviesse a Paulo Honório e a condição que ele representava. No outro lado da balança temos a presença propositadamente atrapalhada de Luís Padilha e a imagem humanista e fraternal de Madalena. O primeiro tem, entre uma humilhação e outra, ataques de esquerdismo e acaba por se juntar aos revolucionários de 1930, quando o movimento eclode, abandonando a fazenda que um dia foi sua; a segunda traz na sua própria vivência – aos moldes de Paulo Honório – o que seria o “embasamento teórico-argumentativo” da sua conduta – um “humanismo abstrato”, segundo Carlos Nelson Coutinho – opositora à do marido. O encontro desses dois universos – o de Paulo Honório e Madalena – resulta num conflito cujo desfecho é a tragicidade, acompanhada de uma tomada de consciência do fazendeiro em relação à sua postura frente ao outro. Toda a segunda parte do romance, desde os contatos iniciais com a futura esposa, será marcada pelo confronto entre essas duas forças.

Como já dito no capítulo anterior e neste, o que move Paulo Honório é o sentimento de propriedade, e Madalena está nos planos do fazendeiro como uma nova conquista, um investimento. A princípio, ela é uma “máquina” que precisa ser adquirida para gerar um produto: o herdeiro da fazenda são Bernardo. Como o próprio fazendeiro diz em conversa com D. Glória – tia de Madalena – o casamento não é uma questão de reciprocidade e sim de vitalidade: *“Se o casal for bom, os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem põe”*. E o argumento para defender sua teoria é um paralelismo que a tudo transforma em objeto e técnica: *“Conheço o manual de zootecnia”*.<sup>221</sup> Um reprodutor, uma matriz, um filhote e o início de uma linhagem de bicho-dono. Parece não ser apenas em *Vidas Secas* que as personagens não tem tempo de se abraçar. Paulo Honório tem, assim como Fabiano, nas suas necessidades e afazeres específicos a exacerbação do labor frente ao mundo. Aliás, ambos compreendem o labor como o mundo, o único, com a diferença de o proprietário estender esse labor ao retorno lucrativo, que acaba sendo o verdadeiro fim e sentido de sua existência. E a conquista de Madalena não se dá de modo ou ritmo diferentes ao da fazenda. A pretexto de levar Madalena para São Bernardo na condição de professora,

---

<sup>221</sup> SB. p. 87.



Paulo Honório sonda a sua situação, cerca a vítima, tal qual fizera com o Padilha, e faz o convite via Azevedo Gondim: “(...) *Sonde a Mulher (...) E não sei a maneira de tratar com essa gente. Muitas voltas... Peite a moça Gondim, faça-me o favor.*”<sup>222</sup> Dias depois o fazendeiro tenta colher alguma coisa, fala a Madalena de assuntos que tem a tratar com ela:

“– O convite que me fez pelo Gondim?

Vacilei:

– Mais ou menos.

– Já lhe devia ter respondido que não aceito.

– Que diabo! Mas o aumento do ordenado, filha de Deus?

– Não convém. Estou em seis anos de magistério, não deixo o certo pelo duvidoso. Essas escolas particulares hoje se abrem, amanhã se fecham...”<sup>223</sup>

Paulo Honório é obrigado a concordar, ou concorda para que o assunto caia no ponto desejado e prossegue:

“– (...)Para ser franco, essa história de escola foi tapeação.

(...)

– O que vou dizer é difícil. Deve compreender... Enfim, para não estarmos com prólogos, arreio a trouxa e falo com o coração na mão.

Tossi encastrado.

– Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra...”<sup>224</sup>

As palavras saem com certa dificuldade, afinal não está falando de cifras e hectares. Mas vencido este obstáculo, dizer do seu interesse pela moça, de modo direto e honesto, começa a batalha das argumentações e volta o estrategista, o negociador, e o que era para ser um pedido de casamento, aos poucos vai se tornando uma atividade comercial, na qual Madalena vai sendo envolvida:

– Já se vê que não sou o homem ideal que a senhora tem na cabeça.

– Nada disso. O que há é que não nos conhecemos. (...) Deve haver diferenças entre nós.

– Diferenças? E então? Se não houvesse diferenças, nós seríamos uma pessoa só. Deve Haver muitas. (...) A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo. Tenho quarenta e cinco anos. A senhora tem uns vinte.

– Não, vinte e sete.

<sup>222</sup> SB. p. 85.

<sup>223</sup> SB. p. 87.

<sup>224</sup> SB. p. 88.

– Vinte e sete? Ninguém lhe dá mais de vinte. Pois está aí. Já nos aproximamos. Com um bocado de boa vontade, em uma semana estamos na igreja.

– O seu oferecimento é muito vantajoso para mim seu Paulo Honório, murmurou Madalena. (...) A verdade é que eu sou pobre de Job, entendeu?

– Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.”<sup>225</sup>

Na semana seguinte, a resposta.

– Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

– Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

– Não há pressa. Talvez daqui a um ano... eu preciso preparar-me.

– Um ano? Negócio com prazo de um ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas. (...) Podemos avisar sua tia, não?

Madalena sorriu, irresoluta.

– Está bem.

– D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embridados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar.<sup>226</sup>

Após a captura de Madalena, Paulo Honório se apercebe que o *adquirido* não correspondia ao esperado. No entanto, o desvencilhamento estava fora de cogitação, pois traído pelo sentimento que se agigantava, surgido a partir dos primeiros contatos com Madalena em casa do Dr. Magalhães e revelado a partir da descrição da moça, ela seria a contradição entre projeto e ação no universo comandado por Paulo Honório.<sup>227</sup> Contaminado pela paixão o sentimento de posse transformou Madalena no alvo de um ciúme que pode ser visto como a luta pela permanência de uma ordem social e de tradições que se naturalizaram no decorrer da história brasileira.<sup>228</sup> Assim, a “*flecha preta*” do ciúme atinge o fazendeiro, ferindo a

<sup>225</sup> SB. p. 88-90.

<sup>226</sup> SB. p. 93.

<sup>227</sup> SB. p. 67: “De repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos. Miudinha, fraquinha.”

<sup>228</sup> SIQUEIRA, Antônio Jorge. “Identidade e Poder: uma leitura de S. Bernardo”. op. cit., p. 45. “...Numa formação social com mais de três séculos de escravidão e exacerbação de um

garganta de Madalena que, aos poucos, vai tendo seu direito de falar e se manifestar minados. A todo custo, Paulo Honório tenta igualá-la às demais peças do tabuleiro da São Bernardo, tendo a resistência de Madalena ensejado fortes discussões logo após o casamento, por motivos que caracterizam bem as diferentes visões de mundo dessas duas forças: *“Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração. Descobri nela manifestações de ternura que me sensibilizaram. E, como sabem, não sou homem de sensibilidades.”*<sup>229</sup> A primeira manifestação do humanismo de Madalena, incompreendido pelo esposo, foi em relação a mestre Caetano, trabalhador da mina que, doente, necessitava de amparo e cuja família passava por privações. A resposta do fazendeiro: *“Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.”*<sup>230</sup> Mas acaba cedendo. E aos poucos, Madalena vai costurando sua ação dentro dos limites da São Bernardo e dos seus próprios: pede aumento de salário para seu Ribeiro, melhores condições para a escola e os moradores, exige que o patrão respeite seus empregados. Ao episódio da surra que aplica em Marciano – já transcrito no capítulo anterior – segue-se uma discussão entre o casal que envolve essa questão do respeito a um empregado e mais, a outro ser humano. Mais uma vez, o choque entre diferentes visões de mundo é registrado pelo protagonista-narrador, sendo que, ao término da discussão, surge a primeira desconfiança quanto à fidelidade da esposa:

– É horrível! bradou Madalena. (...) Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?

– Ah! sim! por causa do Marciano. Pensei que fosse coisa séria. Assustou-me.

– Bater assim num homem! Que horror!

– Ninharia, filha. Está você aí se afogando em pouca água. Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem.

– Por quê?

– Eu sei lá. Foi vontade de Deus. É um molambo.

– Claro. Você vive a humilhá-lo.

– Protesto! Exclamei alterando-me. Quando o conheci, já ele era molambo.

– Provavelmente porque sempre foi tratado a pontapés.

---

*poder gerencial autocrata da propriedade, seja ela engenho de açúcar ou fazenda de gado, a elite dirigente plasma uma cultura de exclusão, cerceando a fala e obliterando o exercício da política.”*

<sup>229</sup> SB. p. 104.

<sup>230</sup> SB. p. 96.

– Qual nada! É molambo porque nasceu molambo. (...) que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?”<sup>231</sup>

Paulo Honório confia em sua interpretação do mundo e argumentação para defender suas ações, baseado na tradicional sentença de que o mundo é como Deus fez e cada qual tem uma sina a cumprir.<sup>232</sup> Não precisa gastar seu respeito com quem ele considera ser um molambo, e sempre considerará por julgar que assim sempre será. Sua fé reificante, que isola o exercício de autonomia do outro ou a toma como ofensa e perigo, casa-se com a mesma fé nessa tradição que habita o corpo reificado, representado pelo sempre fiel Casimiro Lopes, que numa das poucas vezes que se pronuncia é para rebater, resignadamente, as questões lançadas pelo Padilha sobre a exploração de um homem pelo outro: *“Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono.”*<sup>233</sup> Note-se que Paulo Honório, em sua narrativa, não abre travessão para registrar a voz de Casimiro Lopes, que falou, mas pela boca do patrão. Na definição de Fernando Cristóvão, o capanga representa essa *“situação ideal do homem reificado que se identificou de tal modo com outrem que deixou de querer ou desejar. É um puro objeto que os outros manipulam e que se situa para além da alegria ou da tristeza, da felicidade ou infelicidade.”*<sup>234</sup> E de certo modo, é por isso que Madalena, d.

---

<sup>231</sup> SB. p. 109-110.

<sup>232</sup> Segundo Eric Hobsbawm, os três tipos de tradições inventadas são: *“a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade e c) aquelas cujo propósito é socialização, a inculcação de idéias, sistema de valores e padrões de comportamento.”* E continua *“Pode-se observar uma nítida diferença entre as práticas antigas e as inventadas. As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendem a ser bastante gerais e vagas quanto a natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: ‘patriotismos’, ‘lealdade’, ‘dever’, ‘as regras do jogo’, ‘o espírito escolar’, e assim por diante.”* Cf. HOBBSAWM Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 17 e 19.

<sup>233</sup> SB. p. 58.

<sup>234</sup> CRISTÓVÃO. Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. op. cit. p. 218. Aliada à definição do *corpo reificado* e à de *tradição inventada*, como formas de dominação e manutenção de poder, creio ser interessante as juntarmos à de *alienação*, tal como a trabalhou Castoriadis, passando pela prática discursiva embasada no *imaginário* – não menos inventado em processos de conflito discursivo, coercitivo e excludente – no qual o outro possui a dupla possibilidade de se tornar autônomo ou alienado em relação àquele que também lhe é outro. *“A Característica essencial do discurso do Outro, do ponto de vista que aqui interessa, é sua relação com o imaginário. É que, dominado por esse discurso, o sujeito se toma por algo que não é (que, de qualquer maneira não é necessariamente para si próprio) e para ele os outros e o mundo inteiro sofrem uma deformação correspondente. O sujeito não se diz, mas é dito por alguém, existe pois como parte do mundo de um outro (certamente, por sua vez, travestido). O sujeito é*

Glória, seu Ribeiro, o próprio Padilha e até Marciano não podem ser considerados como extensões perfeitas do seu querer, pois não o obedecem cega e retamente: *“Que me importavam as opiniões do Padilha, de seu Ribeiro, de d. Glória, de Marciano? Casimiro Lopes é que não tinha opinião. Quem me dera ser como Casimiro Lopes!”*<sup>235</sup> Paulo Honório gosta de seu capanga, à medida que este lhe é como um cão fiel: *“Casimiro Lopes, que não bebia água na ribeira do Navio, acompanhou-me. Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão.”*<sup>236</sup> Casimiro Lopes tem, por sua vez, na figura de Paulo Honório a proteção para o jagunço. A falta de – ou camuflagem da falta de – consciência põe Casimiro Lopes num papel de alienado em relação às conquistas de Paulo Honório, muitas delas conseguidas a partir da ação direta do capanga: *“Boa alma, Casimiro Lopes. Nunca vi ninguém mais simples. Estou convencido de que não guarda lembrança do mal que pratica.”*<sup>237</sup> O grau de reificação de Casimiro Lopes como objeto e extensão dos desejos do outro estende-se a ponto de o narrador confundir-se com seu capanga, sobretudo quando recorda que as ações do último são efetuadas a partir da vontade dele, o patrão. Quando durante uma briga Madalena chama Paulo Honório de assassino – referindo-se ao caso do Mendonça – o fazendeiro confunde-se com Casimiro Lopes e chega a pensar que a esposa havia chamado a seu empregado, e não a ele, de criminoso: *“Que trapalhada! que confusão! Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim. Naquele momento, porém, não vi nas minhas idéias nenhuma incoerência. E não me espantaria se me afirmassem que eu e Casimiro Lopes éramos uma pessoa só.”*<sup>238</sup> O resultado dessa “simbiose” é a formação de um “corpo-

---

*dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal, precisamente porque não sabido como tal. O essencial da heteronomia – ou da alienação, no sentido mais amplo do termo – no nível individual, é o domínio por um imaginário autonomizado que se arroja a função de definir para o sujeito tanto a realidade quanto seu desejo.”* Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 124.

<sup>235</sup> SB. p. 151.

<sup>236</sup> SB. p.14.

<sup>237</sup> SB. p.138.

<sup>238</sup> SB. p. 143. O caráter violento de Paulo Honório é a marca que o acompanha desde a sua primeira elaboração, quando num conto, de 1924, Graciliano se incumba a tarefa de contar a história de um coronel assassino. Suas ações e estratégias, ele confessa, são elaboradas a partir de sujeitos conhecidos, afamados, que povoam o cenário do interior alagoano, implicando uma sensação de sufoco que deixa insone o então comerciante da Loja Cincera. De certo modo, Graciliano se antecipa à situação vivida por Madalena – num grau menos agudo, quando aquele tem pensamentos diversos ao da ordem dita natural das coisas e

reificado-reificante”, ou seja, à medida que Paulo Honório domina, é ele também dominado pelo vício de dominar. E dessa “bola de neve” o que se sobressai é a fazenda, a propriedade que dá título ao romance. É ela o destino que o protagonista sempre quer alcançar, melhorar e proteger. Desse modo, qualquer ameaça a esse projeto, incluindo a figura da própria esposa, implicaria uma reação dura, no caso, o ciúme, que vinha sempre associado à alguma posição política ou ideológica abraçada pela mulher, fazendo dessa última um perigo que habitava o lar de Paulo Honório, mesmo que ele não soubesse ao certo que posição política ou ideológica seria essa: *“Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando. (...) Materialista. Lembrei-me de ter ouvido Costa Brito falar em materialismo histórico. Que significava materialismo histórico?”*<sup>239</sup> Da conversa durante o jantar de comemoração de dois anos de casamento, a leitura feita por Paulo Honório da posição da esposa era negativa e inaceitável. Seus caminhos, inconciliáveis; seus projetos, incompatíveis; Madalena recusando-se a entrar no jogo da São Bernardo... o resultado é, conforme define João Luiz Lafetá, *“a morte de Madalena, vitória da reificação que destrói o humano, derrota de Paulo Honório.”*<sup>240</sup>

Da ascensão à ruína, Graciliano traceja os passos do proprietário rural em relação aos outros que o cercam, desconstruindo, aos poucos, uma visão que recairia somente sobre a figura de um único homem. Explico melhor, a imagem que vai sendo construída lenta e esporadicamente no decorrer da trama é a do fazendeiro nordestino daquele contexto. Um sujeito social que, se

---

sofre diante de atitudes e discursos conservadores e autoritários, quando mais tarde será preso por suas idéias, inclusive as contidas no romance *São Bernardo*. Em palavras do próprio autor: *“Em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas, encontrei dificuldade séria, pus-me a ver inimigos em tôda parte e desejei suicidar-me. Realmente julgo que me suicidei. Talvez isto não seja tão idiota como parece. Abandonando o contas-corrente, o diário, outros objetos de minha profissão, havia-me embrenhado na sociologia criminal. Que me induziu a isso? Teria querido matar alguns fantasmas que me perseguiram? Naquele inverno de 1924, numa casa do Pinga-Fogo [bairro de Palmeira, onde se passa boa parte da trama de Caetés], sentado à mesa da sala de jantar, fumando, bebendo café, ouvindo a arenga dos sapos, o mugido dos bois nos currais próximos e os pingos das goteiras, enchi noites de insônia e isolamento a compor uma narrativa. Surgiu um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste.”* RAMOS, Graciliano. “Paulo Honório”. In CONDÉ, João (org.). *10 Romancistas falam de seus personagens*. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946, p. 33.

<sup>239</sup> SB. p. 132.

<sup>240</sup> LAFETÁ, João Luiz. “O Mundo à Revelia”. In Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 209.

não encontra uma explicação nobiliárquica para sua situação, considerada superior, exprime ele essa superioridade mostrando e contemplando suas conquistas. A passagem do capítulo 31, quando do alto da torre da igreja Paulo Honório avista seu império, tal passagem é emblemática para entendermos o que Graciliano aos poucos vai mostrando sobre o patronato rural:

“E quando, assim agigantados, vemos rebanhos numerosos a nossos pés, plantações estirando-se por terras largas, tudo nosso, e avistamos a fumaça que se eleva de casas nossas, onde vive gente que nos teme, respeita e talvez até nos ame, porque depende de nós, uma grande serenidade nos envolve. Sentimo-nos bons, sentimo-nos fortes.”<sup>241</sup>

O fazendeiro começa falando das terras, dos animais e das pessoas que o temem e talvez o amem, porque dependem dele. É a fala do patriarca, daquele que controla e castiga e que, por fim, sente-se bom por estar a fazer o bem: dar às pessoas algo para elas temerem, respeitarem, amarem, deverem. Porém, essa sensação só é experimentada quando o homem se vê agigantado. Ou seja, Paulo Honório se considera um homem maior e melhor que os outros.<sup>242</sup> A Vida para ele é um jogo, no qual quem tem mais fome e consegue saciá-la merece, por prêmio, dominar os que não souberam saciar suas próprias vontades. Paulo Honório se sente natural e legitimamente dono dos destinos daqueles que considera fracassados, molambos.

Essa sensação de posse e direito sobre os homens ganha diversos contornos e argumentos.

“Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois

<sup>241</sup> SB. p.158.

<sup>242</sup> Essa sensação de agigantamento e superioridade é experimentada, por exemplo, por um Raskólnikov, protagonista de *Crime e Castigo*, de Fiodor Dostoiévski, autor cuja admiração e filiação Graciliano nunca escondeu. Pois bem, enquanto defende um artigo que publicara sobre a legitimação e permissão para os homens extraordinários cometerem certos crimes, livrando o mundo dos “molambos” que habitam a terra, Raskólnikov tece as seguintes considerações a respeito dos homens superiores: “*Em resumo: eu concluía daqui que todos os indivíduos, não só os grandes, como também aqueles que se afastassem um pouco da vulgaridade, isto é, também aqueles que são capazes de dizer qualquer coisa de novo, teriam a obrigação, pela sua própria natureza, de serem infalivelmente criminosos... em maior ou menor grau, naturalmente.*” E quando indagado sobre o sofrimento que podem sentir esses homens ditos superiores ao matarem, responde: “*A que propósito vem isso de ‘deverão’? Nesse campo não há permissão nem proibição. Sofrerão, se sentirem piedade pela vítima... o sofrimento e a dor são inerentes a uma ampla consciência e a um coração profundo. Em minha opinião, os homens verdadeiramente grandes devem padecer neste mundo uma grande dor.*” DOSTOIÉVSKI, Fiodór. *Crime e Castigo*. São Paulo: Nova Cultural, 1994, p. 297-298 e 302.

mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.”<sup>243</sup>

Ao classificar todos os empregados da São Bernardo como bichos, o fazendeiro traz nessa metáfora o círculo fechado do futuro das crianças da fazenda: bezerros que estão aprendendo a ler. Desse modo, aposta na imutabilidade da relação entre patrão e empregado, mesmo com as inovações físicas e os “luxos” e “qualificações” que trouxe para os trabalhadores da fazenda, como casas, luz elétrica e a escola.<sup>244</sup> No entanto, Paulo Honório se define também como um bicho, a última “simbiose” que o registro de sua vida aponta: o lobisOMEM, a outra ponta dessa animalização, o predador, o carnívoro:

“Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!

A Desconfiança é também conseqüência da profissão.

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas (...)

Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e a figura de um lobisOMEM.”<sup>245</sup>

Como dito antes, Graciliano vai transferindo o foco da “pessoa” Paulo Honório para a figura do proprietário rural, demonstrando assim, o caráter dessa

<sup>243</sup> SB. p. 185.

<sup>244</sup> Se fizermos um paralelo entre a estrutura da São Bernardo, como propriedade média do agreste nordestino, com a grande propriedade agrícola do Sul-Sudeste, a partir da necessidade da instalação de escolas agrícolas, visando a uma modernização da agricultura brasileira, temos uma educação especializada na manutenção de uma ordem arcaica sobre uma estrutura que se pretende moderna. Assim, “*A difusão do ensino primário agrícola foi o instrumento-chave concebido pela grande burguesia cafeeira como capaz de promover a ‘modernização’ da agricultura brasileira. Pautando-se num tom visivelmente ilustrado, tal discurso, no entanto, longe de estabelecer qualquer ligação entre ensino e democratização, preocupava-se com a qualificação / imobilização de uma mão-de-obra rural especializada, adestrada mediante o ensinamento de conhecimentos práticos, ministrados em instituições altamente segregacionais, voltada para a disciplinarização dos homens inferiores.*” MENDONÇA, Sônia Regina de. “Grande Propriedade, Grandes Proprietários: velhas questões, novas abordagens (1890-1930)”. In SILVA, Sérgio S. e SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs.). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec / Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica / Edusp / Imprensa Oficial, 2002, p. 175.

<sup>245</sup> SB. p. 190.



burguesia rural que vai se formando, calçada na tradição do mandonismo e do patrimonialismo, mas percorrendo o trajeto que passa pelos modernos mecanismos de produção e relação com os setores comercial e industrial.<sup>246</sup> Quanto ao papel de Madalena na trama, a leitura que faço é a da permanência de um elemento capaz de mostrar caminhos alternativos para a conjuntura que se delineia. Sem apelar para o panfletismo, Graciliano faz do humanismo socialista de Madalena a demonstração de uma força que flagra a falibilidade do sistema que sempre se rearranja na intenção de se fortificar. Seu suicídio é, antes de uma fuga, a demonstração da impossibilidade do controle total e da reificação daqueles que resistem embasados na fraternidade, no humanismo e na aposta por mudanças. Mas sua morte demonstra, por outro lado, a impossibilidade da execução de um projeto imediato de transformações bruscas.

\* \* \*

Numa outra situação, noutra fazenda, com outra espécie de patrão e controle e vivendo uma situação oposta à de Paulo Honório, Fabiano e sua família vivem num isolamento e numa solidão ainda não alcançados pelo humanismo e fraternidade de qualquer Madalena – que assim como eles despossuía sobrenome, mas tinha condições de entender, operar e tentar mudar as regras do jogo – *“miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram-se as suas desgraças e os seus pavores.”*<sup>247</sup>

<sup>246</sup> Segundo Caio Prado Júnior, esse encontro entre as forças “burguesas” do país, agrárias e urbanas demonstra a formação de uma “classe burguesa” única, e não de duas classes burguesas em confronto – uma progressista, mais urbana, e outra reacionária e imperialista, mais concentrada no campo. Logicamente, o debate sobre os modelos para a revolução brasileira, envolvendo Caio Prado Júnior de um lado e Nelson Werneck Sodrê do outro – para citar apenas nomes-emblemas – tal debate lança, constantemente, suas atenções para o período apresentado na obra graciliânica, sendo necessário, creio, para um outro momento, o aprofundamento da inserção dessa obra nesse debate, o que demandaria um olhar mais aguçado sobre a porção comunista do autor alagoano – suas leituras, sua atuação dentro do partido e sua relação com os dirigentes – tarefa para um outro trabalho, talvez. O que me interessa mais nesse momento é a descrição e análise feitas por Caio Prado do período correspondente à trama de São Bernardo, dando atenção à estratégia de unificação dessa burguesia em formação: *“(...) Os setores agrário e industrial da economia brasileira e, pois, os dirigentes e beneficiários deles, a burguesia respectivamente de um e de outro, se entrelaçam assim intimamente, e conjugam seus interesses. Em suma, os diferentes setores da burguesia brasileira evoluíram paralelamente, ou antes, confundidos numa classe única formada e mantida na base de um mesmo sistema produtivo e igual constelação de interesses.”* Cf. PRADO-JR., Caio. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978, p. 116.

<sup>247</sup> VS. p. 13.

Encontram a fazenda abandonada e após as primeiras chuvas obtêm do seu dono, que retorna com o gado, a permissão para ficar.

A relação de Fabiano com o patrão é diferente da de Marciano com Paulo Honório, sobretudo pela ausência do patrão do primeiro. Isto não implica, porém, um total descontrole do patrão diante do que é seu ou rompantes de rebeldia por parte do vaqueiro. A tradição da obediência que abarca este último não necessita de safanões ou gritos altos e constantes ao pé do ouvido. Fabiano cumpre as funções da fazenda, servindo a uma miragem, a um fantasma do patrão que dá lugar ao verdadeiro apenas de vez em quando:

“(...) Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?”<sup>248</sup>

<sup>248</sup> VS. p. 22-23. N´Os *Sertões*, Euclides da Cunha aponta essa característica dos fazendeiros de gado, os quais deixam a fazenda aos cuidados dos vaqueiros que lhes têm uma fidelidade que Paulo Honório chamaria de canina: “(...)o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos. Graças a um contrato pelo qual percebem certa percentagem dos produtos, ali ficam, anônimos – nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra - , perdidos nos arrasadores e mocambos; e cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem.” CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000, p. 105. Ainda sobre essa relação de obediência do vaqueiro a um patrão invisível, Ivone Cordeiro esclarece um aspecto que habita a literatura cearense do dezenove: a construção da imagem de vaqueiro-herói que mantém laços apertados com o poder do patrão, a ponto de este lhe conferir o papel de senhor da fazenda: “Essa aparente indiferenciação social manifesta-se também por uma proximidade do vaqueiro com aquele que exerce o poder na fazenda ou, então, por ser ele próprio detentor do poder que lhe é delegado pelo proprietário. Dessa forma é que se estrutura um sentimento de poder que é conferido à condição social de vaqueiro, obscurecendo o seu caráter subordinado dentro da estrutura social e criando uma aparente igualdade na medida em que a relação social estabelecida com o proprietário aparece como relação de associação e não de submissão.” BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum*. op. cit., p. 107. Graciliano rompe com essa estrutura de sentimento em relação à imagem do vaqueiro, observando a estrutura social de sua época, na qual o vaqueiro não é mais que uma peça da fazenda: “(...) Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acocoravam no alpendre. O gibão de meu pai tinha diversos enfeites; no de Amaro havia numerosos buracos e remendo”. *Inf.* p.25-26. O outor retira o ar de herói do vaqueiro, deixando aquela estrutura, a da obediência cega, observada por Cunha, o que resulta na imagem de um homem sem perspectivas diante do poder do patrão. O resumo dessa imagem está distante do vaqueiro enobrecido de Alencar: “Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.” VS. p. 27, tal qual Casimiro Lopes.

O pensamento aparentemente rebelde do vaqueiro deságua num auto-convencimento de que as reclamações do patrão não faziam sentido, não porque Fabiano tinha autonomia ou merecia ser respeitado, e sim pelo fato de ele ser um empregado fiel, honesto e esforçado, e que exigia, de certo modo, o reconhecimento de que sua função estava sendo bem cumprida, ou seja, agarrava-se àquela condição como única forma de se reconhecer como gente: vaqueirando, aboiando, correndo, livre(?).

Mas daí surge um impasse que o próprio Fabiano lança as partes. Seria ele um homem, um homem livre, ou apenas um bicho da fazenda, um bicho duro de morrer e fácil de mandar? Ao pensar no sofrimento que passaram, vivendo como “*ratos*”, mas superando esses sofrimentos, atesta: “– *Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.*” Mas parou, pensou e adquiriu outra certeza: “(*...*) *Pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar as coisas dos outros*”. Reflete um tanto mais e prossegue nessa espécie de involução: “– *Você é bicho, Fabiano.*” Mas logo consola-se: “*Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.*” Daí, Graciliano lança outro elemento para completar essa classificação zoomórfica que Fabiano faz de si mesmo: ter um dono e obedecê-lo. Para tanto, utiliza-se da cadela Baleia para reforçar esse ponto: “*Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se: – Você é um bicho, Baleia.*” Estavam os dois na mesma qualidade de bicho, atendendo prontamente o chamado do “dono” e lambendo-lhe as mãos? A dúvida retornava, pois não se contentou com a idéia de ser bicho... para sempre: “*Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca. Andaria com a cabeça levantada, seria homem.*” E mais uma vez convence-se: “– *Um homem, Fabiano*”, para novamente desconfiar da própria palavra: “*Não. Provavelmente não seria homem: seria aquilo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.*”<sup>249</sup> Desse modo, as palavras de Fabiano, vaqueiro castigado pela seca, habitante do sertão, enlaçam-se às de Paulo Honório, proprietário de uma fazenda no agreste. Assim, diferenciados pelo estilo de vida, pela posição geográfica e

---

<sup>249</sup> VS. p. 18-24.

pelo modo como administram suas posses, o patrão de Fabiano e Paulo Honório são análogos à medida que vêem seus empregados como bichos de diferentes raças para diferentes funções, encontrando neles pouca resistência e muito conformismo.<sup>250</sup>

A diferença básica existente entre um Fabiano e um Marciano ou Casimiro Lopes é a falsa sensação de liberdade experimentada pelo primeiro, enquanto os outros dois vivem num regime mais fechado, preso a uma propriedade e vivendo à sombra de um patrão concreto, cujo braço os alcança. No caso de Fabiano, porém, essa “liberdade” é, por vezes, a chantagem usada pelo patrão para que ele não se oponha à sua vontade. No capítulo *Contas*, quando é verificada uma diferença entre as contas feitas por sinha Vitória e pelo patrão, no processo da quarteada – recebimento da quarta parte dos bezerros nascidos durante o inverno – Fabiano questiona, surpreso, a ninharia recebida: *“Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano”* e a justificativa era os juros oriundos das dívidas adquiridas pelo vaqueiro para comprar os víveres para a família. Fabiano *“não se conformou: devia haver um engano. (...) O Patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.”* Diante da ameaça de uma liberdade inútil, *“Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia seu lugar. Um*

---

<sup>250</sup> Unificando os dois romances a partir da situação de mandonismo e processo reificante do homem, pode-se alargar o horizonte da definição feita por Rolando Morel Pinto de conformação ‘standard’ das personagens de *Vidas Secas*, também para as de *São Bernardo*. Essa conformação ‘standard’ se dá através de sinais generalizantes, *“que pretendem antes conformar um tipo que um indivíduo.”* PINTO, Roland Morel. *Graciliano Ramos: autor e ator*. Assis-SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962, p. 134. É a partir dessa configuração, que vem sendo preparada desde o começo deste capítulo e de certo modo aplicada desde o começo deste tópico, que se baseia a linha da problemática e narrativa deste trabalho, visto que, na tentativa de utilizar-me da obra graciliana como fonte para compor um trabalho de história sobre as relações de poder no Nordeste agropastoril do início do século XX, não posso e não devo fugir ao esquema utilizado pelo próprio autor, que trazia a ambição de retratar a realidade o mais fiel possível sem, contudo, isentar-se de colocar, explícita e implicitamente, seus próprios desejos misturados aos desejos de suas personagens. Resumindo, Graciliano busca mostrar e compreender os conflitos do seu tempo, seja entre aqueles que representam grupos ou classes, seja entre fortes e fracos, patrões e empregados, ou mesmo entre um símbolo de força esmagadora como a tradição patriarcal-patrimonialista e um ser isolado, sem força e sem instrução. Assim, o escritor quer mostrar e compreender a história através do registro, mesmo que ficcionalizado, da *“vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens”*, conforme a definição de Marc Bloch. Ver em: BLOCH, Marc. *Apologia da História – ou o ofício do historiador*. op. cit., p. 128.

*cabra.*” Fabiano se submete ao patrão, mais pelo temor à realidade contida em seu argumento do que propriamente por alguma devoção que lhe deva. No entanto, o argumento é o do patrão, que não necessita do uso da violência para fazer Fabiano se recolher ao seu lugar, bastando jogar com os elementos da dura realidade do vaqueiro. Nessa realidade apresentada pelo escritor, o exercício do poder do patrão não necessitava da opressão ou do choque, pois até a compreensão da liberdade, que consistia em estar à toa, sem amparo, estava a serviço de quem manda.<sup>251</sup> Sobrava então para o vaqueiro a incompreensão das atitudes do patrão, sua fome desenfreada por migalhas que por direito eram de Fabiano, tanto por merecimento como por serem migalhas:

“Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Porque seria que os homens ricos ainda lhe tomavam parte dos ossos? Fazia até nojo, pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.”<sup>252</sup>

E a revolta, raramente externada, vai consumindo Fabiano à medida que outras situações o põem na condição de impotente e miúdo frente a um outro que, de algum modo, toma-lhe algo, tenta enganá-lo ou o humilha. É o caso do seu Inácio, bodegueiro que lhe vende querosene misturado com água e simplesmente ignora a reclamação do cliente,<sup>253</sup> ou do fiscal da prefeitura que arbitrariamente aplica o imposto sobre a carne de um porco que Fabiano tenciona vender na cidade. Como não entedia de impostos, o vaqueiro conclui que o fiscal *“julgava que podia dispor dos seus troços”*<sup>254</sup> pelo simples fato de representar o governo. É essa imagem do governo – outro “fantasma” que,

---

<sup>251</sup> Em *Conformismo e Resistência*, Marilena Chaui tenta dialogar com o aspecto ambíguo que parece prevalecer nas relações sociais. Só a partir da aceitação dessa Ambiguidade, que leva em conta aspectos simultâneos, como o conformismo e a resistência, numa mesma ação, é que a autora crê possível o entendimento das relações sócio-culturais do Brasil. Para o interior do país, ela expõe um quadro que, de certo modo, enriquece o olhar sobre as realidades que Graciliano quis mostrar: *“...do lado do proprietário há o favor (feito pelo patrão-padrinho-festeiro-chefe político) e do lado do não-proprietário há a dívida (contraída pelo empregado-afilhado-compadre-folião-eleitor). Pela patronagem, o primeiro se apresenta como benfeitor e distribuidor de bens (o fazendeiro que permite ao empregado o uso de parte da terra para a cultura de sobrevivência; o padrinho que ‘nos fez cristãos’; o festeiro que distribui comidas e donativos; o chefe político que traz benefícios aos seus eleitores). A dívida é material, moral e espiritual”*. CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 122-125.

<sup>252</sup> VS. p.96.

<sup>253</sup> VS. p. 26.

<sup>254</sup> VS. p. 94-95.

assim como o patrão, representa a superioridade daquele que tem posses e poder, impedindo uma ação direta de Fabiano frente ao soldado amarelo que o humilhara no centro da cidade e o pusera na cadeia. Os sentimentos de revolta e a consciência da injustiça diante do “pequeno” oficial esbarram nesse imaginário, do mesmo modo como acontecera com o dono da fazenda. E Fabiano se esforça para entender, assim como faz em relação ao “apetite descomunal” do patrão, as atitudes daquele representante do governo que deveria ser a extensão dessa “entidade” compreendida como perfeita, divina e, portanto, legítima proprietária dos homens, mas também sua protetora, e não aquela que espanca e humilha, pelo simples fato de ser julgada superior:

“E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza.”<sup>255</sup>

De acordo com a estruturação social apresentada por La Boétie em o *Discurso da Servidão Voluntária*, que traz, convenhamos, mais anacronismo nas palavras empregadas do que nas imagens que elas suscitam, o soldado amarelo de *Vidas Secas* representa o alcance final e compreendido como

---

<sup>255</sup> VS. p. 34. Em *Vidas Secas*, assim como em *São Bernardo*, a organização social é imaginada e vivenciada pelos personagens como regida por uma força tirânica legitimada. O salto temporal dado para trás, no tópico sobre a “fome” de Paulo Honório, associando sua conduta à do príncipe leitor de Maquiavel, encontra-se, nesse momento, com outro salto dado para o mesmo período, mais precisamente 1574, quando numa França em processo de absolutização, vem a lume um texto que olha para “o príncipe” com outras lentes e, portanto, com outra atitude em relação ao poder do soberano e qual lugar ocupam aqueles que o temem, o amam, o servem. O *Discurso da Servidão Voluntária*, de Etienne De La Boétie (1530-1563), escrito entre 1552 ou 1553 (permanece a dúvida, já que nunca foram encontrados seus originais, apenas a cópia que estava de posse de Maigne, conforme esclarece Marilena Chauí), esse livro radiografa a constituição do poder do soberano que, entre práticas opressivas e estratégias do tipo “pão e circo”, o poder absoluto depende, sobretudo, de uma cadeia de subtiranos que alcança o mais escondido dos súditos: “Mas agora chego a um ponto que em meu entender é a força e o segredo da dominação, o apoio fundamental da tirania. (...) Não são os bandos de gente a cavalo, não são as companhias de gente a pé, não são as armas que defendem o tirano. São quatro ou cinco que mantêm o tirano (...) Sempre foi assim: cinco ou seis obtiveram o ouvido do tirano e por si mesmos se aproximaram; ou então por ele foram chamados para serem os cúmplices de suas crueldades (...) Tão bem esses seis domam seu chefe, que ele deve ser mau para a sociedade não só com suas próprias maldades, mas também com as deles. Esses seis têm seiscentos que crescem embaixo deles e fazem de seus seiscentos o que os seis fazem ao tirano. Esses seiscentos conservam debaixo deles seis mil, cuja posição elevaram (...) Em suma: que se chegue lá por favores ou subfavores, os ganhos ou restolhos que se tem com os tiranos, ocorre que afinal há quase tanta gente para quem a tirania parece ser proveitosa quanto aqueles para quem a liberdade seria agradável.” LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 31-32.

“profano” de uma força nuclear distante e compreendida como “sagrada”. Graciliano, no entanto, através do esforço empregado por Fabiano em compreender a organização dessa estrutura e escolher que atitude tomar diante dela, resistência ou resignação, Graciliano aponta que a noção de totalidade é exercitada pelo sertanejo:

“Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

– Um dia um homem faz besteira e se desgraça. “<sup>256</sup>

O escritor ainda aponta uma alternativa para Fabiano externar e exercer sua revolta, o cangaço:

“Imaginou o soldado amarelo atirando-se a um cangaceiro na caatinga. Tinha graça. Não dava um caldo.  
(...)

Agora Fabiano conseguia arranjar as idéias. O que o segurava era a família. (...) O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles combões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como uma onça e faria uma asneira. Carregaria a espingarda e daria um tiro de pé de pau no soldado amarelo. Não. O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria dos donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estragos nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia a cabeça.”<sup>257</sup>

No entanto, o escritor faz questão de não mencionar qualquer possibilidade de envolvimento com o messianismo, prática que, como vimos na introdução deste trabalho, ele ridicularizara em *Pequena História da República*. Mas pelo cangaço também não nutria simpatia. Em várias crônicas e depoimentos Graciliano aponta a antipatia pelos praticantes do cangaceirismo, caracterizando o “*bandoleiro nordestino*” como uma “*besta-fera*” desprovida dos “*sentimentos cavalheirescos*” que alguns lhes atribuíam.<sup>258</sup> E assim, Graciliano

<sup>256</sup> VS. p. 96.

<sup>257</sup> VS. p. 34; 37-38.

<sup>258</sup> Cf. RAMOS, Ricardo. op. cit. p.34-37; RAMOS, Graciliano. “O Fator Econômico do Cangaço”; “Lampião”; “Virgulino”; “Cabeças”; “Corisco”; “Dois Cangaços”. In *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins Editora, 1970, p. 141-151 e 157-172. Em 1937, portanto um ano antes da publicação de *Vidas Secas*, Djacir de Menezes escreve *O Outro Nordeste*, apontando várias características na relação entre sertanejos pobres e ricos e as duas formas de protestos dos primeiros diante da injustiça social e econômica administrada pelos segundos: o cangaço e o messianismo. Na década de 1960 (não consegui precisar o ano)

não permite que Fabiano entre no cangaço ou que se torne um assassino – como o fez Paulo Honório ao eliminar seu concorrente – no intuito de se livrar daqueles que o oprimem e exploram. Atuando no cangaço, Fabiano não mudaria, só perturbaria a ordem através da violência; sozinho, também não mudaria a ordem, seria apenas um vingador. Um dia ele encontra, no meio do mato, perdido, o mesmo soldado que o humilhara em praça pública, pusera-o na cadeia e auxiliado por vários outros o surrara. De facão na mão, braço erguido, Fabiano tem a chance de eliminar seu inimigo sem ter de se preocupar com a justiça. Mas o caminho escolhido por Graciliano não é do sangue. Julgando-se superior ao soldado amarelo, o outro sertanejo da “mesma massa”, como iluminou Euclides da Cunha, prefere o caminho pacífico:

“Vacilou e coçou a testa. Havia muitos bichinhos assim ruins, havia um horror de bichinhos assim fracos e ruins. (...)  
– Governo é governo.  
Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.”<sup>259</sup>

A saída “pacifista”, facilmente caracterizável como conformista e resignada, adotada pelo autor alagoano é análoga à proposta por Tolstói – tido por Graciliano não como o maior dos escritores russos, mas como o maior de todos os escritores. O autor de *Guerra e Paz*, ao ler La Boétie, interpreta seu conceito de *amizade* – paradigma da igualdade e liberdade como condutora das relações entre os homens, como aponta Marilena Chaui – desse modo:

“Parece que os trabalhadores, não obtendo qualquer vantagem dos constrangimentos exercidos sobre eles, deveriam finalmente perceber a mentira em que vivem e se libertar pelo meio

---

em palestra intitulada “As sêcas, o Cangaceirismo e a Literatura”, Menezes faz um resumo dessas duas formas de protesto, grifando, logo de início, o quão generalizante foi a caracterização feita dos dois tipos: “No meu livro *O Outro Nordeste* fiz uma generalização que peca como tôdas as generalizações dessa espécie. Vou resumir rapidamente. Diante da injustiça social e econômica, levantam-se dois protestos de tipos inteiramente diversos. O do homem que toma a arma e decide fazer sua reparação; o do homem que pega do rosário e apela para o céu. Um protesto viril e violento, um protesto resignado e místico. Um cai no cangaço e no crime; outro, se ajoelha e reza. Mas não são dois grupos estranhos, são os mesmos sertanejos, com duas formas de inconformação, nos mesmos sentimentos de insegurança. E na dolência do cantar dos benditos, nas procissões, está o mesmo homem que trocaria o protesto místico do têço pela reação brava do bacamarte. O mesmo ser humano esquecido, desentendido, incompreendido, explorado, jogado entre forças sociais crescentes, imolado por um desenvolvimento cego, que parece absurdo aos seus olhos.” MENEZES, Djacir de. *O Outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1995, p. 190.

<sup>259</sup> VS. p. 107.



mais simples e mais fácil: abstendo-se de tomar parte da violência que é possível somente com a sua cooperação.”<sup>260</sup>

Fabiano funciona como o ‘standard’ ou o tipo que não se enquadra no binômio da revolta traçado por Djacir de Menezes e tantos outros. Por não ser um revoltado? Talvez. De qualquer modo, esqueceu-se o sociólogo – e eu arriscaria dizer, a partir das poucas páginas que li, esqueceram muitos – de olhar esse “tipo-meio-termo” que não se fiou nem no rosário nem na pólvora ou na lâmina. Meio-termo também poderia ser caracterizada a revolta de Madalena, que tem, ao contrário de Fabiano, a precisa consciência, inclusive teorizada, de sua situação, mas, como aquele, não encontra ela quaisquer meios para modificar o mudo da São Bernardo que redundaria na modificação do seu esposo, também um retrato de meio corpo, como definiu Jorge Siqueira.<sup>261</sup> Indefinível também pode ser caracterizada a própria atuação de Graciliano Ramos no seu meio e na sua profissão diante das forças que o oprimem: preso político do embrião estadovista em 1936, está a trabalhar, entre 1941 e 1944, para a revista *Cultura Política*, edição do *Departamento de Imprensa e Propaganda* do Estado Novo (DIP).<sup>262</sup> Está certo que Graciliano não era um verdeamarelista como um Cassiano Ricardo e não exaltava o Estado Novo ou Getúlio Vargas, seu maior nome, mas a situação o incomodava:

“Assisti sua revolta e o seu nojo em colaborar na Cultura Política, aquela célebre realização do Estado Novo.  
– Mas Graça precisas viver, que diabo! Só sabes escrever, que outra coisa poderias fazer?  
– Mas é sujeira.”<sup>263</sup>

No entanto, precisava trabalhar *ali*, assim como Fabiano, pelo sustento da família, precisava agüentar estar *ali* e utilizar suas armas – “*fracas e de papel*”

<sup>260</sup> TOLSTOI, Leon. “The Law of Love and the Law of Violence” apud. CHAUI, Marilena. “Amizade, recusa do servir” In LA BOÉTIE, Etienne. op. cit., p. 179, 215.

<sup>261</sup> SIQUEIRA, Jorge. op. cit. p. 43-47.

<sup>262</sup> “No Departamento de Imprensa e Propaganda, Graciliano escreverá alguns textos para a revista *Atlântico* e uma série de 25 para *Cultura Política*. Oscilando às vezes entre o conto, a crônica de costumes e, mais raramente, a crítica bibliográfica, os textos foram publicados entre abril de 1941 e agosto de 1944. Durante os dois primeiros anos, a colaboração foi mensal. Os primeiros 18, sem título do autor, entraram na seção fixa: *Quadros e costumes do Nordeste*; os seguintes, já titulados: *Quadros e costumes regionais*.” Cf. ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. op. cit. p. 27. A maioria desses textos foi publicada nas obras póstumas *Viventes das Alagoas* e *Linhas Tortas*, ambas de 1962 e organizadas por seu filho Ricardo Ramos.

<sup>263</sup> ENEIDA. “Graciliano Ramos: Viventes das Alagoas” apud. ANTELO, Raúl. op. cit., p. 28

– assim como Madalena, para tentar melhorar seu mundo... e sofria, pois não foi sacrifício apenas de seus personagens ter de engolir a revolta e as palavras que se quis gritar, digeri-las no suco drástico da dor e vomitá-las de volta, mostrando-as deformadas ao mundo.

As realidades apresentadas por Graciliano Ramos são carentes de uma condução fixa e mecânica do destino dos homens e o mundo não está organizado de um modo mecânico a ponto de escaninhos estarem à espera de tipos que neles se encaixam perfeitamente. Se o conjunto de sua obra flagra uma movimentação de lutas de classes, até mesmo pela sua filiação político-ideológica stalinista, o autor teceu seu olhar com o cuidado de não estabelecer fronteiras fixas nem características engessadoras a elas. A luta se dá também, e principalmente, no subterrâneo das relações e na explicitação da solidão em que se encontra os homens de seu mundo.<sup>264</sup> É com as mãos, e de modo impreciso, que Graciliano percebeu os homens cavando, aqui e ali, seu lugar na sociedade, na história, na memória do mundo. Percebeu que alguns tentaram se resolver fugindo para não morrer, apostando na mudança, no futuro (fabianos); outros morrendo e fugindo, apostando na mudança do outro e valorizando o próprio ato da fuga (madalenas); outros reconhecendo as limitações, como fugindo para dentro enquanto morrem (honórios); outros escrevendo livros, fugindo e chegando ao mesmo tempo, sozinho e com o mundo todo, calado fabricando letras e gritando dentro dos olhos de quem lê (gracilianos).

---

<sup>264</sup> Ao me deter na definição de Carlos Nelson Coutinho, percebi uma forte tendência para esse engessamento que o próprio Graciliano não produziu: “A obra de Graciliano, em sua totalidade, nos apresenta um painel destes diferentes ‘heróis problemáticos’, ou seja, uma análise literária das diversas atitudes típicas das classes sociais brasileiras (à exceção do proletariado) em face do ‘mundo alienado’.” COUTINHO, Carlos Nelson. “Graciliano Ramos”. In BRAYNER, Sônia (org.). op. cit. p. 79. Recordo que utilizei passagens do artigo de Coutinho – neste e no primeiro capítulo – como “*burguês em construção*”, referindo-me a Paulo Honório, e “*humanismo abstrato*”, referindo-me a Madalena, e acrescento que para o crítico mencionado Fabiano é um “*desligado da classe social a qual pertence*” (p. 108). Desse modo, no próprio artigo do crítico baiano, quando foge à necessidade de enquadrar a obra graciliânica numa única verdade, está lá presente a abertura feita pelo autor alagoano, incapaz de esquadriñar sua realidade e a de seus personagens, incapaz de dividir o mundo e os homens com precisão cirúrgica, deixando às possibilidades, essas sim, mostradas através do conflito entre os homens, a incumbência de alimentar o porvir desejado, porém, incerto.

### Capítulo 3

## Da Difícil Arte de Engolir e Vomitar Palavras

*“Disse Deus: Faça-se a luz. E fez-se a luz”.* Palavra como ação em si e ação para ação ou ação antes da ação. Li em algum lugar que o feitiço precisa da palavra, precisa *ser dito* para *ser feito*. E se quisermos tomar Deus pelo maior dos feiticeiros, não teria Ele feito a luz sem a *palavra*: desejo corporificado que o vento desmancha antes de nos chegar aos olhos, mas que o ouvido captura os vestígios e o sentido e ordena para braços e pernas e boca: “façam alguma coisa!” O desejo como células das letras aprisionadas no papel que podem libertar ou prender o homem que escreve e lê e unem-se em pequenos batalhões, e estes, em grande exército, para travar a batalha entre o livro e a mente que sangra a planície dos olhos necessitados sempre de mais luz: a palavra que, para Graciliano Ramos, não foi ela feita com outro fim que não *“para dizer”*.

Dizendo com letras impressas, o escritor – e também o historiador – não faz outra coisa que não fazer. Como um pedreiro construindo uma casa ou um padeiro assando um pão, aquele que escreve produz um livro, um artigo, um poema, um manifesto e, se faz desse ofício mais do que uma cópia da ficção – ou história – que produz, transforma-se ele num confesso *“narrador”* da vida – com todas as suas fomes – e do tempo – com todos os seus labirintos. E se expande quanto mais nos outros vê-se a si mesmo e vice-versa, pois como sustentou Walter Benjamin, ele *“pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer),”*<sup>265</sup> ou por ver, por sentir, por tocar. E mesmo sendo uma experiência da solidão que engoliu o homem moderno, no dizer do pensador alemão, o romance, no caso, o graciliânico é um olhar que quanto mais olha para dentro de si mesmo – e isso já foi notado por Antonio Candido e registrado em capítulos anteriores a este, num movimento que se denuncia a partir de um rápido observar da evolução de sua obra, desembocando em

<sup>265</sup> BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 221.

produções de testemunho pessoal como nos livros *Infância e Memórias do Cárcere* ou nos artigos da revista *Cultura Política* – mais está em consórcio com as dores e fomes do homem e do mundo.<sup>266</sup> Mais para dentro, mais para fora, mais no mundo, o autor em questão promove o vaivém tão caro aos estudiosos do social e da cultura, pois sua produção está constantemente perpassada pelo enriquecedor conflito entre o *eu* e o *outro*, entre a *disciplina da pesquisa* (o encontro doloroso com outro) e a *prática da escrita* (o doloroso reencontro com o eu, agora contaminado pelos “bacilos” do outro), entre a verdade de fora e verdade de dentro, a verdade no papel e a verdade do mundo.

Discussão que renderia um capítulo ou trabalho inteiro, essa questão, que acaba por ser a relação da literatura com a história, ou melhor definindo, da analogia entre o produto literário e o historiográfico é terreno pantanoso que me traz um quase arrependimento de ter escrito as primeiras linhas do parágrafo anterior. O fato é que não quero descreditar a afirmativa barthesiana de que a literatura “*é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real*”, e trabalha “*nos interstícios da ciência*”, portanto, não se confundindo com ela, pois sustenta uma diferença que não passa pela oposição entre “*o real e fantasia, a objetividade e a subjetividade, o Verdadeiro e o Belo, mas somente lugares diferentes de fala*”,<sup>267</sup> numa posição, até certo ponto, também defendida por Michel de

<sup>266</sup> No estudo sobre produção de Graciliano Ramos na revista *Cultura Política*, Raúl Antelo tece o seguinte comentário sobre a face, digamos científica, da obra graciliânica, associando os artigos produzidos a partir da pesquisa e da experiência a toda extensão de sua obra, sobretudo seus trabalhos-depoimentos: “*Da piedade individual, passará ao terror compartilhado; da particularidade subjetiva, ascenderá à generalização. Permanecerá, no entanto, a intenção de veracidade científica, de tese, em ambos os casos. (...) Aceitar a coexistência instável da norma e desvio, ousadia e inveja, piedade e terror, aparecia aos olhos de tão hábil e consciente desmontador como um princípio de anarquia, de tal modo que percebemos, ao longo dos textos, a necessidade premente de princípios de ação. O narrador-testemunha dos Quadros e costumes cede passagem a um narrador que monta fragmentos tomados à experiência de vida.*” ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984, p. 53. E é sempre bom lembrar: quando falo *homem*, não quero dar um caráter universal, de cunho filosófico a esse conceito. Utilizo *homem*, aqui, primeiramente, para designar o próprio Graciliano Ramos – representante de uma determinada intelectualidade (literatura brasileira), encravada numa temporalidade (décadas de 1930 e 1940, sobretudo a primeira), com o objetivo mais ou menos uníssono de retratar de forma mais “*realista*” possível a sociedade brasileira a partir de seus problemas, injustiças e desigualdades, mostrando a sua gente. Portanto, quando utilizo *homem* também quero falar desse homem que o autor vê e quer mostrar. Seria, parafraseando uma bela definição de Ivone Cordeiro Barbosa, *aquele olhado pelo olhar que eu olho*.

<sup>267</sup> BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 18-20.

Certeau, com o lugar social da produção do conhecimento, lembrando apenas que no último, o lugar social é compreendido para além da experiência da linguagem.<sup>268</sup> Também não quero descreditar a crítica ginzburguiana feita ao teórico francês Roland Barthes e ao norte-americano Hayden White que, segundo o historiador italiano, a partir de uma leitura errônea de Aristóteles e apressada de Nietzsche, defendem uma caracterização da historiografia tomada por retórica. Ou seja, vêem-na com a única função do convencimento.<sup>269</sup> Chamando a atenção para a particularidade da disciplina histórica, Ginzburg encontra sustentação em sua crítica na relação que a produção historiográfica guarda com o *contexto* e a *prova*, algo que a literatura não se dá ao devido trabalho. Realmente, a nossa produção principia por uma *problemática* que nos suga as reservas de energia ao mesmo tempo que a desenvolvemos-resolvemos, assegurados (mesmo que momentaneamente) pelas provas: *frutos e raízes* de nossa pesquisa organizados num texto que nos satisfaz os desejos e agrada aos nossos pares (mesmo que momentaneamente). Contudo, não posso esquecer que, se todo esse processo visa à construção de um *sentido*, no dizer de Michel de Certeau, a literatura, ou qualquer outra fonte é ela também uma construção de sentido, portanto, portadora de uma *verdade*. Nesse caso, a seguinte afirmação de Paul Ricoeur se passa ao largo de ser tranquilizadora promove, a meu ver, uma certa harmonia entre a *verdade histórica* e a *verdade literária*: “*não somos menos leitores de história do que de romances*”. Referindo-se às informações e análises que acabam por habitar os romances, Ricoeur prossegue: “*a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra*”. E quanto à imaginação historiográfica, sem a qual o historiador se transforma numa máquina copiadora (obviamente fraudulenta) de dada realidade temporal, e da busca pela verossimilhança que atravessa a obra literária – mesmo a dita fantástica – o

<sup>268</sup> CERTEAU, Michel de. “A Operação Histórica”. In *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-77.

<sup>269</sup> Para o historiador italiano, a crítica que deve ser feita a esses teóricos é a de que a história teria por finalidade “*a eficácia, não a verdade; de forma não diversa de um romance, uma obra historiográfica constrói um mundo textual autônomo que não tem nenhuma relação demonstrável com a realidade extratextual à qual se refere os textos historiográficos e textos de ficção são auto-referenciais tendo em vista que estão unidos por uma dimensão retórica.*” GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 48.

filósofo francês conclui a sentença, mostrando que “*essa concretização [entre história e ficção] só é atingida na medida em que, por um lado, a história se serve, de algum modo, da ficção para refigurar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da história com o mesmo objetivo.*”<sup>270</sup> Objetivos semelhantes, diferenças no método e apresentação dos resultados, diálogo possível e, arriscaria, inevitável, ou no mínimo saudável são pontos possíveis de serem enumerados neste momento.<sup>271</sup>

Uma outra questão me parece pertinente e que vem a reboque da anterior é o produto literário como explicação da sociedade, por ser desta última e não de outra coisa que trata. Nesse caso, especificando a sociedade brasileira, a literatura torna-se material indispensável e, como demonstra Diatahy B. de Menezes, mais competente para mostrar o Brasil ao Brasil do que o fazem a sociologia e a história:

“Eu arriscaria mesmo a hipótese segundo a qual, mais do que as Ciências Sociais que até hoje, na maior parte de seus resultados, estiveram umbilicalmente atreladas a categorias e doutrinas elaboradas noutros espaços sociais e noutros horizontes mentais, sempre a reboque dos derradeiros modismos teóricos dos países centrais, provavelmente é na literatura e talvez no ensaio que encontraremos o nervo e o osso da nossa experiência histórica e a melhor elaboração acerca de nossa ontologia como povo e cultura.”

E explica:

“(...) a produção de cientistas sociais está bem mais submetida a instâncias de consagração mais restrita e presas à ‘honra estamental’, mais do reconhecimento acadêmico que costuma privilegiar muito mais o pensamento de autores estrangeiros no obrigatório ritual das citações. Por sua vez a literatura, no seu contraponto polissêmico entre as pulsões do desejo e os compromissos com a realidade que reconstrói ou inventa simbolicamente, assim como o ensaio, livre das camisas-de-força teórico-conceituais e da obsessiva coerência do paradigma científico, constituem uma matriz mais criativa e uma fonte mais rica da cambiante imagem brasílica.”<sup>272</sup>

<sup>270</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa - Tomo III*. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1997, p. 316-317.

<sup>271</sup> Portanto não cabe aqui traçar o retrato falado de Clio e de Calíope, mas tentar estabelecer, dentro dos limites e exigências deste trabalho, uma relação entre história e literatura, da qual prevaleça, ao final, um resultado historiográfico desse debruçar *espinhoso* sobre essas obras graciliânicas que pensaram seu tempo, seu homem e a própria arte de escrever sobre o homem e o tempo.

<sup>272</sup> MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. “Um Itinerário da Formação do Homem Brasileiro - do descobrimento à época contemporânea” In JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa (coord.). *Perturbador Mundo Novo: história, psicanálise e sociedade contemporânea*(1492, 1900,

Longe de tentar combater o conhecimento histórico e sociológico – o que acredito também não ser essa a intenção do sociólogo acima citado, pois estaríamos diminuindo o nosso próprio ofício – afino minha posição à sua, menos para fazer esse contraponto entre uma forma de conhecimento e outra do que para realçar a importância do produto literário enquanto documento para a compreensão de aspectos de uma dada realidade – já que esse documento traz todas essas “liberdades” de que não dispomos, mas que, com o qual, podemos dialogar. É dessa forma que a obra graciliânica, portadora de uma forte carga documental – mesmo aquelas explicitamente ficcionais, como é o caso de *Vidas Secas* e *São Bernardo* – tal obra nos serve para a feitura deste trabalho.<sup>273</sup> No mais, não há a intenção de trazer Graciliano Ramos para a vitrine dos historiadores, nem de literaturar o trabalho historiográfico, mas

---

1992). São Paulo: Escuta Ed., 1994, p. 34-41. Junto a essas características citadas por Diatahy B. de Menezes, acrescento uma valiosa análise dos procedimentos literário que servem para a compreensão do social: *“Além de narrar, as obras literárias constroem (sic) também uma certa tipificação da realidade social apresentada. Tal tipificação se manifesta sobretudo no segundo plano da descrição literária, nas personagens secundárias, que às vezes (por exemplo no teatro medieval) não têm nome, sendo designadas apenas por sua função social ou com nomes que são simples codificações dessa função. Para o historiador das estruturas sociais isso tem uma importância muito grande. Conceitos como ‘burguês’, ‘rico’, ‘mendigo’, ‘patrício’, ‘plebeu’ são construções teóricas que o ajudam a ordenar os fatos, elaborar imagens sintéticas, penetrar nas divisões e ligações estruturais da sociedade analisada. As obras literárias permitem confrontar essas construções históricas com o quadro que funcionava na consciência social da época examinada. A tipologização usada como um procedimento literário, mesmo sendo o resultado de uma simplificação excessiva – ou talvez precisamente por isso –, fornece imagens sociais estereotipadas, que surgem do concreto da realidade pesquisada pelo historiador.”* GEREMEK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim. Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia: (1400-1700)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 16. Convido-os ao lembrete da nota 125 do capítulo anterior. Nela, Rolando Morel Pinto classifica a personagem Fabiano como ‘standard’ de uma classe ou grupo que passa por situações típicas no sertão seco do nordeste. Pois bem, através dessa contribuição do crítico paulista, resolvi estender esse conceito ao outro personagem central para a feitura deste trabalho, qual seja, Paulo Honório, geralmente visto na crítica literária como um ‘caso único’ de um romance mais detido ao psicologismo. Sem querer me repetir, o que pretendo deixar claro é, diante das observações de Diatahy B. de Menezes e Bronislaw Geremek, a literatura graciliânica, bem como a de toda a geração de 1930 – pelo menos a que eu conheço – se presta a esta tipificação, por ser uma literatura que está buscando entender, conhecer e mostrar o Brasil ou, no dizer de Diatahy de Menezes: *“uma linguagem que se recria aos poucos na sua especificidade brasileira e tentando dar conta de uma realidade contextual”*.

<sup>273</sup> Segundo Adonias Filho, não só Graciliano Ramos, mas a geração de 1930 e toda uma tradição da literatura brasileira seguem uma tendência documentarista que ganha força no escritor alagoano, pela *“irradiação social”* e *“inquirição psicológica”*. O crítico baiano aponta em Graciliano, por realizar o movimento do particular para o universal, o caráter da experiência que confere força ao seu realismo documental e o aproxima de figuras como André Malraux, William Faulkner e Graham Greene, ligando-os por uma mesma base, qual seja: *“A estrutura social subsiste em função do acontecimento humano, em todos a exploração das crises interiores, as personagens dependendo das contingências (guerra, revolução, seca) para que projetem os dramas em intensidade.”* FILHO, Adonias. *O Romance Brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

tentar fazer cumprir o ofício do historiador que dialoga com a literatura: “*ver como obra e autor supõem uma historicidade e condições concretas materiais de definição.*”<sup>274</sup> Nesse caso, a definição se tornaria um tanto ou quanto problemática, pois Graciliano Ramos é um autor que poderíamos chamar de inconstante ou inclassificável no que tange ao estilo, à temática ou à sua auto-crítica. No entanto, quanto à porção política de sua obra, ou melhor dizendo, quanto ao alinhamento entre conteúdo e forma a serviço de um objetivo específico, a obra graciliânica oferece os subsídios necessários para *supor* e trabalhar a *historicidade* não só da qual fala, bem como aquela em que a obra está inserida, sendo que em Graciliano Ramos não há espaço para o *romance histórico*. Ou seja, *dentro* e *fora* da obra a historicidade é a mesma, o que torna seus escritos sempre um olhar atento e perigoso, visto que atuante por promover esse vaivém já citado no início deste capítulo, sem, no entanto, apelar para o explicitismo.<sup>275</sup> Assim, num romance como *São Bernardo*, escrito na primeira pessoa (personagem-narrador), ou num romance como *Vidas Secas*, escrito na terceira (com o recurso do *discurso indireto livre*), o escritor está sempre expondo sua obra como arma, versando e lançando questões pertinentes à própria realidade.

As armas – “fracas e de papel” – portanto, não são tão fracas assim e nem são apenas de papel, são elas também portadoras de desejos e práticas e atravessam os tempos, ganhando espaço na mente dos homens e se constituindo como históricas, ou seja, vivas.

---

<sup>274</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001, p. 90.

<sup>275</sup> Sobre a posição explícita do autor ser um acessório desnecessário ao romance realista, já temos, em 1888, essa lição em Engels, quando, em carta a Margaret Harkness, ele fala desse desnecessário credenciamento: “*Longe de mim a idéia de vos censurar por não haverdes escrito um romance puramente socialista, um Tendenzroman, como nós, alemães, lhe chamamos, para glorificar os pontos de vista sociais e políticos do autor. Não é essa de modo algum a minha intenção. Quanto mais o autor encobre as suas opiniões, melhor para a obra de arte. O realismo a que me refiro pode transparecer apesar do ponto de vista do autor.*” MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre Literatura e Arte*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1986.



### 3.1. Sopa de letras

*Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada.  
As nossas personagens são pedaços de nós mesmos,  
só podemos expor o que somos.*

**Graciliano Ramos**

Quando em *Memórias do Cárcere* Graciliano Ramos refere-se à fraqueza de sua arma, cai ele em contradição diante de outro depoimento seu, quando à palavra é dada uma força esmagadora. Está em *Infância* esse primeiro contato com as letras, no qual é destacada a relação que seu pai faz entre a arte de saber decifrar e usar as palavras com o poder. Diante de uns cadernos misteriosos jogados numa prateleira do estabelecimento comercial do pai e cheios de rabiscos semelhantes “*aos dos jornais e dos livros*”, o menino Graciliano olha para as letras sem nada entender. Daí:

“(…) Meu pai tentou avivar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas. Afirmou que as pessoas familiarizadas com elas dispunham de armas terríveis. (...) Aí meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como Padre João Inácio e o advogado Bento Américo. (...) insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira.”<sup>276</sup>

A relação feita por Sebastião Ramos entre os homens de saber (um da igreja e um da lei) e o poder ganha, fortemente, espaços na vida e na obra de Graciliano. Acompanhando sua trajetória, percebo que o menino que começou a duras penas e a contragosto a aprendizagem da leitura, após conhecer os primeiros romances e logo em seguida devorar as estantes do tabelião Jerônimo Barreto, não parou mais ele de se relacionar com as letras, ao mesmo tempo em que se “distanciava” das pessoas mais próximas, familiares, freqüentadores da loja do pai, colegas e professores da escola, num movimento que Fernando Cristóvão chama de “*imposição à consideração dos outros*”,<sup>277</sup> no qual o uso das letras contribui, num espaço caracterizado pelo seu *não-uso*, para a formação de uma personalidade que entra em choque com

<sup>276</sup> *Inf.* p. 95.

<sup>277</sup> CRISTÓVÃO. Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977, p. 202-207.

a regra geral. O contato e a paixão que passa a ter pela literatura geram uma espécie de pequeno corpo estranho na Viçosa de 1900-1904:

“Em poucos meses li a biblioteca de Jerônimo Barreto. Mudei hábitos e linguagem. Minha mãe notou as modificações com impaciência. E Jovino Xavier também se impacientou, porque às vezes eu revelava progresso considerável, outras vezes manifestava ignorância de selvagem. Os caixeiros do estabelecimento deixaram de afligir-me e, pelos modos, entraram a considerar-me um indivíduo esquisito.”<sup>278</sup>

A caracterização que confere a um si mesmo de quarenta anos atrás coaduna-se com a de seu primeiro mentor, Mário Venâncio, “*literato*” vindo de fora de Viçosa, suas “*maneiras esquivas e torcidas exprimiam vida interior*,

---

<sup>278</sup> *Inf.* p. 216. Desde *Caetés*, os personagens-narradores dos romances de Graciliano Ramos trazem esse caráter diferenciador do restante da comunidade na qual estão inseridos, justamente por esse contato – doloroso/esperançoso – com as letras. João Valério, personagem do romance de 1932 é o “mediocre” funcionário da loja Teixeira & Irmão que diante de uma “*vida pacata, vagarosamente arrastada*” tenta, a partir do contato com as letras, destacar-se tanto em relação aos pobres analfabetos quanto em relação aos ricos insensíveis: “*Ora, ali estava aquela viúva antipática, podre de rica, morando numa casa grande como um convento, só se ocupando em ouvir missa, comungar e rezar o terço (...). E eu, em mangas de camisa, a estragar-me no escritório dos Teixeira, eu, moço, que sabia metrificção, vantajosa prenda, colaborava na Semana de Padre Atanásio e tinha um romance começado na gaveta.*” RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 13 e 16. Com os propósitos – digamos sociais – diferentes dos de João Valério, mas com a mesma sede pela auto-afirmação como um capaz, Paulo Honório enfrenta a dura tarefa de construir uma narrativa sem, no entanto, encontrar nela uma tábua de salvação. Como tudo em sua vida a literatura é uma ferramenta como outra qualquer, manejável com um fim. No caso dele, apenas contar sua história: “*(...) Não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. As pessoas que me lerem terão, pois, a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem. Se não quiserem, pouco se perde.*” *SB.*, p. 9. O caso mais flagrante dessa separação entre o literato e o mundo em que está inserido como dissonância é *Angústia*. Luís da Silva não só se imagina como um intelectual, duramente não reconhecido pela sociedade, como um ser especial só pelo fato de consumir literatura. (Tipo facilmente encontrado no meio acadêmico, sua figura egocêntrica, invejosa e amarrada em suas próprias dores enquanto tenta culpar o mundo por elas, ao mesmo tempo que se sente superior justamente por isso, ele renderia um trabalho somente sobre esse aspecto interessante e constante que teima em habitar o homem que usa a letra como um elemento segregador e combustível para o tão facilmente reconhecível esnobismo acadêmico, em meio a um mar de analfabetos como é o nosso país). Vejamos uma passagem que demostre isso: “*Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se ao balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. (...) Não simpatizavam comigo. Eu ali estava como um repórter, colhendo impressões. (...) A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros.*” RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d., p. 94-95. Em *Vidas Secas* o caso de Fabiano traz uma mudança nessa relação com a produção literária e o uso da palavra. É a não-palavra ou a impossibilidade de usar essa arma que faz dele um diferente que tem, diversamente dos outros, uma outra luta: ser reconhecido como homem e não como homem de letras, visto que o meio em que está inserido e a própria visão do personagem central que conduz toda a trama mostram a distância das letras, entidade ‘sobrenatural’ que fora capturada por homens que exercem o poder representado na figura do patrão, do governo e dos homens da cidade, onde Fabiano é vítima de algum tipo de abuso toda vez que precisa entrar em contato com esses seres “diferentes”.

*desprezo ao senso comum, inspiração de poeta*”.<sup>279</sup> Com o menino de doze anos ele editará *O Dilúculo*, jornal que traz o primeiro conto de Graciliano: uma literatura já graciliânica, não na forma, mas no conteúdo.

Mas o garoto não se converterá em literato a partir dessa primeira investida. No entanto, serão poucos e de curta duração os períodos em que tanto o rapaz como o homem Graciliano Ramos não estará às voltas com as letras, seja em forma de artigos, crônicas, poemas (muitos destruídos ou de publicação expressamente proibida por ele antes da sua morte), romances, relatórios, depoimentos, crítica, educação. E conforme “profetizou” o pai, esse contato estará a aproximá-lo, de um modo ou de outro, do poder.

Aos 22 anos o jovem Graciliano trabalha como revisor em jornais da Capital Federal, quais sejam, *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, ao mesmo tempo em que colabora para o jornal fluminense *Paraíba do Sul* e para o *Jornal de Alagoas*, assinando “R.O.” (Ramos de Oliveira). Nessas crônicas de 1914 e 1915, os temas abordados – os mais variados possíveis – e a forma como o faz já trazem um Graciliano agérrimo e incomodado, um incômodo que de forma menos jocosa e mais profunda chegará ao extremo da acidez na forma de romances que não poupam a nada nem a ninguém.<sup>280</sup>

Após essa curta estada no Rio de Janeiro, Graciliano volta às pressas para Palmeira dos Índios devido uma epidemia de peste bubônica que causa a morte dos irmãos Otacília, Leonor e Clodoaldo e do sobrinho Heleno, além de a mãe e outra irmã se encontrarem em péssimo estado. Nesse período, ele deixa de escrever para todos os jornais e toca o negócio que fora do pai, a loja de tecidos. Vale frisar que o estabelecimento passa a se chamar loja *Sincera* – e apenas especulando: Graciliano parece querer escrever de algum modo, e a ironia a correr-lhe nas veias prossegue, após este estranho título dado a um estabelecimento que visa ao lucro, no texto que acompanha a propaganda da

---

<sup>279</sup> *Inf.* p. 226.

<sup>280</sup> Em tom excessivamente irônico, algumas crônicas chegam a sugerir que na Constituição seja oficializada de vez a função de chefe político – leia-se, coronel – que é de fato o único poder efetivo no país. Em outro momento, Graciliano fala da sagacidade dos meninos da cidade grande que se viram como podem. Noutra, ele narra o papel leviano que a crítica literária pode perfeitamente assumir, quando dá um exemplo no qual ele mesmo, com pseudônimos diferentes, trabalhando em jornais diferentes analisa a mesma obra duas vezes, uma de maneira implacável e perversa e outra totalmente condescendente e bajuladora. Ver em RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 9-10; 29-31; 35-38.

loja estampada no hebdomadário da cidade: “*Loja Sincera: preços sem competência*”.

Ele volta a escrever, em 1921, para o jornal local *O Índio*, chefiado pelo Padre Macedo. Após passar cinco anos sem produzir, viúvo aos 28 anos e pai de quatro filhos, Graciliano desabafa sua situação ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho, companheiro da primeira viagem ao Rio, logo após romper a colaboração com o jornal:

“Pedes-me que te fale de minha vida e de meus filhos. Que te posso eu dizer, meu bom amigo? Sou um pobre-diabo. Vou por aqui arrastando-me, mal. Há cinco anos não abro um livro. Doente, triste, só – um bicho. Tenho quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria. Esta, coitadinha, provavelmente não viverá muito, está à morte. Se morrer, será uma felicidade. Para que viver uma criaturinha sem mãe? Os outros são três rapazes endiabrados. O mais velhinho, de quatro anos, conhece as letras e já começa a ler os títulos dos artigos dos jornais. São desenvolvidos, mas o segundo, Júnio, é de uma estupidez que espanta. Será feliz, talvez. Muito atirado, vaidoso, não tem amizade a ninguém. Não conhece uma letra nem quer saber das rezas que uma tia tenta meter-lhe na cabeça. São eles que aqui me prendem, meu velho. Já teria voltado para aí, se tivesse ficado só. Malgrado as decepções, a cidade ainda me tenta. Se um dia me for possível, voltarei. É um sonho absurdo, talvez. Para voltar necessito uma fortuna, e, apesar da guerra, estou quase nas condições em que estava quando aqui cheguei.”<sup>281</sup>

Este parágrafo está transcrito na íntegra por dois motivos que, acredito, evidenciam minha intenção nesse primeiro momento deste tópico. Primeiro, estou relacionando esses quadros biográficos do escritor alagoano sempre pelo viés do contato com as letras, seja através da sua produção literária, seja nos comentários que ele faz, como quando ao falar dos filhos utiliza o viés do contato que estes têm com as letras, sendo que o quadro enegrecido que pintará anos depois, envolvendo personagens que se utilizam desse contato com o saber, contato que é doloroso, tal quadro já está ensaiado na previsão do futuro dos próprios filhos: o que não tinha contato com as palavras escritas talvez viesse a ser feliz. O segundo refere-se à vontade de o escritor alagoano voltar para o Rio com o intuito de exercer, justamente, aquela “triste” profissão. Ou seja, por mais que ele dissesse da inutilidade de ali em Palmeiras dos Índios ler bastante e escrever, apostando no grande centro como o único lugar para que tais ações fossem realizadas com algum valor ou serventia – como

<sup>281</sup> *Ct.* p. 74. “Carta 30 – a J. Pinto da Mota Lima Filho – 10 mai. 1921”.

será afirmado em carta de meses após essa –<sup>282</sup> Graciliano não consegue ficar longe do saber nem de exercer uma profissão que não seja a ele ligada.

Impossibilitado, contudo, de ser jornalista, cronista, ensaísta, após voltar a ler muito e fincar os cotovelos no balcão da Sincera, ele se torna, em 1926, presidente da Junta Escolar de Palmeira dos Índios, quando inicia *Caetés*. Porém, vale salientar que durante todo o período que permaneceu em Palmeira dos Índios, ele fora, com irregularidade e de um modo ou de outro, professor.<sup>283</sup> Sua atuação na junta escolar acaba por ser uma das alavancas que o levará a ser prefeito. Inclusive, os principais impulsionadores da campanha, primeiro de convencimento do próprio candidato, depois da campanha propriamente dita, nas eleições, são três ex-alunos do Graciliano rapaz. Desse modo, após várias palestras com amigos e com o pai, ele aceita a candidatura, sendo eleito em 1927, assumindo em 1928, renunciando em 1930 e mudando-se para Maceió em maio do mesmo ano, para exercer o cargo de diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, certamente sob a sensação causada pelos relatórios que mandara ao governador Álvaro Paes. Enquanto prefeito, Graciliano não esqueceu de relacionar os fatos contidos nos seus relatórios às letras, à educação e à própria produção literária, com uso de metáforas, ironia, linguagem despojada e correta, destacando-se como crítico, memorialista e cronista, onde deveria figurar apenas como o prefeito que relata seus atos, lamenta as faltas e pede mais verbas: era o prefeito, no momento da escrita, cedendo espaços para o literato.<sup>284</sup> Do quadro de professores e da

<sup>282</sup> “*Eu também leio às vezes, não por higiene como tu, mas por hábito, digo quase por vício, pois não sei para que serve meter para dentro coisas que de nada nos servem na vida prática. Refiro-me a mim, é claro, que Palmeira não é o Rio.*” Ct. p. 75. “Carta 31 – a J. Pinto da Mota Lima Filho – 04 ago. 1921”.

<sup>283</sup> Num resumo de vários depoimentos e informações de memorialistas, Carlos Alberto dos Santos Abel traça um panorama dessa faceta de Graciliano em Palmeira: lecionou francês, esperanto, italiano e gramática, abdicou de qualquer ganho. Ver em ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 84-92.

<sup>284</sup> Esse arrolamento que faço dos estilos contidos nos relatórios a fim de verificar a literatura pulsando num documento que a princípio deveria ser formal e burocrático não é aventura. No entanto é um risco que se corre. E é baseado na observação de Alfredo Bosi, a seguir, que o corro: “*A criação de um poema, de um romance, de um quadro, de um drama é, freqüentemente, resultado de tensões muito fortes no interior do indivíduo criador, tensões dentre as quais é modelo exemplar o compromisso (bem ou mal resolvido) entre as forças anímicas ansiosas por exprimirem-se e a tradição formal já historicizada que condiciona os modos de comunicação. A expressão pessoal e a comunicação pública são duas necessidades que acabam regulando a linguagem do criador e situando o seu trabalho na intersecção do corpo e da convecção social.*” BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 343.

serventia da educação para a gente da roça o escritor alagoano registra com desencanto a incapacidade dos professores e a falta de perspectiva na aplicação do que se aprende, uma irônica e sutil denúncia ao beletrismo que apresenta o *crítico literário* engajado dentro do relatório oficial:

“Instituíram-se escolas em três aldeias: Serra da Mandioca, Anum e Canafistula. O conselho mandou subvencionar uma sociedade aqui fundada por operários, sociedade que se dedica à educação de adultos.

Presumo que esses estabelecimentos são de eficiência contestável. As aspirantes a professoras revelaram, com admirável unanimidade, uma lastimosa ignorância. Escolhidas algumas delas, as escolas entraram a funcionar regularmente, como as outras.

Não creio que os alunos aprendem ali grande coisa. Obterão, contudo, a habilidade precisa para ler jornais e almanaques, discutir política e decorar sonetos, passatempos acessíveis a quase todos os roceiros.”<sup>285</sup>

Das leis municipais, anacrônicas e impraticáveis, ele faz relação com a própria educação que tivera nos primeiros anos, quando estudara na cartilha do Barão de Macaúbas (o educador Abílio Borges, também lembrado com amargura por Raul Pompéia em *O Ateneu*). A denúncia da falta de leis que acompanhe os tempos de mudança para as cidades do interior encontra reforço na analogia feita pelo *memorialista* que resgata da infância as penosas lições pelas quais os meninos tinham de passar para aprender a ler.

“Em Janeiro do ano passado não achei nada no município que se parecesse com lei, fora as que havia na tradição oral, anacrônicas, do tempo das candeias de azeite.

Constava a existência de um código municipal, coisa inatingível e obscura. Procurei, rebusquei, esquadrinhei, estive quase a recorrer ao espiritismo, convenci-me de que o código era uma espécie de lobisomem.

Afinal, em fevereiro, o secretário descobriu-o entre papéis do Império. Era um delgado volume impresso em 1865, encardido e dilacerado, de folhas soltas, com aparência de primeiro livro de leitura de Abílio Borges. Um furo. Encontrei no folheto algumas leis, aliás bem redigidas, e muito sebo.”<sup>286</sup>

<sup>285</sup> RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Rio de Janeiro: Record; Recife (PE): Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994, p. 53.

<sup>286</sup> *Ibidem*. p. 44-45. Feita em 1929 a descrição do código municipal encontrado entre os papéis do tempo do Império assemelha-se à do volume do Barão de Macaúbas, citado no mesmo tópico do relatório, feita em 1945, a propósito do capítulo “Barão de Macaúbas”, de *Infância*: “Um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco. Princípiei a leitura de má vontade.” Os contos que formavam o livro de leitura eram escritos em linguagem rebuscada e o menino não a compreendia: “Esses dois contos me intrigaram com o Barão de Macaúbas. Examinei-lhe o retrato e assaltaram-me

Do cotidiano da cidade, pensado e descrito através dos seus problemas mais visíveis e no entanto mais persistentes, o prefeito em seus relatórios também exercita o *cronista* que já fora anos atrás, e o tom satírico e aparentemente indiferente permanece, mas, como o fará em toda sua obra, fica a sensação de que escrever era a grande necessidade, dizer era o primeiro passo:

“Iniciarei, se houver recursos, trabalhos urbanos.

Há pouco tempo, com a iluminação que temos, pérfida, dissimulavam-se nas ruas sérias ameaças à integridade das cancelas imprudentes que por ali transitassem em noites de escuro.

Já uma rapariga aqui morreu afogada no enxurro. Uma senhora e uma criança, arrastadas por um dos rios que se formavam no centro da cidade, andaram rolando de cachoeira em cachoeira e danificaram na viagem braços, pernas, costelas e outros órgãos apreciáveis.”<sup>287</sup>

Nos relatórios – com o *Caetés* esperando na gaveta e várias crônicas publicadas em jornais – Graciliano é o prefeito-literato utilizando todas as armas possíveis, agindo, exercitando o *realismo* que fermentará em todas as obras seguintes. No entanto, uma escolha se faz necessária: prosseguir o rumo das letras ou enveredar pela política. Escolhe a primeira, sem contudo, se distanciar por completo da segunda, pois não deixa de exercer um cargo público, vinculado diretamente ao poder executivo, só que lidando diretamente com as letras. E é como diretor da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas que Graciliano vê o golpe de 1930 ser efetivado. Álvaro Paes foge e na caça às bruxas Graciliano é preso e indiciado, em 1931, por conspiração, acusado de, quando prefeito, desviar “*um conto e vinte mil réis*”. O processo não dá em nada.<sup>288</sup>

Após pedir demissão do cargo na Imprensa Oficial e voltar para Palmeira, ele se embrenha na construção de *São Bernardo* enquanto se

---

*presságios funestos. Um tipo de barbas espessas, como as do mestre rural visto anos atrás. Carrancudo, cabeludo. E perverso. (...)Temi o Barão de Macaúbas, considere-o um sábio enorme, confundi a ciência dele com o enigma apresentado no catecismo.”* Inf. p. 117-119. Ao juntar a comparação do relatório e a descrição mais detalhada do livro de memórias, percebe-se que Graciliano une, em vários momentos de sua escrita, a denúncia do velho. Seja na política ou na educação, a presença do Império, do passado que teima em dirigir e ensinar a ação e o comportamento dos homens está de algum modo presente, como a figura de seu Ribeiro a lembrar Paulo Honório que o ontem é que era o certo, ou o papel que exerce o soldado amarelo, signo da mensagem de governo enquanto entidade sagrada e distante.

<sup>287</sup> Ibidem. p. 58-59.

<sup>288</sup> LIMA, Valdemar de Sousa. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Brasília-DF: Editora Marco, 1971, p. 148-149.

recupera de uma cirurgia na perna e aguarda a publicação de *Caetés*, que só sairá do prelo em 1933. A dúvida da publicação do primeiro romance enquanto escreve o segundo em meio à dificuldade financeira é motivo para um dos muitos momentos em que o autor minimiza sua própria condição de homem de letras:

“Acabei agora a tarefa diária do *S. Bernardo*. Os trabalhadores do eito descansam às seis horas. Eu estou aqui desde oito da manhã e já é meia-noite. Como amanhã temos correio, fico aqui à mesa uns minutos mais, conversando com você. Amanhã não terei tempo para nada, porque essa gente do *S. Bernardo* exige todas as horas que Deus dá. Depois de tudo pronto acontecerá o que aconteceu ao *Caetés*. Haverá no mundo um sujeito mais besta do que eu? Em todo caso antes esta ocupação de condenado que os fuxicos da política de Palmeira.”<sup>289</sup>

No ano seguinte, o literato desacreditado de si está novamente ligado ao poder através das letras. É chamado pelo interventor Afonso Carvalho para ser diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo equivalente a Secretário Estadual da Educação. E é também contratado pelo *Jornal de Alagoas* para ser seu editor. Graciliano mais uma vez se transfere para um grande centro. Seus dois primeiros romances são publicados e por volta de 1935, está ele envolvido em seu terceiro romance, *Angústia*. É quando o regime mais uma vez o persegue e é novamente preso. Se antes ele fora acusado de pertencer às *forças reacionárias*, desta vez, sem mais esclarecimentos ou acusação formal, o motivo seria o seu suposto envolvimento com o levante comunista de 1935. Nas *Memórias do Cárcere*, Graciliano narra que logo após a demissão, telefonemas misteriosos o ameaçavam. O funcionário demitido busca uma explicação para tudo aquilo e a relação com as letras e o ensino é mais uma vez feita. Uma analogia entre ele e Luís da Silva, personagem do romance de 1936, é inevitável. O escritor alagoano comenta que tentava dissipar o ódio condensado durante os três anos em que esteve ligado ao governo de seu Estado, envolvendo-se com gente que julgava podre e vendo algumas de suas iniciativas se desmancharem no ar. Por momentos se convence de que aliado às perseguições políticas estava o fato de ser ele uma anomalia naquele jogo de engrenagens sujas. “*Tudo porcaria.*” E o episódio envolvendo preconceito e descaso com a instrução pública é o primeiro que lhe vem à tona:

<sup>289</sup> *Ct.* p. 136. “Carta 68 – a Heloísa de Medeiros Ramos – nov. 1932”.



“Tolice reconhecer que a professora rural, doente e mulata, merecia ser trazida par a cidade e dirigir um grupo escolar: fazendo isso, dávamos um salto perigoso, descontentávamos incapacidades abundantes. Essas incapacidades deviam aproveitar-se de qualquer modo, cantando hinos idiotas, emburrando as crianças. O emburramento era necessário. Sem ele, como se poderiam agüentar políticos safados e gerais analfabetos? Necessário reconhecer que a professora mulata não havia sido transferida e elevada por mim: fora transferida por uma idéia, pela idéia de aproveitar elementos dignos, mais ou menos capazes. (...) realmente eu havia sido ali uma excrescência, uma excrescência agora amputada, a rodar de bonde, a olhar navios e coqueiros. De certo modo as ameaças dos telefonemas me agradavam: embora indeterminadas, indicavam mudanças, forçar-me-iam a azeitar as articulações perras. Conservara-me regulamentar e besta mais de três anos, numa cadeira giratória, manejando carimbos, assinando empenhos, mecânico, a deferir e indeferir de acordo com as informações de seu Benedito, realmente obedecendo a seu Benedito.”<sup>290</sup>

Da prisão resultaram, literariamente falando, *Memórias do Cárcere* – depoimento mais ligado à experiência propriamente dita da prisão política, as torturas, as relações entre os presos, o quadro político visto por um outro ângulo – que só começou a ser composto em 1946, com o fim do Estado Novo e a filiação do autor ao Partido Comunista; *Infância* – cujas tristes memórias foram arroladas em episódios bruscamente separados – publicado em 1945, após a morte da mãe, em 1943 (o pai morrera em 1934); *Vidas Secas* – que arrisco, apesar da temática flagrantemente regionalista e objetiva, está esse livro muito associado aos dias do cárcere; *A Terra dos Meninos Pelados* – conto infantil que ganhou, em 1937, mesmo ano em que saiu da prisão, um prêmio do Ministério da Educação, apesar de ser uma grande metáfora sobre a diferença, na qual o diferente se refugia para um outro mundo, onde *não existem espinhos*, por causa da incompreensão e preconceito da maioria; e os artigos da sessão *Quadros e Costumes do Nordeste*, para a revista *Cultura Política*, do DIP.

É para o governo, novamente, que Graciliano irá trabalhar, indicado por um membro do Ministério da Educação – mais especificamente Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete do ministro Capanema. E de lá sai o pedido para que o ex-prisioneiro político seja nomeado Inspetor do Ensino Secundário, cargo que ele assume em 1939. Mas vale registrar, através de

---

<sup>290</sup> MC. v. 1, p. 41-42.

suas palavras, em carta de 1937, quando da ocasião da entrega das cópias datilografadas para o concurso, a definição de seu estado após o aprisionamento, que acaba por ser a sinédoque (parte que explica o todo) da conjuntura pela qual passa a intelectualidade (de direita ou de esquerda) no país, sob a égide do autoritarismo que abarca a tudo e a todos na composição de seus planos para construir uma nova nação e uma nova idéia de Brasil:

“Comecei a escrever um conto muito chato, fiz uma carta ao Garey [Benjamin de Garey – escritor e tradutor argentino] e reví a cópia datilografada dos meninos pelados, que foram para o Ministério da Educação. Vi lá, num corredor, o nariz e o beijo caído de s. exa. o sr. Gustavo Capanema. Zélins acha excelente a nossa desorganização, que faz que um sujeito esteja na Colônia [Colônia Correccional – Ilha Grande-RJ] hoje e fale com ministros amanhã; eu acho ruim a mencionada desorganização, que pode mandar para a Colônia o sujeito que falou com o ministro.”<sup>291</sup>

E é em meio a essa “desorganização” que, no mesmo ano de 1939, Graciliano também será nomeado revisor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e mais tarde, em 1941, ele estará publicando artigos sobre personagens e costumes marcantes da região Nordeste, na revista do mesmo órgão. O comunista trabalhando no órgão do ditador simpatizante do fascismo e que o mandara prender poucos anos antes. Mas não se trata de fenômeno extraordinário.<sup>292</sup> A composição de uma política cultural no Estado Novo passava pelo recrutamento da intelectualidade do país, vista como mediadora entre os anseios do governo e a população. Espaços como a *Cultura Política* faziam parte da estratégia do Estado Novo que, com discurso pacificador e mobilizador, estabelecia “as bases do ‘acordo’ entre ordem e política social, e da necessidade de sua articulação com o verdadeiro ‘espírito nacional’”,

<sup>291</sup> Ct. p. 178. “Carta 93 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 28 fev. 1937”.

<sup>292</sup> Maria Helena Capelato lista uma série de intelectuais das mais diversas filiações e orientações que trabalharam no governo Vargas. Entre o *Jornal da Manhã*, no Rio de Janeiro, o *Jornal da Noite*, em São Paulo, e a revista *Cultura Política*, figuram os nomes de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Vinícius de Moraes, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Nelson Werneck Sodré, Graciliano Ramos, Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Mário de Andrade. Ver em CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Estado Novo: novas histórias”. In FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 210-211. Angela de Castro Gomes informa que entre o 1º e o 30º número da revista já haviam colaborado 261 pessoas dos mais diferentes ramos: “professores primários, secundários e do ensino superior de diversas instituições do país, profissionais liberais em geral, além dos militares, magistrados e funcionários públicos”. Ver em GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 133.

cabendo ao intelectual esse papel de mediador.<sup>293</sup> Soma-se a isso o fato de o projeto nacional do Estado Novo não destoar e até mesmo se enroscar nas premissas do romance de 30, de caráter sociológico, que buscava mostrar e discutir os problemas da nação. Num quadro traçado por Antonio Candido – generalizante, como só pode ser a discussão envolvendo um movimento literário que, sendo formado por várias cabeças não pode ser uníssono – essa literatura que é marcada pela “*preponderância do problema sobre o personagem*” – definição que não cobre toda a obra graciliânica – varre o território brasileiro à procura dos “*dramas contidos em aspectos característicos do país*”.<sup>294</sup> Ou seja, o Estado Novo queria dos intelectuais, dos escritores, não importando sua tendência, que eles fizessem aquilo que já iriam fazer ou estavam fazendo. Da parte do intelectual, sobretudo os de orientação esquerdista, não era cobrada uma filiação ao governo, sendo sua narrativa desobrigada de panfletismo – mas tanto de uma tendência como de outra. Ou seja, os literatos estavam entre uma repressão que usava a própria arma da escrita contra os escritores ao mesmo tempo que lhes dava a pena para escrever. Eles estavam presos pelo seu ofício. Livres para criar *versos* que não ultrapassassem a rigidez de um *soneto de chumbo*, cujas reações podiam ser das mais terríveis. Graciliano já sabia delas. E entre escrever vigiado e não escrever, preferiu a primeira.<sup>295</sup> Um outro fator: precisava de dinheiro. E como não possuía bens de grande valor e sim uma família numerosa com filhos adolescentes (da segunda esposa), aceitou o trabalho. Não sabia fazer outra coisa.<sup>296</sup>

<sup>293</sup> GOMES, Angela de Castro. op. cit., p. 139-140.

<sup>294</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000, p. 113-114. Ver também: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed., Cultrix, s.d., p. 438. E ver ainda a definição de Gilberto Freyre sobre a literatura dos anos de 1930 e seu aspecto *sociológico*: FREYRE, Gilberto. “Inquérito da *Lanterna Verde*” apud MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1933-1960) vol. VII*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977-78, p. 61.

<sup>295</sup> “*Os intelectuais brasileiros foram, ao mesmo tempo, vitimados pela repressão e favorecidos pela posição privilegiada que lhes foi atribuída pelos ideólogos estadonovistas, que os convocaram a participar da organização do novo governo e a teorizar sobre a ‘questão nacional’*”. CAPELATO, Maria Helena Rolim. op. cit., p.211.

<sup>296</sup> Em entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, em 9 de jan. de 1979, Joel Silveira comenta sobre o período, as publicações do DIP e os valores envolvidos: “(...) o DIP criou uma série de livros pequenos, tudo sobre Getúlio Vargas e o Teatro, Vargas e o Cinema, Vargas e a Literatura. Pagavam um dinheirão, em termos na época. Um pobre intelectual que ganhava, vamos dizer Cr\$1.500 com a edição de um romance, eles botavam Cr\$10.000 no bolso dele para escrever quarenta páginas sobre a coisa. Isso era um negócio terrível. Poucos resistiram. – Poderia citar alguns nomes? – Não é bom porque a maioria são meus amigos.

Como visto, tanto o vaticínio de Mário Venâncio<sup>297</sup> como o do pai acabaram por se concretizar... não sem variantes: do primeiro somou-se o fato de Graciliano também ser jornalista, professor, secretário de educação e inspetor de ensino; do segundo, subtraiu-se o poder que em situações muito curtas esteve associado às suas letras, tudo na mesma mão e que aos poucos foi dando lugar à relação com poder do outro, associando-se, perigosamente, às suas linhas. No entanto, não lhe roubaram a vontade de escrever e mais, tentou transformar, na medida do possível – o que não foi tarefa unicamente sua, visto a relação que sempre existiu entre os literatos e os órgãos públicos – o veículo de idéias do Estado em veículo de suas próprias idéias.<sup>298</sup> Rebatia ele, desse modo, as críticas feitas por escrever na *Cultura Política*:

“Perdi as palavras iniciais, um tanto resmungadas, e só ouvi o destampatório:

– Se me deixarem, escrevo até no *Diário Oficial*.

Ele estava enfezado, realmente, pois repetiu:

– Até no *Diário Oficial*.

Entendi. Devia ser alguma coisa ligada às suas colaborações na revista *Cultura Política*, editada pelo DIP, e na *Atlântico*, publicação oficiosa portuguesa. Meu Deus, ainda aquilo?

– Estão chateando você?

– Não, ninguém tem coragem. Mas, indiretamente, a miudeza continua. Sacanas.

(...) Ao ser convidado, me dissera, mesmo sem estar filiado ao partido consultara amigos comunistas, que não viram mal nenhum, ao contrário. Não se tratava de artigos, onde se pudesse ler adesão ou conivência, mas de ficção e memória. Melhor aceitar, aparecer. Qual vantagem se isolar?

– Se não me fazem censura, se agüentam o que escrevo, publico. E que se danem.”<sup>299</sup>

---

*A fraqueza humana é terrível. Eu sei, por exemplo, que o Graciliano Ramos resistiu. Osório Borba e Carlos Drummond de Andrade também. Resistiram, particularmente, os intelectuais de esquerda, o pessoal ligado ao Partido Comunista, por motivos conhecidos, né?”* ANTELO, Raúl. op. cit. p. 09. Qualquer semelhança entre essa situação e a de recém-formados de hoje que se vêem obrigados a dar aulas em estabelecimentos cuja excelência e o compromisso com o ensino são duvidosos e que foram duramente criticados por esses mesmos ex-graduandos que passaram a compor suas trincheiras, não é mera coincidência. A nossa miséria humana é uma coisa terrível!

<sup>297</sup> Inf. p, 229: “...os meus exercícios eram composições tolas, não prestavam. Sem dúvida, afirmava o adivinho. Ainda não prestavam. Mas eu fazia romances.”

<sup>298</sup> Ver como exemplo dessa manobra a crônica “D. Maria Amália”, na qual, ao falar da esposa de um coronel chefe político, Graciliano aproveita para dizer que a justiça, a política e a polícia no município eram, na verdade, a face de D. Maria Amália e que, até a data da escrita daquela crônica, as coisas não haviam mudado. Ou seja, ele está sutilmente falando de um ditador utilizando um veículo de comunicação de outro. RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins Editora, 1970, p. 37-40.

<sup>299</sup> RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992, p. 66-67.

Graciliano se referia ao que na época ainda não era chamado de “patrulhamento”, mas que logo em seguida seriam assim denominadas as ordens que o Partido Comunista dava em relação à produção artística dos seus membros. Foi nesse rolo compressor que Rachel de Queirós acabou expulsa do partido por conta do seu *João Miguel*, considerado “*reacionário e pequeno-burguês*”. Foram-lhe sugeridas mudanças, a escritora não as acatou. No caso de Graciliano e a revista *Cultura Política*, a crítica se dava sem o escritor pertencer aos quadros do partido. Acredito que pela aproximação que havia entre ambos (partido e escritor), a crítica vinha pelo viés da ética ou moralidade. No entanto, em 1938, quando da publicação de *Vidas Secas*, ou seja, três anos antes das colaborações na revista do DIP e sete antes da entrada do escritor no partido, já havia censuras análogas às sofridas pela escritora cearense. Foi julgada excessivamente “pusilânime” a atitude de Fabiano frente ao soldado amarelo, quando o primeiro poderia perfeitamente ter atacado o último no meio da caatinga.<sup>300</sup>

Sempre complicada pela interferência de fatores externos, a arte de escrever ganhava, no Brasil, um “controle” interno, ou seja, a própria produção literária engajada de esquerda passava a ter uma cartilha com os temas mais apropriados, o desenvolvimento mais adequado e o desfecho mais desejável pela cúpula do partido, e consoante os anseios de Moscou: era o chamado *realismo socialista*, um alinhamento ao pensamento socialista pela via da arte que fora guiado pelo teórico stalinista Zhdanov, no final dos anos de 1930 e toda a década de quarenta.<sup>301</sup>

“*Esse Zhdanov é um cavalo.*” Graciliano encerrava assim qualquer assunto em cujo nome do teórico soviético fosse citado. E arrematava: “*Cada*

<sup>300</sup> ABEL, Carlos Alberto dos Santos. op. cit. p. 154 e 327.

<sup>301</sup> De acordo com Otto Maria Carpeaux, o realismo socialista foi imposto aos escritores russos à força, sendo entendido mais como um instrumento literário do que mesmo como um estilo literário. O modelo a ser seguido era Gorki, uma espécie de padroeiro dessa vertente, talvez o único que tenha conseguido o “*equilíbrio entre o processo literário de Tolstói (e de Tchekov) e a ideologia de Lenin*”. A grande maioria transformava esse encontro em mera panfletagem com o “*otimismo forçado da propaganda*”. Nomes como Cholokhov, admirado no Brasil, eram ‘forçados’ a trabalhar num alinhamento às exigências do partido, que Carpeaux chama de “*work in progress*”, ou seja, imposição de um aperfeiçoamento ao enquadramento das idéias que, por sinal, exigiam uma reelaboração constante do livro. Como sentença Carpeaux, as obras deixavam de ser “*clássicas para se tornar classissistas.*” CARPAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental vol. VIII*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966, p. 3.415-3.417.

*um tem seu jeito de matar pulgas.*<sup>302</sup> O debate dividia, mais para o final dos anos de 1940, a comunidade literária de esquerda. Havia então dois grupos: os adeptos do *realismo socialista* e os do *realismo crítico*, este último herdeiro direto da produção literária aos moldes dos 30. Ricardo Ramos resume o debate:

“Discutia-se o chamado realismo socialista, que se pretendia uma escola, mas não chegava a ser um método, era simples e discutível tendência, em contraposição ao que se classificava com algum desprezo como realismo crítico. Os da linha realista socialista, ou da sua variável romântico-revolucionária, desejavam refletir na literatura social, é verdade, e iam além: buscavam o novo, o típico, o herói positivo, um final feliz, apoteose da sua corrente política. Naturalmente achavam pouco, ou quase nada, uma obra testemunhar apenas o social, sem assumir uma posição participante, sem concluir indicando um caminho.”<sup>303</sup>

Assim, Graciliano se equilibrava entre assumir funções no partido, incluindo votar para a publicação ou não de certos livros escritos por seus membros, a fidelidade ao pensamento socialista, incluindo o próprio stalinismo, corrente que acompanhou até a morte (quinze dias antes da morte de Stalin) e, do outro lado, a luta pela liberdade de criação, filiada a uma literatura engajada sem amarras, na qual deveria predominar o equilíbrio entre conteúdo e forma: aquilo que Walter Benjamin chamou de *tendência correta*, na qual a literatura não paga o ônus da perda de qualidade por ser politicamente engajada, ou possuidora de uma tendência.<sup>304</sup> Esse foi o exercício de toda a vida literária do escritor alagoano. Do próprio Graciliano, Dênis de Moraes recolheu, através de carta de 1935, destinada ao crítico mineiro Oscar Mendes e numa entrevista

<sup>302</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit. p. 141.

<sup>303</sup> Ibidem. p. 140

<sup>304</sup> BENJAMIN, Walter. “O Autor Como Produtor”. op. cit., p. 121: “*Pretendo mostrar-vos que a tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for também correta do ponto de vista literário. (...) Portanto, a tendência política correta de uma obra inclui sua qualidade literária, porque inclui sua tendência literária.*” O “desrespeito” à tendência literária, movido por um projeto político pode ser bem definida nas palavras de Jorge Mendauar, que trabalhou na revista *Literatura*, de Astrogildo Pereira, forte nome no Partido Comunista Brasileiro. Em entrevista a Rául Antelo ele explica alguns pontos da condução da produção literária: “*Não havia propriamente planos traçados. Naquela época, tudo que falasse de prostitutas, de marginais, de bas-fond, era considerado progressista, mesmo que não desenvolvesse o ponto de vista do marxismo. Ou não tivesse sensibilidade poética. (...) Esse tipo de atitude afastou muita gente porque ninguém gosta de ser conduzido. O partido perdeu muita gente por falta de tato.*” ANTELO, Raúl. op. cit. p. 302-303.

concedida à revista *Renovação*, as palavras que definem seu pensamento sobre o *realismo socialista*:

“Acho que transformar a literatura em cartaz, em instrumento de propaganda política, é horrível.” “Eu não admito literatura de elogio. Quando uma ala política domina inteiramente, a literatura não pode viver, pelo menos até que não haja mais necessidade de coagir, o que significa liberdade outra vez. O conformismo exclui a arte, que só pode viver da insatisfação. Felizmente para nós, porém, uma insatisfação completa não virá nunca.”<sup>305</sup>

Por essas razões o final de cada romance de Graciliano não era marcado pela festa após a vitória do bem sobre o mal, ou da felicidade sobre a dor. Aliás, o final de seus romances não são finais, são possibilidades deixadas no ar que, verificadas num confronto com a realidade que se tentava durante todo o livro radiografar, poderiam tais possibilidades ocorrer ou não. Realista, tinha ele consciência de que a realidade nunca pára e o ponto final, no final do romance, era mera formalidade para que o livro deixasse de ser seu para se tornar público.

E era com livros que o literato poderia lutar, jamais com os punhos, com armas de fogo. O escritor alagoano costuma dizer que o literato era “*a criatura mais pacata do mundo*” e quem imaginasse que era capaz de socos, pontapés, bofetadas, “*nunca viu de perto um desses homens*”.<sup>306</sup> Mas o livro, essa era sua arma, e dentro do partido, ele lutou para que essa arma atingisse o maior número de alvos possível. Desse modo, pretendia ver o livro – mas nunca a literatura – como mercadoria:

“(…) numa reunião do partido (um pleno-ampliado, creio, desses encontros da liderança com delegados de setores diversos), Graciliano faz uma intervenção sobre o livro e a literatura.(…) Principia afirmando que, na sua fraca opinião, ‘antes de vermos nos livros um veículo de cultura, devemos considerá-lo simples

<sup>305</sup> MORAES, Dênis de. “No Fio da Navalha”. In *Bravo*, Nº 66. São Paulo: Editora D’Avila LTDA, março de 2003, p. 30. Aliada a essa citação, creio ser importante frisar que houve a tentativa do partido de fazer uma leitura prévia dos originais de *Memórias do Cárcere* (à época da feitura dos primeiros capítulos, chamado de *Cadeia*). A tentativa não se converteu em sucesso. Graciliano repeliu-as: “*Se eu tiver que submeter meus livros à censura, prefiro deixar de escrever*”. Mas apesar de tão enfática resposta, no mesmo ano de sua publicação, 1953, Wilson Martins acusa, num primeiro momento e depois apoiado por Clara Ramos (filha do escritor), o partido de ter reescrito várias partes do livro. A contenda persiste até hoje, embora à época e a cada vez que o assunto era remexido, José Olympio (editor do livro) e Heloisa Ramos (esposa de Graciliano e quem datilografou os originais) afirmem não ter ocorrido interferência, apesar das tentativas.

<sup>306</sup> RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. op. cit. p. 102.

mercadoria'. Segue comparando o escritor, na sua atividade, ao ofício de camelô, para considerar o livro 'pouco mais ou menos inútil à massa e apenas acessível aos iniciados'. Frisa o seu caráter de coisa misteriosa, espécie de tabu vantajoso à classe dominante, que, 'foi durante séculos e continua a ser meio de opressão'. (...) Então: 'Literatura ao alcance da massa? Muito bem. O livro está perto, à mão, na vitrine (...) agora esperemos que o homem do povo se mexa, dê alguns passos até o balcão da livraria, peça o volume' .<sup>307</sup>

No entanto, se o autor pode ser chamado de um quase niilista por certos aspectos, isso implica não caber-lhe a alcunha de idealista, sobretudo, ingênuo. E assim, também não apostava ele todas as suas fichas na própria literatura. Sabia da trajetória – tanto através da história universal como através da sua – que as letras haviam riscado na relação entre os homens: letras como *armas terríveis* para a manutenção do poder, mas também como *arma rebelde* para a derrubada do poder. É mais ou menos a relação que temos com a nossa disciplina: a história que, historicamente, vem provando ser uma arma para variados fins. Se atentos devemos ficar com a história que *lemos e confeccionamos*, o mesmo fazia o autor de *Memórias do Cárcere* em relação ao seu ofício e às suas ferramentas. E foi através de Antonio Gramsci que Graciliano aprendeu sobre o papel do intelectual na sociedade e que este não teria de obrigatoriamente ser um anjo de candura ou pertencer a um grupo tido como progressista ou de esquerda. Aprendeu que o intelectual é aquele que exerce uma função ao mesmo tempo informativa e construtora de uma realidade através da *arma* que lhe convém ou está à mão.<sup>308</sup> Nesse caso, a literatura – que não necessariamente se apresentaria na forma de romances –

<sup>307</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit. p. 138-139.

<sup>308</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit., p. 79-80: "Um dia, comentando artigo de Carpeaux sobre Gramsci, larguei uma frase infeliz, saíra de moda o teórico italiano. Meu pai veio com quatro pedras na mão, defendendo o autor de *Os intelectuais e a Organização da Cultura*, mencionando o muito que ele esclarecera sobre o papel do escritor. Provavelmente, já trabalhando nas *Memórias do Cárcere*, tivesse acordadas as antigas leituras dos cadernos e cartas da prisão. Ou apenas reagisse, pois lera em italiano a maior parte de sua teoria política. (É curioso observar, quando saíram as *Memórias*, as referências e aproximações foram Dostoiévski e Pellico, ninguém citou Gramsci.) No entanto, ele falou com respeito incomum. Como se o ensaísta fosse a sua bíblia, rezasse por ela, dava a impressão de era a própria raiz da sua opção partidária. Fiquei cismado." Antônio Gramsci inicia o livro citado por Ricardo Ramos, justamente falando desse *não-purismo* do intelectual que pode estar atuando em diversas frentes de um mesmo grupo social, em diferentes grupos sociais, ou ainda da longevidade que certas funções intelectuais têm no processo histórico, sobrevivendo às mais radicais mudanças e atuando em diferentes grupos sociais com diferentes estratégias e intensidades – cita os eclesiásticos, por exemplo. GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 03-06.



e o discurso político seriam práticas avizinhas, que se confundem, se irmanam e competem entre si, visto que pretendem corroborar para a manutenção ou transformação de dada realidade. Justo essa visão (da literatura e do discurso político em arena) levou Graciliano Ramos a escrever para o presidente Getúlio Vargas, em agosto de 1938. Foi a imagem da literatura e do discurso político dividindo a mesma vitrine da livraria José Olímpio o que impulsionou uma outra aproximação entre os dois futuros “colegas” de vitrine:

“O meu editor referiu-me com entusiasmo (*sic*) a publicação de cinquenta milheiros dos discursos de V. Excia. – e isto me trouxe a idéia esquisita de que V. Excia. havia descido um pouco. Apesar de vivermos enormemente afastados, dentro de alguns dias nos encontraremos numa vitrine, representados por discursos políticos e por três ou quatro romances. Essa vizinhança me induz a apoquentar-o (*sic*), coisa que não teria sido possível antes de 1930.”

O mais famoso necessitaria saber um pouco mais da vida do outro, mais anônimo. O primeiro precisaria saber que o segundo já havia passado por alguns dos seus equipamentos de controle político, justamente por causa da literatura que praticara e da forma como se comportava diante do saber (da educação):

“Em princípio de 1936 ocupava um cargo na administração de Alagoas. Creio que não servi direito: por circunstâncias alheias à minha vontade, fui remetido para o Rio de maneira bastante desagradável. (...) ignoro a razão por que me tornei indesejável em minha terra. Acho, porém, que lá cometti (*sic*) um erro: encontrei vinte mil crianças nas escolas e em tres annos colloquei nellas cincoenta mil (*sic*), o que produziu celeuma. Os professores ficaram descontentes, creio eu. E o peor (*sic*) é que se matricularam nos grupos da capital muitos negrinhos.”

Sentindo-se à vontade por estar conversando com um “colega” de profissão, o ex-presos político prossegue, inclusive, dando certas informações ao “novato literato” sobre a dureza que é escrever num país que não valoriza a literatura e o saber:

“V. Excia. é um escritor. Mas embora lance seus livros com uma tiragem que nos faz inveja, não vai ganhar muito e sabe que neste paiz (*sic*) a literatura não rende. (...) Sinto muito senhor presidente, haver-lhe roubado alguns minutos. Mas a culpa é de V.

Excia., que vai editar o seu livro numa casa onde trabalham sujeitos completamente desconhecidos.”<sup>309</sup>

Por trás da irônica homologia que coloca o *prisioneiro* e a *prisão*, o reprimido e o repressor num mesmo patamar através da categoria de literato e do próprio conceito de literatura – conceito problemático por se confundir com a própria prática devido à sua vivacidade, multiplicidade de categorias e inserção no social<sup>310</sup> – o escritor alagoano mostra a preocupação que tem com o uso da linguagem e o poder da própria literatura. Ao lançar livros contendo as próprias palavras, o ditador lança mão de um recurso que a princípio deveria ser um instrumento de resistência. Graciliano, porém, nunca acalentou tal ilusão. Ele via na literatura, no manuseio dos signos,<sup>311</sup> na palavra a *arma terrível* de dois *gumes* que podia ser usada tanto pelo coronel da roça para manter uma situação de superioridade frente os matutos analfabetos, um Paulo Honório, como pelo revolucionário que escrevia em jornais clandestinos ou tentava burlar as publicações oficiais, camuflando suas idéias com metáforas e metonímias; via-a também como elemento que, se ausente no homem, dificultava a fuga da exploração, o enfrentamento do outro, a argumentação, embora ela mesma servisse como instrumento nessa realidade da exploração, do *absolutismo* de um homem sobre outros e do silêncio que força as palavras barrarem nos dentes e voltarem carregadas de ódio e revolta.<sup>312</sup> De um modo ou de outro a palavra estaria funcionando, movimentando e sendo movimentada pelos pensamentos, misturando-se à ação dos braços, marcando folhas, provocando lágrimas, movendo lábios, irritando ouvidos, enchendo os olhos. Graciliano a sabia, e sempre a utilizou para dizer tudo, mas como definiu Fernando Cristóvão, utilizou-a, sobretudo, para dizê-la a si mesmo.<sup>313</sup> Diante

<sup>309</sup> Trechos da carta que Graciliano Ramos escreveu para o Presidente Getúlio Vargas em 29 de agosto de 1938. Documento inédito e pertencente a uma coleção particular, foi transcrito por mim em novembro de 2003 no Centro Cultural Banco do Nordeste, quando da exposição *O Chão de Graciliano*, da qual a carta faz parte. Não sei informar se a carta foi remetida ou se chegou a ser lida pelo presidente. Mas, como está colocado em páginas anteriores, no ano seguinte, 1939, Graciliano estaria exercendo o cargo oficial de inspetor de ensino.

<sup>310</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 50-59.

<sup>311</sup> “a linguagem é uma realidade física para se torcer e martelar”. ALIGHIERI, Dante apud GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 55.

<sup>312</sup> PINTO, Manuel da Costa. “Os Cárceres da Linguagem”. In *CULT: Revista Brasileira de Literatura*, nº 42, São Paulo: Ed. Lemos, janeiro/2001, p. 51.

<sup>313</sup> CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. op. cit., p. 208.

do espelho, a *arma terrível* pôde se ver. Observando a cena provocada por ele mesmo, Graciliano convenceu-se das palavras do pai e percebeu que na história do homem, os *Paulos Honórios* e os *Fabianos* não estão imunes ao poder das palavras.

### 3.2. O grito do alto da igreja

*As pessoas que me lerem terão, pois,  
a bondade de traduzir isto em linguagem literária, se quiserem.  
Se não quiserem, pouco se perde.  
Não pretendo bancar escritor.  
É tarde demais para mudar de profissão.*

“São Bernardo” – **Graciliano Ramos**

Segundo Fernando Cristóvão, o ato de escrever na obra graciliânica está representado na presença de três *setores* característicos da literatura: a carta, o artigo e o livro.<sup>314</sup>

Em *São Bernardo* – como também em *Caetés* e *Angústia* – esses *setores* aparecem para interferir na trama, para caracterizar os personagens narradores ou para tocar em pontos que revelem sua fraqueza diante do mundo, por exemplo – e vou me ater apenas a *São Bernardo*: o *artigo* é utilizado em dois momentos, primeiro quando o Azevedo Gondim (em Viçosa) e o Costa Brito (em Maceió) tecem elogios ao proprietário Paulo Honório pelo seu espírito empreendedor e, depois, quando o Costa Brito contrariado pelo não recebimento da propina cobrada ao fazendeiro publica artigo insinuando a

---

<sup>314</sup> CRISTÓVÃO, Fernando. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. op. cit., p. 204. Poder-se-ia dizer que a obra romanesca na qual esses setores citados por Cristóvão aparecem traz essa semelhança com o conjunto dos escritos graciliânicos. Explico melhor: facilitaram-me e enriqueceram-me o trabalho aqui em desenvolvimento as cartas, os artigos e crônicas e os demais romances do escritor. Desse modo, o método que utilizo para analisar o olhar do autor em *São Bernardo* – visto que em *Vidas Secas* a estrutura e problemática envolvendo a literatura e o uso das palavras são outros – é análogo ao que utilizo quando estou tentando radiografar o contexto no qual o escritor e as suas obras estão inseridos. Não se trata, no entanto, de promover uma separação entre o que seria real ou ficção ou o que seria estritamente do interior e do exterior da obra, nem de não fazer, de algum modo, essa distinção. Mas trata-se da própria maneira como o autor conduziu todos os seus escritos e “jogou” essa maneira para seus personagens. Ou seja, Paulo Honório, Luís da Silva e João Valério escrevem como Graciliano escreve ou, na menor das hipóteses, convivem com esses mesmo *setores* literários citados por Cristóvão. Recurso para construir um realismo crítico eficiente? Claro que sim. Mas para a história, elemento que auxilia o uso dessa literatura como documento da ação do escritor? Também creio que sim.

participação deste na morte do dono da Bom Sucesso, fronteira à São Bernardo. A cólera leva Paulo Honório ao ato de violência em praça pública, no centro de Maceió. Ou seja, o artigo de jornal, antes alavanca da sua jornada de sucesso, tal artigo passou a ser um entrave e até um grande perigo a sua ascensão. Desse modo, a responsável direta por esse *setor* da literatura, a imprensa jornalística é mostrada por Graciliano como folha que vaga para onde o vento leva, como no caso das críticas diferentes para um mesmo livro, importando a corrente do jornal e a relação do criticado com o veículo.<sup>315</sup>

Já a *carta* é utilizada como estopim que acende o barril de pólvora do sentimento de propriedade que Paulo Honório cultivava pela esposa. O ciúme atinge seu ápice quando ele encontra o que seria a última folha de uma carta escrita por Madalena. Tenta lê-la e não consegue, não compreende a extensão daquele português elevado, não o alcança ou vice-versa. Diante da incapacidade de decifrar corretamente tais códigos, a desconfiança se robustece e, com a folha da carta na mão, Paulo Honório desconfia que é para um amante de Madalena, pois do que conseguira “coar” da carta, esta destinava-se a um homem:

“Defronte do escritório descobri no chão uma folha de prosa, com certeza trazida pelo vento. Apanhei-a e corri a vista, sem interesse, pela bonita letra redonda de Madalena. Francamente não entendi. Encontrei diversas palavras desconhecidas, outras conhecidas de vista, e a disposição delas, terrivelmente atrapalhada, muito me dificultava a compreensão. (...) Diabo! Aquilo era trecho de carta, e de carta a homem. (...) Li a folha pela terceira vez, atordoado, detendo-me nas expressões claras e procurando adivinhar a significação dos termos obscuros.

– Está aqui a prova, balbuciei assombrado. A quem serão dirigidas essas porcarias?”<sup>316</sup>

Graciliano separa esses dois seres com o intuito de discutir a própria organização da sociedade. O fosso que, num primeiro momento seria cavado sobretudo pelas ações que se antagonizam em fraternidade X egoísmo, sentimento, amizade e amor X posse e reificação do outro, tal fosso é também demonstrado através do antagonismo entre saber *inútil* X saber técnico. Se

<sup>315</sup> SENNA, Homero. “Revisão do Modernismo – Entrevista com Graciliano Ramos”. In BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos – Coleção Fortuna Crítica, nº 02*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977, p. 56: “ – E no Correio da Manhã, qual o seu serviço? – Corrijo a gramática dos repórteres e noticiaristas. – Trabalho cacette... – Nem tanto. – Gosta do Jornalismo? – Não. Nem me considero jornalista.”

<sup>316</sup> SB. p, 159.

Madalena sabia “*gramática por baixo d’água*” e possuía uma letra redonda bonita, a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária, que forneceram a essência da instrução de Paulo Honório, tudo isso poderia ser o oposto dela. Ou seja, a aprendizagem técnica que tivera Paulo Honório favorecia a manutenção de um estrutura social que, de certo modo, vinha se aperfeiçoando desde o Brasil Colônia e que no século XX encontrava uma organização social mais complexa. Na história do Brasil Colonial e Imperial, sob a organização familiar patriarcalista, o aprendizado do saber, da educação, das boas maneiras sempre esteve associado ao bem falar, ao bem escrever, ao bem se expor. Um formalismo usufruído por apenas um ou dois filhos do fazendeiro que seriam padres e/ou doutores. Tão obrigatório quanto construir o futuro desses filhos letrados era ensinar a um outro a lida da fazenda para manter o patrimônio físico e o sucesso da família para gerações posteriores. Pois bem, estamos no limiar dos anos 1930 e Paulo Honório é, desta vez, em relação ao saber, essa figura *amorfa* que não é o filho do patriarca, o doutorzinho engomado, ou homem de batina. A modernidade do século XX que invade todo o Brasil, não de forma harmônica, torna ela mais complexa a configuração social. Os tempos são liberais e o saber é a alavanca que eleva a posição social de um homem sem este precisar recorrer a títulos. Paulo Honório é prova disso. Porém, a ascensão social que se utiliza da educação – se verificados os procedimentos eleitorais e a forma de se fazer política na Primeira República – a reduz a uma alavanca para ganhos próprios de indivíduos ou de grupos.<sup>317</sup> A escola que o governador exige na sede da fazenda funciona como um compromisso, amarrando o proprietário ao político – aos moldes de um coronelismo menos explícito. Porém, sobrevive em Paulo Honório o forte desprezo pela educação de um modo geral, sobretudo aquela que gera o saber ao mesmo tempo inútil e perigoso: inútil porque não produz nada de concreto, de valor comercial; perigoso porque ocupa a cabeça com revoluções, mudanças bruscas, rupturas. Sua educação ideal era aquela colhida na cartilha dos afazeres da fazenda:

“O que é certo é que, a respeito das letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil,

<sup>317</sup> “O discurso pedagógico [início do século XX] foi atado a um movimento discursivo que reduzia o mundo político ao determinismo técnico”: FREITAS, Marcos Cezar. *Da Micro-História à História das Idéias*. São Paulo: Cortez / USF-IFAN, 1999, p. 103.

conhecimentos inúteis neste gênero. Recorrendo a eles, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante. Saindo daí minha ignorância é completa. E não vou, está claro, aos cinquenta anos, munir-me de noções que não obtive na mocidade.”<sup>318</sup>

Ele se refere ao ato de escrever e usar uma linguagem que o diferencie da cabroeira. Antes da chegada de Madalena, os saberes estavam todos divididos, setoriados, cada especialista em sua área: Azevedo Gondim com os artigos da imprensa; Nogueira com as leis; seu Ribeiro com a contabilidade; Padre Silvestre com o latim; Pereira com os discursos políticos e ele, Paulo Honório com a administração, as noções de pecuária e agricultura – todos saberes a favor da manutenção da ordem. E eis que surge Madalena, sabida de um pouco de cada coisa, letrada, inteligente, humanista e, o que era pior, reformista, progressista.

Madalena passa a ser vista por Paulo Honório como representante desse saber “inútil” para o lucro imediato, bem como do perigo que utilizava esse saber para formar melhor a opinião e a base educacional dos trabalhadores da fazenda, afinal era professora, e ainda fazia o serviço escriturário da fazenda junto a seu Ribeiro. Ou seja, os ciúmes corporificados no fragmento de carta encontrado por Paulo Honório, aumentando-lhe a suspeita de a esposa ter um amante, e as opiniões “irritantes” de Madalena sobre solidariedade e socialismo que levavam o proprietário a acusá-la de comunista, tais ciúmes são movidos também pela condição de um homem que se reconhece como um ignorante que não compreende palavras que não sejam de ordem ou de medidas e fórmulas e nomenclaturas:

“Não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis. Tenho visto algumas que recitam versos no teatro, fazem conferências e conduzem um marido ou outra coisa que o valha.

(...)

Aparecem nas cidades do interior, sorrindo, vendendo folhetos, discursos, etc. Provavelmente empestaram as capitais. Horríveis.

Madalena, propriamente, não era uma intelectual. Mas descuidava da religião, lia os telegramas estrangeiros.

E eu me retraía, murchava.”<sup>319</sup>

---

<sup>318</sup> SB. p. 09.

<sup>319</sup> SB. p. 135.

Ao mesmo tempo que sente ciúme da esposa e aquilo que poderia ser chamado de inveja ou sentimento de inferioridade, Paulo Honório estende a lista dos possíveis amantes de Madalena até os trabalhadores do eito. Além de nomes e sobrenomes conhecidos, Madalena poderia estar se deitando com os trabalhadores que “não tinham nome”. Paulo Honório tenta afastar tal idéia da cabeça, buscando ver em alguns atributos que qualificavam Madalena um problema, como ser instruída, motivos para que ela não atingisse tal grau de traição:

“Realmente, uma criatura branca, bem lavada, bem vestida, bem engomada, bem aprendida não ia encostar-se àqueles brutos escuros, sujos, fedorentos a pituim. Os meus olhos me enganavam. Mas se os olhos me enganavam, em que me havia de fiar então? Se eu via um trabalhador de enxada fazer um aceno a ela!”<sup>320</sup>

A desconfiança levada ao extremo pelo proprietário da São Bernardo alcançava patamares que levaram Paulo Honório crer estar “*ficando quase maluco*”. Consumindo todos os conservadorismos possíveis, ele desvia, por momentos, a “horrrível” possibilidade: a beleza, os bons costumes, a higiene, o saber poderiam se corromper com um Azevedo Gondim, com um dr. Magalhães, até com um Padilha, talvez por estes terem algum contato com essas categorias tidas por *elitistas* e *elitizantes*, mas tal promiscuidade não poderia chegar à gentalha da fazenda, aos sujos, escuros e irracionais que habitavam os casebres. Perderia Madalena para o povo, para o “ninguém”, para o “todo mundo”, ela não só seria de outro, seria de todos, estaria socializada. Maldito seria esse socialismo!

Essa mistura discreta feita pelo autor entre os sentimentos do personagem-narrador (associado-o ao ciúme) como sendo a porção do particular, da figura individual e a configuração social em conflito, o amplo, o “sociológico”, esta análise permite a análise da obra no que ela tem de *fotografia* da realidade brasileira.<sup>321</sup> Seguindo através do caminho da relação com *o saber* e *as palavras*, o autor tenta mostrar os diferentes elementos que compõem as relações sociais do país. Na reprodução de um diálogo entre Padilha e Casimiro Lopes feita por Paulo Honório, Graciliano aponta no quadro

<sup>320</sup> SB. p. 152.

<sup>321</sup> Ou como definiu Alfredo Bosi: “*desencontro fatal entre o universo do ter e o universo do ser.*” BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. op. cit., p. 455.

elementos responsáveis pela conservação de uma estrutura social que encontrou brechas, respiradouros, sobrevivência nas mudanças graduais por que passa o país:

“Não se entendem. Padilha, homem da mata e franzino, fala muito e admira as ações violentas; Casimiro Lopes é coxo e tem um vocabulário mesquinho. Julga o mestre-escola uma criatura superior, porque usa livros, mas para manifestar esta opinião arregala os olhos e dá um pequeno assobio. Gagueja. No sertão passava horas calado, e quando estava satisfeito, aboiava. Quanto as palavras, meia dúzia delas. Ultimamente, ouvindo pessoas da cidade, tinha decorado alguns termos que empregava fora de propósito e deturpados. Naquele dia, por mais que forcejasse, só conseguia dizer que as onças são bichos brabos e arteiros.

– Pintada. Dentão grande, pezão grande, cada unha! Medonha!

Padilha exigia que o outro repetisse a descrição e ia intercalando nela, por conta própria, caracteres novos. Casimiro Lopes divergia; mas, confiado na ciência de Padilha, capitulava – e ao cabo de minutos a onça estava um animal como nunca se viu.”<sup>322</sup>

Graciliano, mais adiante, “obriga” Paulo Honório repassar essa reflexão, afunilando a relação entre diferentes interesses e diferentes saberes,

<sup>322</sup> SB. p. 54-55. Nos “assuntos do mato”, ou seja, na cartilha da qual extraiu seus conhecimentos, Casimiro Lopes cede a palavra final ao Padilha que, no uso de uma verborragia complicada (ou inútil) para descrever um onça, mas convincente pelo que representa da proximidade com poder, acaba ele por convencer o matuto das qualidades que tinham o animal, agora cercado de adjetivos desconhecidos e façanhas inalcançáveis. Essa passagem vem reforçar a teoria do saber atrelado ao poder e que em *São Bernardo* envereda pela proximidade à propriedade. De certa forma, Padilha representava os detentores da propriedade: já fora dono da fazenda e como “mestre-escola”, sentava-se à mesa no jantar, conversava sobre política, opinava, escrevia no jornal... Então não deveria saber mais sobre uma onça do que ele, Casimiro Lopes! Jorge Siqueira diagnostica essa situação/repetição cujo fim acaba por ser a conservação da dominação de uma camada da sociedade sobre outras como “a sobrevivência, no tempo e no imaginário, de uma estrutura de poder, onde o outro e o reconhecimento do outro se tornam opacos pela clientelização oportunista, pelas lealdades estratégicas e não com vistas à afirmação/identificação de atores, livres, diferentes e plurais, porém politicamente consensuais.” SIQUEIRA, Antônio Jorge. “Identidade e Poder: uma leitura de S. Bernardo”. In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996, p. 54. Voltando mais um pouco no tempo, durante o período de que trata *São Bernardo*, já uma crítica ácida, a de Paulo Prado, carregada de “*impressionismos*” e “*preconceitos*” como definiu parte da crítica intelectual do país, enfatizava essa carência de posição política que o analfabetismo gerava na população, beneficiando não só os grandes donos do poder, bem como aqueles que compunham o quadro intermediário, os formadores de opinião cujas línguas, a escrita e a presença eram os sustentáculos de uma situação que se arrastava por séculos: “*O analfabetismo das classes inferiores – quase de 100% - corre parênteses com a bacharelise romântica do que se chama a intelectualidade do país. Sem instrução, sem humanidades, sem ensino profissional, a cultura intelectual não existe, ou finge existir em semiletrados mais nocivos do que a peste. Não se publicam livros porque não há leitores, não há leitores porque não há livros.*” PRADO, Paulo. “Retrato do Brasil” apud NOGUEIRA, Marco Aurélio. In MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos Vol. I*. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 196.



ao mesmo tempo que a inverte. Ou seja, se antes, na cena narrada, Paulo Honório tinha Luís Padilha e Casimiro Lopes discutindo sobre uma onça ideal, na qual Padilha como representante do saber dos livros ganha a disputa, na reflexão que passa a fazer sobre o fracasso que estava se tornando sua união com Madalena, o fazendeiro veste a Máscara de Casimiro Lopes enquanto a esposa, a de Luís Padilha. Da disputa, o que resultou não foi uma relação ideal para uma das partes, mas uma idéia dos conflitos do país: *“Eu narrava o sertão. Madalena contava fatos da escola normal. Depois vinha o arrefecimento. Infalível. A escola normal!”*<sup>323</sup> Num confronto já clássico que passeia por toda a literatura brasileira, sertão e cidade também são trazidos para *São Bernardo*, não com o intuito de se discutir o berço da brasilidade, mas para se mostrar as diferenças mesmas desses dois universos e evidenciar conflitos aparentemente inconciliáveis:

“ – Para que serve a gente discutir, explicar-se? Para quê?

Para quê, realmente? O que eu dizia era simples, direto, e procurava de balde em minha mulher concisão e clareza. Usar aquele vocabulário, vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa.”<sup>324</sup>

A intimidade e os códigos compartilhados não se verificaram na relação entre as duas personagens. A carta, na trama, serve para evidenciar isso:<sup>325</sup> os discursos não se coadunavam, os gênios não se permitiam ceder, gerando o conflito, o conflito montado sugeria o confronto e o confronto se deu como em toda extensão da história brasileira: trágico. O cenário escolhido, a capela onde Paulo Honório do auto de seus quinze metros avistava seu mundo e como que gritava com os olhos, “tudo isso é meu”, berço por excelência da manutenção e

<sup>323</sup> *SB*. p. 135.

<sup>324</sup> *SB*. p. 156.

<sup>325</sup> Segundo Zenir Campos Reis, as cartas escritas por Graciliano Ramos ajudam a entender a obra do autor não só pelas informações que contêm, mas pela consistência do estilo e pelas estratégias narrativas que usa. Uma das características dessas cartas que transcrevo a seguir é corriqueira na carta pessoal, no entanto, na trama do romance é justamente a ausência dela que evidencia o confronto que se dá através da esfera do saber/poder: *“... a carta pessoal parece sempre metonímica: alude mais que explicita, pois pressupõe aquela interação mais plena com o interlocutor. Contém alusões privativas, restritas a uma intimidade que não se destina, em princípio, ao público.”* REIS, Zenir Campos. “Sinal de Menos”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001, p. 155.

permanência do discurso, como aprendeu com Gramsci, Graciliano já trazia o discurso da igreja na figura de padre Silvestre que, visualizando a onda de mudanças pela qual poderia passar o país, lança mão do novo e apoia os revolucionários. Assim estariam assegurados quase dois mil anos embutidos nos mais de quatrocentos de co-gerência em terras brasileiras. Mas, voltando ao encontro de Paulo Honório com Madalena diante do altar da capela da fazenda, este representa a palavra final entre os dois: estariam dizendo o “sim” para o “não”, era o reconhecimento da incompatibilidade, um casamento às avessas no qual os nubentes selam a sua desunião. Desse modo, Graciliano estabelece o conflito de classes. E se, ao término da cerimônia, cada um vai para o seu lado e Madalena por fim se mata com veneno, não creio ser o reconhecimento por parte de Graciliano da vitória do outro, apenas a mostra do não-amadurecimento ou da não-robustez das esquerdas no Brasil, o reconhecimento da distância entre os mecanismos, as análises e modelos teóricos da esquerda quando enfrentados pela realidade brasileira. Ou ainda, a estratégia da própria perspectiva narrativa de quem apostava numa teoria desenvolvimentista – o que por enquanto não posso afirmar.

Mas o fato é que de um adeus formado de uma série de conselhos ao esposo,

“– Seja amigo da minha tia...  
 – Seu Ribeiro é trabalhador e honesto...  
 – Paciência! O marciano, você é rigoroso com o Marciano...  
 –Se eu morrer de repente... ofereça os meus vestidos à  
 família de Mestre Caetano e à Rosa. Distribua os livros com seu  
 Ribeiro, o Padilha e o Gondim.”<sup>326</sup>

Madalena incute em Paulo Honório a tristeza que foi sua relação com as pessoas à sua volta. De certo modo, essa Madame Bovary às avessas envenena o esposo com o germe do auto-reconhecimento. Não sou eu que afirmo, mas a maioria esmagadora dos que se detiveram sobre *São Bernardo*, que a maior violência cometida por Paulo Honório foi escrever um livro

<sup>326</sup> SB. p. 163-165; 169. Quanto à carta, destinava-se ao próprio Paulo Honório e desse se despedia. Por ser longa, acredito conter os conselhos que ela dá ao esposo durante sua conversa na igreja. Diante da carta completa, Graciliano mais uma vez demonstra as diferenças em relação ao saber, às palavras e à escrita: “*Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado. Abri-a. Era uma carta extensa em que se despedia de mim. Li-a saltando pedaços e compreendendo pela metade, porque topava a cada passo aqueles palavrões que minha ignorância evita.*”

contando as desgraças de sua própria vida.<sup>327</sup> E aqui chego ao terceiro setor citado por Fernando Cristóvão: *o livro*.

Graciliano Ramos escreve um livro cujo personagem-narrador é um fazendeiro que conta sua trajetória de vida, motivado pelo que se confirmou ser o fracasso dessa jornada de conquistas, pois o resultado não foi a felicidade, e mais, ficou a certeza de que não mudaria, e mais ainda, a certeza de que ele faria tudo novamente. Pois bem: encontrar um livro ou um diário de um coronel cujo nome esteja registrado em cartório e no qual ele conte suas façanhas, sua ascensão, suas relações pessoais ou políticas, os crimes cometidos, como fez para se livrar de acusações, os subornos, as amantes, a relação com os empregados, o custo daquilo adquirido, o desespero diante das perdas... creio ser praticamente impossível, e sorte de quem encontrar. O escritor alagoano, no entanto, com o projeto do *realismo crítico* constrói essa espécie de documento de uma época. Assim como fez com os depoimentos de *Infância* e *Memórias do Cárcere*, que Nelson Werneck Sodré classifica como “*autópsia de uma época*”, com “*valor de crítica social*”,<sup>328</sup> Graciliano resume, no interior da obra, através de Paulo Honório, sua metodologia realista: o processo seletivo, a busca da “angulação” dos fatos que revele a importância dos momentos e não permita que pormenores assumam ou atrapalhem a síntese e a certeza de que a realidade não pode ser recuperada por completo. O episódio de uma conversa que teve com d. Glória num vagão da Great Western rumo à Viçosa, vindo de Maceió, é seguido de uma explicação sobre os procedimentos literários adotados pelo narrador, sem nenhuma teoria prévia:

“Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo como está no papel. Houve suspensões, repetições, mal-entendidos, incongruências, naturais quando a gente fala sem pensar que aquilo vai ser lido. Reproduzo o que julgo interessante. Suprimi diversas

<sup>327</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 31; MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p. 47-50; FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967, p. 145-149; CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. op. cit., p. 190-191. A lista caberia outros nomes que trataram a iniciativa de Paulo Honório escrever como a busca de uma redenção, na qual o percurso das páginas escritas seria o próprio calvário, onde no alto se encontra o Pai em forma de dor sintetizada.

<sup>328</sup> SODRÉ, Nelson Werneck apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História dentro da História: leituras cruzadas de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos”. In DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas-SP: Ed. Da Unicamp; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000, p. 238.

passagens, modifiquei outras. (...) É o processo que adoto; extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço.”<sup>329</sup>

E fico pensando se aqui talvez fosse por bem retomar uma discussão do começo deste capítulo, a questão da verdade, do real na obra literária e esta como documento para a história, ou ainda, o radicalismo da literatura ganhando o próprio estatuto de história. Melhor não. Ora, não creio resolver essas questões que estão, segundo Roger Chartier, no cerne de um impasse contemporâneo que põe à prova o estatuto da história.<sup>330</sup> E francamente, não quero novamente entrar nessa seara. Mas, tomando um caminho não muito cheio de encruzilhadas, atalhos, desvios, buracos, poderia eu seguir a própria trilha do realismo crítico como busca da verdade, não da verdade total, mas da verdade observada, analisada e mostrada a partir de sua própria crítica, naquilo que Alfredo Bosi chamou de “*tensão crítica*”, e Adonias Filho, de “*constante documentária*”.<sup>331</sup>

Assim como Paulo Honório, Graciliano sabe da irrecuperabilidade do passado, da seleção diante de um passado gigante e do que se traz para o presente como resultado dessa moenda que se instala quando se tenta escrever sobre o que passou. Diante da citação-transcrição acima, percebo que utilizei semelhante processo: as reticências [...] utilizadas para demarcar uma seleção de passagens, a compor essa citação que agora não corresponde fielmente à da fonte pesquisada, as reticências funcionam como a própria explicação de Paulo Honório, que pára sua narrativa com o fim de estabelecer seus métodos, ou ainda quando Graciliano no início de *Infância*<sup>332</sup> e de *Memórias do Cárcere*<sup>333</sup> também registra essa necessidade de lembrar cortando, de compor perdendo, de narrar esquecendo, de registrar omitindo. O resultado é um *iceberg*: sabemos que há outros tantos daquilo que vemos, mas só podemos elaborar sobre o que vemos, e que ele nos sirva como pista para entender todo o restante submerso. Mais, esse *iceberg* necessita de comprovação – no caso da história – e de credibilidade – no caso do realismo crítico. Por exemplo, quando fala da imprecisão de sua idade e da ausência do

<sup>329</sup> SB. p. 77.

<sup>330</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. op. cit., p. 170-171.

<sup>331</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. op. cit., p. 440-445; FILHO, Adonias. *O Romance Brasileiro de 30*. op. cit., p. 11-17.

<sup>332</sup> *Inf.* p. 07; 23.

<sup>333</sup> Ver nota 06 do Capítulo I deste trabalho.

nome dos pais, imediatamente Paulo Honório recorre a um documento que prova sua existência: “o livro de assentamentos de batizados da freguesia”. Quando narra o episódio do cinturão e a surra sofrida em meio aos gritos interrogativos do pai, Graciliano, como que para garantir autenticidade ao fato narrado, muda o rumo da narrativa, assemelhando-a a uma nota de rodapé:

“Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. A horrível sensação de que me furam os tímpanos com pontas de ferro. Onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.”<sup>334</sup>

Ou seja, não bastava o fato de o livro ser de memórias. Para a credibilidade desejada, Graciliano necessitava de uma espécie de documento, de um depoimento externo à rememoração que estava sendo posta no papel. Nesse caso, ele era a própria testemunha de si mesmo, como se o menino estivesse escrevendo e perguntasse ao adulto: – *ainda dói?* E o adulto respondesse: – *Sim, ainda dói.* Três anos após *Infância*, registraria essa dor em seu auto-retrato: “*tem horror às pessoas que falam alto*”.

A composição de seus livros e os contornos de suas personagens, bem como os elementos que compunham as passagens e os capítulos, tudo guardava esse vínculo com a credibilidade, com a documentação, com a verificação, com uma espécie de verdade literária. Graciliano lera Beccaria, Lombroso e Garofalo para compor Luís da Silva, o homicida de *Angústia*; aproveitara os estudos de direito comercial e contabilidade, quando fora comerciante e prefeito, para alicerçar a fala e o pensamento prático do coronel Paulo Honório, de *São Bernardo*;<sup>335</sup> aproveitara o contato que teve com a paisagem e as gentes do sertão mais escondido, utilizando, na falta de leituras ou documentos escritos sobre os fabianos, para compor *Vidas Secas*, aquilo que, na escrita da história, poderia ser chamado de arquivo dos olhos – como faz questão de frisar Raymond Williams.<sup>336</sup> O escritor alagoano guardou o

<sup>334</sup> *Inf.* p. 31.

<sup>335</sup> RAMOS, Ricardo. op. cit. p. 111.

<sup>336</sup> WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 13: “*Antes de ter lido qualquer descrição ou interpretação das mudanças e variações das comunidades e formas de vida, eu as vi concretamente, em ação, com uma clareza inquestionável*”. Pode-se alinhar a fala do historiador inglês à do literato alagoano no que tange ao conhecimento prévio e íntimo do “objeto” estudado/narrado: “*O que me interessa é o homem, e o homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que*

cuidado de não fazer um retrato que considerasse desfocado da realidade, faltando-lhe pedaços essenciais para sua compreensão. Em *O Fator Econômico no Romance Brasileiro*, artigo de julho de 1945, ele fala dessa necessidade do conhecimento da realidade a partir de elementos essenciais:

“Faltava-nos naquele tempo, e ainda hoje nos falta, a observação cuidadosa dos fatos que devem contribuir para a formação da obra de arte. Numa coisa complexa como o romance o desconhecimento desses fatos acaba prejudicando os caracteres e tornando a narrativa inverossímil.”

E conclui, auxiliando-me nisso que tentei com esforço resolver, apontando para a necessidade da busca da verdade a partir de um rigor literário realista:

“Um cidadão é capitalista. Muito bem. Ficamos sem saber donde lhe veio o capital e de que maneira o utiliza. Outro é agricultor. Não visita as plantações, ignoramos como se entende com os moradores se a safra lhe deu lucro. O terceiro é operário. Nunca o vemos na fábrica, sabemos que trabalha porque nos afirmam que isto acontece mas os seus músculos nos aparecem ordinariamente em repouso. (...) Está certo que não desejamos reportagens, embora certas reportagens sejam excelentes. De ordinário, entrando em romance, elas deixam de ser jornal e não chegam a constituir literatura. (...) Não sei por quê. Acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas.”<sup>337</sup>

---

*esse sertanejo aparece em literatura.*” E continua afirmando que não aparecera anteriormente porque “os escritores regionalistas (...) comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem.” CASTRO, Dácio Antônio de. *Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 31.

<sup>337</sup> RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. op. cit., p.254; 257; 259. Poucos anos depois da feitura desse artigo, ele será publicado na *Tribuna Popular*, jornal ligado ao Partido Comunista. Seguindo o que poderia ser chamado de uma estética marxista ou alinhada ao Socialismo, essas observações de Graciliano Ramos, se confrontadas com as teorizações de Lukács, quanto à ambição da captura do real na obra de arte resumidas na passagem a seguir, percebe-se que o compromisso com uma estética marxista que sustente conteúdo e forma e ainda seja “engajada” ou “comprometida” não permite a ilusão da construção de uma narrativa que gere modelos a ser seguidos ou promova a mecânica relação entre o particular e o universal, como se verificou na exacerbação dessa estética marxista quando da ascensão do zhdanovismo stalinista. Nas palavras de Lukács, sente-se o caminhar para essa relação mecânica: “Se quisermos agora compreender conceitualmente o caráter do partidário no reflexo estético da realidade, devemos observar que se trata, por um lado, da reprodução o mais possível fiel da própria realidade objetiva, mas que, por outro lado, a finalidade que aqui se visa não é compreender conceitualmente as leis universais, e sim representar mediante imagens sensíveis um particular que compreende em si e supera em si tanto sua universalidade quanto sua singularidade, cujas características formais não pretendem uma aplicação universal no sentido da ciência, mas tendem a fixar universalmente uma experiência que assumiu a forma deste determinado conteúdo.” LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 211.

Daí a dificuldade da escrita, a busca pelo perfeito, o labor incansável na direção do convincente. Se Graciliano fosse pintor, ele seria como Van Gogh, que dizia: “quando pinto uma maçã, as sementes nela guardadas têm de germinar um dia”. Por isso as intermináveis horas embaixo do sol de Arles, a observação da luta entre as cores e a luz, o exercício das pinceladas que exigiam o grau exato de força, a mistura das tintas, a caça aos matizes que roubassem da realidade sua inocência, denunciando aquela com sucesso justamente por ela não ser inocente e, ainda assim, dizê-la. Graciliano através de seus personagens travou batalha semelhante com as letras e descobriu, sobretudo a partir de *São Bernardo*, que a missão de sua obra era, entre outras, lutar contra a própria tradição literária brasileira, uma espécie de colonialismo que ainda bebia da fonte portuguesa. Assim, tentou injetar nas veias da literatura o veneno do verbo brasileiro, contaminando o verbo português do Brasil:

“O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrascado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes para a fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico?”<sup>338</sup>

Acredito ser esta a passagem mais otimista de todos os escritos de Graciliano Ramos. A aposta numa mudança dos rumos da literatura, na procura de uma linguagem nacional que promova a ascensão de um Brasil subterrâneo. Uma empreitada tipicamente modernista.<sup>339</sup> No tópico seguinte, trabalho a mudança ocorrida sobre esse projeto, onde Graciliano através de Fabiano radicaliza ainda mais sua posição em relação à linguagem e à própria literatura. Mas, voltando, ele não se considerava, contudo, um modernista, ainda mais se relacionado aos modernistas dos anos 20:

<sup>338</sup> Ct. p. 134-135. “Carta 67 – a Heloísa de Medeiros Ramos – 1º nov. 1932”.

<sup>339</sup> BASTOS, Hermenegildo José. “Destroços da Modernidade”. In *CULT: Revista Brasileira de Literatura*, nº 42, São Paulo: Ed. Lemos, janeiro/2001, p. 55.

“– E que impressão lhe ficou do Modernismo?

– Muito Ruim. Sempre achei aquilo uma tapeação desonesta. Salvo raríssimas exceções, os modernistas brasileiros eram uns cabotinos. (...) Os modernistas brasileiros, confundindo o ambiente literário do país com Academia, traçaram linhas divisórias, rígidas (mas arbitrárias) entre o bom e o mau. E, querendo destruir tudo que ficara para trás, condenaram, por ignorância ou safadeza, muito coisa que merecia ser salva.

– Quer dizer que não se considera modernista?

– Que idéia! Enquanto os rapazes de 22 promoviam seu movimentozinho, achava-me em Palmeira dos Índios, em pleno sertão alagoano, vendendo chita no balcão.”<sup>340</sup>

E se havia uma tentativa de mudança na linguagem nacional, essa não passava por certas regras que a gramática tradicional ensina, a pontuação, por exemplo. Sobre um poema de Mário de Andrade escreveu com sarcasmo:

“Li hoje uma poesia que tem este começo:

*‘Neste rio tem uma iara...*

*De primeiro o velho que tinha visto a iara*

*Contava que ela era feiosa, muito!’*

Isto é bom, com certeza, porque há quem ache bom. Naturalmente os meus netos aí descobrirão belezas que eu não percebo. Questão de hábito. Se não me engano, é opinião de M. Bergeret. Acreditas que no Brasil possa aparecer alguma coisa nova? Em vista da amostra, eu dispensava o resto.

Outra coisa: vê se me arranjas aí uma gramática e um dicionário de língua paulista, que não entendo, infelizmente. E manda-me dizer se é absolutamente indispensável escrever sem vírgulas.”<sup>341</sup>

Entre o primeiro depoimento, de 1948, e o segundo, de 1926, são 22 anos, *São Bernardo, Angústia, Vidas Secas e Infância*, tudo isso no meio poderia ter alterado por completo esses dois discursos que, no entanto, se complementam. A geração de trinta trazia, como já afirmou mais de um crítico literário, um compromisso diferente daqueles da geração anterior. O caminho aberto ou facilitado pela geração de vinte não teria gerado seguidores, e sim, melhoradores, tanto na técnica como na temática, de uma literatura que, sem ser majoritariamente “paulista”, pretendia-se nacional e que tinha como marca não uma espécie de iconoclastia quanto à forma, e sim uma aproximação entre

<sup>340</sup> SENNA, Homero. “Revisão do Modernismo – Entrevista com Graciliano Ramos”. op. cit., p. 51.

<sup>341</sup> Ct. p. 74. “Carta 34 – a J. Pinto da Mota Lima Filho – 18 ago. 1926”.



conteúdo e forma, realçando aquele, embasado na oralidade e na pesquisa, beirando – ou atingindo, como em alguns casos – o documentarismo.<sup>342</sup>

No projeto realista de Graciliano Ramos, arrisco dizer que essa visão com *Vidas Secas* é relativizada. Continuam a luta e o compromisso social da literatura, permanece o uso da linguagem num discurso que enfrenta o discurso dominante,<sup>343</sup> mas nesse romance feito após o choque de 1937, que de certo modo abalou a relação de esperanças – mesmo que do tipo “pé atrás” – que se estabelecia entre a arte e o poder político após 1930, o saber, a arte de escrever, a própria fala ganham novos e dolorosos contornos, diria eu, definitivos em sua obra. É quando o silêncio vira literatura.

### **3.3. O silêncio vosso de cada dia**

*O único vivente que o compreendia era a mulher.  
Nem precisava falar: bastavam os gestos.*

“Vidas Secas” – **Graciliano Ramos**

Na quase totalidade da obra graciliânica, seus personagens-narradores são vitimados pela dificuldade de contar sua própria história, como se o domínio da linguagem através da literatura fosse uma ilusão inalcançável. Buscaram uma espécie de verdade. E diante da impossibilidade ou da artificialidade dos resultados obtidos, julgaram-se incapazes de fabricar essas coisas chamadas livros, ainda que registrando tal decepção em construções narrativas literárias, ou seja, em ficções.

Em *São Bernardo*, Paulo Honório especializou-se na escrituração mercantil, sua “prosa” escrita era quase contábil; sua linguagem, a do controle; suas regras gramaticais, sensórias, instintivas. Queria trazer ao nível da sua fala um veículo que a princípio deveria guardar somente belas letras. Auxiliado no início de sua empreitada por Azevedo Gondim, o coronel reage dessa forma diante da escrita do amigo que lhe fez a correção de suas primeiras páginas: “–

<sup>342</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. op. cit., p. 431-433; BUENO, Luís. “Guimarães, Clarice e antes”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001, p. 253-256.

<sup>343</sup> ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 231.

*Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!*” A resposta do jornalista e literato é um resumo da metodologia literária usual: “– Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.” O fato é que diante do impasse, Paulo Honório tenta arranjar as duas coisas, como já comentado no tópico anterior: sua narrativa tentar aliar linguagem falada e literatura numa perspectiva realista e confessional. Tão realista e confessional que – e aqui se baseia o argumento que utilizei, também no tópico anterior, para falar de um coronel narrando seus “pecados” – se publicada sairá com pseudônimo para não parecer mentira: “*Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu, naturalmente me chamarão potoqueiro.*”<sup>344</sup>

Em *Angústia*, Luís da Silva é o funcionário público cercado pela burocracia e que aposta, cheio de ambição e perturbações do passado, todas as suas fichas num intelectualismo que se mostra estéril. Como Paulo Honório, Luís da Silva reconhece que entre a escrita e a fala um fosso as separa. No entanto, ele está jogando do lado da literatura e o reconhecimento disso só piora as coisas. De tendências megalomaniacas, tal reconhecimento diante da narrativa falada do vizinho, Seu Ramalho, só aumenta a claustrofobia social que sentia e conseqüentemente sua angústia:

“As palavras saíam-lhe sem variações. Era amigo da verdade e tinha imaginação fraca. As minhas narrativas não se comparam às dele: sendo muito numerosas, eu esquecia freqüentemente certas passagens, ficavam brechas, soluções de continuidade. Além disso eram transmitidas em linguagem artificial, que o vizinho achava falsa e retocava.”<sup>345</sup>

Em *Caetés*, João Valério é o contador de um estabelecimento comercial que, com algum conhecimento literário, tenta se impor no quadro social da pequena cidade do interior alagoano, escrevendo um romance histórico sobre os índios caetés e o famoso episódio de 1559: o ritual antropofágico no qual morreu o D. Pero Sardinha. A tarefa de escrever um

<sup>344</sup> SB. p. 07-08.

<sup>345</sup> RAMOS, Graciliano. *Angústia*. op. cit., p. 90.

romance histórico com o rigor da pesquisa documental ou até o arranjo de eventuais entrevistas desanimavam o protagonista, que via a interferência constante de seu presente no processo de criação de uma obra voltada, a princípio, exclusivamente para o passado. Mas, como não se buscam origens sem propósito, João Valério resolve escrever sobre sua vida, a vida da cidade e a própria empreitada de escrever um romance histórico, que acaba não se efetivando:

“Caciques. Que entendia eu de caciques? Melhor seria compor uma novela em que arrumasse Padre Atanásio, o Dr. Liberato, Nicolau Varejão, o Pinheiro, D. Engrácia. Mas como achar enredo, dispor as personagens, dar-lhes a vida? Decididamente não tinha habilidade para a empresa: por mais que me esforçasse, só conseguiria garatujar uma narrativa embaciada e amorfa.”<sup>346</sup>

Como visto, dificuldades para realizar aquilo que Michel de Certeau definiu como a “*prática mítica moderna*”,<sup>347</sup> ou seja, *escrever*, não faltaram em seus personagens. O conjunto de sua obra – e não só essas acima elencadas, pois eu poderia ter citado o próprio *Infância* ou *Memórias do Cárcere*, ou ainda algumas crônicas dos volumes *Viventes das Alagoas* e *Linhas Tortas* – tudo isso compõe o quadro negro quanto à prática da escrita em nosso país: deste último já foram mostrados – de um modo ou de outro, menos ou mais intensamente – o descaso com a educação; o literato como um corpo estranho na sociedade; o livro como objeto de luxo para uma pequena camada da sociedade que se consome; o poder se aproximando das letras, que são armas de dois gumes; a escrita tanto como prisão que pode soltar como liberdade que pode prender; o grito, que é escrever e falar o que se quer; o silêncio, que nem sempre é ficar calado, mas às vezes, escrever e falar só pela metade.

<sup>346</sup> RAMOS, Graciliano. *Caetés*. op. cit., p. 23.

<sup>347</sup> De Certeau resumiu o processo de escrita como mito moderno em *três elementos*: A “*página em branco*” – espaço para a criação onde cada um se torna um deus, espalhando, num *big-bang* sob vontade, as partículas que orbitarão em torno do querer original de quem a página marcou; “*um texto*” – a organização das partículas sobre o papel em forma de “*sistema*”, no qual o até então “*não-lugar*” que era o espaço em branco defini-se, em progressão rumo ao contato com o mundo, sendo-o enquanto o re-fabrica em seus limites, as margens do papel; e, por fim, “*o jogo*”, ou mais ainda, a “*função estratégica*” – que é essa relação entre quem escreve e o seu mundo, mediada pela folha maculável que funciona como arma, seja para fortalecer um sistema que a tudo engole e digere, reelaborando-se, seja para “*agir sobre o meio e transformá-lo*” como faz um vírus. Escrever, então, é essa “*atividade concreta que consiste, sobre um espaço em branco, a página, em construir um texto, que tem o poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado.*” CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994, p. 224-230.

Situações vividas pelos personagens graciliânicos, porque vividas pelo próprio Graciliano, o autor por trás desses autores. Para ele, processo metódico e doloroso, a escrita consome anos, não permitindo o diletantismo nem a superficialidade: “*A literatura é uma horrível profissão*”, Graciliano escreveu à filha, em 1949, “...em que só podemos principiar tarde; indispensável muita observação. Precocidade em literatura é impossível: isto não é música, não temos gênios de dez anos.” O fato de não existir um Mozart para a literatura leva Graciliano argumentar o caráter “fabril” da escrita: seu fazer, refazer, lapidar, acabar, corrigir, re-acabar, polir... Em entrevista concedida em 1948, resumiu ele, de maneira quase didática, como também o fez João Cabral de Melo Neto, o ofício de escritor:

"Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer."<sup>348</sup>

Mas quando a palavra não puder ser dita em letras? Quando, historicamente, séculos censores que minaram de certos homens não a faculdade de falar, mas a vontade mesmo de dizer, tais séculos fabricaram seres cujos registros de suas ações só puderam ser feitos pelos outros? E se escrever é sinônimo de modernidade, estas pessoas estiveram ou estão à margem do papel, ou seja, à margem do mundo racional?

Quando investiu na história de Fabiano e sua família, Graciliano, creio, pensou na verticalização de um *tema* que abrangesse certas *situações* e uma *questão* que, se já havia aparecido na literatura – na sua mesmo, em *São Bernardo*, com as figuras de Marciano e Casimiro Lopes – não poderia ter sido executada por conta da estratégia narrativa adotada até então, que decerto, pareceria artificial. Desse modo, *Vidas Secas* tem no *tema* aquilo que Antonio

---

<sup>348</sup> Entrevista realizada em 1948. Fonte: site oficial Graciliano Ramos, organizado pela família do escritor: <http://www.gracilianoramos.com.br>.

Candido definiu como “*aparelho de opressão do pobre*”;<sup>349</sup> nas *situações*, aquelas que envolvem a manipulação das palavras e o jogo de poder por trás delas; e, na *questão*, a literatura como veículo para uma voz que não encontrara nas letras impressas seu veio de comunicação com o restante do país, ou seja, a palavra do homem do sertão: “*os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo e José Lins.*”<sup>350</sup> Preocupado em mostrar um sertão<sup>351</sup> sem a pretensa autoridade do acadêmico, Graciliano buscava através da literatura encontrar o distanciamento adequado para a realização de uma obra aparentemente impossível diante do fim desejável. Explico melhor, é que o projeto realista de Graciliano, dependia daquela união entre o conteúdo e a forma, da qual falou Walter Benjamin, e que de certa maneira foi comentada pelo próprio escritor através de seus personagens-narradores. (É como o nível do rigor e a metodologia empregados numa produção historiográfica, que definem a qualidade de um trabalho de história, bem como seu estatuto historiográfico, podendo, às vezes, ser mais bem enquadrado como um trabalho memorialístico ou folclorista.) Pois bem, no realismo graciliânico essa preocupação com o rigor e o método realista eram constantes. E narrar a saga de Fabiano sem fugir a seus próprios princípios literários significava reelaborar sua estratégia narrativa, adequando conteúdo, forma e o contexto do qual a obra faz parte, para falar do silêncio imposto sobre o homem do sertão, aparentemente nunca ouvido e sempre narrado através de uma apreciação exótica ou superficial, cujo resultado era por ele julgado como artificial, sem profundidade.<sup>352</sup> A saída possível: aquilo que ele chamou de pesquisa

<sup>349</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. op. cit., p. 61.

<sup>350</sup> CASTRO, Dácio Antônio de. *Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. op. cit., p. 31.

<sup>351</sup> Conceito que ultrapassa o aspecto geográfico, *sertão*, e conseqüentemente seu derivado, *sertanejo*, traz ele uma conotação política que, em Portugal, implicava estar “*afastado do centro do poder institucional*”. Na história brasileira, o projeto português de colonização deu ao sertão da nova terra uma definição-variante da original: o sertão era o “*lugar do outro*”, do entrave para o sucesso da empreitada lusitana. Ver em BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum. O Sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza-CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2000, p. 35.

<sup>352</sup> Essa superficialidade, Graciliano já havia denunciado antes mesmo de *Angústia*, numa crônica intitulada “O Romance do Senhor Jorge Amado”, de fevereiro de 1935. Nela, o autor não argumenta diretamente sobre o homem do sertão, mas sobre todos os personagens dos romances de cunho social e que estavam de um modo ou de outro ligados aos socialismo – já numa crítica ao realismo socialista, que a cada ano se tornaria mais incisiva.

psicológica: “por pouco que o selvagem pense – e os meus personagens são quase selvagens – o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer”.<sup>353</sup> Descontados (o que nem sei se posso chamar de) preconceitos, a iniciativa graciliânica pretendia um olhar inédito sobre uma estrutura social ao mesmo tempo antiga e corrente. Olhar esse que só mais tarde, com o uso sistemático da oralidade, pôde ele encontrar, também na academia, teorias e métodos para a construção de uma historiografia que aos poucos se libertava não só do monopólio do documento oficial como do documento escrito, fabricando e se debruçando sobre aquele que talvez seja o mais rápido, leve e escorregadio dos registros: a voz da memória.

Portanto, se a saga do fazendeiro, a do funcionário da loja e a do funcionário público são todas narradas em primeira pessoa, numa espécie de *confessionário* aberto à sociedade, recheado de questões implícitas, ou nem tão explícitas, e envolvendo a “*tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou*”,<sup>354</sup> o caso de Fabiano e sua família é diferente. A estratégia da tensão permanece, mas, formalmente falando, a da narrativa utilizada por Graciliano é impedi-los de contar sua própria história, porque não poderiam escrever. Os outros três primeiros romances do autor, escritos em primeira pessoa, não teriam nesse último livro um similar.<sup>355</sup> Graciliano toma para si a responsabilidade de conduzir as falas de Fabiano e da sua família através do recurso do “monólogo interior”, resultado da sua pesquisa psicológica. É o esforço de manter a harmonia conteúdo-forma, mediada por uma distância que,

---

Reivindica a permanência do personagem, do indivíduo diante de uma proposta na qual o grupo, a multidão, a classe sobressairia, resultando uma análise majoritariamente horizontalizada: “O Sr. Jorge Amado tem dito várias vezes que o romance moderno vai suprimir o personagem, matar o indivíduo. O que interessa é o grupo – uma cidade inteira, um colégio, uma fábrica (sic), um engenho de açúcar. Se isso fosse verdade, os romancistas ficariam em grande atrapalhão. Toda a análise introspectiva desapareceria. A obra ganharia em superfície, perdida em profundidade.” RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. op. cit. p. 95.

<sup>353</sup> CASTRO, Dácio Antônio de. *Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. op. cit., p. 31.

<sup>354</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. op. cit., p. 452-453.

<sup>355</sup> Carlos Lacerda, num artigo para a *Revista Acadêmica*, relata um trecho de conversa que teve com Graciliano antes da feitura de *Vidas Secas*. O autor lhe fala justamente dessa busca por uma estratégia narrativa que parecesse real e desse conta da viagem vertical a que Graciliano se propunha em cada projeto: “Certa vez, sobre S. Bernardo, Graciliano Ramos disse que ainda não podia representar a vida do roceiro pobre porque ‘o caboclo é fechado’, se esquivava à observação, se faz impermeável ao contato.” LACERDA, Carlos. “Sugestões de *Vidas Secas*” apud BUENO, Luís. “Guimarães, Clarice e antes”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. op. cit., p. 255.

se em determinados momentos permite o contato entre *criador* e *criatura*, não promove uma forçosa identificação, baseada em compaixão, por exemplo. Nesse caso, Fabiano não teria, na obra de Graciliano, um lugar nem mais nem menos privilegiado que Paulo Honório, só por aquele ser o estudo do “*roceiro pobre*”, enquanto que o outro era o estudo do fazendeiro rico: ambos estão à serviço da *arma terrível* graciliânica. Um, sendo o *grito* de uma linguagem que pretendia “corromper” ao máximo a literatura, livrando-a do beletismo; o outro, sendo o *silêncio* falando para dentro, mostrando à própria literatura suas falhas e limites, suas exclusões e esquecimentos. Ambos jogando a imagem e a linguagem do homem moderno contra a parede.<sup>356</sup>

Fabiano não é somente o ignorante bronco que precisaria ser salvo pela alfabetização. O seu distanciamento da folha em branco denuncia a trilha infinita da conquista à qual se entregou o homem moderno, sempre sugando para si e se fortalecendo à medida inversamente proporcional da inanição do outro.<sup>357</sup>

“Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.  
– Está aí.  
Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.”

<sup>356</sup> Sobre a linguagem moderna e sua relação com a literatura ver: FOUCAULT, Michel. “Linguagem e Literatura”. In MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 137-174: criação da linguagem moderna que surge e é construída com o derrubar do antigo regime, a literatura como a conhecemos hoje é um vazio dentro da linguagem. A obra – literária ou de linguagem – que é ao mesmo tempo arrombamento de uma literatura impossível de ser feita materialmente é, paradoxalmente, sua continuidade, sua prova exterior, daí, a auréola quase inalcançável da obra literária se constitui por essa relação com a literatura impossível, que é uma linguagem interiorizada e que só vem à tona deformada pelo arrombamento próprio do processo de feitura da obra. Em contrapartida, pela própria relação com esse impossível interior, “*nada em uma obra de linguagem é semelhante àquilo que se diz cotidianamente*”; CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. op. cit. p. 221-230: analisando a obra *Robinson Crusoe*, de Defoe, como mito moderno para o nascimento de uma nova linguagem – interessante o forjar de um mito, construído com instrumentos e práticas já em funcionamento, como que os utilizado mais como expansão do que por explicação ou origem – De Certeau assim o define: “*O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, ‘burguês, o poder de fazer a história fabricando linguagens*”; e ainda BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 54-60 e 197-221: em ‘A Crise do Romance’ e ‘O Narrador’ está a discussão que envolve o romance como a linguagem que marca a narrativa solitária e apressada dos tempo modernos. O romance moderno acompanha a razão moderna, nele o indivíduo é isolado “*não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e não recebe conselhos nem sabe dá-los*”.

<sup>357</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. op. cit., p. 336.

E para aquela realidade, a do sertão de Fabiano, o saber seria uma espécie de “peso morto” que atrapalharia quando houvesse necessidade de arribar:

“Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Porque? Só se era porque lia demais. Ele Fabiano, muitas vezes dissera: – “seu Tomas, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, e o pobre do velho, tão bom e tão lido perdera tudo, andava por aí, mole.”<sup>358</sup>

Não vejo Graciliano, um homem cercado de todos os pessimismos, como um apologista da anti-educação, antes como um homem sem a utopia de crer num processo educativo de um país cujo saber serve para sustentar uma estrutura social de desigualdades e exploração, mesmo que, de certo modo, ele sempre estivesse se relacionando com o processo educativo, fosse de seu município, de seu estado ou atrelado ao poder federal. Relação similar que teve com a própria literatura. No sertão graciliânico imperava a “*violência da privação da palavra*”,<sup>359</sup> como definiu Jorge Siqueira. Antes de qualquer aprendizado formal, aprende-se a não aprender. E na *tradição do silêncio*<sup>360</sup> funciona a vontade imposta pelo outro, sutilmente, para exercitar a vontade de não ter vontades; para não exercitar a cidadania a partir do reconhecimento dos próprios direitos.

Ainda assim, Fabiano reconhece o poder das palavras. Primeiro, tentando imitar o antigo patrão, para logo depois fortalecer a distância entre ele e as letras, o que as tornavam ainda mais preciosas e difíceis, portanto, impróprias para ele: “*Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.*”<sup>361</sup> Depois, quando do episódio da prisão, Fabiano recorre

<sup>358</sup> VS. p. 21-22.

<sup>359</sup> SIQUEIRA, Antônio Jorge. *O Direito da Fala: violência e política em “Vidas Secas”*. Recife: IX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 1992, p. 07, (mimeo): “... a prática efetiva do poder, tal como na vigência do coronelismo sertanejo, onde o coronel se apresenta como um ‘atravessador’ do exercício da política é e continua sendo o grande entrave à vigência plena da cidadania na região Nordeste e no país, como um todo.”

<sup>360</sup> HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p. 37. A tradição do silêncio, “*não assumida, não pensada, estagna e impede o processo de continuidade. Monólito que, em vez de balizar o caminho, obstrui.*”

<sup>361</sup> VS. p. 22.



lamentosamente à possibilidade de, além de ter a perfeita compreensão do que lhe estava acontecendo, ele ainda sair daquela situação usando o artifício que seu Tomás teria à mão facilmente, o poder da argumentação, para logo em seguida cair na resignação de um condição de bruto:

“O fio da idéia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com os bichos. Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações.”<sup>362</sup>

O vaivém da imagem de um Fabiano que deseja e renega as letras é análogo e complementar àquele da imagem de um Fabiano que quer ser homem, mas se reconhece como bicho. Graciliano põe essa relação – ou essa não-relação – com as letras como mediadora para o estatuto da condição do sertanejo que vive na solidão do mato. Essa condição varia e ganha contornos dramáticos quando há o contato com o outro, ou seja, os “poderosos” homens da cidade.<sup>363</sup> Como definiu Rubem Braga, o mundo está “dentro de Fabiano”, a sociedade cabe nos seus olhos e a elaboração – confusa, revoltada, resignada – que faz dela é resultado de um labor mental.

Antonio Candido resumiu na seguinte frase a relação de Fabiano com o saber: “*Paulo Honório e Luís da Silva pensam, logo existem; Fabiano existe, simplesmente*”.<sup>364</sup> Na comparação feita com os homens que podem se expressar através das letras impressas, ou seja, Paulo Honório e Luís da Silva, Fabiano é igualado, juntamente com os meninos, à cadela Baleia. Ora,

<sup>362</sup> VS. p. 36.

<sup>363</sup> No comentário de Alfredo Bosi, referindo-se ao contato que Fabiano teria com o grande centro, como a figura do imigrante por construir ou se alinhar a uma cultura popular, uma concha na qual transite com segurança, acredito também descrever o dramático contato que tem com a cidade próxima à fazenda onde trabalha: “*O migrante que chega à cidade ou a terra alheia é um homem mutilado, um ser reduzido ao osso da privação. A figura de Fabiano, o cabra de Vidas Secas, não é um mito literário inventado por Graciliano Ramos. A sua conduta oscilará entre o mais humilhado conformismo e surtos de violência..., até que um dia certas condições de emprego, de vizinhança ou de grupo familiar puderem reconstituir aquele tecido de signos e práticas que se chama vida popular.*” BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. op. cit., p.51-52. Ênfase tão ou mais contundente dá Nelson Pereira dos Santos no “*Vidas Secas*”, de 1963. Na cena em que Fabiano vai discutir com o patrão a quarteada, o vaqueiro é filmado de dentro da casa e à medida que adentra o corredor, olhando para os lados se vê, num dos quartos, uma garota tendo aulas de violino. É o símbolo da distância entre o mundo da cidade – mesmo uma cidadezinha do sertão – e o sertão solitário.

<sup>364</sup> CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. op. cit., p. 45-46.

Graciliano promove uma analogia entre Baleia e Fabiano, como já comentado no segundo capítulo deste trabalho, mais pelo viés das relações sociais – que claro, passam pela esfera da comunicação e do saber, na qual o autor denuncia condições desumanas de sobrevivência numa realidade ao mesmo tempo castigada por um clima hostil e carregada de relações severas de poder – do que propriamente pela capacidade de pensar ou de falar. Segundo Fernando Cristóvão, Antonio Candido – e acrescentaria uma lista na qual figuram Wilson Martins, o próprio Rubem Braga citado acima, Álvaro Lins, dentre outros – eles aplicam o cogito cartesiano em desfavor de Fabiano como se apenas *Homo sapiens* fosse e não tivesse consciência sobre o próprio pensar, ou seja, não fosse o *Homo sapiens sapiens*, aquele que pensa o seu próprio pensar. Nas palavras do crítico português, a sugestão para uma análise menos mecânica seria a de *“atentar em como nele [Fabiano] a existência dum a linguagem, embora primitiva, é o elemento que melhor identifica como racional diferenciado dos brutos, com os quais se assemelha tanto em aspectos diversos.”*<sup>365</sup>

Portanto, não é que Fabiano não saiba falar, dizer ou dizer-se. Expressar isso – que sabe falar, frente ao outro, detentor do poder – era o que o empurrava para baixo e emperrava a língua, confundia a cabeça,

---

<sup>365</sup> CRISTÓVÃO. Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. op. cit., p. 194-195. Como dito antes, Graciliano era leitor de Antonio Gramsci. Não posso afirmar se lera o pensador italiano antes da composição dessas obras que servem como ponto central para este trabalho. Mas, se ao lê-lo não mudou nem o trajeto temático de sua narrativa nem a postura que teve frente ao intelectualismo e à literatura, construindo, inclusive, *Memórias do Cárcere* sobre a base composta por essas obras dos anos 30, creio ser importante esta citação de Gramsci que ora segue, na qual se trata, justamente, dessa suposta distinção entre o homem intelectual e o não-intelectual: *“Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais (do mesmo modo, pelo fato de que alguém possa em determinado momento fritar dois ovos ou costurar um buraco do paletó, não quer dizer que todo mundo seja cozinheiro ou alfaiate) (...) Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não intelectuais. (...) Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separa o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.”* GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. op. cit., p. 07-08.

acostumada mesmo às poucas palavras, mas não completamente alheia a elas. Mas, diante do outro, as palavras promovem a fuga, o desencanto do mundo e até o desejo de ser um bruto, esconder-se. Sem elas, não se consegue enfrentar a realidade quando ela agride os olhos ou prega peças, situações que com simples frases podem ser resolvidas:

“Levantou-se e foi até a porta de uma bodega, com vontade de beber cachaça. Como havia muitas pessoas encostadas no balcão, recuou. Não gostava de se ver no meio do povo. Falta de costume. Às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. Perigoso entrar na bodega.(...) Sinha Terta é que se explicava como gente da rua. Muito bom uma criatura assim ser assim, ter recurso para se defender. Ele não tinha. Se tivesse, não viveria naquele estado.”<sup>366</sup>

Diante do outro, as palavras pesam, são de chumbo, dão a impressão de serem indomáveis, desafiam o homem que se sente impotente, petrificam as veias da mão na hora de escrever, se esse outro for uma folha de papel:

“Aqui sentado à sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, suspendo às vezes o trabalho moroso, olho a folhagem das laranjeiras que a noite enegrece, digo a mim mesmo que esta pena é um objeto pesado. Não estou acostumado a pensar.”<sup>367</sup>

A dificuldade de manipular a palavra está em ambas as situações, está também em *Angústia*, em *Caetés*, em todos os escritos e ditos de Graciliano. Está agora no meu esforço para concluir estas páginas; no desespero do marginal pego em flagrante, tentando parir uma desculpa de improviso; na retórica do advogado que tentará livrar o marginal; na inocência do rapaz apaixonado, construindo um poema que só ele julga original, pois compara sua namorada a Julieta e seu amor ao de Romeu.

Assim, o que intensifica as dificuldades é o contexto que as envolve, muitas vezes esquecido pelos críticos literários – talvez desobrigados de atentar para isso. Por exemplo: em *História da Inteligência Brasileira*, após a transcrição das palavras de Graciliano sobre o processo de criação de *Vidas Secas* (ver nota 81, cap.1), Wilson Martins sugere que elas “*desautorizam as interpretações políticas feita sobre a obra*”.<sup>368</sup> Ora, novamente, a simples

<sup>366</sup> VS. p. 97-98.

<sup>367</sup> SB. p. 08.

<sup>368</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1933-1960) vol. VII*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977-78, p. 112.

existência de romances como *São Bernardo* e *Vidas Secas* autorizam qualquer leitura: política, historiográfica, lingüística. E se assim não fosse, conseguir-se-ia essa autorização nas palavras do autor alagoano, bastando atentar que a literatura é uma “*prática social*”, sempre em relação (rica, de troca) com o meio.<sup>369</sup> É fácil esquecer, por exemplo, que a família de Fabiano morava a três léguas da cidade, ou seja, a cerca de dezoito quilômetros.<sup>370</sup> Com essa informação, a condição de isolamento que Graciliano quer transmitir de uma realidade específica ganha contornos reais, promovendo uma elaboração provocativa que extrapola a condição meramente descritiva para alcançar a análise, fomentar a discussão, autorizar a interpretação.

O silêncio em *Vidas Secas* não é o grande vilão, ou o único vilão – Graciliano não sonha com sertanejos tagarelas, ele mesmo com tantos idiomas e leituras na bagagem era um homem calado. Mas a impossibilidade da defesa e a obrigação de se expressar ou de calar imposta pela vontade do outro, essas sim, as vilãs. A função do papagaio na trama é, a meu ver, exatamente essa: denunciar não que o sertanejo não sabe falar, mas que através dessa imagem introjetada pode ser engolido pelo outro – seja esse outro qual for, a própria literatura – sob o argumentação de que ele não tem condições de conduzir sua própria vida ou discernir sobre sua própria realidade.

Vamos ao papagaio: quando escapavam da seca, viajando num leito seco de um riacho, eles pararam para descansar, “*eram seis viventes, contando com o papagaio*”. Diante de fome extrema, sinha Vitória, de súbito, mata o bicho para que todos pudessem comer algo. Logo surge a justificativa: “*era mudo e inútil*”, pois só “*aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra*”. Chegam à fazenda e se instalam, a partir daí a sequência já é sabida. Quando Fabiano é preso na cidade, por conta da confusão com o soldado amarelo, ele tenta, na cadeia, entender o que lhe

---

<sup>369</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. op. cit., p. 158-164. Na fala de Graciliano, passagens como essas que seguem incitam questões que se voltam para o quadro social apresentado na obra e para o quadro social da obra: “*a ausência de tabaréus bem falantes*”, para que essa luta contra o beletismo? “*minha gente, quase muda, vive numa casa de fazenda*”, quais suas condições e por que são quase mudas? “*preocupadas com o estômago, não têm tempo de abraçar-se*”, para que essa analogia entre a relação dos homens e a destes com o meio? Tentei nesse trabalho responder questões como estas, através do esfacelamento dos limites físicos da página, ao mesmo tempo que mergulhando nelas, buscando detalhes esclarecedores de uma literatura com propósitos.

<sup>370</sup> VS. p. 72.

aconteceu. Não conseguindo resposta satisfatória, Fabiano relembra sua saga de retirante, chegando até o episódio do papagaio: “*na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade.*” No parágrafo seguinte, não é o monólogo interior de Fabiano que conduz a narrativa, é o próprio Graciliano que lembra: “*Fabiano também não sabia falar*”.<sup>371</sup> Portanto, numa perspectiva das relações sociais, Graciliano aponta Fabiano como o papagaio, no que se refere à relação com o saber; do mesmo modo que o aponta como Baleia, no que se refere à organização social do sertão de sua época.

Confronto do *eu* com o mundo que o cerca, *Vidas Secas* mostra, em seu diagnóstico, um sertanejo sem idealização ou exotismo. Persistem no livro posturas que poderiam ser classificadas de conservadoras a cientificistas. Mas como projeto literário, o livro pulsa animado pelo contato com a realidade mediado pelo estudo da linguagem. Roland Barthes define essa “*linguagem literária fundamentada na fala social*” como “*o ato literário mais humano*”,<sup>372</sup> talvez por ser utópico. O recado deixado por Graciliano na página de rosto da terceira edição de *Vidas Secas*, em julho de 1951, após uma revisão tipográfica, serve como prova dessa busca obstinada: “*respeitar a ortografia rigorosamente*”.<sup>373</sup> Mais do que o perfeccionismo característico, creio ser essa frase o pedido para que se respeitasse a linguagem daqueles que ele observou durante boa parte de sua vida. Respeitar a ortografia seria guardar os direitos de Fabiano, seu co-autor, que de um modo ou de outro estava sendo o narrador de sua própria história, estava entrando, por uma porta menos baixa e estreita, no universo da literatura.

Graciliano Ramos em seu *humanismo* – termo usado por Carlos Nelson Coutinho – tentou fazer uma literatura com carne, como estou tentando

---

<sup>371</sup> VS. p. 11 e 36.

<sup>372</sup> BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita / Novos Ensaios Críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 73-74. O confronto entre a linguagem literária e a linguagem do mundo revela que a primeira “*não se desembaraça nunca de uma virtude descritiva que a limita, pois que a universalidade de uma língua é um fato de audição, absolutamente não de elocução. (...) o homem é oferecido, entregue por sua linguagem, traído por uma verdade formal que escapa a suas mentiras interessadas ou generosas. A diversidade das linguagens funciona portanto como uma Necessidade, e é por isso que ela funda uma tragicidade.*” Em meio a essa luta, a literatura não se ultrapassa, está sempre correndo atrás da linguagem real, e nem na escrita da história essa ultrapassagem é realizável. Mas ambas só existem pela tentativa.

<sup>373</sup> Documento do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, transcrito por mim em novembro de 2003 no Centro Cultural Banco do Nordeste, quando da exposição *O Chão de Graciliano*.

fazer neste trabalho, que envolve a história e a produção literária. Através desse autor, “*ponto de intersecção sensível entre a história, a literatura e a sociedade*”,<sup>374</sup> foi possível falar de personagens que, na verdade, eram estudos sobre homens se movimentando em seu meio. E falar de Fabiano e de Paulo Honório, talvez com alguma intimidade como fiz algumas vezes, foi, de certo modo, falar do próprio Graciliano, que uma vez se denunciou como *múltiplo*:

“Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se as personagens se comportam de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições procederá como esta ou aquela das minhas personagens. Se fosse analfabeto, por exemplo, seria tal qual Fabiano...”<sup>375</sup>

Desse modo, foram vários os homens e situações que eu tentei trazer para essas páginas, foram várias as linguagens que tentei aprisionar à minha, várias as temporalidades que tentei fazer chegar até meu hoje. Nesse quase final, não é só a Graciliano que chamo de *ponto de fuga*.

---

<sup>374</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 246.

<sup>375</sup> SENNA, Homero. “Revisão do Modernismo – Entrevista com Graciliano Ramos”. op. cit., p. 55. De certo modo, essa declaração do literato Graciliano Ramos se encaixa noutra, a do historiador Marc Bloch, que lembra, desprezando o determinismo e o mecanicismo no estudo do homem, de sua complexidade e multiplicidade, não podendo, desse modo, ter outro conceito a defini-lo que não seja o de *homem*: “*Ora, homo religiosus, homo oeconomicus(sic), homo politicus, toda essa ladainha de homens em us, cuja lista poderíamos estender à vontade, evitemos tomá-los por outra coisa do que na verdade são: fantasmas cômodos, com a condição de não se tornarem um estorvo. O único ser de carne e osso é o homem, sem mais, que reúne ao mesmo tempo tudo isso.*” BLOCH, Marc. *Apologia da História – ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2001, p. 132.

## Considerações Finais

“ – Por que você não usa reticências e exclamações?

*Não demorou um segundo:*

*– Reticências, porque é melhor dizer do que deixar em suspenso.  
Exclamações, porque não sou idiota para viver me espantando à toa.”*

Em conversa com o filho Ricardo Ramos – **Graciliano Ramos**

Denúncia de mazelas sociais e olhar sobre suas próprias limitações, como também o fazem a história, a sociologia, o cinema e tantos outros meios que tentam “agarrar” o mundo, a literatura graciliânica expõe e se expõe, radiografa enquanto é radiografada pelo outro, dialoga com o tempo, permitindo as mais diversas travessias, enquanto ela mesma o atravessa, configurando-se como clássica, ou seja, constantemente atual. Chegando ao agora, ela permite a batalha da interpretação, oferecendo, nas questões que a movem, oportunidades para conhecer o passado não tal qual foi, mas como fora apercebido por aquele que o olhou e o interrogou em seu presente.

Para a história, a obra graciliânica contempla sua premissa mais cara, o registro da ação do homem no tempo. Registro de duas vias: na obra e da obra, que funciona como documento da ação humana em uma época e um espaço específico, sem, no entanto, limitar-se a eles, tornando-se, assim, mais que um estudo de casos ou um estudo localizado. Como obra, é ela também o resultado de uma vida que juntou todos os esforços para atuar sobre a realidade, mostrando-a a si mesmo. No entanto, o mundo de letras de Graciliano Ramos não trouxe a pretensão de ser a cópia perfeita do mundo tido por real, apesar de se dizer realista... talvez por isso. Ao contrário, conduziu-se sempre pela imperfeição meticulosamente acabada, que estabelecia uma distância perturbadora entre a obra e seu meio, provocando o mal-estar de uma realidade distorcida em arte, a qual denunciava, por outro lado, a imperfeição do mundo.

Diante desse documento, que é a obra literária do escritor alagoano, tentei enfrentar as armadilhas de um discurso escorregadio que sempre se disse e se mostrou como pavimentado. Tentei compreender as idéias de um homem que se reconheceu múltiplo, apesar de quase sempre ter sido observado a partir da prévia sensação de se estar diante de um ser monólito:

os mesmos ternos, o mesmo ritmo do passo, o mau humor inteligente e cativante, o cigarro Selva (quase um sexto dedo de sua mão esquerda), artefatos que compuseram a imagem de Graciliano Ramos, e quase sempre trazidos para reforçar a idéia de um ser puro. Descobri a duras penas que o *homem* não é um só e tive medo do tipo de história que este trabalho poderia produzir. Mas fui aplacando o temor à medida que escrevia sobre o tempo, a fome e a fala dos homens graciliânicos: seres que flagram o conflito existente entre aquilo que as datas dizem e o que os homens vivem; seres possuidores de vários apetites que os obrigam, às vezes, a comerem da mão do inimigo; seres que, distante de serem monocórdios, abrigam vozes de muitos tempos que dizem muitos desejos. Percebi Graciliano Ramos como um homem que, ao falar dos homens que viu, não se isentou ele de falar de si mesmo e não tentou – em vão – isentar sua obra, ao contrário, afogou-a na verdade irrecuperável do mundo, utilizando-a como arma.

Foi só assim que pude trabalhar seus romances e personagens, como paralelas aparentemente condenadas ao desencontro, as quais, no entanto, se encontram num ponto de fuga: a convergência que permite a agudeza do olhar para uma direção específica, sem que se perca a noção de todo. Neste trabalho, as paralelas foram *São Bernardo* e *Vidas Secas*, Paulo Honório e Fabiano, que se tocam no quadro geral da obra graciliânica para diagnosticar o sertão de seu tempo. Como o ponto de fuga, o olhar do escritor mostra que esse sertão nordestino não é mais nem menos que um campo no qual forças travam batalhas, utilizando os mecanismos que têm à mão: manutenção e resignação diante de tradições construídas; miséria material e resistência à miséria; vontade de prender e capacidade de fugir; gritos e silêncios. São, portanto, apresentações de realidades que se conjugam, se complementam, confluem para o mesmo ponto: o diverso presente de um tempo.

Desse tempo apresentado pelo escritor aparece um sertanejo pensante, um fabiano que não está de posse de um rifle papo-amarelo nem de um rosário de contas negras gastas, que não faz e nem sonha a revolução, mas luta pela sobrevivência com certa resignação e reconhecimento da fraqueza que só o homem isolado pode atingir. Graciliano se fez exceção por tentar capturar o corriqueiro.



Do mesmo tempo, também se apresenta um outro sertanejo, este com outra índole, com outro fito, noutra contexto. Tal sertanejo representa o esgarçamento de um tecido elaborado no tear colonial das relações de poder. Esgarçamento que encontra nesse mesmo sertanejo, no entanto, formas de ornamentar o tecido, transformando-o noutra pano sem, contudo, deixar de ser e estar no mesmo. A figura de Paulo Honório é o sertanejo que domina outros sertanejos, os fabianos que não conduzem ou participam e, portanto, não reagem com tanta intensidade às transformações sociais que lentamente se constituem. Madalena seria o signo dessa transformação. Inanida, confusa, frágil, nova, ela não é ainda suficientemente forte contra os séculos de aperfeiçoamento da arte de explorar que seu marido carrega nas costas. Graciliano se fez político por trabalhar as classes ou grupos sociais sempre em confronto, sem, no entanto, atribuir-lhes fronteira rígida.

Assim, seria esse sertão que o autor tenta registrar em sua literatura de ficção: um sertão que para ele existiu e para nós de certo modo resiste, portanto, sendo merecedor de olhares literários, historiográficos, sociológicos, cinematográficos. Um sertão que prende ou expulsa. Um sertão que cede espaços ao tempo, a ponto de ser extinto ou que desconhece ponteiros e é tido por sagrado e “para sempre”. Um sertão tão ser quanto o humano que se faz nele e com ele. Enfim, um sertão habitado por homens como Fabiano e Paulo Honório e Graciliano: muitos tempos, muitas fomes, muitas falas, ou seja, ambigüidades trazidas para sua própria escrita, agarrada a uma época rica em certezas frágeis.

Graciliano expôs a fragilidade das certezas, inclusive as suas próprias e a da própria literatura, como única forma realista de dizer sobre a vida que ele via. Livre de considerações finais, as reticências imaginárias que acompanham o final da última linha de cada livro exclamam a reflexão constante sobre questões que não ficaram congeladas numa época ou espaço específicos, portanto, sua obra não precisou esperar trezentos anos para se tornar clássica. E o que tentei fazer até agora não foi mais do que procurar ver e compreender essas questões que fizeram essa obra atravessar décadas, tornando-se atual e estando sempre presente nos debates sobre o Nordeste, sobre o Brasil.

Para finalizar, no que tange ao autor alagoano, talvez eu tenha deixado mais a sensação de dúvida do que a de certeza. Talvez eu não tenha dito, com a precisão necessária, quem foi esse ator social, ou talvez eu tenha preferido lançar mão do múltiplo e da contradição que habitam o homem a correr o risco de transformar esse “meu objeto” numa espécie de experimento para ciências duras. De Graciliano busquei entender o resultado do seu olhar: um olhar como o dos pintores, com suas diversas fases a compor uma obra total, conjunta; um olhar que não via uma coisa como uma coisa só. Um olhar que não era ele também, uno. E como se faz necessário que eu não endoideça tentando encontrar a unidade do múltiplo, é somente essa a certeza que precederá o meu ponto final.

## Fontes e Bibliografia

### 1. FONTES BÁSICAS

#### 1.1. Livros de Graciliano Ramos

##### 1.1.1. Fontes Principais

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 64<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1995. (1934)

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 76<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. (1938)

##### 1.1.2. Demais Livros de Graciliano Ramos

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e Outros Heróis*. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1981. (1962)

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. (1936)

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. 22<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. (1933)

RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1982 (1981)

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, s/d. (1945)

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1975. (1947)

RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 13<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1986 (1962)

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 21<sup>a</sup> ed., 2 vols. Rio de Janeiro: Record, 1986 (1953)

RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Rio de Janeiro: Record; Recife (PE): Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994. (1928-1930)

RAMOS, Graciliano. *Viagem*. Rio de Janeiro: Record, s/d. (1954)

RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Editora, 1970. (1962)

#### 1.2. Escritos Avulsos / Entrevistas

RAMOS, Graciliano. “[Carta a Allyrio]”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (O Jornal, Rio de Janeiro, 02.11.1947)

RAMOS, Graciliano. “[Um Livro Inédito]”. In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (05.01.1941)

RAMOS, Graciliano. “Paulo Honório”. In CONDÉ, João (org.). 10 Romancistas falam de seus personagens. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1946. (Edição especial com 220 exemplares – acervo: Museu Casa de Graciliano Ramos)

#### 1.3. Sobre Graciliano Ramos (ensaios, críticas, reportagens e biografias)

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

ALBUQUERQUE Jr., “Os Nomes do Pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades”. In RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

ALVES, Lourdes Kaminski. “Graciliano Ramos: tons narrativos de *Vidas Secas*”. In LOPES, Marcos Antônio (org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

AMADO, Jorge. “Mestre Graça”. In RAMOS, Graciliano. *Viagem: Tcheco-Eslováquia - URSS*. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

- ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- ARAÚJO, Felipe. "O Eterno e o Essencial". In *O Povo – Vida e Arte*. Fortaleza-CE., 16.03.2003.
- ATHAYDE, Tristão de. "Os Ramos de Graciliano". In RAMOS, Graciliano. *Viventes das Alagoas*. Rio de Janeiro: Record, s.d.
- AUGUSTO, Sérgio. "Graciliano e o Diário que Nunca Escreveu". In *Isto É*, 26/08/1981.
- AUGUSTO, Sérgio. "O Soba das Estepes". In *Bravo*, Nº 66. São Paulo: Editora D'Avila LTDA, março de 2003, pp. 15-18.
- BAR, Decio e OLIVEIRA, Franklin de. "A Intimidade do Mestre Graciliano". In *Isto É*, 18/12/1981.
- BASTIDE, Roger. "Graciliano Ramos". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001.
- BASTIDE, Roger. "O Mundo Trágico de Graciliano Ramos". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 130.03.1947)
- BOSI, Alfredo. "A Escrita do Testemunho em *Memórias do Cárcere*". In *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- BRAGA, Rubem. "Discurso de um Ausente". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (27.10.1942)
- BRAGA, Rubem. "Vidas Secas". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14.08.1938)
- BRITO, Monte. "Graciliano Ramos VI". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 05.10.1947)
- BUENO, Luís. "Guimarães, Clarice e antes". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em Campo Minado: a metalinguagem em Graciliano Ramos e a tradição literária brasileira*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaio sobre a obra de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- CARPAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental vol. VIII*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.
- CARPEAUX, Otto Maria. "Amigo Graciliano" In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*O Globo*, Rio de Janeiro, 1953)
- CARPEAUX, Otto Maria. "Graciliano e seu Intérprete". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001. (*O Jornal*, Rio de Janeiro, 23.02.1947)
- CARPEAUX, Otto Maria. "Visão de Graciliano Ramos". In RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- CASTRO, Dácio Antônio de. *Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- COUTINHO, Carlos Nelson. "Graciliano Ramos". In BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos – Coleção Fortuna Crítica*, nº 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 2ª ed., Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.
- CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1977.
- DIAS, Maurício Santana. "O Mestre da Suspeita". In *Folha de São Paulo – Caderno Mais*. São Paulo-SP, 09.03.2003.
- FARIA, Otávio.de. "Graciliano Ramos e o Sentido Humano". In RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, s.d.

- FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- FELINTO, Marilene. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FILHO, Adonias. "Volta a Graciliano Ramos". In RAMOS, Graciliano. *Insônia*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- FILHO, Adonias. *O Romance Brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.
- GARCIA, Celina Fontenele. "A Letra da Revolta". In *O Povo – Vida e Arte*. Fortaleza-CE., 16.03.2003.
- HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 (Coleção Criação & Crítica; v. 08)
- LAFETÁ, João Luiz. "O Mundo à Revelia". In Ramos, Graciliano. *São Bernardo*. 64<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Record, 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. Édipo Guarda-livros: leituras de Caetés". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001.
- LEENHARDT, Jacques. "Graciliano Ramos: Memórias do Cárcere. Uma *mise en abîme* da escrita da história". In DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas-SP: Ed. Da Unicamp; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.
- LEMOS, Taísa Vliese de. *Graciliano Ramos: A Infância pelas Mãos do Escritor – um ensaio sobre a formação da subjetividade na psicologia sócio-histórica*. Juiz de Fora-MG: UFJF; São Paulo: Musa Editora, 2002.
- LIMA, Mário Hélio Gomes de Lima (org.) *Graciliano Ramos: Relatórios*. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação Cultural da Cidade de Recife, 1994.
- LIMA, Valdemar de Sousa. *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios*. Brasília-DF: Editora Marco, 1971.
- LINS, Álvaro. "Valores e Misérias das Vidas Secas". In RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 76<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro Record, 1998.
- LINS, Osman. "O Mundo Recusado, O mundo Aceito e o Mundo Enfrentado". In RAMOS, Graciliano. *Alexandre e Outros Heróis*. 21<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- LUCAS, Fábio. "Particularidades Estilísticas de Vidas Secas". In SEGATTO, José Antônio e BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. (Coleção Prismas)
- MAGALHÃES, Mario. "Memórias de um Militante Stalinista". In *Folha de São Paulo – Caderno Mais*. São Paulo-SP, 09.03.2003.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. *A Imagem da Linguagem na Obra de Graciliano Ramos: uma análise da heterogeneidade discursiva nos romances Angústia e Vidas Secas*. São Paulo: Humnitas; FFLCH/USP, 2000.
- MARTINS, Wilson. "Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor". In RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- MATTALIA, Eliane Jacqueline. "Rente ao Chão do Texto". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001.
- MENDES, Francisco Fabiano de. *"Tudo era Seco": fome, fala e poder em 'Vidas Secas'*. Fortaleza: Fafidam/UECE, 2000. Monografia de Licenciatura. Mimeo.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- MORAES, Dênis de. "No Fio da Navalha". In *Bravo*, Nº 66. São Paulo: Editora D'Avila LTDA, março de 2003, pp. 30-31.
- NUNES, Benedito. "No limite da Transcendência". In *Folha de São Paulo – Caderno Mais*. São Paulo-SP, 09.03.2003.

- ONOFRE, José. "Literatura e Resistência". In *Bravo*, Nº 66. São Paulo: Editora D'Avila LTDA, março de 2003, pp. 25-29.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. "História dentro da História: leituras cruzadas de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos". In DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas-SP: Ed. Da Unicamp; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.
- PINTO, Manuel da Costa; BASTOS, Hermenegildo José; GINZBURG, Jaime; ADRIANO, Carlos. "Dossiê: A Atualidade da Obra de Graciliano Ramos". In *CULT: Revista Brasileira de Literatura*, nº 42, São Paulo: Ed. Lemos, janeiro/2001.
- PINTO, Roland Morel. *Graciliano Ramos: autor e ator*. Assis-SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1962.
- PORTELLA, Eduardo et alii. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- REIS, Zenir Campos. "Sinal de Menos". In *Teresa: revista de literatura brasileira*. Nº 02. São Paulo: FFLCH/USP; Editora 34, 2001.
- RESENDE, Beatriz. "A Narrativa em Negativo de São Bernardo". In *Folha de São Paulo – Caderno Mais*. São Paulo-SP, 09.03.2003.
- ROCHA, João César de Castro. "Vidas Secas ou a Atrofia da Palavra". In *Folha de São Paulo – Caderno Mais*. São Paulo-SP, 09.03.2003.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. "Vidas Secas". In *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.
- SENNA, Homero. "Revisão do Modernismo". In BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos – Coleção Fortuna Crítica*, nº 02. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- SIQUEIRA, Antônio Jorge. "Identidade e Poder: uma leitura de S. Bernardo". In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.
- SIQUEIRA, Antônio Jorge. *O Direito da Fala: violência e política em "Vidas Secas"*. Recife: IX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. "Memórias do Cárcere". In RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere – Vol. I*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- VIANA, Vivina de Assis. *Graciliano Ramos: literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultura, 1990.
- VIANNA, Lúcia Helena. *Roteiro de Leitura: São Bernardo de Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- WITKOWSKY, Adriane. "O Doloroso Aprendizado de Graciliano Ramos". In *D.O. Leitura*. Ano 19, nº 09, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, setembro/2001.

## 2. BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA

### 2.1. História e Ciências Sociais e Filosofia

- ABREU, Capistrano. *Capítulos da História Colonial*. 7ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *Falas de Astúcia e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877-1922)*. São Paulo: UNICAMP, 1988. Dissertação de Mestrado.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. "As Malvezas da Identidade". In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

- ALVES, Francisco José. "Uma Fonte para a História Social do Nordeste: a obra romanesca de José Lins do Rego". In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad.: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. *Sertão: um lugar incomum. O Sertão do Ceará na Literatura do século XIX*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza-CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2000.
- BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República – de 1930 a 1960*. 4ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975-76.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma Vida em Seis Tempos: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- BATISTA NETO, José. *Como Uma Luneta Invertida: intervenção do Estado no semi-árido nordestino através do discurso ideológico da IOCS/IFOCs – 1909/1934*. Dissertação de Mestrado – UFPE, 1986. (mimeo)
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed., São Paulo: Ed., Cultrix, s.d.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed., São Paulo: T.A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. "Estado Novo: novas histórias". In FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad.: Guy Reynaud. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Vol. II, 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- CHAGAS, Wilson. *Conhecimento do Brasil e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- CHAUI, Marilena. "Laços do Desejo". In NOVAES, Adauto (org.). *O Desejo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Veríssimo: realismo e sociedade*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- CHE GUEVARA, Ernesto. *O Socialismo e o Homem em Cuba*. Recife-Pe: Edições Centro Cultural Manoel Lisboa, 2003.
- CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração – 1922-1972*. Trad.: Celso Mauro Paciornik. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- COUTINHO, Afrânio. *Euclides, Capistrano e Araripe*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1967.
- CRISTÓVÃO, Fernando. "A Transfiguração da Realidade Sertaneja e a sua Passagem a Mito". In REVISTA USP – *Dossiê Canudos*. São Paulo: Edusp. Nº 20, dez.-jan.-fev./1993-1994.

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 39<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora; Publifolha, 2000.
- DANTAS, Paulo. "Através dos Sertões". In REVISTA USP – *Dossiê Canudos*. São Paulo: Edusp. Nº 20, dez.-jan.-fev./1993-1994.
- DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Alga-Omega, 1977.
- DURANT, Will. *História da Filosofia*. Trad.: Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (1963)
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*. Vols. I e II. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa da República*. São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial-SP, 2002.
- FENELON, Dea Ribeiro (sel. e org.). *50 textos de História do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1974.
- FREITAS, Marcos Cezar. *Da Micro-História à História das Idéias*. São Paulo: Cortez / USF-IFAN, 1999.
- FURTADO, Celso. *Seca e Poder: entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- GEREMECK, Bronislaw. *Os Filhos de Caim. Vagabundos e Miseráveis na Literatura Européia: (1400-1700)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- GOMES, Alfredo Macedo. *O Imaginário Social da Seca e Suas Implicações para a Mudança Social*. Dissertação de Mestrado – UFPE, 1995.(Mimeo)
- GOMES, Angela de Castro. *História e Historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GOMES, Helena Toller. *O Poder Rural na Ficção*. São Paulo: Ática, 1981.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. 4<sup>a</sup> ed. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- HABSBAWM, Eric. J. *Rebeldes Primitivos*. 2<sup>a</sup> ed. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HIMMELFARB, Gertrude. *La Idea de la Pobreza: Inglaterra a principios de la Era Industrial*. Trad.: Carlos Valdés. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã (ou: Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil)*. Trad.: João Paulo Monteiro e Maria B. Nizza da Silva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997. (Coleção Pensadores)
- HOBBSAWM Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. 2<sup>a</sup> ed. Trad.: Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital*. 4<sup>a</sup> ed. Trad.: Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da Servidão Voluntária*. 2<sup>a</sup> ed. Trad.: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1982. (coleção Elogio da Filosofia)
- LANDIM, Teoberto. *Seca: a estação do Inferno*. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992.
- LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Alfa –Omega, 1975. (1949)
- LECHTE, John. *50 Pensadores Contemporâneos Essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. Trad.: Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.



- LEVY, Nelson. "Princípio da Liberdade". In NOVAES, Adauto (org.). *O Desejo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Trad.: Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. "Literatura e Regionalismo". In SEGATTO, José Antônio e BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1933-1960) vol. VII*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1977-78.
- MELO, Márcio Lacerda de. *Os Agrestes: estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso de recursos*. Recife: SUDENE, 1980.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. "Grande Propriedade, Grandes Proprietários: velhas questões, novas abordagens (1890-1930)". In SILVA, Sérgio S. e SZMRECSÁNYI, T. (orgs.). *História Econômica da Primeira República*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec/ABPHE/Edusp, 2002.
- MENESES, Djacir (org.). *O Brasil no Pensamento Brasileiro*. Brasília: Senado Federal, 1998.
- MENESES, Djacir. *O Outro Nordeste: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da "civilização do couro" e suas implicações históricas nos problemas gerais*. 3<sup>a</sup> ed. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1995. (1936)
- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. "Um Itinerário da Formação do Homem Brasileiro - do descobrimento à época contemporânea" In JUNQUEIRA FILHO, Luiz Carlos Uchôa (coord.). *Perturbador Mundo Novo: história, psicanálise e sociedade contemporânea (1492, 1900, 1992)*. São Paulo: Escuta Ed., 1994.
- MORAES, Eduardo Jardim de. "O Modernismo Revisitado". In *Estudos Históricos: identidade nacional*. Vol. I, nº 02. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1988.
- NEVES, Frederico de Castro. "Getúlio e a Seca: políticas emergenciais na era Vargas". In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas, vol. 21, nº 40, 2001.
- NEVES, Frederico de Castro. "Imagens do Nordeste". In *Cadernos NUDOC – Nordeste: identidade, imagens e literatura*. Fortaleza: UFC/NUDOC, 1996.
- NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: SECULT-CE, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Trad.: Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Reule Dumará, 2000.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. "Paulo Prado – Retrato do Brasil". In MOTA, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos Vol. I*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de (org.) *Correntes Fundamentais da Ética Contemporânea*. Petrópolis-RJ.: Editora Vozes, 2000.
- ORLANDI, Eni P. (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas-SP: Pontes, 1993.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *E as Palavras Têm Segredos – Imagens de criança na Literatura Brasileira (1970-1980)*. USP, São Paulo, 1997. Tese de Doutorado.
- PESSANHA, José Américo Motta. "A Água e o Mel". In NOVAES, Adauto (org.). *O Desejo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

- PORTELLA, Eduardo et alii. *O Romance de 30 no Nordeste*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- PRADO-JR., A *Revolução Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.
- PRADO-JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira e Outros Ensaio*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- REIS, Elisa P. "O Estado Nacional como Ideologia: o caso brasileiro". In *Estudos Históricos: identidade nacional*. Vol. I, nº 02. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1988.
- SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de. *Dos Velhos e Novos Coronéis: um estudo das redefinições do coronelismo*. Recife: PIMES/UFPE, 1974.
- SANTOS, Mariza Veloso Motta e MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SEGATTO, José Antônio. "Cidadania de Ficção". In SEGATTO, José Antônio e BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e Literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. (Coleção Prismas)
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais na Primeira República*. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Antonio Ozai da. *História das Tendências no Brasil: origens, cisões e propostas*. 2ª ed. São Paulo: Dag Gráfica e Editorial, s/d.
- SIQUEIRA, Antônio Jorge. *O Olhar do Alpendre da Fazenda: Ulysses Lins e a política sertaneja*. Recife: mimeo, s.d.
- SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. Trad.: Ismênia Tunes Dantas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História e Materialismo Histórico no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Global, 1987.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *O Que se Deve Ler para Conhecer o Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 14ª ed. São Paulo: Difel, 1986.
- STÁLIN, Josef. *Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.* São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1985.
- STÁLIN, Josef. *Em Defesa do Socialismo Científico: polêmica com Trotski, Bukarin e anarquistas*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1990.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance? – uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- TAMER, Alberto. *O Mesmo Nordeste*. São Paulo: Editora Herder, 1968.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. "A Literatura como Espelho da Nação" In *Estudos Históricos: identidade nacional*. Vol. I, nº 02. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1988.
- VILAÇA, Marcos Vinícios e ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcante de. *Coronel, Coronéis*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. Trad.: Paulo Henrique Brito. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

## **2.2. Teoria da História e das Linguagens**

- AGUIAR, Flávio Wolf de. "A Estrutura da Espera". In PRATT, Mary, Louise et alii. *Literatura e História: perspectivas e convergências*. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

- ALMEIDA, Rogério Miranda de. "Foucault, Nietzsche e a Interpretação". In MARINGUELA, Márcio (org.). *Foucault e a Destruição das Evidências*. Piracicaba-SP: UNIMEP, 1995.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. "A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da Interpretação". In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Ed., Unijuí, 17 (33):293-305, 1997.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. 10ª ed. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2002.
- BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita / Novos Ensaios Críticos*. Trad.: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História – ou o ofício do historiador*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. "A Ilusão Biográfica". In FERREIRA, Marieta de Mares e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Trad.: Carlos Sussekind. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BURKE, Peter. "A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa". In BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. *Variiedades de História Cultural*. Trad.: Aldo Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas-SP: Papyrus, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. "História e Análise de Textos". In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo(orgs.). *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus,1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas-SP: Papyrus, 1997.
- CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. "O Livro: uma mudança de perspectiva". In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Lopes, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Trad.: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.
- CHIAPPINI, Ligia. "Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos". In *Literatura e Sociedade*. Nº 01. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
- CHIAPPINI, Ligia. "Relações entre História e Literatura no Contexto das Humanidades Hoje: perplexidades". In *XX Simpósio Nacional da Associação Nacional de História – História: fronteiras*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP:ANPUH, 1999. pp. 805- 817.
- DARNTON, Robert. "História da Leitura". In BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- De CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Trad.: Maria de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- De CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1994.
- De CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. 2ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

- DE DECCA, Edgar Salvadori. "Narrativa e História". In SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs.). *História e História da Educação*. Campinas-SP: Autores Associados, 1998. Coleção Educação Contemporânea.
- DENIS, Benoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad.: Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- DOSSE, François. *A História à Prova do Tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FOUCAULT, Michel. "Linguagem e Literatura". In MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANCO-JR., Hilário. "História, Literatura e Imaginário: um jogo especular. O Exemplo Medieval da Cocanha". In IARONI, Carlos Alberto (org.). *Sobre as Naus da Iniciação: história, literatura e imaginário – estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. "Anotações à Margem do Regionalismo". In *Literatura e Sociedade*. Nº 01. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Trad.: Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. Trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- GNERRE, Maurizio. *Linguagem Escrita e Poder*. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GOETHE, J. W. *Doutrina das Cores*. Trad.: Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- GUAZELLI, César et alii. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2000.
- HARTOG, François. "A Arte da Narrativa Histórica". In BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.) *Passados Recompuestos: capos e Canteiros da História*. Trad.: Marcella Mortara [e] Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. J. *Sobre História*. Trad.: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- KRAMER, Lloyd S. "Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra". In HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura*. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LEMAIRE, Ria. "O Mundo Feito Texto". In DE DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRES, Ria (orgs.). *Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas-SP: Ed. Da Unicamp; Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2000.
- LEVI, Giovanni. "Usos da Biografia". In FERREIRA, Marieta de Mares e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LIMA, Luiz Costa. *Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

- LUKÁCS, Georg. *Introdução a uma Estética Marxista*. 2ª ed. Trad.: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LUKÁCS, Gyorgy. “Condicionamento e Significação Histórico-Filosófica do Romance”. In VELHO, Gilberto (org.). *Sociologia da Arte – Vol. I*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre Literatura e Arte*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1986.
- MIGNOLO, Walter. “Lógica das Diferenças e Política das Semelhanças da Literatura que parece História ou Antropologia e Vice-Versa”. In CHIAPINNI, Lúcia & AGUIAR, Flávio Wolf (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo EDUSP, 1993.
- MONTENEGRO, João Alfredo. “História e Literatura”. In *Revista da Academia Cearense de Letras*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1998. Ano XCVIII – V. 53.
- OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. “História e Literatura: relações de sentidos e possibilidades”. In VASCONCELOS, José Gerardo e MAGALHÃES-JR., Antonio Germano (orgs.). *Linguagens da História*. Fortaleza: Impreca, 2003. (Coleção Diálogos Intempestivos)
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Fronteiras da Ficção: diálogos da história com a literatura. In XX *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História – História: fronteiras*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP:ANPUH, 1999. pp. 819- 831.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa - Tomo III*. Trad.: Roberto Leal Ferreira. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1997.
- SACKS, Sheldon (ord.). *Da Metáfora*. Trad.: Leila Cristina M. Darin. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- SARLO, Beatriz. “Raymond Williams: uma releitura” e “Esquecer Benjamin”. In *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUP, 1997.
- SCHNAIDERMAN, Boris. “Tempo. Literatura. História. Algumas Variações”. In *Literatura e Sociedade*. Nº 01. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.
- STAROBINSKI, Jean. “A Literatura”. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.) *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do Silêncio I – teoria e prática do texto literário*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- THOMPSON, E. P. *Peculiaridade dos Ingleses e Outros Ensaios*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se Escreve a História ; Foucault Revolucionou a História*. Trad.: Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora UnB, 1998.
- WHITE, Hayden. “A Interpretação na História”. In *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- WHITROW, G.J. *O Tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)